



linha da água

reinventar a ribeira de santarém

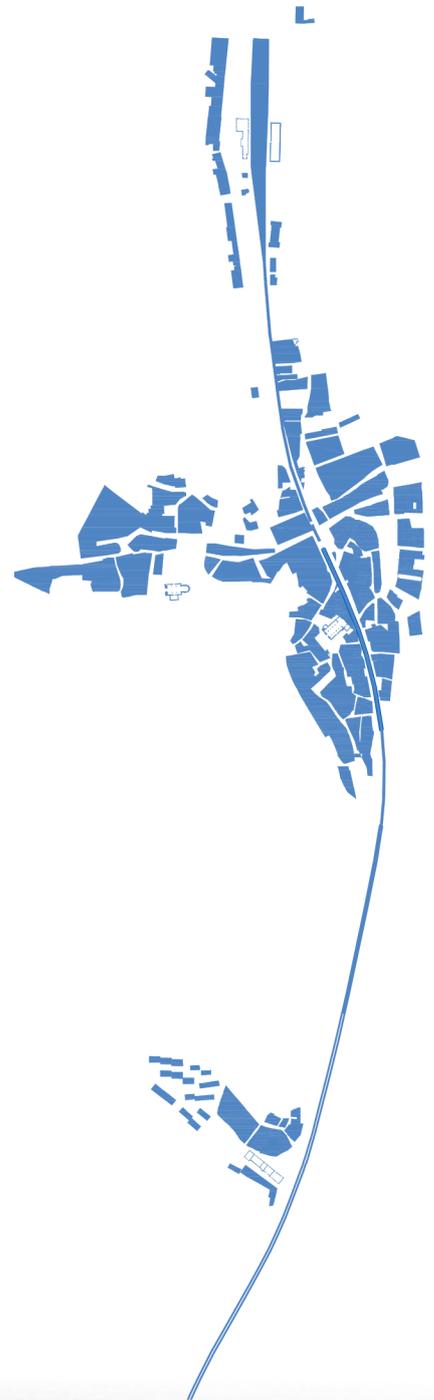
Carolina Daniela Marques Machado
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção
do Grau de Mestre em Arquitetura com especialização em Urbanismo

Orientação Científica:
Professor Doutor Sérgio Padrão Fernandes
Professor Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

Júri:
Presidente. Professor Doutor Jorge Manuel Frazão Cancela
Vogal. Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa
Vogal. Professor Doutor Sérgio Padrão Fernandes

Lisboa, FAUL, Janeiro 2021



a linha da água

II

linha da água
reinventar a ribeira de santarém



Título
a linha da água | reinventar a ribeira de Santarém

Nome
Carolina Marques Machado

Orientação Científica
Professor Doutor Sérgio Padrão Fernandes
Professor Doutor João João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Urbanismo
Lisboa, Janeiro de 2021

resumo.

O olhar sobre a cidade, a imagem e os pensamentos que surgiram para um futuro, um futuro que se imagina, um futuro idealizado.

O presente trabalho dedica-se a uma visão utópica para a cidade. Uma reflexão sobre a cidade, sobre a falta de articulação entre núcleos, sobre a barreira criada pela linha de caminho de ferro e, a relação entre a cidade, a água e o rio.

Esta frente de rio que perdeu a sua identidade.

Procura-se abordar este mundo imaginário, de modo a criar um novo lugar, um novo futuro. Onde esta arquitetura sonhada, possa valorizar a identidade que se perdeu há tempos na cidade baixa de Santarém. Onde a água volte a encontrar a cidade, onde a cidade volte a sentir o rio.

Um projeto que nasce de um problema atual...

O vazio que se quer cheio.
O negativo que se quer positivo.

Uma frente cheia de espaços de oportunidade, cheia de vazios.
Um vazio da linha de caminho de ferro que se quer preenchido.
Uma solução que se prolonga há anos.

Este sonho que resulta numa tentativa de solução,
a Megaestrutura.

Tendo como premissa inicial a problemática da água na cidade,
surge então

...a possível solução utópica.

Title

the water line | reinventing the riverside of Santarém

Name

Carolina Marques Machado

Main Advisor

Teacher and Doctor Sérgio Padrão Fernandes
Teacher and Doctor Doutor João Miguel de Sousa Carvalho Ribeiro da Silva Leite

Integrated Master in Architecture with Specialization in Urbanism

Lisbon, January 2021

abstract.

The look on the city, the image and the thoughts that emerge for a future, a future that is imagined, an idealized future.

The present work surrenders to a utopic vision for the city. The reflection upon the city and the lack of articulation between nuclei, as well as the barrier created by the railway line and the relationship between the city, the water and the river.

This river front that has lost its identity.

We seek to develop a reflection of this imaginary world, in order to create a new place, a new future. Where the imagined architecture tries to value the identity that was lost some time ago in the lower city of Santarém. Where the water meets the city, where the city feels the river.

VII

A project born from a current problem...

The void that you want to fill.
The negative that one wants to be positive.

A front full of spaces of opportunity, full of emptiness.
A void in the railway line that one wants to fill.
A solution that has been going on for years.

This vision that results in an attempt at a solution,
the Megastructure.

Having as initial premise the problem of water in the city, it appears then

...the possible utopic solution.

a linha da água

VIII

Para o meu pai,

agradecimentos.

ao professor Sérgio Fernandes, por ter iniciado e terminado este meu percurso académico. Por ter acreditado em mim, pela exigência e por todo o conhecimento partilhado.

ao professor João Leite, por não me deixar desanimar. Por todo o carinho e gargalhadas. Por me ter acompanhado sempre.

a todos os professores com quem tive o privilégio de aprender nestes cinco anos, a todos que me fizeram acreditar que era isto que queria.

à Câmara Municipal de Santarém pelo tempo e material cedido. ao Arquivo fotográfico *Eu Gosto de Santarém*, pela memória digital de Santarém e da região do antigo Ribatejo, nestes tempos atípicos em que se tornou difícil a consulta física.

à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa pela aprendizagem e pelas pessoas que me ofereceu.

IX

ao formaurbis LAB pela disponibilidade e pelo gosto que me transmitiram

ao meu pai, *por ser a estrela que continua a brilhar*,
à minha mãe,
ao meu avô,
à minha família.

aos amigos de cá, que partilham o mesmo gosto, a arquitetura. Filipa, Nikuza, Carolina, Rita, Rodrigo, Gonçalo, João.

aos amigos de fora, que partilham outras coisas igualmente boas. Mafalda, Sarah, Mariana, João.

à arquitetura.

a linha da água

X

índice.

resumo	V	
<i>abstract</i>	VII	
agradecimentos	IX	
índice	XI	
índice de figuras	XIII	
introdução	2	
1		
a missão	4	
problemática	8	
objetivos	18	
metodologia		
2		
o sonho . tema e lugar		
a utopia	26	
a megaestrutura	29	XI
o limite	47	
a água	65	
3		
o real . o sítio		
o tejo	96	
a chegada	132	
a cidade	143	
a ribeira de Santarém	178	
4		
o cenário . imaginado		
a metamorfose	236	
o limite (da água) num lugar na cidade	276	
as águas das termas	332	
considerações finais	398	
bibliografia	400	
anexos	406	

a linha da água

XII

índice de figuras.

001. a cidade ideal. elaborado pela autora. 2020
002. as intenções. elaborado pela autora. 2020
003. Superstudio. *The Continuous Monument*. 1969
in <https://www.lia.tu-berlin.de/sites/projects/ideaplan/idea-references.htm>
004. Archizoom. *Quartieri Paralleli per Berlino*. 1969
in <https://graysite.wordpress.com/2011/03/17/archizoom/1969-archizoom-quartieri-paralleli-per-berlino/>
005. Superstudio. Monumento contínuo Graz. 1969
in <https://hda-graz.at/programm/jahresprogramm-2019>
006. collage. monumento contínuo em santarém. elaborado pela autora. 2020
007. Archigram, Plug-In City, 1964
in <https://www.archdaily.com/399329/ad-classics-the-plug-in-city-peter-cook-archigram>
008. *Cluster City, Alison e Peter Smithson*, 1953
in <https://plansofarchitecture.tumblr.com/image/33759128535>
009. Superstudio. Continuous Monument, 1969
in <https://www.archdaily.com.br/br/794139/arte-e-arquitetura-superstudio-revisitado-por-nitsche-arquitetos-plus-jorn-konijn>
010. Superstudio, Continuous Monument, 1969
In <https://www.mydecor.com/br/superstudio>
011. Archigram, Plug-In City, 1964
in <https://www.archdaily.com/399329/ad-classics-the-plug-in-city-peter-cook-archigram>
012. Archigram, Walking City 1964
in <https://archkiosk.wordpress.com/2013/11/10/cities-on-the-move-from-archigram-to-cruise-ships/>
013. Maqueta Università delle Calabrie. Gregotti Associatti. Cosenza, Itália. 1973
in https://www.docomomoitalia.it/register/MF_30.pdf
011. Domus n° 637. Università delle Calabrie. Gregotti Associatti. Cosenza, Itália. 1973
in <https://www.domusweb.it/it/eventi/istanbul-design-biennial/gallery/2018/09/17/vittorio-gregotti-universit-della-calabria-1974.html>
012. Yona Friedman, Ville Spatale, 1958
in <https://www.pinterest.pt/pin/66920744446747535/?lp=true>

013. Yona Friedman, Ville Spatale, 1958
in <https://fellopemariano.wordpress.com/2016/01/05/arquitetura-fantastica-4- yona-friedman/>
014. Superstudio, Grand Hotel Colosseo, 1969
in https://www.bmiaa.com/superstudio-50-at-maxxi-rome/01_maxxi_superstudio50_monumentocontinuo/
015. *Generic Radicalism*, lokomotiv.archs, 2011
in <https://architizer.com/projects/generic-radicalism/>
016. aqueduto águas livres. elaborado pela autora. 2020
017. aqueduto malagueira. elaborado pelo autor. 2020
018. muro da ribeira, porto. 2020
019. secções muro da ribeira, porto. elaborado pela autora. 2020
020. Superstudio. Continuous Monument, 1969
in <http://www.esamearchitetto.info/lavorare-allestero-la-guida-per-gli-architetti-italiani/>
021. collage. o muro da ribeira em santarém. elaborado pela autora. 2020
022. Jati Putra, Ocean air salty hair
in <https://twistedsifter.com/2015/10/artist-adds-surreal-twist-to-photos-on-instagram/>
023. Jati Putra. 1920
in [in https://www.ignant.com/2015/10/21/surreal-landscape-art-by-jati-putra-pratama/](https://www.ignant.com/2015/10/21/surreal-landscape-art-by-jati-putra-pratama/)
024. Jati Putra. 1920
in <https://sala7design.com.br/2015/10/surrealismo-com-fotos-reais-por-jati-putra-pratama.html>
025. Porto. Ribeira. Fotografia de Carlos Relvas. 1865.
in <https://nabiae.blogspot.com/2017/04/carlos-relvas-ribeira-porto.html>
026. Muro Ribeira, Porto. Fotografia de Teófilo Rego. 1950
in <http://gisaweb.cm-porto.pt/topics/6748/documents/>
027. planta muro da ribeira, porto. desenho elaborado pela autora. 2020
028. axonometria muro da ribeira, porto. desenho elaborado pela autora. 2020
029. *Strutture e Sequenze Di Pazi*, Luigi Moretti, 1952
in <http://socks-studio.com/2018/12/09/luigi-morettis-structures-and-sequences-of-spaces/>

030. *Strutture e Sequenze Di Pazi*, Luigi Moretti, 1952
in <http://socks-studio.com/2018/12/09/luigi-morettis-structures-and-sequences-of-spaces/>
031. Planta de Roma de Nolli. 1748
in https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Detalhe-do-Mapa-de-Nolli-Roma-1748_fig3_312234741
032. Aires Mateus, Galeria de Casa na Costa Alentejana, 2015
in <https://www.archdaily.com.br/br/791809/casa-na-costa-alentejana-aires-mateus>
033. Louis Kahn. positivo e o negativo. Castelo de Borthwick
in <https://www.pinterest.com/robinmillar19/scotland-castles-houses/>
034. planta que ilustra o muro habitado. Peter Zumthor. Therms, Suíça. 1996
in <https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1288298107-therme-vals-plan-01-1000x707>
035. relação cheio vazio. Peter Zumthor. Therms, Suíça. Fotografia Nico Schaer. 2012
in <https://www.nicoschaerer.com/en/series/therme-vals>
036. alçado aqueduto da malagueira. desenho elaborado pela autora. 2020
037. alçado aqueduto de lisboa. desenho elaborado pela autora. 2020
038. aqueduto da malagueira. desenho elaborado pela autora. 2020
039. aqueduto de lisboa. desenho elaborado pela autora. 2020
040. Caspar David Friedrich, The Wanderer above the Sea of Fog, 1818.
in <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-unraveling-mysteries-caspar-david-friedrichs-wanderer>
041. Superstudio, Salvataggi di centri storici italiani, 1972
in <https://www.pinterest.pt/pin/388013324149202058/>
042. Reem Koolhaas, Floating Swimming Pool.
in <https://www.pinterest.pt/pin/388013324147994336/>
044. Superstudio Revisitado, por Nitsche Arquitetos + Jorn Konijn
in <https://www.archdaily.com.br/br/794139/arte-e-arquitetura-superstudio-revisitado-por-nitsche-arquitetos-plus-jorn-konijn/57c0a81ce58ece42770000e1-arte-e-arquitetura-superstudio-revisitado-por-nitsche-arquitetos-plus-jorn-konijn-foto>

045. Superstudio, Graz under water, 1971
in <https://www.smow.com/blog/2016/03/this-was-tomorrow-reinventing-architecture-1953-1978-at-the-swiss-architecture-museum-basel/superstudio-graz-under-water-1971/>
046. aqueduto das águas livres. 1912. Fotografia de autor desconhecido.
in <http://www.historiaterapia.com.br/2016/09/diogo-alves.html>
047. aqueduto das águas livres. Fotografia de José Vicente. 2018
in <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-águas-de-lisboa-image75552495>
048. reservatório mãe d'água das amoreiras. Fotografia de José Vicente. 2018
in <https://toponimialisboa.wordpress.com/2018/04/08/reservatorio-da-mae-dagua-das-amoreiras/>
049. planta reservatório mãe d'água das amoreiras. elaborado pela autora. 2020
050. secção aqueduto das águas livres. elaborado pela autora. 2020
051. aqueduto da malagueira. 1973
in https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza/usuario-flickr_gva_jb_1329748516-gva-jb-1
052. aqueduto da malagueira. 1973
in https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza/usuario-flickr_gva_jb_1329748516-gva-jb-1
- 053.. o bairro e o aqueduto da malagueira. 1973
in <https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza>
054. planta conduta da malagueira. elaborado pela autora. 2020
055. secção conduta da malagueira. elaborado pela autora. 2020
056. Olafur Eliasson, waterfall, palácio de versalhes, 2016
in <https://publicdelivery.org/olafur-eliasson-waterfall-versailles/>
057. Álvaro Siza Vieira, depósito de água, Universidade de Aveiro, 1991
in <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/10.110/6016>
058. Carlo Scarpa, brion cemetery, 1968 *a linha de água*
in <https://mycornerofitaly.com/brion-tomb-carlo-scarpa-place-reflection/>
059. Carlo Scarpa, brion cemetery, 1968
in <https://www.phaidon.com/agenda/architecture/articles/2013/december/23/carlo-scarpas-cemetery-for-brionvega-boss/>

060. DGT Architects, a look at liquid architecture, *light in water*, 2015
in https://www.archdaily.com/795388/when-droplets-create-space-a-look-at-liquid-architecture/57daa1b5e58ece3795000014-when-droplets-create-space-a-look-at-liquid-architecture-photo?next_project=No
061. Marina Tabassum, national architecture conference, 2016
in <http://www.world-architects.com/it/eventi/lecture-marina-tabassum>
062. Louis Kahn, Salt Lake Institute
in <https://www.pinterest.pt/pin/54043264251733202/>
063. Carlo Scarpa, Querini - Stampalia
in <https://www.pinterest.com/pin/93379392245249427/>
064. Peter Zumthor. Therms Vals, Suíça. 1996
in <https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra>
065. Peter Zumthor. Therms Vals, Suíça. 1996
in <https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra>
066. mãe d'água das amoreiras. Fotografia de autor desconhecido.
in <https://www.impala.pt/lifestyle/reservatorio-da-mae-dagua-lisboa-concertos-gratis/>
067. collage muro da ribeira na alfange. elaborado pela autora. 2020
068. collage o aqueduto das águas livres na margem de santarém. elaborado pela autora. 2020
069. collage o aqueduto da malagueira na ribeira. elaborado pela autora. 2020
070. mapa rios. desenho elaborado pela autora. 2020
071. infraestruturas. mobilidade. via térrea e via fluvial. elaborado pela autora. 2020
072. a linha do norte.
in <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/linha-do-norte-custa-o-mesmo-que-ligacao-de-alta-velocidade-12895059.html>
073. montagem planta do rio tejo - vila velha de rodão ao carregado. 1861
in <http://bndigital.bnportugal.gov.pt/>
074. vila franca de xira. Fotógrafo Pernes.
in <https://www.scoop.it/topic/vila-franca-de-xira/p/3080110541/foto-vila-franca-de-xira-do-fotografo-pernes>

075. valada. Fotografia de autor desconhecido
in <https://portugalprofundo.wordpress.com/2010/04/12/valada-do-ribatejo-2/>
076. Santarém. Fotografia de Tiago Pinho.
in <http://tiagotorrespinho.pt/work/living-in-santarem/>
077. vila nova da barquinha. Fotografia de David Rodrigues.
in <https://olhares.com/castelo-de-almourol-estudo-n1-foto8890157.html>
078. portas de rodão. Fotografia de autor desconhecido.
in <http://www.avesdeportugal.info/sitportasrodao.html>
079. tejo o tejo e os seus portos. elaborado pela autora. 2020
080. Constância, século XX. Fotografia do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Constância.
in <http://www.cm-constancia.pt/index.php/pt/visitar/historia>
081. rio tejo navegável até constância, meados século XX. Fotografia de autor desconhecido.
in <https://radiohertz.pt/constancia-passeio-pedestre-interpretativo-constancia-ribeirinha-passado-e-presente/>
082. Azulejo Tejo, Chamusca. Fotografia de António Matias Coelho.
in <https://www.mediotejo.net/portos-do-tejo-e-barcos-dagua-acima-por-antonio-matias-coelho/>
083. Movimento fluvial na Barquinha. Fotografia do Arquivo Municipal.
in <https://www.mediotejo.net/vn-barquinha-apitos-assobios-guloseimas-e-ate-bichas-com-a-chegada-da-neve-a-lisboa-por-fernando-freire/>
084. Margens do Rio Tejo, Barquinha. Fotografia do Arquivo Municipal.
in <https://www.mediotejo.net/medio-tejo-projetos-da-regiao-integram-orcamento-participativo-portugal-2018/>
085. Aldeia Avieira de Escaroupim, Salvaterra de Magos. Fotografia de autor desconhecido.
in <https://www.fundamental-diario.pt/2018/07/16/salvaterra-mata-nacional-do-escaroupim-vai-ter-percurso-pedestre/>
086. o ribatejo. desenho elaborado pela autora. 2020
087. Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020

088. O Ribatejo retratado numa pintura a pastel, pelo *El Rei pintor*, 1982. Fotografia do Arquivo Municipal.
in <https://www.pinterest.pt/franciscobt/pinturas-e-aguarelas-de-s-a-r-dom-carlos/>
089. lezíria e os núcleos urbanos. desenho elaborado pela autora
090. lezíria. território construído. almeirim. santarém do outro lado da margem. Fotografia de autor desconhecido.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/ribatejo/outros-tempos-no-ribatejo>
091. lezíria. território de produção. 2001
in <https://evoa.pt/en/about-us/history>
092. lezíria do centro histórico de Santarém em meados do século XX. Fotografia de autor desconhecido.
in <https://www.vidarural.pt/wp-content/uploads/sites/5/2020/08/lezria-ribatejana-picture-id1250483886-2.jpg>
093. Lezíria Ribatejana, 1896. Fotografia de autor desconhecido.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/ribatejo/outros-tempos-no-ribatejo>
094. Vala azambuja. Fotografia de autor desconhecido.
in <https://www.visitarportugal.pt/d-lisboa/c-azambuja/azambuja/vala-real>
095. Cais da Vala Real, Salvaterra de Magos. Fotografia de autor desconhecido.
in <https://www.cm-salvaterrademagos.pt/concelho/locaisdeinteresse>
096. Valada do Ribatejo, Cartaxo. Fotografia de Maria Eugénia Silva.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/ribatejo/outros-tempos-no-ribatejo/valada-ribatejo-cartaxo>
097. Dique de Valada do Ribatejo, 1960. Fotografia de autor desconhecido.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/ribatejo/outros-tempos-no-ribatejo/dique-de-valada-do-ribatejo-anos-1960>
098. santarém vista do rio. 1530. Pintura de António D’Holanda.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/desenhos/vista-geral-da-vila-de-santarem>
099. o tejo e a ribeira de santarém
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/desenhos/vista-geral-da-vila-de-santarem>
100. A Cidade de Santarém. 1668. Vista por Pier Maria Baldi.
in <https://vimeo.com/25376569>

101. o rio e o centro histórico. Pintura de Autor desconhecido.
in <http://tribop.pt/TPd/01/70/Quadros%20da%20História%20de%20Portugal>
102. A Ribeira de Santarém. 1811
in <http://tribop.pt/TPd/01/70/Quadros%20da%20História%20de%20Portugal>
103. Mosaico da Cidade. Ribeira
in <http://www.santaremdigital.com/galeria-santarem>
104. Mosaico da Cidade. Ponte
in <http://www.santaremdigital.com/galeria-santarem>
105. Mosaico da Cidade. Ponte d.luís
in <http://www.santaremdigital.com/galeria-santarem>
106. Mosaico da Cidade. Muralha
in <http://www.santaremdigital.com/galeria-santarem>
107. as infraestruturas em santarém. desenho elaborado pela autora. 2021
108. Fotografia Aérea da Cidade de Santarém
in <https://www.google.pt/maps/>
109. traçado urbano da cidade de Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020
110. topografia da cidade de Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020
111. hidrografia da cidade de Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020
112. tecido da cidade de Santarém. desenho elaborado pelo Forma UrbisLAB.
113. edificado singular na cidade. desenho elaborado pela autora. 2020
114. As muralhas na cidade de Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020
115. Os vales na cidade de Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020
116. amostra alfange. desenho elaborado pela autora. 2020
117. amostra planalto. desenho elaborado pela autora. 2020
118. amostra ribeira. desenho elaborado pela autora. 2020
119. As praças na Cidade de Santarém. desenho elaborado pela autora. 2020
120. tecido urbano
in <https://www.google.pt/maps/>
121. edifícios singulares
in <https://www.google.pt/maps/>
122. Cartografia de Santarém século XVIII. cedido pela Câmara Municipal

- de Santarém
123. Cartografia de Santarém século XIX. 1801. Arquivo Biblioteca Nacional
124. Cartografia de Santarém século XIX possível troço da linha de caminho de ferro
in https://www.wikiwand.com/pt/Estação_Ferroviária_de_Santarém
125. Cartografia de Santarém. 1960. Arquivo Biblioteca Nacional
126. Evolução da margem da cidade de Santarém. Desenho elaborado pela autora.
126. Vila de Santarém, meados do século XIX. Gravura de Manuel José Júlio Guerra 1861
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/desenhos/vila-de-santarem-meados-do-seculo-xix>
126. Vila de Santarém, século XXI
in <https://www.google.com/maps>
127. evolução da cidade. época islâmica, 714-1157. Desenho elaborado pela autora. 2020
128. evolução da cidade. século . Desenho elaborado pela autora com base em cartografia histórica da Câmara Municipal de Santarém. 2020
129. evolução da cidade. segunda metade século XII. Desenho elaborado pela autora com base em cartografia histórica da Câmara Municipal de Santarém. 2020
130. evolução da cidade. século XII-XV. Desenho elaborado pela autora com base em cartografia histórica da Câmara Municipal de Santarém. 2020
131. evolução da cidade. século XVIII. Desenho elaborado pela autora com base em cartografia histórica da Câmara Municipal de Santarém. 2020
131. Santarém. Metade do Século XX
In <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
131. Santarém. Banda Desenhada. XIV. Pintura do autor Pedro Massano
In <http://divulgandobd.blogspot.com/2006/10/castelos-na-banda-desenhada-xiv.html>
132. 1870. estação caminho ferro
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos/estacao-de-santarem-numa-das-fotos-mais-antigas-do-pais>
133. 1914. ribeira
In <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
134. 1940. ribeira

- in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
135. 1941. ponte d.luís
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
136. 1960. repositório d'água
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
137. início séc XX. torre da água. portas do sol
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
138. início séc XX. Fotografia autor desconhecido.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
139. séc XX. santa iria
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos>
140. praia alfange. Fotografia autor desconhecido.
141. fábrica. Fotografia autor desconhecido
142. ortofotomapa. ribeira de santarém.
in <https://www.google.pt/maps/>
143. ribeira de santarém. a cheia e o porto. Século XX.
in http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos/ribeira-de-santarem-no-inicio-do-seculo-xx?fbclid=IwAR1b21SMIsbCUqInmkSfzIdzWrPcEe2CI_fogaPcSAV3LSEJqKWqgfhhy5g
144. ribeira de santarém. a cheia palhães. ano
145. ribeira de santarém. vazia. ano
146. ponte sobre o tejo. ribeira de santarém. barreira da cidade. Século XX
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos/ponte-sobre-o-tejo-ribeira-e-barreiras-da-cidade-de-santarem>
147. Ponte D. Luís e embarcações na Ribeira de Santarém. Século XX.
in <http://www.eugostodesantarem.pt/imagens/outros-tempos/ponte-d-luis-e-embarcacoes-na-ribeira-de-santarem?fbclid=IwAR18vz3MrRNcD93lOPrXiY8D-spWwIBSy3FVMpi4K6M4dBqYL4qXlLnUZTs>
148. o conjunto. Alfange. Planalto. Ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
149. a margem. Desenho elaborado pela autora. 2020
150. o percurso. Desenho elaborado pelo grupo. 2020
151. infraestruturas na frente de rio. caminho de ferro e estrada nacional. Desenho elaborado pelo grupo. 2020
152. o tempo. caminho de ferro. Desenho elaborado pelo grupo. 2020

153. evolução da ribeira. ano xxx. Desenho elaborado pela autora através de cartografia histórica. 2020
154. evolução da ribeira. ano xxx. Desenho elaborado pela autora através de cartografia histórica. 2020
155. evolução da ribeira. ano xxx. Desenho elaborado pela autora através de cartografia histórica. 2020
156. evolução da ribeira. ano xxx. Desenho elaborado pela autora através de cartografia histórica. 2020
157. planta *Nólli*. Desenho elaborado pela autora. 2020
158. espaços vazios. Desenho elaborado pelo grupo. 2020
159. levantamento dos edifícios na ribeira. mau estado conservação. Desenho elaborado pela autora. 2020
160. levantamento dos edifícios na ribeira. obsoletos. Desenho elaborado pela autora. 2020
161. levantamento dos edifícios na ribeira. ruína. Desenho elaborado pela autora. 2020
162. praça padre chiquito. alfange. Desenho elaborado pela autora. 2020
163. praça padre chiquito. alfange. Desenho elaborado pela autora. 2020
164. praça padre chiquito. alfange. Desenho elaborado pela autora. 2020
165. praça oliveira marreca. ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
166. praça oliveira marreca. ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
167. praça oliveira marreca. ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
168. diagrama representativo. os muros. Desenho elaborado pela autora. 2020
169. a vala na ribeira de santarém. desenho Malhoa.
in <http://provocando-umateima.blogspot.com/2019/02/inundacoes-na-ribeira-de-santarem.html>
170. a sta. iria debaixo de água. desenho Malhoa.
in <http://provocando-umateima.blogspot.com/2019/02/inundacoes-na-ribeira-de-santarem.html>
171. o tejo na alfange. desenho Malhoa
in <http://provocando-umateima.blogspot.com/2019/02/inundacoes-na-ribeira-de-santarem.html>
172. relação portas do sol. Desenho elaborado pela autora. 2020
173. relação miradouro e o rio. Desenho elaborado pela autora. 2020

174. relação estrada e ponte alcourse. Desenho elaborado pela autora. 2020
175. relação estação e a vala. Desenho elaborado pela autora. 2020
176. alfange + ribeira. topografia. fotografia maquete elaborada pela autora. 2020
177. alfange + ribeira. traçado urbano. fotografia maquete elaborada pela autora. 2020
178. o cheio da linha férrea. positivo. fotografia maquete elaborada pela autora. 2020
179. o vazio da linha férrea. negativo. fotografia maquete elaborada pela autora. 2020
180. proposta nova linha caminho de ferro. Desenho elaborado pela autora. 2021
181. nova margem. Desenho elaborado pela autora. 2020
182. a metamorfose da cidade. Desenho elaborado pela autora. 2020
183. cheia e vazia. Desenho elaborado pela autora. 2020
184. rede que liga os elementos arquitetônicos. Desenho elaborado pela autora. 2020
185. espaços de permanência. Desenho elaborado pela autora. 2020
186. edifícios singulares na cidade. Desenho elaborado pela autora. 2020
187. collage ligações entre a alta e a baixa. collage elaborado pela autora. 2020
188. a chegada à cidade baixa através do automóvel. Desenho elaborado pela autora. 2020
189. a chegada à cidade baixa a pé. Desenho elaborado pela autora. 2020
190. do chafariz de El Rei à Alfange. Desenho elaborado pela autora. 2020
191. das portas do sol ao rio. Desenho elaborado pela autora. 2020
192. da fonte das figueiras à Ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
193. do depósito de água à ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
194. as ligações. Desenho elaborado pela autora. 2020
195. os tanques de armazenamento de água nos *eixos geométricos*. Desenho elaborado pela autora. 2020
196. quando a água sobe. Desenho elaborado pela autora. 2020
197. quando a água sobe. Desenho elaborado pela autora. 2020
198. Casablanca II. Teresa Moller
in <https://www.archdaily.com.br/br/763403/casablanca-ii-teresa-moller>
199. Casablanca II. Teresa Moller

- in <https://www.archdaily.com.br/br/763403/casablanca-ii-teresa-moller>
 200. Punta Pite. Teresa Moller
 in <https://divisare.com/projects/326893-teresa-moller-chloe-humphreys-punta-pite>
 201. espaços de oportunidade. Desenho elaborado pela autora. 2020
 202. o novo limite da margem. Desenho elaborado pela autora. 2020
 203. a cheia e a vazia. Desenho elaborado pela autora. 2020
 204. a missão ao longo da *promenade*. Desenho elaborado pela autora. 2020
 205. o programa ao longo da *promenade*. Desenho elaborado pela autora. 2020
 206. axonometria da nova frente de rio. Desenho elaborado pela autora. 2020
 207. a fábrica de sabão, o pontão e a Megaestrutura. Desenho elaborado pela autora. 2020
 208. a fábrica e o pontão. Desenho elaborado pela autora. 2020
 209. as aberturas e relação cidade-rio. elaborado pela autora. 2020
 210. a fábrica e a Megraestrutura. elaborado pela autora. 2020
 211. a fábrica de sabão - centro náutico. elaborado pela autora. 2020
 212. a ruína da fábrica. elaborado pela autora. 2020
 213. a Megaestrutra na margem. elaborado pela autora. 2020
 214. a ponte e o miradouro. Desenho elaborado pela autora. 2020
 215. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020
 216. collage ponte e Megaestrutura. elaborada pela autora. 2020
 217. atravessamento ponte. Maqueta estudo elaborada pela autora.
 218. o miradouro e as escadas. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020
 219. o momento da quebra após o atravessamento da ponte. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020
 220. o chafariz palhães, a ponte de alcorce, o rio. Desenho elaborado pela autora. 2020
 221. o cais e o rio. Desenho elaborado pela autora. 2020
 222. alçado positivo e negativo. Desenho elaborado pela autora. 2020
 223. a Megaestrutura na ribeira. Desenho elaborado pela autora. 2020
 224. as duas Megaestruturas. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020
 225. a Megaesrutura que transporta a água. *aqueduto*. Desenho elaborado pela autora. 2020
 226. as entradas de luz no *aqueduto*. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020

227. collage a Megaestrutura na ribeira. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
228. collage a rua coberta na ribeira. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
229. o mercado na estação de comboios da ribeira de santarém. collage elaborada pela autora. 2020
230. o mercado. Desenho elaborado pela autora. 2020
231. o mercado e a diferença de cotas. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020
232. a nova frente de rio. Desenho elaborado pela autora. 2020
233. as três linhas de água. térreo. Desenho elaborado pela autora. 2020
234. o conjunto. Maqueta de estudo elaborado pela autora. 2020
235. o pontão e a Fábrica. Maqueta de estudo elaborado pela autora. 2020
236. o aqueduto na ribeira. Maqueta de estudo elaborado pela autora. 2020
237. collage as termas e a encosta. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
238. collage. Vista cidade. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
239. collage. Vista rio. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
240. collage. Vista alemirim. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
241. collage. A piscina ao ar livre. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
242. alçado. os vãos e a pele. Desenho elaborado pela autora. 2020
243. o devaneio das termas. Ilustração elaborado pela autora. 2020
244. as sensações. Diagrama elaborado pela autora. 2020
245. a escavação do *muro*. desenho esquisso elaborado pela autora. 2020
246. os banhos das termas *romanas*. Diagrama elaborado pela autora. 2020
247. as termas. Desenho elaborado pela autora. 2020
248. os banhos das termas *romanas*. desenho esquisso elaborado pela autora.
249. os diferentes espaços ao longo das termas
250. o cheio e o vazio nas termas
251. os níveis nas termas. desenho esquisso elaborado pela autora.
252. os níveis nas termas. Diagrama elaborado pela autora. 2020
253. a entrada e a piscina sobre o rio. Desenho elaborado pela autora. 2020
254. o pátio que nos leva ao interior. Ilustração elaborado pela autora. 2020
255. o corredor no interior das termas. Ilustração elaborado pela autora. 2020
256. piso térreo nas termas. Desenho elaborado pela autora. 2020

257. os momentos verticais. Desenho elaborado pela autora. 2020
258. nível cota 16 - 18. Desenho elaborado pela autora. 2020
259. a encosta e o miradouro. Desenho elaborado pela autora. 2020
260. collage. a piscina flutuante. Fotomontagem elaborada pela autora. 2020
261. os banhos. Desenho elaborado pela autora. 2020
262. *frigidarium*. Ilustração elaborado pela autora. 2020
263. *tepidarium*. Ilustração elaborado pela autora. 2020
264. *caldarium*. Ilustração elaborado pela autora. 2020
265. *sudatorium*. Ilustração elaborado pela autora. 2020
266. modelo tridimensional. Elaborado pela autora. 2020
267. modelo tridimensional. Elaborado pela autora. 2020
268. pormenor Construtivo. Desenho elaborado pela autora. 2021
268. Collage. Pormenor Construtivo. Ilustração elaborado pela autora. 2021

um sonho

introdução.

A cidade parte do nosso imaginário, é uma idealização.

Este projeto final de mestrado pretende dar a conhecer um mundo utópico como gerador de novos pensamentos e conceitos, na criação de um futuro imaginado. Devido à impossibilidade de estudar este mundo, serão apresentados autores e casos de estudo que se adaptam a este pensamento, a este sonho.

Portugal, um país reconhecido pelas suas paisagens, pelos seus mares, pelos seus rios.

Composto por 832km de Costa Atlântica, o contacto com o mar e com o rio torna o país enriquecido, a nível de cultura e identidade.

2

As cidades ribeirinhas foram influenciadas pela industrialização nos séculos XIX e XX. No entanto, devido a fenómenos naturais como a subida do nível da água, estas cidades tornaram-se obsoletas.

Santarém, uma cidade privilegiada pela relação com o rio mas, com características próprias. Esta cidade que se divide em dois através da acentuada topografia que, contribuiu para a formação desta barreira entre aquilo que é a cidade alta e a cidade baixa. É nesta cidade baixa que os fenómenos naturais, as cheias ou inundações, contribuem para o despovoamento e degradação da mesma.

Santarém, defronta-se com a necessidade de uma revitalização, de modo a garantir uma capacidade de readaptação às necessidades contemporâneas e assegurando uma continuidade lógica do tecido urbano.

Considerando a paisagem de Santarém, o rio Tejo e a Lezíria, tornam esta cidade rica e ignorada por tantos.

Surge assim a oportunidade de valorizar esta cidade ribeirinha de Santarém.

Neste sentido, o primeiro capítulo, *a missão*, é onde são descritos os objetivos deste projeto final de mestrado.

O segundo capítulo, *o sonho* introduz uma narrativa concetual, desde a utopia à água. Onde é estudado este mundo imaginário e, onde será justificado o caminho concetual que este trabalho segue, focando-se em particular na Megaestrutura.

O terceiro capítulo, *o real* tem como objetivo apresentar o sítio, desde o rio tejo e a chegada à cidade e, a esta margem. Neste, é feita uma caracterização da cidade, bem como do sítio onde se insere o projeto, na ribeira de Santarém.

3

Numa última abordagem, *o cenário* imaginado será realizado em três escalas distintas, desde o plano de estrutura, *a metamorfose* da cidade - irá abranger a ligação do centro histórico de Santarém à zona baixa da cidade; o plano de detalhe, denominado de *o novo limite (da água) num lugar na cidade* - foca-se na zona ribeirinha da cidade, desde Alfange à Estação de comboios da Ribeira de Santarém; por fim, o projeto integrado, *as águas das termas* - insere-se dentro da megatrututura, nas termas. Apresenta a metamorfose, a tranformação do lugar, através de uma *promenade*.

Por fim, é feita uma elaboração de síntese crítica do projeto.

o executar o sonho, o refletir a imaginação.

1. A missão

.1 problemática

Este projeto final de mestrado, tem como objetivo imaginar a cidade de Santarém, sem esquecer a sua memória.

Santarém é uma cidade que sofreu algumas transformações ao longo do tempo, e tem um grande potencial, o rio Tejo. Santarém possui o contacto com a água, sendo uma cidade em que o limite toca o rio.

5

Este projeto, procura o sonho da imagem futura.

A cidade de Santarém, situada num planalto e banhada pelo rio Tejo, oferece uma vista privilegiada sobre o curso do rio, de onde provém grande parte do seu abastecimento: a via fluvial que ligava a Lisboa, e os campos planos da Lezíria situados em redor, com solos proveitosos para práticas agrícolas.

Também chamada cidade das sete colinas, a evolução desta cidade ao longo do tempo fez surgir um conjunto de problemas. Composta por três núcleos principais (centro histórico, ribeira e alfange), a perda de identidade continua a ser um dos maiores problemas da cidade.

A topografia acentuada de Santarém, chama a morte da cidade. A falta de articulação que se estabelece devido a este problema é notória. Existe uma quebra de relação entre a cota mais alta (centro histórico) e a cota mais baixa (Ribeira e Alfange), a ligação é difícil, sendo feita por caminhos degradados e íngrimes.

Relativamente à localização, a zona mais baixa da cidade é uma zona de *risco*, isto porque é uma zona com habituais cheias e colapso das barreiras (muralhas), para além de existir também uma barreira a nível de infraestruturas e um atravessamento do tecido urbano, em que a linha de caminho de ferro tem uma presença fulcral e evidente no território, o que se torna desagradável para os habitantes. A nível de população, esta é maioritariamente idosa.

7

Quanto ao edificado existem vários edifícios obsoletos e em mau estado de conservação, muitos edifícios estão desocupados ou até mesmo devolutos, existem vários espaços livres, espaços expectantes com possibilidade de construção.

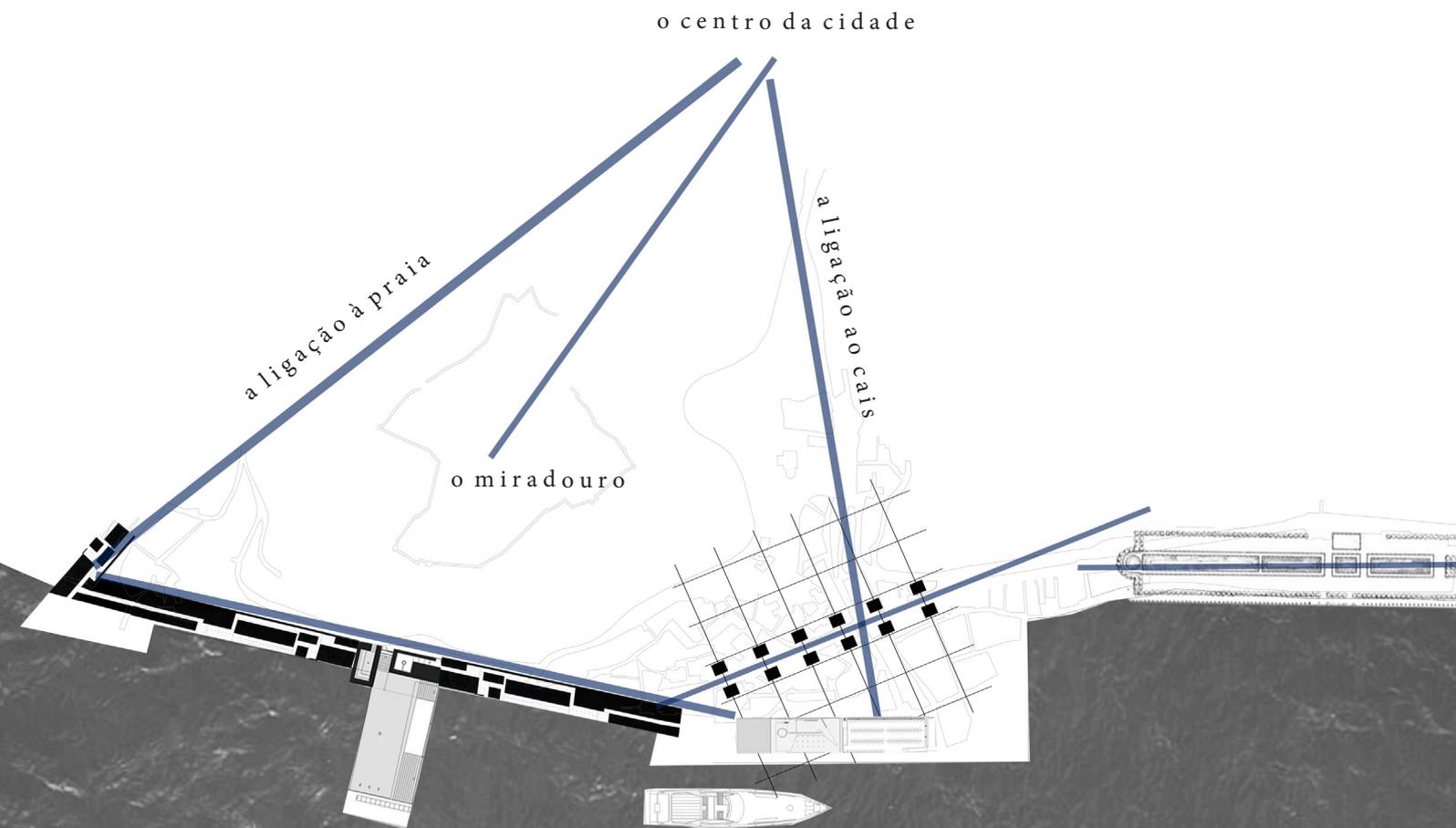
A nível de espaço público, existe uma grande degradação a nível do pavimento.

a linha da água

8

.2 objetivos

Este projeto final de mestrado será com base numa visão imaginária, utópica, da cidade ideal, reinventando a ribeira de Santarém e a relação com o rio Tejo.



Com base no desenvolvimento das infraestruturas, as frentes de água refletem uma evolução nas cidades. Sendo zonas que sofreram grandes alterações ao longo do tempo, estas devem responder às necessidades de cada cidade.

No caso da cidade baixa, um dos grandes problemas é a perda de identidade, como já foi referido anteriormente.

A Ribeira de Santarém e Alfange são dois núcleos inseridos na cidade baixa, junto à margem do rio. O projeto procura reinventar esta nova frente, de modo a que se recupere a identidade que há tempos foi perdida.

12

A estratégia divide-se em três partes. Um olhar a cidade e repensar a ligação da zona alta (centro histórico) à zona baixa da cidade, um olhar sobre a margem e a articulação entre os dois núcleos ribeirinhos (Ribeira e Alfange) e, a recuperação de edifícios existentes como meio impulsionador da qualificação urbana da zona (Fábrica Alfange). O olhar com base na imaginação das Megaestruturas e a forma como estas permitem o articular da cidade.

Relativamente à conexão entre a zona alta e zona baixa, pretende-se criar uma maior acessibilidade entre estas cotas, reperfilando as ruas existentes e criando novas ligações ao longo das linhas de água existentes, conectando diversos pontos fulcrais da margem com a zona histórica da cidade.

O potencial da Ribeira e o contacto com a água deverá ser visto como uma oportunidade, que poderá desencadear um crescimento a nível urbano. A água por muitas vezes é vista como uma barreira, neste caso o uso da mesma como conceito principal é visto de modo a integrá-la no projeto. A água pode constituir um prolongamento da cidade, a relação cidade-rio.

As cidades têm vindo a reintegrar as suas margens marítimas e fluviais. A revitalização destas frentes é essencial, devido à conexão com a cidade, mas também à forma como permitem promover oportunidades de negócio. Estas intervenções devem ter em conta as necessidades do lugar, de modo a potencializar o mesmo, aproveitando algumas características existentes.

No caso da Ribeira de Santarém, existe uma necessidade de (re)aproveitar os espaços vazios, os espaços com oportunidade de se relacionarem, espaços degradados sem usos. Aquilo que antes eram logradouros degradados, poderá vir a tornar-se espaços comerciais que delimitam uma nova frente de rua.

Com isto, é importante criar espaços onde seja possível efetuar atividades e funções, oferecendo serviços à população. Deverá contemplar referências culturais e históricas, de modo a não perder a memória da cidade.

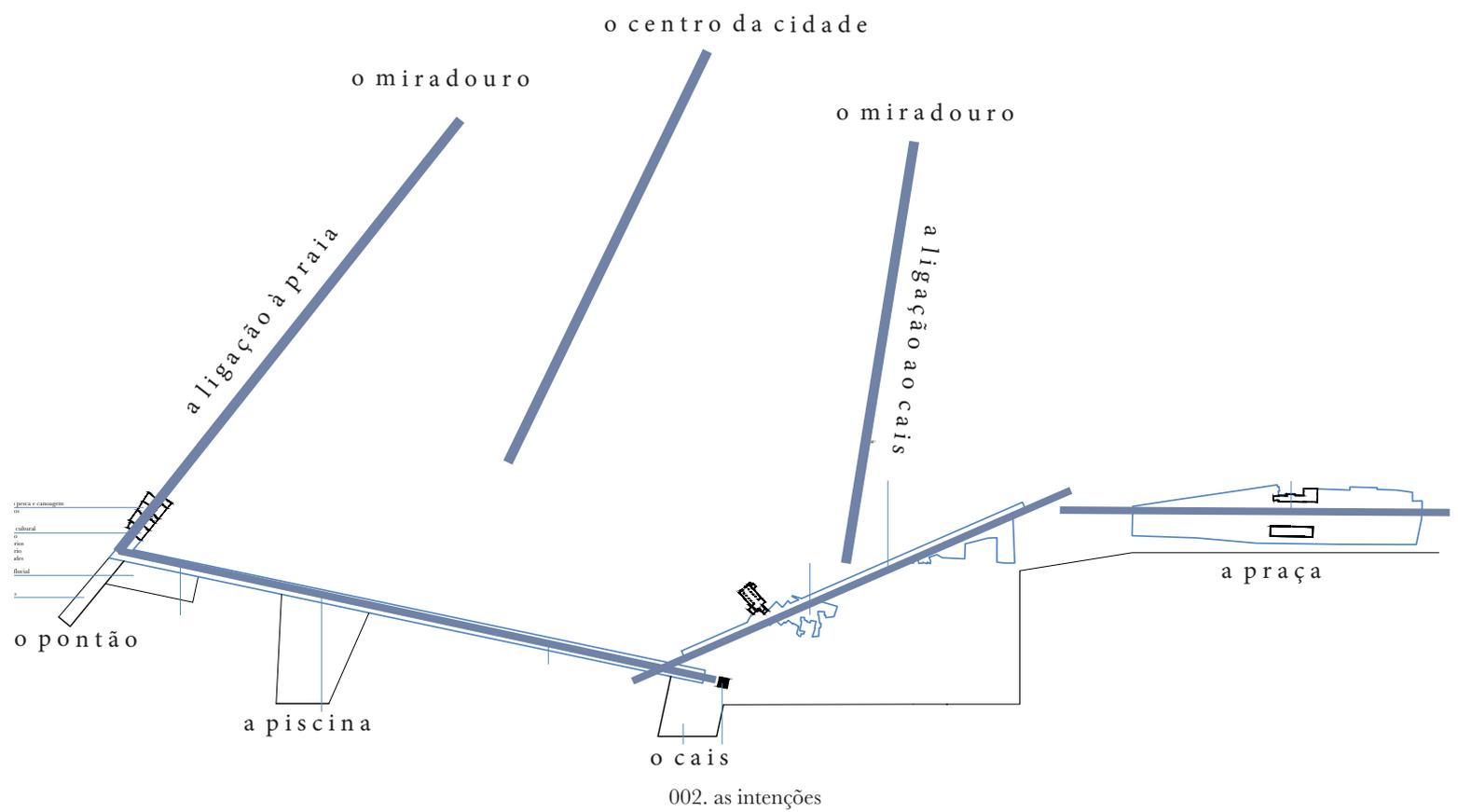
Na Ribeira existe uma barreira criada pela linha de caminho de ferro, em que esta atravessa o tecido edificado. É considerada uma zona esquecida, desprezada e isolada. É necessário trazer vida, é necessário um motor para dinamizar este lugar, é necessário potenciar a economia local e o turismo. No entanto, falta estratégia turística para atrair visitantes à cidade de Santarém.

Sendo este território muito ligado à agricultura, a água poderá representar um importante papel nas suas diversas dimensões. Desde a comercialização para consumo, o uso termal ou bem-estar, o abastecimento, a produção de energia ou como elemento potenciador do turismo de natureza.

15

Reinventar uma nova frente de rio de modo a atrair população a esta zona esquecida.

As ligações e a relação que se estabelece entre a cidade alta e a cidade baixa



Nesta narrativa concetual, foram analisados os conceitos e temáticas que contribuíram para o tema principal. Desde a *Utopia*, onde os sonhos nos levam e, as imagens futuras que criamos, através da nossa imaginação. Originando as *Megaestruturas*, o futuro do passado. Que, por sua vez, definem um novo *Limite*. E, por fim, a *Água* e o papel importante que esta tem na cidade.

20

Numa primeira fase, o processo passa pelo levantamento de documentos de carácter histórico, topográfico, hidrográfico, urbano e arquetónico. Após toda a recolha cartográfica e bibliográfica, inicia-se um período de recolhimento da forma do território e da forma da cidade. Aprofundando a Lezíria do Tejo, da agricultura e das implicações que os fenómenos naturais têm no território. Analisou-se a cartografia antiga e atual, para compreender o papel do rio no território e a evolução da relação cidade-rio.

Ao terminar a recolha e análise de elementos referentes ao lugar, iniciou-se a fase da analogia tipológica, uma fase de fundamentação teórica e referências para o projeto. Desvendaram-se os pontos fortes e a potenciar, bem como as fragilidades e problemas no lugar. Nesta fase, analisou-se os casos de referência e delineou-se a estratégia.

A seguinte fase dedica-se ao projeto integrado, onde surge o programa urbano arquitetónico. Desde a análise da área em estudo para a conceção de um novo lugar urbano, as Megaestruturas.

21

Assim, na última fase, a partir de toda a recolha e análise, e tendo em conta a especificidade do espaço em questão, concretiza-se a fase de projeto, procurando refletir no mesmo as conclusões obtidas nos pontos anteriores e considerações finais.

2. O sonho tema e lugar

O tema *Metamorphosis: re-uso e transformação urbana*, foi a premissa inicial de estudo coletivo desenvolvido no primeiro semestre da disciplina de projeto no quinto ano da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

Com base no tema, nasceu a *linha da água*, uma vontade de reinventar a ribeira de Santarém em função de um novo limite de margem. Tendo como premissa três fatores, a relação da cidade de Santarém e a sua frente de água, a relação entre a cidade alta e a cidade baixa e, por fim, a relação que a cidade baixa tem com o tecido existente. Focando-se na problemática das barreiras criadas pela evolução da linha ferroviária, na falta de articulação entre tecidos e nos futuros impactos das cheias na zona ribeirinha da cidade de Santarém.

Para o desenvolvimento deste trabalho, parte-se do princípio que a linha de caminho de ferro estará desativada no futuro.. A zona de estudo abrange, especificamente, a ribeira de Santarém, mais concretamente entre a Alfange e a estação de comboios na Ribeira em Santarém.

a *imaginação* e os conceitos que a formam...

a **Utopia** como forma de vida,
a **Megastrutura** como motor dinamizador,
o **Limite** como um lugar,
a **Água** como uma necessidade.

Sendo este o movimento teórico que vai estar no desenvolvimento do projeto.

Imaginar a metamorfose, uma transformação, ter a liberdade de pensar, de sonhar, um mundo imaginário.

Olhar o futuro.

O desejo pela procura do ideal está no sonho do Homem, uma esperança de imaginar o que poderá vir a existir.

A Utopia.

26

O termo utopia foi criado por Thomas More, na sua obra Utopia publicada em 1516 que, designa uma cidade perfeita, ideal, mas imaginária. Para compor a palavra, Thomas More juntou duas palavras gregas: *ou* (não) e *τοπος* (lugar), ou seja, ao interpretar a palavra seguindo a sua etimologia, Utopia significa um lugar que não existe na realidade, um *não lugar*.

O sentido de transformar, dar um novo sentido a zonas que tenham sido esquecidas, com novos usos, com novas funções, uma nova vida. A memória tem de ser preservada, sem nunca perder a sua identidade. Prolongar o uso do antigo, projetado para as vivências e para a devolução da vida de um lugar que terá sido esquecido. É fundamental ter o conhecimento das necessidades da cidade, sem esquecer os marcos históricos que estas têm.

O contexto que levou a pensar o desenvolvimento do projeto, foi criado através das Megaestruturas.

O futuro urbano do passado recente.

Protótipos da Utopia.

As Megaestruturas ficaram agarradas ao imaginário, vistas como fantasias de um mundo perfeito.

Muitas vezes estas estruturas são identificadas como *não lugares*.

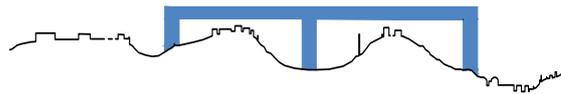
Nas décadas de 1960 e 1970, a síntese das possibilidades da lógica da produção de detalhes, articulações e estruturas, desenvolve os conceitos de complexidade no espaço e recorrendo a elementos pré-fabricados tridimensionais, permite o surgimento de Megaestruturas, isto é, complexos arquitetónicos, desenvolvidos no espaço e fabricados com tecnologia avançada, que resolvem programas complexos.



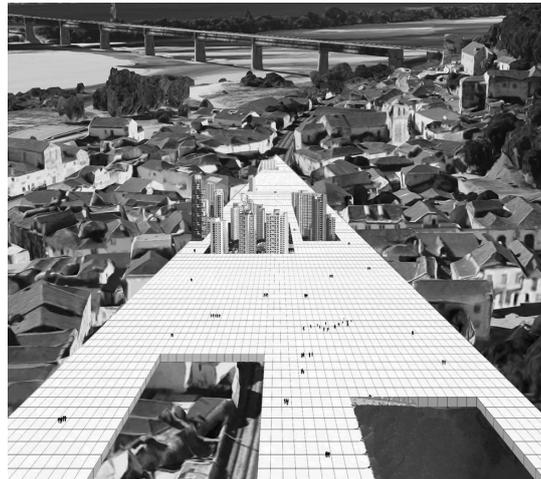
A Megastrutra.

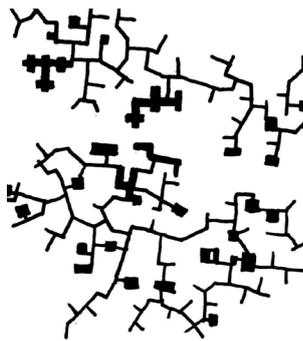
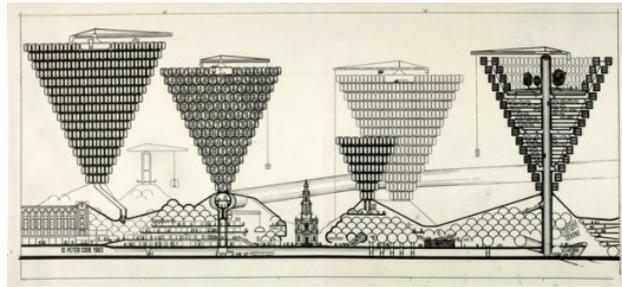
O sonho, o imaginado.

29







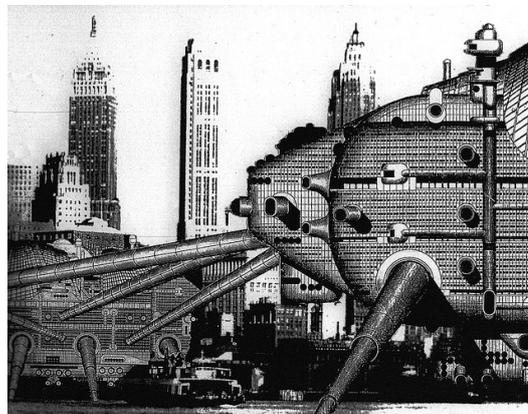
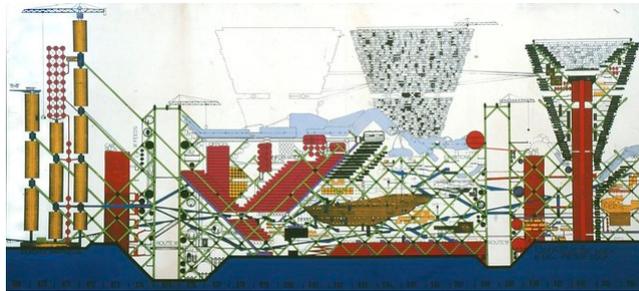


Como exemplos de Megaestruturas, cita-se o plano *Howitzer* para Argel e a *Unité d'Habitation* de Marseille, de Le Corbusier (1947); *Golden Lane* em Londres, de Alison e Peter Smithson (1952), o projeto para a Baía de Tóquio de Kenzo Tange, e *Space Cities* de Yona Friedman (1970).

A intenção das Megaestruturas é transformar a arquitetura numa cidade. Surgem os movimentos radicais de *Archigram*, *Archizoom* e *Superstudio*, onde a realidade era sonhada.

(re) pensar o futuro

Essa cidade como Megaestrutura foi desenvolvida nos fantásticos projetos de cápsulas e torres tecnológicas do grupo *Archigram* (fundado em 1960) e na mistura de utopia e pragmatismo do grupo de metabolistas japoneses, que surgiram no *World Design Congress*, realizado em Tóquio em 1960.



Em 1964 os integrantes do grupo Archigram inspiraram-se na tecnologia, como forma de expressão para criar projetos hipotéticos, na tentativa de propor uma alternativa às premissas fundamentais da arquitetura moderna. Lançaram o projeto denominado *Walking City*, que consistia numa arquitetura que via a cidade como um organismo andante. Uma arquitetura sem raízes, constituída por *containers* com pernas tubulares que se deslocam pelo solo e pelas águas em constante movimento. Uma cidade sem lugar fixo.

35

O campo entre o real e o imaginado, as ideias não passavam de uma especulação para algo que pudesse, de facto, ser construído.

Superstudio foi um estúdio radical que é conhecido, principalmente, pelo conceito de Monumento Contínuo, um elemento bruto que atravessa o território. Conhecido como um *grid* que, ao criar um espaço neutro, era colocado sobre uma paisagem existente, representa um espaço disperso, mas funcional e livre para todos, criticando os absurdos ao planejamento urbano contemporâneo.

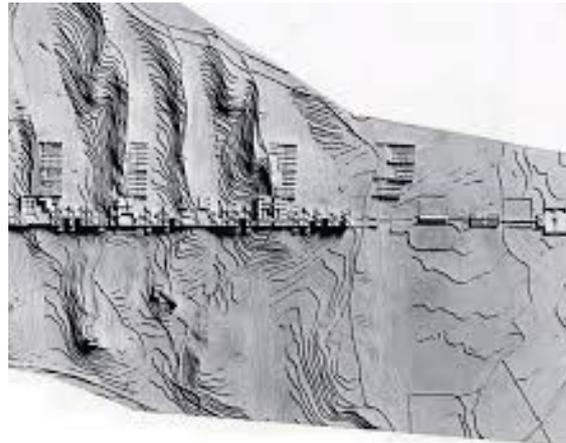
Estas ilusões são fundamentais para o projeto, devido a criar uma imagem, um sonho para além da realidade, que permite ir além do óbvio. A criação do próprio monumento contínuo, como uma superestrutura, um elemento presente no território.

Adolfo Natalini e Cristiano Toraldo di Francia, apoiados em fotografias preexistentes, subverteram a impessoalidade da arquitetura moderna e da falta de diálogo desta com a realidade social sob forma de fotomontagens irónicas. Estas representações empurravam os preceitos do modernismo ao absurdo e vislumbravam não imaginar uma cidade *ideal*, mas escancarar a realidade sugerida para as cidades europeias naquele contexto histórico e evidenciar os limites dos princípios arquitetónicos modernos.

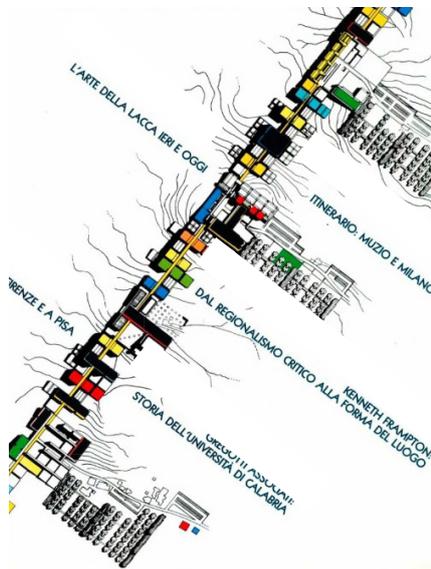
37

O Monumento foi criado como uma estrutura capaz atravessar e intersear o mundo, vencendo qualquer território. Funciona como a criação de um layer, mantendo os outros layers existentes com aberturas, onde aparecem as torres da cidade.

É uma visão de liberdade total.



38



012. Maqueta Università delle Calabrie. Gregotti Associati.
Cosenza, Itália. 1973

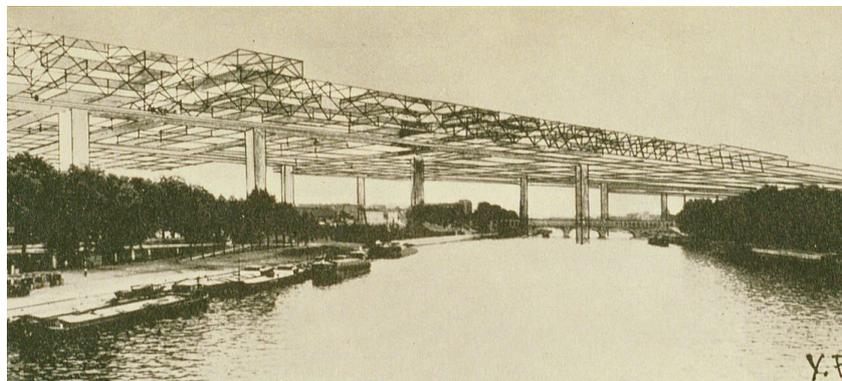
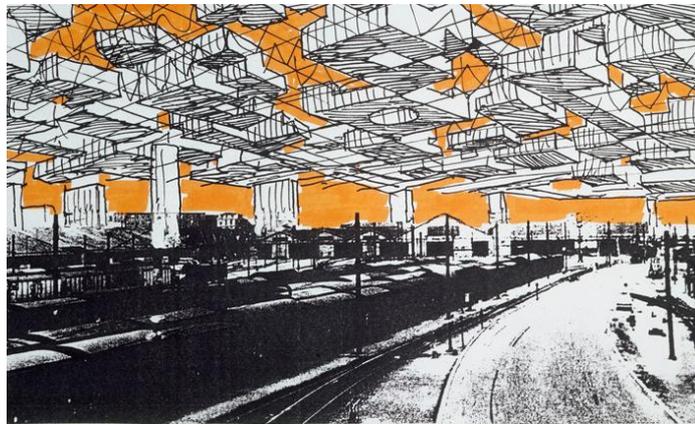
013. Domus n° 637. Università delle Calabrie. Gregotti Associati.
Cosenza, Itália. 1973

A Universidade da Calábria é uma das construções macroestruturais italianas mais importantes da segunda metade do século XX.

Considerado também um exemplo de monumento contínuo, este é uma Megaestrutura construída sobre uma terra de vales e colinas, com um eixo principal (pedonal e viário), que conecta os edifícios, ou seja, estes edifícios estão dispostos ao longo de uma ponte suspensa.

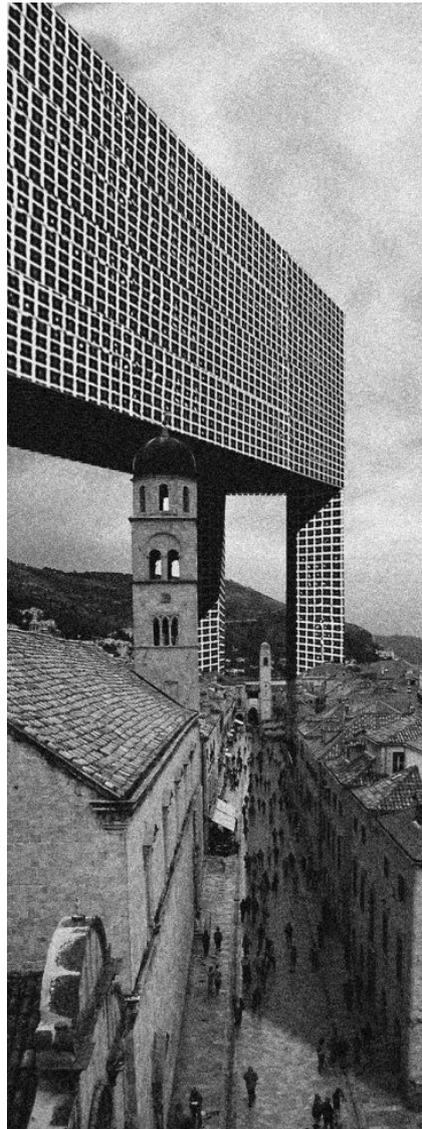
39

O campus tem como objetivo definir a espinha da cidade. Revê-se na proposta para a ribeira de Santarém, a criação de um eixo.



012. Yona Friedman, Ville Spatiale, 1958
013. Yona Friedman, Ville Spatiale, 1958

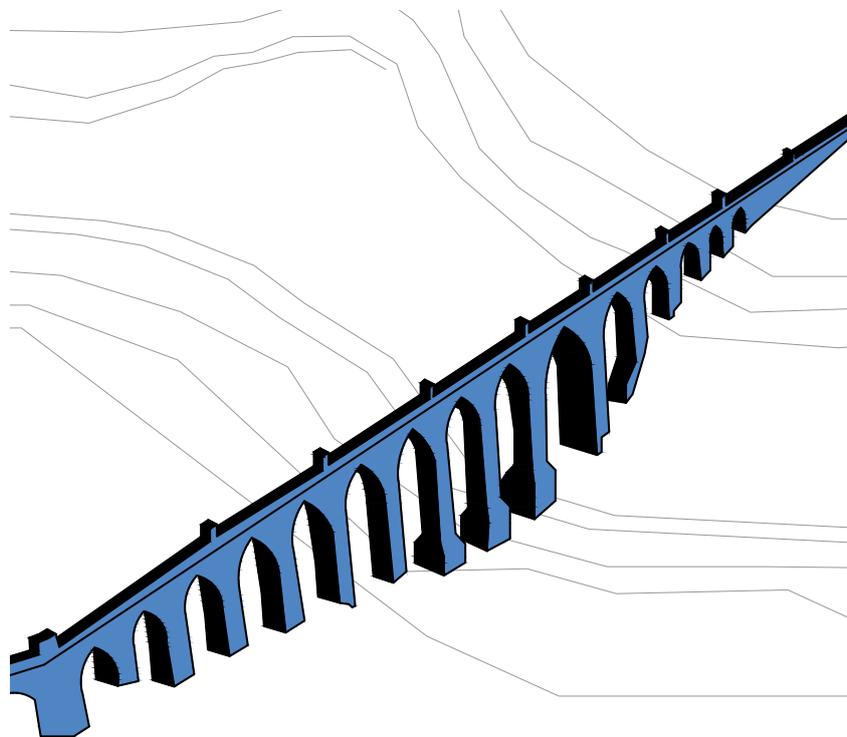


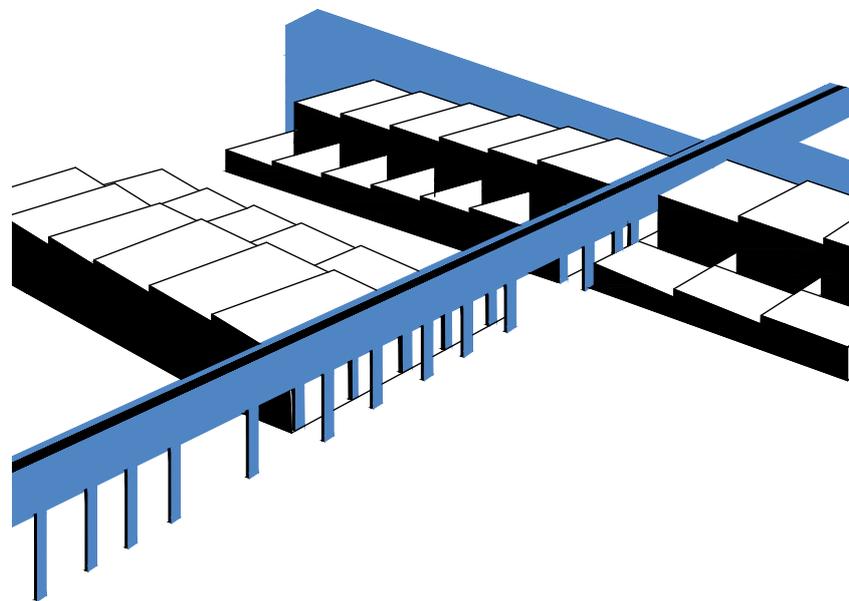


As cidades têm sido alvo de uma profunda metamorfose ao longo da história, quer decorrente da sua extensão e densidade, quer das alterações das redes de circulação e do seu espaço público.

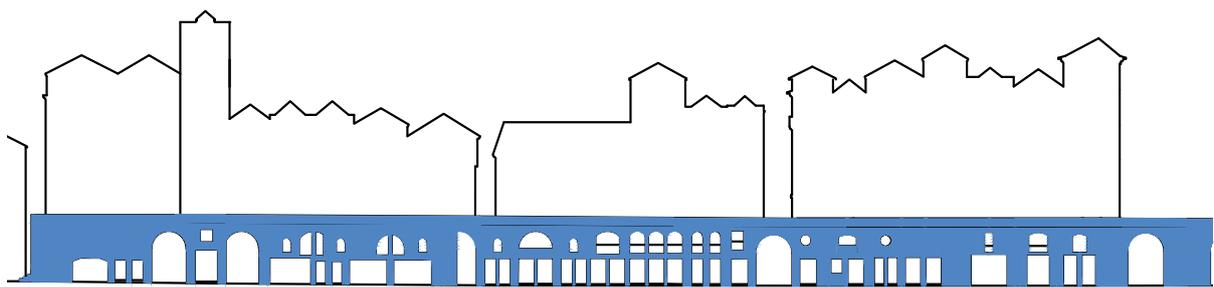
(Tellier, 2009)

As cidades estão em constante transformação, de modo a responder às necessidades dos habitantes. As pessoas mudam, as cidades mudam, os tempos mudam mas, nunca se esquece o que lá existiu. Com o passar do tempo, a cidade acaba por crescer sobre si mesma.

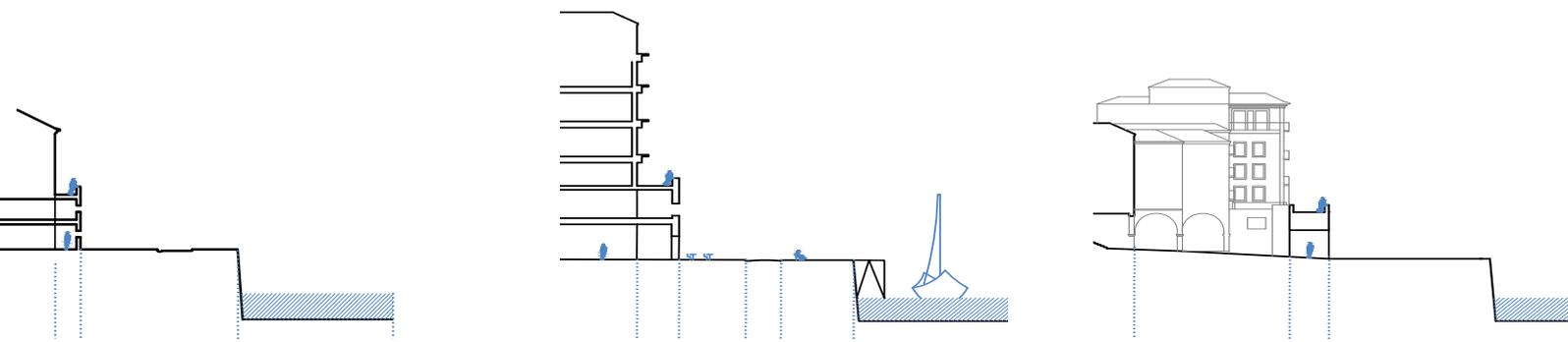




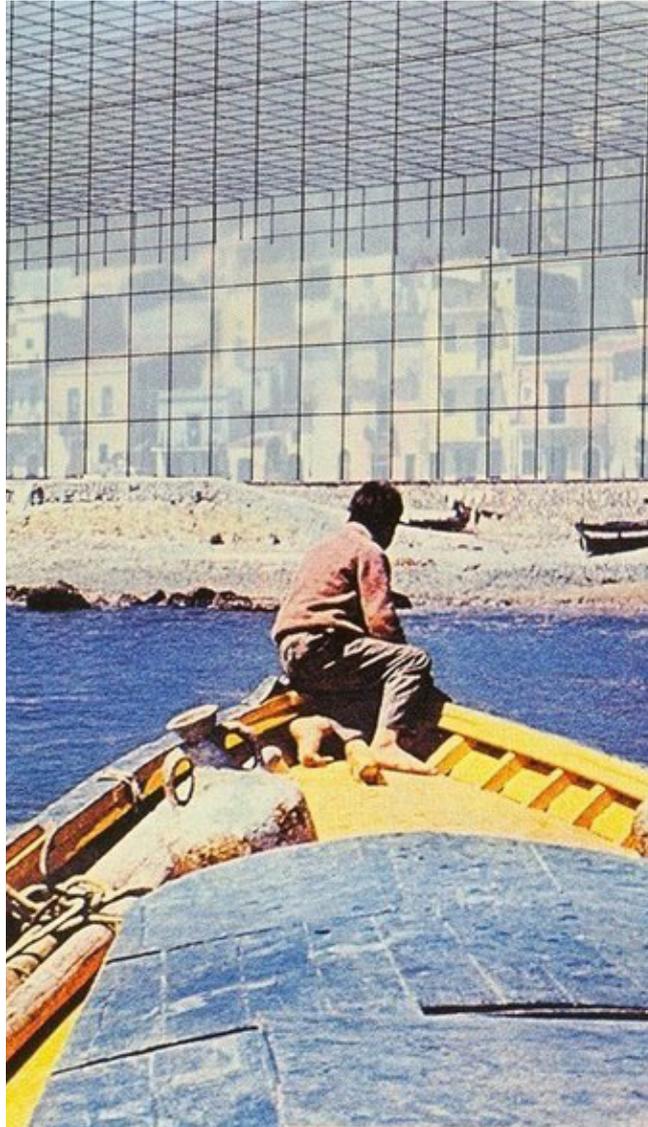
46



O Limite.



019. secções muro da ribeira, porto

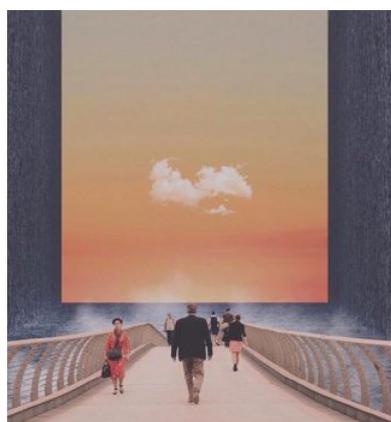
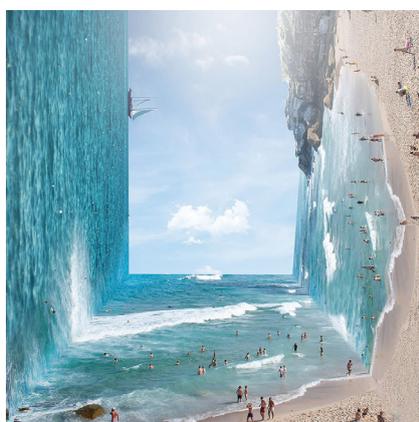


O limite, é entendido como uma linha. Não passa de um espaço vazio.

o limite não significa o final de algo, mas precisamente o contrário, onde a essência das coisas começa

Heidegger, Martin. 1951





022. Jati Putra, Ocean air salty hair 023. Jati Putra. 1920

024. Jati Putra. 1920

Através do Surrealismo, o artista altera a percepção do espaço, alterando os planos, tornando o limite uma continuidade.

O limite é reconhecido como uma entidade.

É onde tudo converge, é o estatuto de ponto de encontro.

A ideia de limite construído, não é entendida como uma separação, não é um fim encerrado, é um espaço transitável.

Tal como o horizonte, uma continuidade ou transição.

Entender o limite como um elemento natural, como o rio ou o mar, que representa a divisão entre dois planos.

As cidades desenvolveram-se como um lugar isolado. Um limite territorial, não no sentido de barreira, mas uma delimitação de territórios. Atualmente, esse limite é criado pelo Homem, pelas frentes de água nas cidades, tornando-o numa barreira que separa a água da terra. As tais, cidades de costas voltadas para o rio.

Este toque no rio, o faz com que as cidades se tornem especiais e as cidades com frentes de água têm essa particularidade, destacando-se das outras.

Com esta ideia de limite, surge o conceito de muro e a necessidade de



025. Muro Ribeira, Porto. Fotografia de Carlos Relvas. 1865
026. Muro Ribeira, Porto. Fotografia de Teófilo Rego. 1950

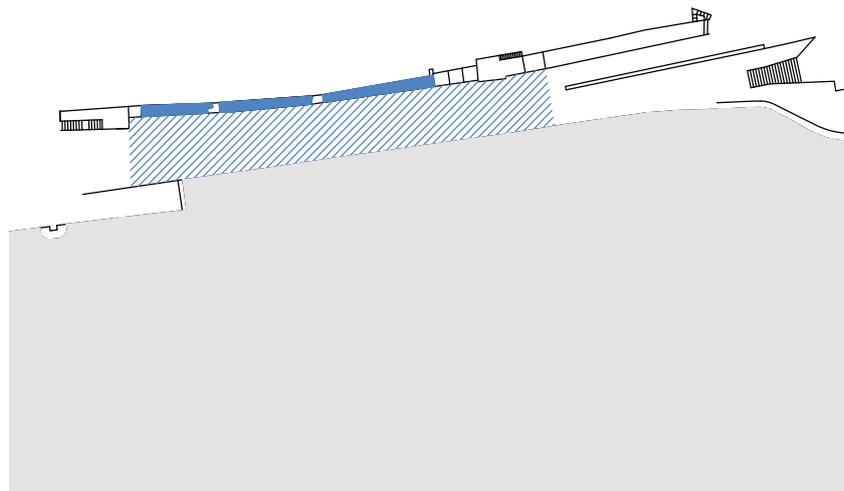
Situado na ribeira da cidade do Porto, na margem norte do rio Douro, esconde-se no meio de esplanadas e bares procurados pela população. O Muro da Ribeira foi em tempos um traço de muralha fernandina edificada entre 1368 e 1437, foi edificado com o objectivo de substituir a cerca-alta medieval que separava a Praça da Ribeira e o Rio Douro.

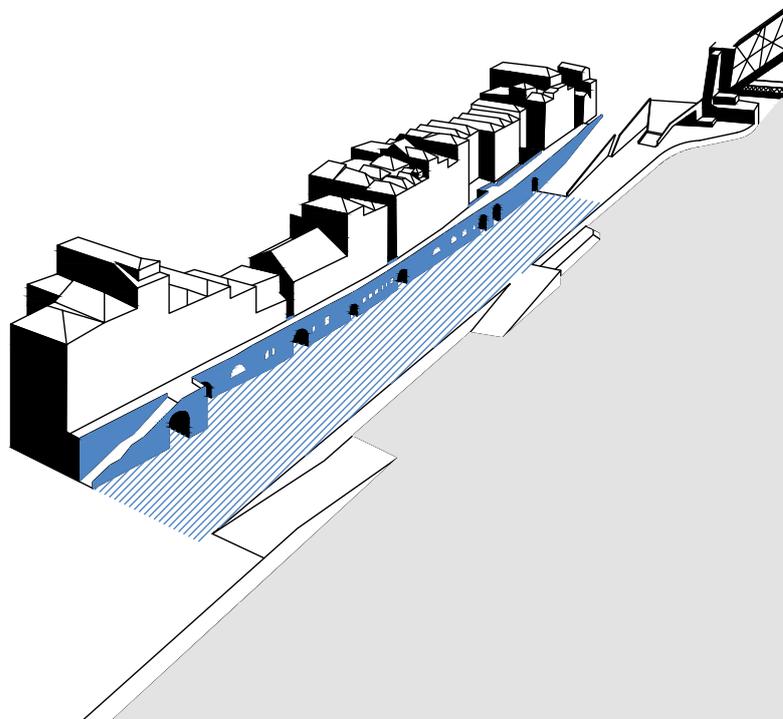
- O muro como um novo elemento urbano,
- O muro como um arruamento,
- O muro transformando o seu *limite* e, preservando a sua memória.

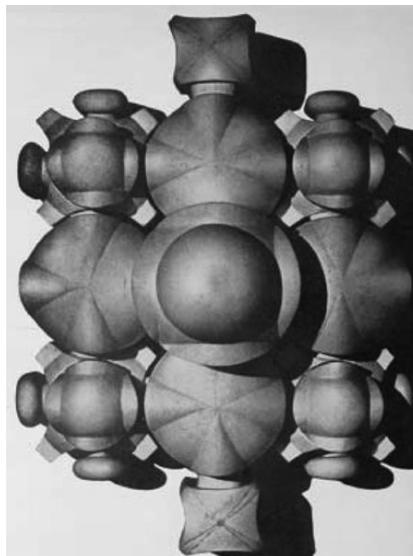
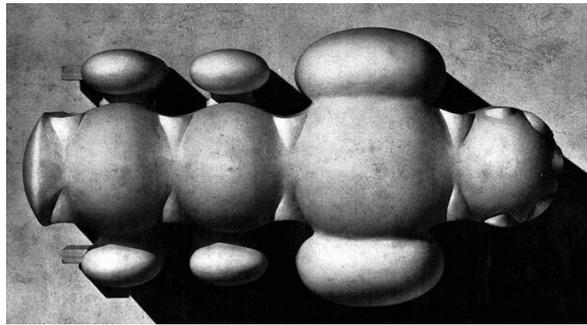
55

É uma ribeira, um lugar de trocas e agitação urbana, chegada e largada de pessoas, de mercadorias, como do típico vinho do porto. É o lugar do comércio e do mercado, de encontros e desencontros.

56







cheio/vazio, negativo/positivo.

Luigi Moretti, no artigo *Strutture e Sequenze Di Pazi*, entende o vazio como um cheio. Deste modo, o espaço interior é o positivo e o muro o negativo. Nesta forma de ver a arquitetura, olhando apenas para o interior que molda e caracteriza o espaço e, ignorando a espessura e o contorno exterior.

Na planta de Roma de Nolli, as áreas privadas são representadas a preto, destacando a branco o espaço público, como os elementos urbanos da cidade, as praças, as ruas ou os templos e as igrejas.

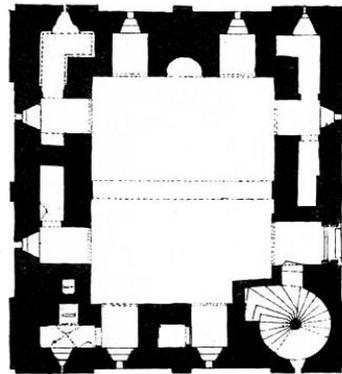
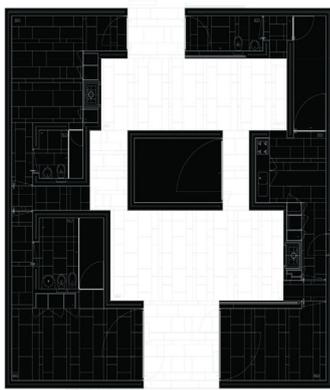
O cheio e o vazio, o negativo e o positivo, reinterpretam as ligações de relação entre os espaços exteriores e interiores, entre os espaços privados e públicos.

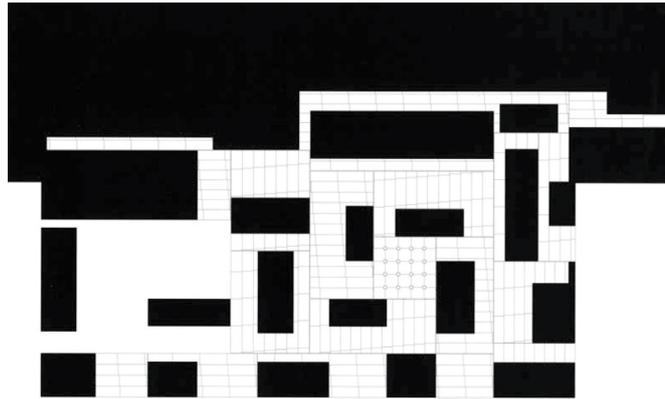
Para Louis Kahn, o muro é muito mais do que uma massa sólida. É um espaço apropriável, é um limite habitado.

59

O muro romano é um limite de massa grosso. Espaço massivo. A massa converte-se no espaço, negativo, do volume interior.
(SORIANO, Frederico. 2000, p.16)





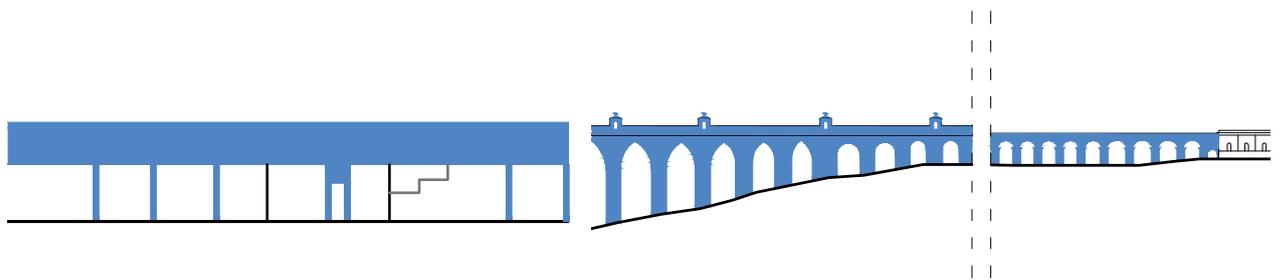


034. planta que ilustra o *muro habitado*. Peter Zumthor. Termas de Vals, Suíça.1996
035. relação cheio vazio. Peter Zumthor. Termas de Vals, Suíça.1996

Estudou-se, as Termas de Vals, que idealizam uma plena experiência sensorial, projetada por Peter Zumthor. A complexa relação de luz e sombra ou de espaços abertos e fechados, é de extrema elegância.

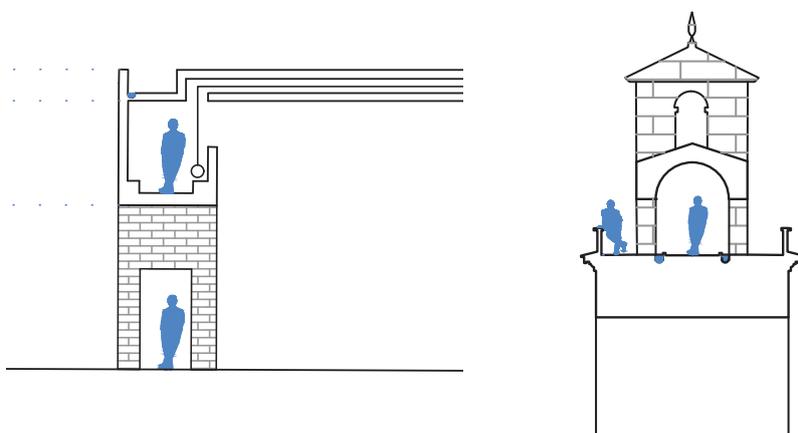
A ideia de *muro habitado* reflete-se neste caso, a forma como Zumthor trabalha os cheios e os vazios e a relação destes espaços com a água. Este caso é fulcral para o projeto, no sentido em que um dos objetivos passa pela criação de uma estrutura/percurso, *muro habitado*, que estabelece a ligação de um ponto ao outro na cidade.

64



A Água.

65



038. aqueduto da malagueira. 039. aqueduto de lisboa.

a água é o princípio de todas as coisas

a terra flutua na água

a arché é a água

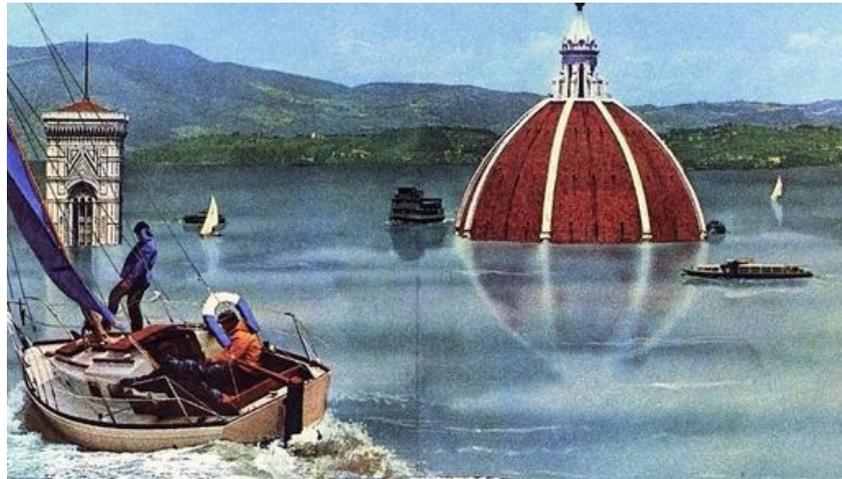
(Tales de Mileto. 623-548 a.C.)



As frentes de água das cidades portuárias, eram locais de grande atividade, devido às ferrovias para transportes de mercadoria, ao cais e aos armazéns.
(VIEGAS, Luís, BRANCO, Miguel, GRANDE, Nuno.1997, p.10)

A água serve de instrumento de conceção, não só paisagística como aquitetónica, pelas práticas funcionais e, pelas características formais que alcança aliada à luz, como a transparência e o reflexo. Destaca-se como um dos elementos naturais que permite a afirmação da arquitetura no espaço, capaz de proporcionar a perceção da matéria que nos rodeia. Confere ainda qualidade ao ambiente inerente ao espaço, controlando características como o som e a temperatura.

Na obra de Gaston Bachelard, evidenciam-se algumas destas configurações, como é o caso da pureza associada à transparência da água e, a horizontalidade inerente à água.











74

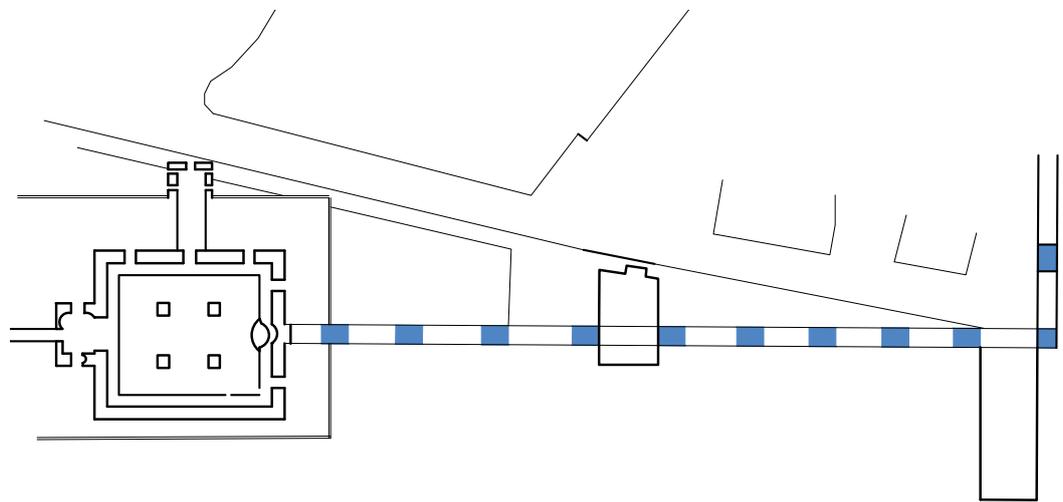


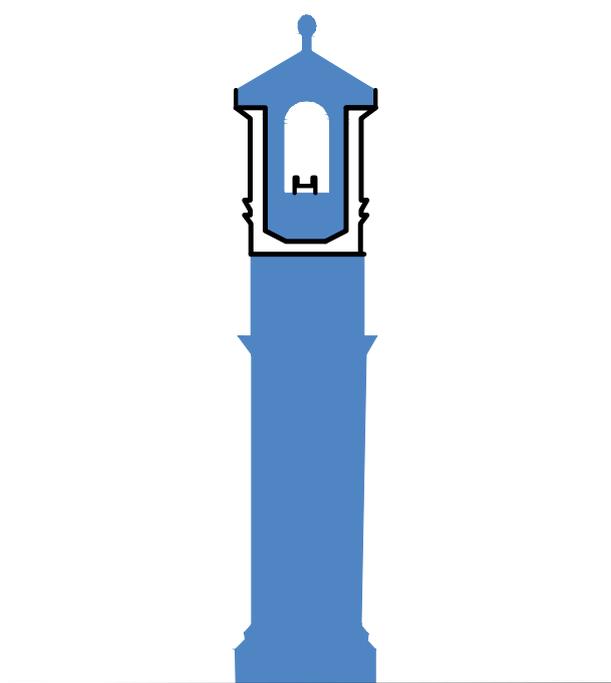
O Aqueduto das Águas Livres constituiu um sistema de transporte e captação de água. Abasteceu a cidade de Lisboa a partir de 1748, tendo sido mandado construir com o propósito de fornecer água à cidade.

Uma estrutura composta por um troço principal (desde Mãe de Água Velha a Mão de Água das Amoreiras), com galerias de distribuição, para abastecer chafarizes na cidade. As águas chegavam ao reservatório da Mãe de água das Amoreiras, através de uma rede de abastecimento que o aqueduto formava. Em tempos passados, também constituía uma ponte de acesso à cidade, onde existiram dois passeios, conhecidos como o passeio dos Arcos.

Obras como o Aqueduto das Águas Livres, Mães de Água, reservatórios, galerias, chafarizes e bicas, que abasteciam Quintas e Palácios Reais, redefiniram a estrutura da cidade e o modo como esta se relaciona com a água. Hoje em dia, muitos destes objetos arquitetónicos, encontram-se obsoletos ou desapareceram. A riqueza arquitetónica destas elementos e a sua importância no território é inevitável.

76







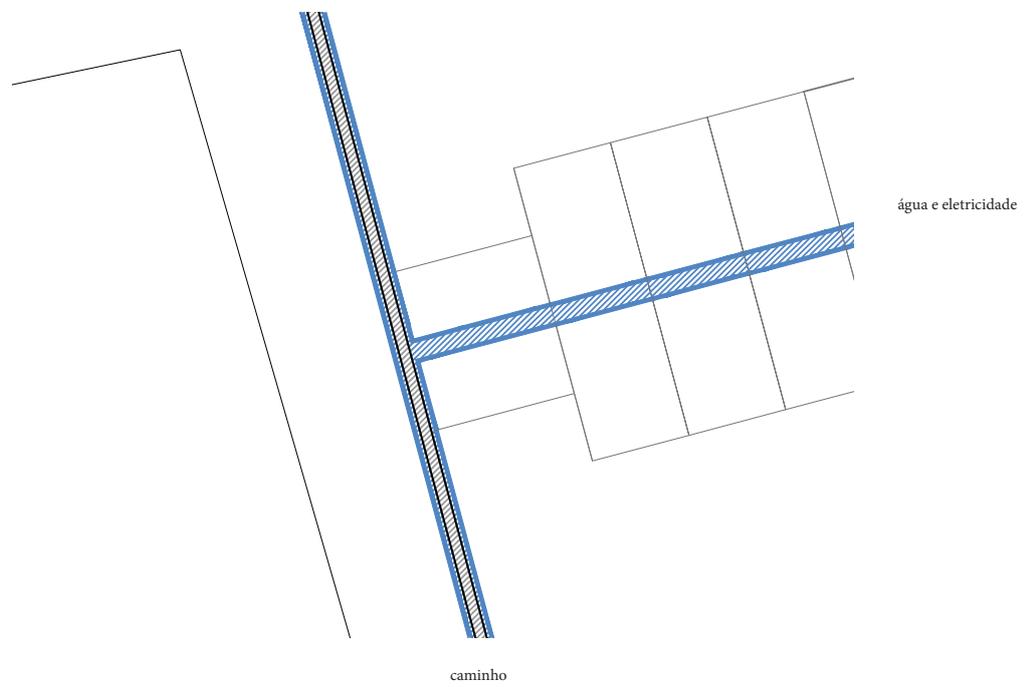
Surge, então, o caso do aqueduto *contemporâneo* de Siza Vieira na Quinta da Malagueira em Évora. Esta estrutura, que se desenvolve ao longo do conjunto habitacional da Malagueira, para além de albergar todas as condutas técnicas necessárias, para água e distribuição elétrica, serve como uma cobertura. Desenvolve-se como um forte elemento urbanístico que une formalmente o aglomerado de fileiras de casa, organiza o espaço conferindo-lhes uma grande dimensão, criando espaço público ao seu redor.

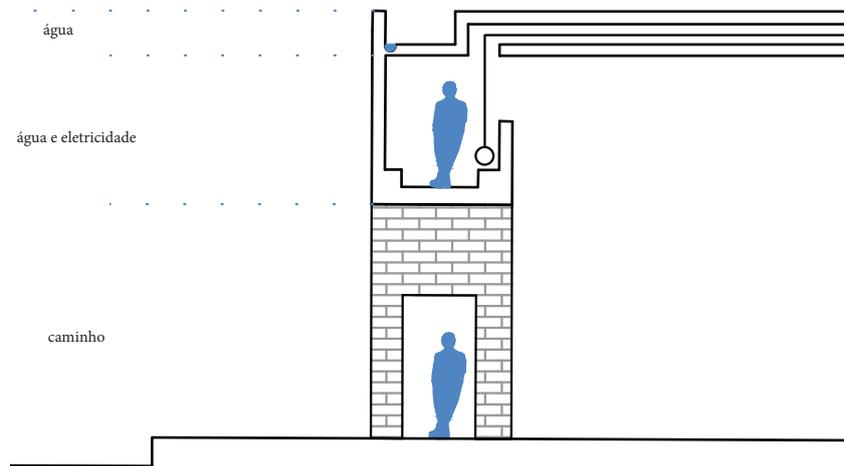
79

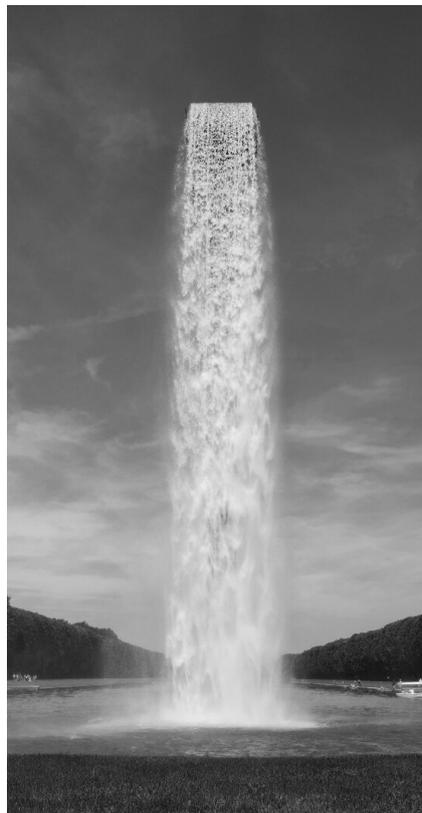
O arquiteto recuperou a antiga ideia de aqueduto e criou o *esqueleto* do bairro, que é a conduta.

A ideia de aqueduto é fundamental no projeto, devido à criação de um percurso da água, através das linhas de água existentes e momentos propostos, tratados mesmo como um aqueduto, ao longo da ribeira de Santarém.

80









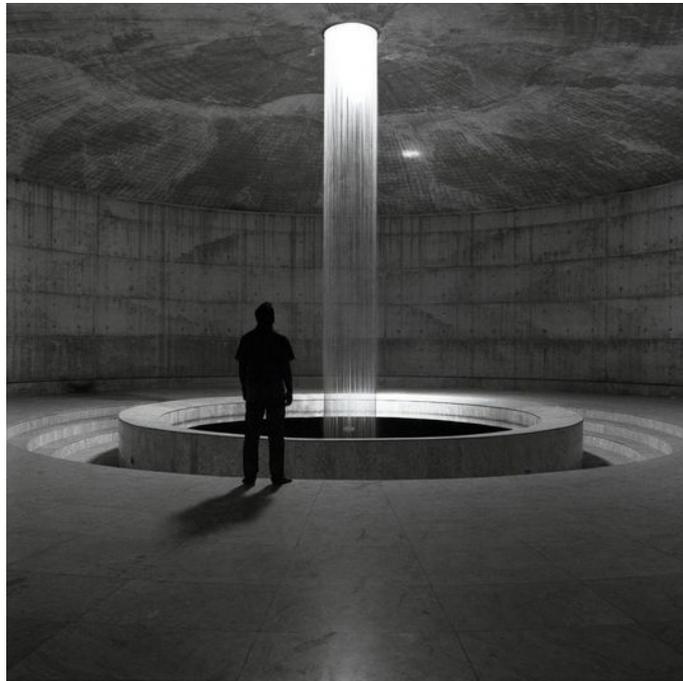


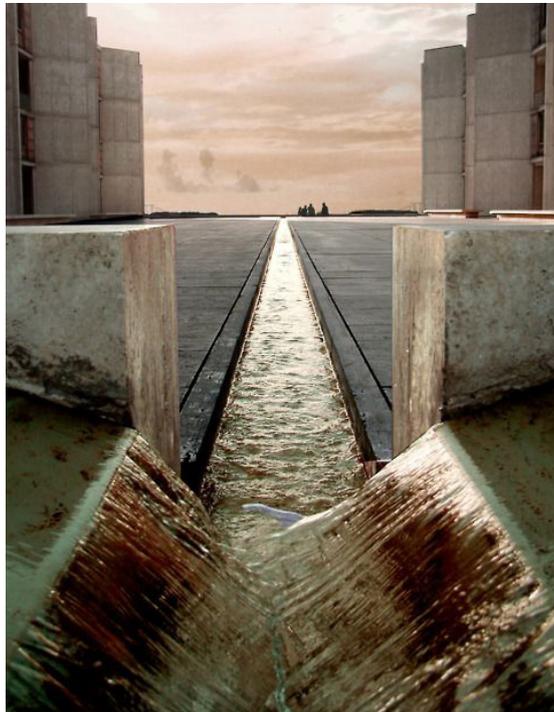
A água, um dos elementos principais no desenho do projeto, convida à contemplação da paisagem. Este elemento, que desperta os sentidos e, ao mesmo tempo, evoca uma dimensão poética e imaginária. Os seus reflexos, as suas transparências, a sua frescura e o seu som vêm manipular o espaço e explorar os sentidos de quem o sente.

85

transparência, fluidez e pureza









A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza. Que seria da ideia de pureza sem a imagem de uma água limpa e cristalina.

(Bachelard, 1998, p.15).

O seu valor imaginário e poético.

Este elemento natural, tem um papel importante no universo da arquitetura. Sendo este elemento suficiente para qualificar o espaço, pode-se assumir como um elemento construído no espaço arquitetónico.

90

Da água, produzem-se espaços e arquitetura líquida, produzem-se percursos que despontam novos entendimentos acerca do sentido do lugar associados a essa água que vive e deixa viver.

a água expressa emoções líquidas

Abordar esta temática, tanto da *utopia* como da *água*, é imaginar e refletir. Como uma atmosfera, uma atmosfera de fascínio estimulante à conceção de um imaginário associado a este elemento, que é a água.

O Homem é movido por uma série de sentimentos e emoções, que

despertam em si uma imensa vontade de (re)viver. Estas experiências, estas sensações, estes momentos de devaneio e momentos de reflexão que a água evoca.

É a presença da água que transforma e reestrutura o lugar num novo ambiente natural, onde a paisagem e o elemento líquido estabelecem um vínculo sólido e contínuo pelo equilíbrio e serenidade da água (Bachelard, 1997).

Esta água que é um bem essencial à vida humana, é também estruturadora do tecido urbano. Esta água que cria limites quando flui num rio e, que pode gerar espaços quando nasce de uma fonte ou chafariz.

91

Com isto, é essencial conhecer o conceito de *ribeira*, a formulação deste conceito enquanto lugar urbano, decorre da noção cidade-porto associado ao cais. O significado da ribeira, radica numa utilização do lugar de transição entre a terra e a água. A ribeira pode ser entendida como um interface da cidade ou o lugar de chegada e de partida, um espaço de trocas. (Fernandes, 2014)



064. Peter Zumthor. termas de vals, suíça.1996
065. Peter Zumthor. termas de vals, suíça.1996
066. mãe d'água das amoreiras.

As águas termais fascinam; curiosamente compostas, estranhamente coloradas, são “outras”. Os gregos e os romanos consideravam-nas remédios universais.

(...) Forças obscuras parecem animar estas águas que surgem das trevas: elas regeneram, simbolizam a vida. A atração que inspiram fez crescer uma vasta cultura.

O termalismo implica «águas especiais», no entanto o respeito que inspiram não se justifica somente pelas suas qualidades terapêuticas. «Tomar» estas águas significa também entrar em contacto com um tempo arcaico.

(Moldoveanu, 1999)



concluiu-se que...



A ideia de *muro habitado* de Peter Zumthor, juntamente com o muro da ribeira; o aqueduto das águas livres e a conduta da malagueira.

desde o real ao sonho...

Todos poderão ser nomeados de monumento contínuo como o caso do Superstudio, o verdadeiro sonho, a partir duma ideia do imaginário.

a partir do monumento contínuo, os três casos reais...

o aqueduto das águas livres, no qual era feito não só o abastecimento de água na cidade, como existia um caminho no topo do mesmo, chamado o passeio dos arcos.

o aqueduto da malagueira, uma conduta infraestrutural, amarrado a habitações para que seja feita a distribuição de água e eletricidade.

o muro da ribeira, uma infraestrutura existente adaptada às novas realidades. Um muro com diversas funções, que se enquadra na vida urbana do sítio.

Cada caso revela uma identidade própria e uma presença fundamental no território, todos ajudam no funcionamento destes lugares.

Considerados Megaestruturas, estes casos contribuem para a realização do projeto final de mestrado.

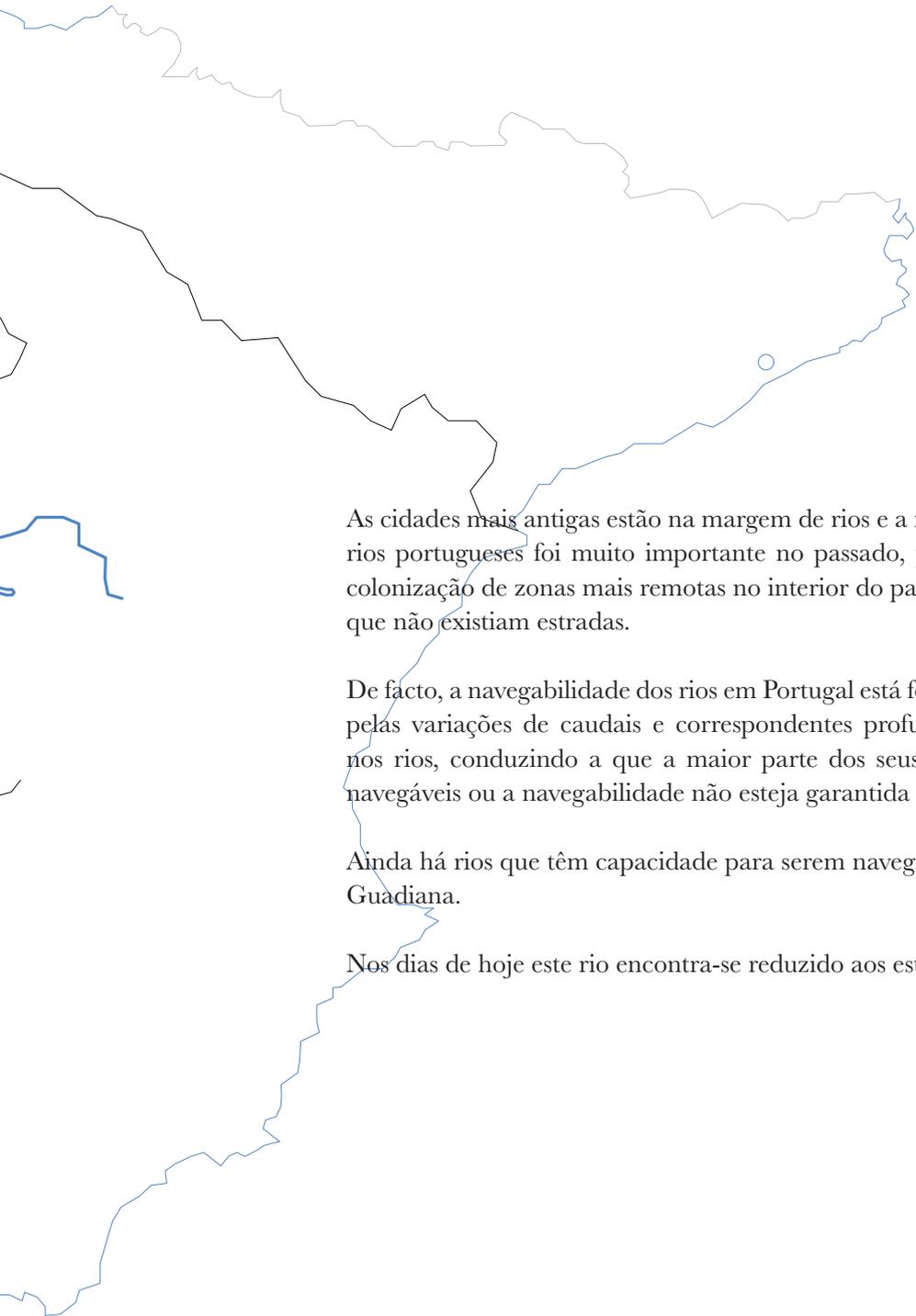
A relação com o rio (muro ribeira) e a distribuição da água até às termas (conduta/aqueduto).

3. O sítio (real) .1 o tejo

Santarém é um distrito com uma forte ligação ao Tejo, havendo uma grande relação entre o rio e a população. No Verão, beneficia de uma grande variedade de culturas agrícolas, bem como de praias fluviais e locais turísticos de rara beleza. Contudo, no Inverno, as cheias frequentes constituem um grave problema para muitas pessoas, havendo mesmo algumas localidades que ficam completamente isoladas e privadas do essencial.



50km



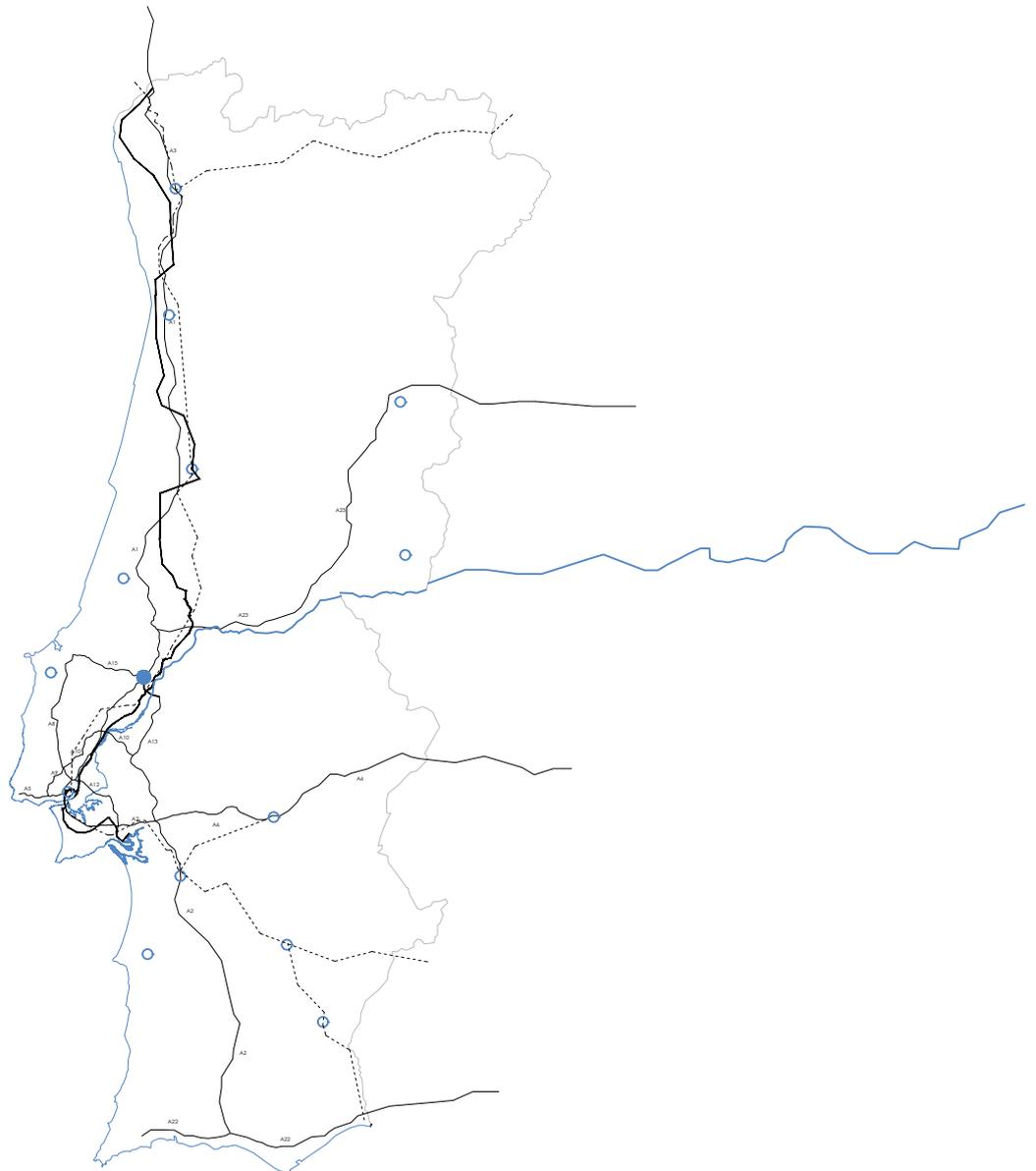
As cidades mais antigas estão na margem de rios e a navegabilidade dos rios portugueses foi muito importante no passado, porque permitiu a colonização de zonas mais remotas no interior do país, numa altura em que não existiam estradas.

De facto, a navegabilidade dos rios em Portugal está fortemente limitada pelas variações de caudais e correspondentes profundidades de água nos rios, conduzindo a que a maior parte dos seus troços não sejam navegáveis ou a navegabilidade não esteja garantida de forma regular.

Ainda há rios que têm capacidade para serem navegáveis, do Douro ao Guadiana.

Nos dias de hoje este rio encontra-se reduzido aos estuários.

100



50km









o tejo...

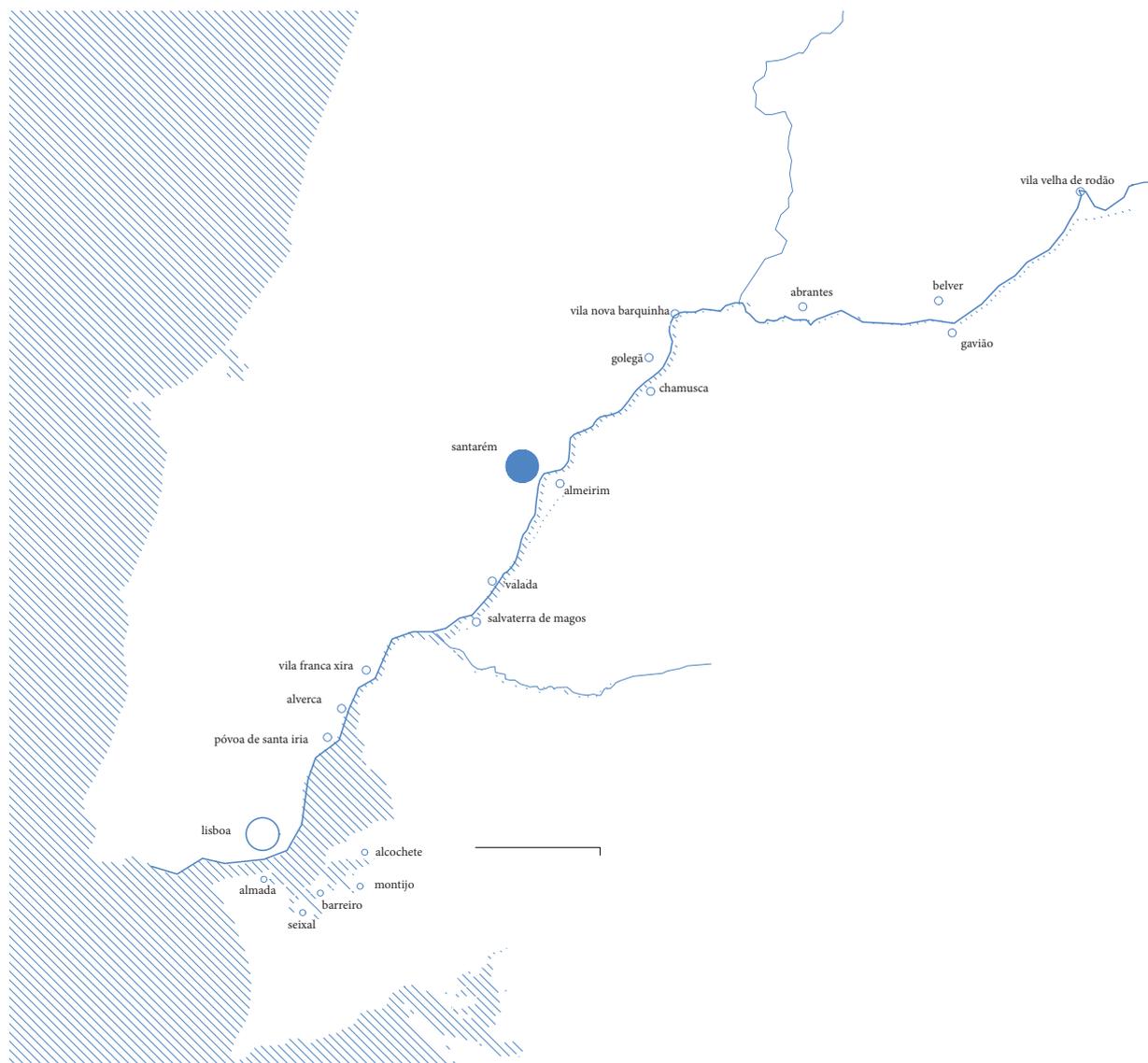
o maior da península ibérica; espinha dorsal que divide o território português em duas partes: Norte e Sul

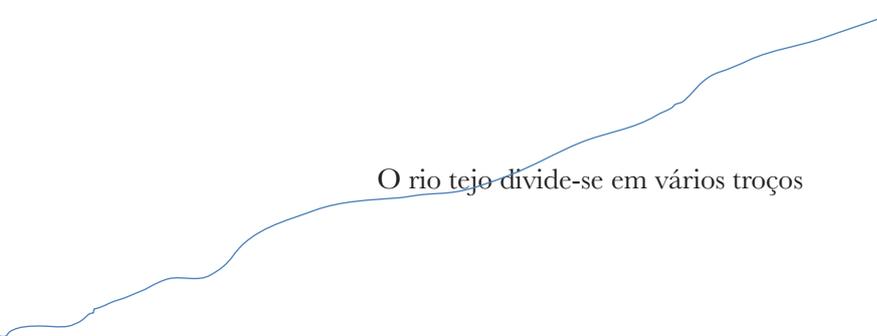
O rio Tejo nasce na serra de Albarracín, em Espanha, e desagua no oceano em Portugal, nomeadamente em Lisboa. Atravessando a fronteira e formando o estuário em Lisboa, este rio percorre 1.100km.

O rio Tejo foi um elemento fulcral, sendo o porto de abrigo sublime da cidade de Lisboa que fê-la emergir e crescer. Foi o curso mais importante para a troca de produtos entre Lisboa e o interior. Os habitantes viviam e sentiam o rio como um mar interior enquanto as águas do Tejo inundavam as margens dos vales.

Foi das margens ribeirinhas estuarinas do Tejo, mais concretamente nas proximidades do Mar da Palha, que Lisboa nasceu, evoluiu e elevou-se com as condições geográficas necessárias e favoráveis ao desenvolvimento de uma urbe de excelência.

A bacia hidrográfica do Tejo é terceira mais extensa da Península Ibérica, e o seu curso tem uma extensão de 1007 km.





O rio tejo divide-se em vários troços

o baixo Tejo
entre Constância e Vila Franca de Xira, onde as marés se fazem sentir,
onde a pesca fluvial é a atividade principal.

o Tejo médio
entre Vila Velha de Rodão e Constância, onde o rio atravessa largos
campos, tendo ainda uma navegação permanente e regular dedicadas à
distribuição de produtos locais e regionais até Lisboa.

o alto Tejo
entre o Alto Alentejo e a Estremadura espanhola, aqui as embarcações
são praticamente inexistentes e não existem núcelos ribeirinhos.

o estuário do Tejo

a zona dos mouchões, onde ainda existem alguns avieiros. Onde é feito o transporte de mercadorias, com embarcações de Vila Franca de Xira.

108

o mar de palha

a zona mais larga do estuário, de difícil navegação. Todas as povoações ao redor do Mar da Palha são ligadas à atividade náutica.

a foz e a embocadura do Tejo

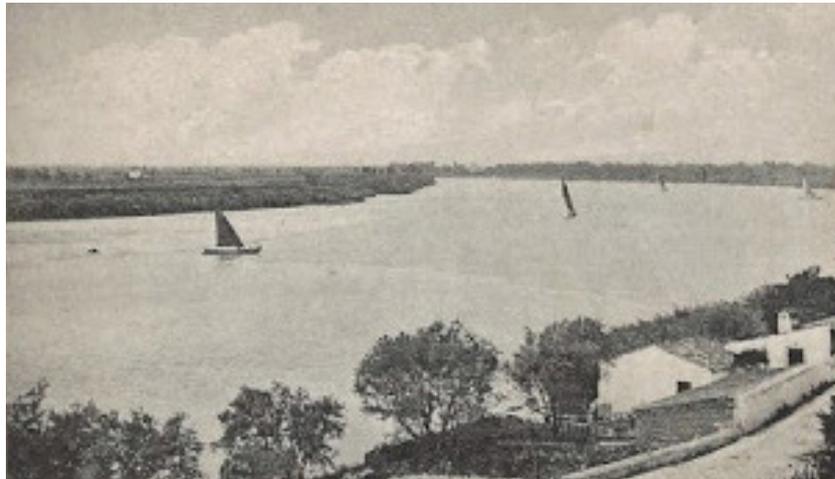
embocadura é conhecido como a zona entre cabos, entre o Cabo Espichel e o Cabo Raso, dedicado à pesca marítima.

As cheias podem alcançar uma altura de 7 metros em Santarém, ligadas à passagem de depressões sobre a Península, com chuvas muito intensas e concentradas, durante dias, que bruscamente fazem crescer e extravasar os rios.



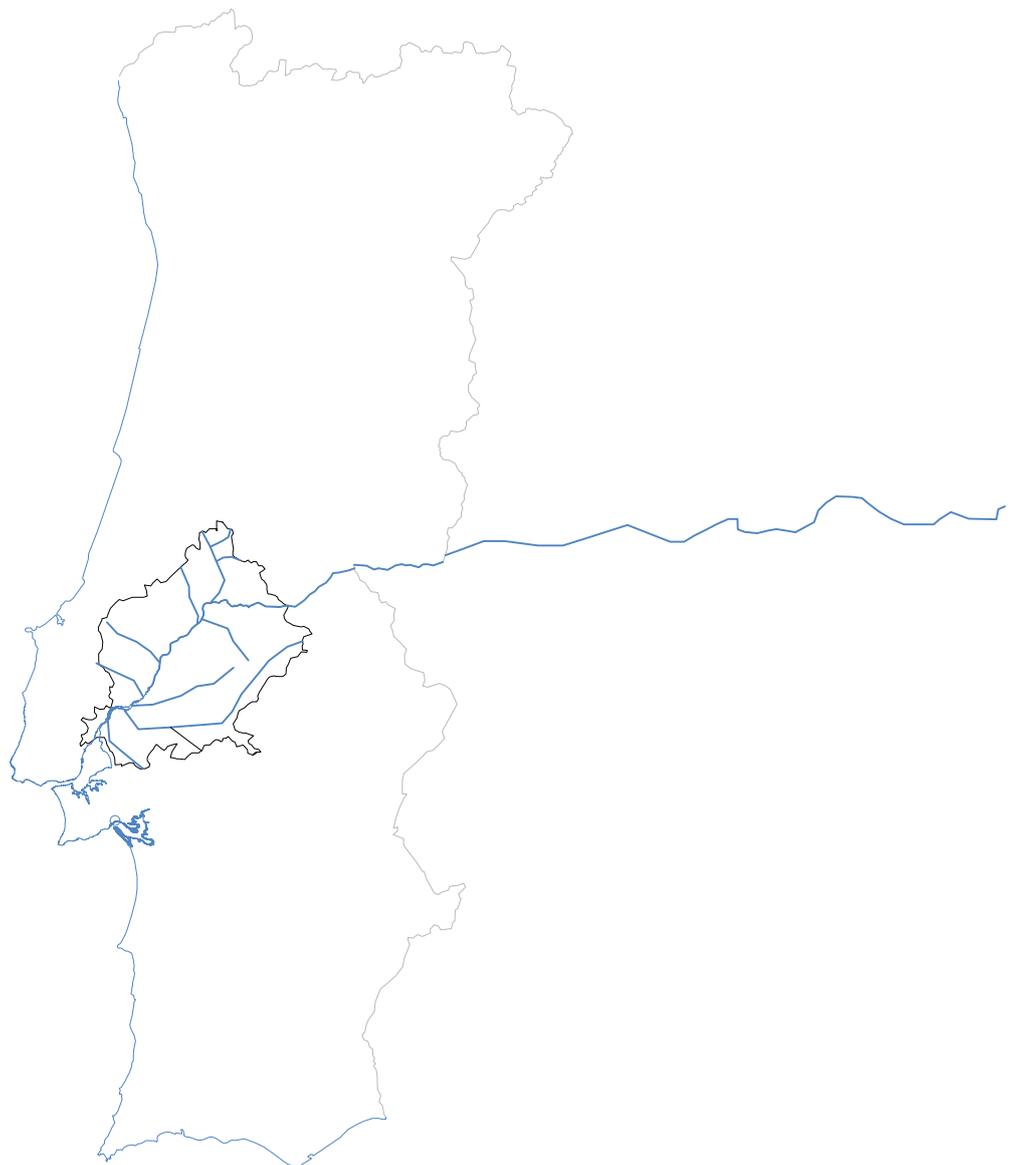












50km



20km



Santarém situa-se na província do Ribatejo, na Lezíria do Tejo. Santarém conta com cerca de 57.398 habitantes (2018). Tendo vindo a perder população ao longo dos tempos, sendo a população residente maioritariamente idosa.



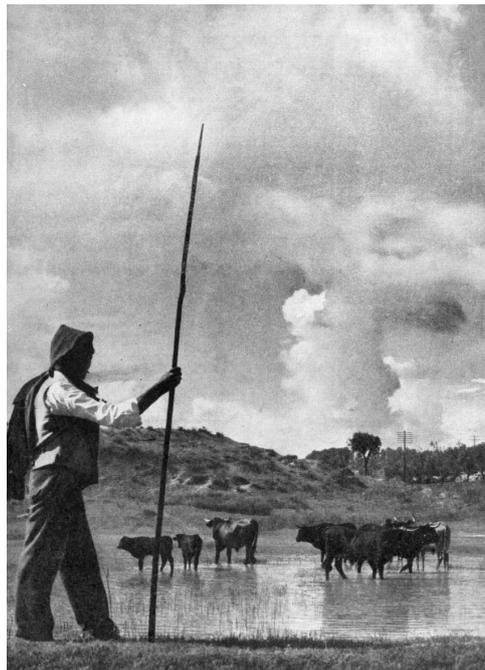
A lezíria ribatejana é a região onde mais se nota a influência do Tejo a nível rural. Santarém, lá no alto, vigia a planície e os humores do rio, que transborda sempre que chove mais um pouco e inunda ciclicamente os campos ao longo das suas margens, por vezes, até mais do que o desejável. Por aqui encontram-se vinhas, pinhais e olivais, cultivam-se o arroz e os legumes, há pomares e uma vasta área de montado.

A Lezíria corresponde às planuras inundáveis da margem direita do Tejo e do curso inferior dos seus principais afluentes. Constitui-se de aluviões modernos profundos e férteis, de elevada produtividade. Predominam os cereais (trigo e cevada), a vinha e o milho. A água é aqui um expressivo modelador da paisagem, sendo as cheias um factor limitante ao uso da terra.









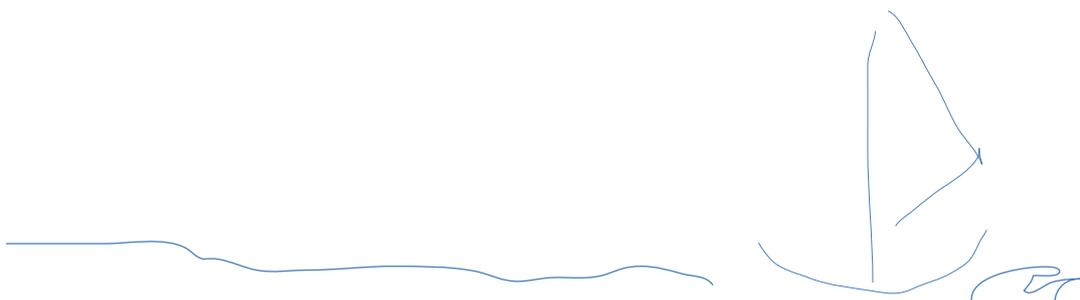








.2 a chegada à cidade





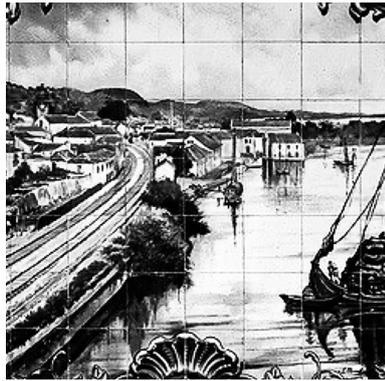


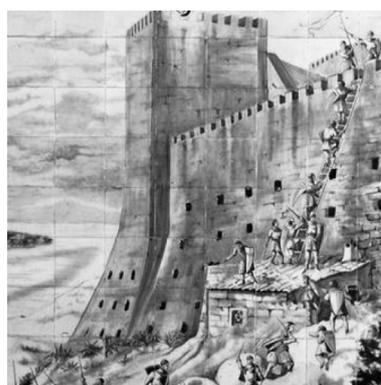
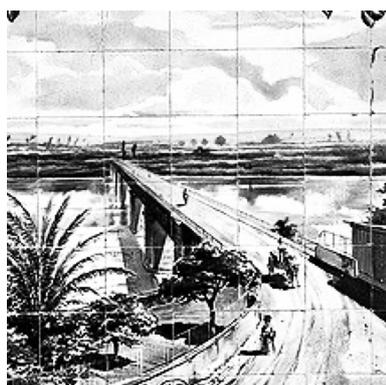




101. o rio e o centro histórico









Quando o rio chega a Vila Franca de Xira, já atravessou a fronteira ao longo dos dois parques naturais fronteiriços do Tejo Internacional; já as Portas de Ródão e banhou Abrantes e Constância (onde encontra o Zêzere, o seu principal afluente), a partir de Vila Nova da Barquinha espalhou-se nas férteis planícies da Lezíria do Ribatejo, por entre as aldeias ribeirinhas de casas palafíticas dos pescadores avieiros, e serviu de guia à história da cidade de Santarém.

Santarém chegou a ter acesso direto ao mar através da navegabilidade do Tejo, nesses tempos a chegada à cidade podia ser feita através de barco. Localizada sobre uma elevação, a sua situação geográfica confere-lhe pontos de vista, para Norte e Nascente, de inegável beleza.

143

A nível do sistema rodoviário e ferroviário, a cidade é ligada à capital e ao norte do país, através da autoestrada A1 e outras autoestradas e IP's que dão acesso aos principais núcleos urbanos da região. Nos núcleos de Alfange e Ribeira (zona baixa da cidade), existe a presença da linha ferroviária que liga Lisboa à cidade e se prolonga até ao norte do país.

Esta cidade que, dista apenas 82km de Lisboa, revela uma certa proximidade entre as duas cidades.

.3 a cidade

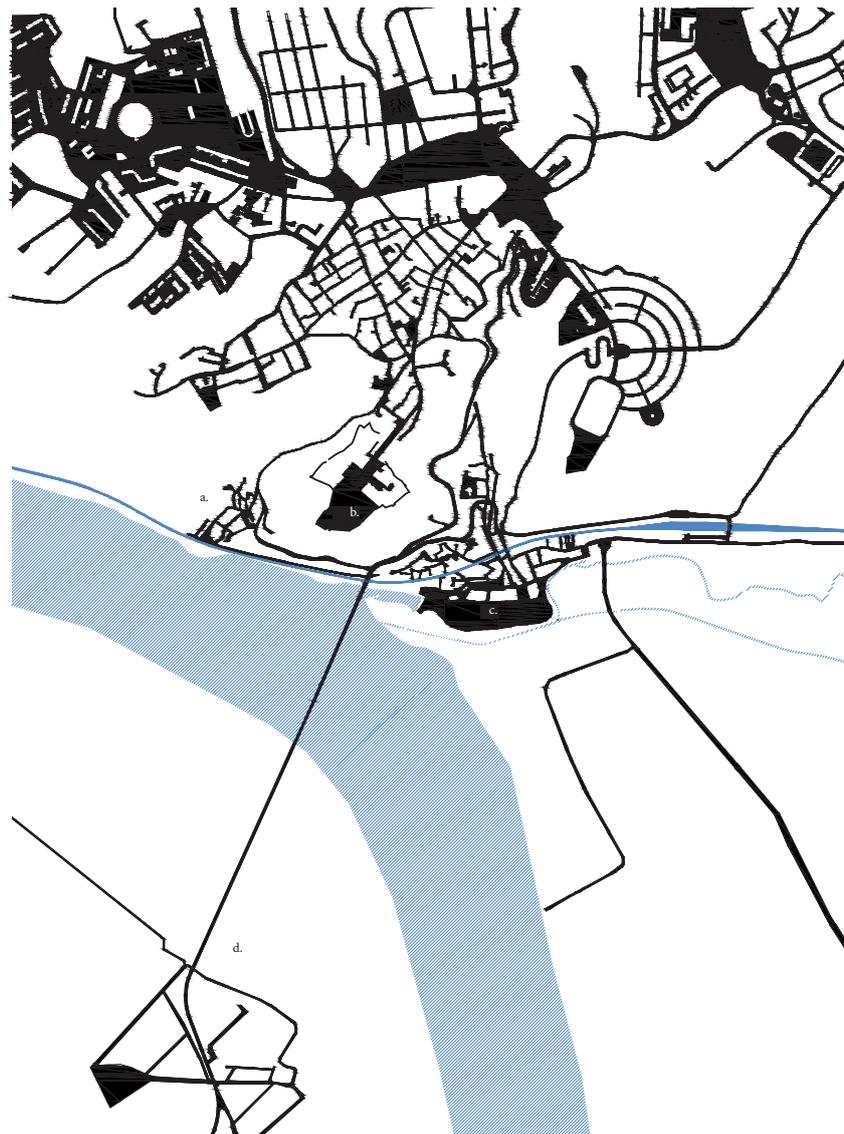
a forma da cidade e dos seus elementos urbanos



a.

b.

c.



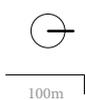
200m

- a. alfange
- b. planalto
- c. ribeira
- d. almeirim

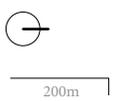
109. traçado urbano da cidade de santarém.

a linha da água

148



100m



111. hidrografia da cidade de santarém.



150



112. tecido da cidade de santarém.



- a. praça de toiros
 - b. sé catedral de santarém
 - c. escola prática de cavalaria
 - c1. convento de são francisco
 - d. igreja de santa clara
 - e. igreja santa maria de marvila
 - f. igreja de santa maria da graça
 - g. chafariz de el-rei
 - h. igreja sta. maria da alcáçova
 - m. cemitério dos capuchos
 - i. igreja de sta.cruz
 - j. igreja sta.iria da ribeira
 - k. igreja são joao evangelista alfange
 - l. fábrica alfange
- alfange ribeira
planalto



200m

113. edificado singular na cidade.

A cidade de Santarém ergueu-se na margem direita do rio Tejo.

152

Santarém, que foi a *Scallabis* romana e mais tarde uma Taifa (principado muçulmano independente) do Al-Andalus até ser conquistada por D. Afonso Henriques, é uma cidade pequena mas com um enorme e variado património cultural e monumental, sendo considerada a *capital do gótico* em Portugal.

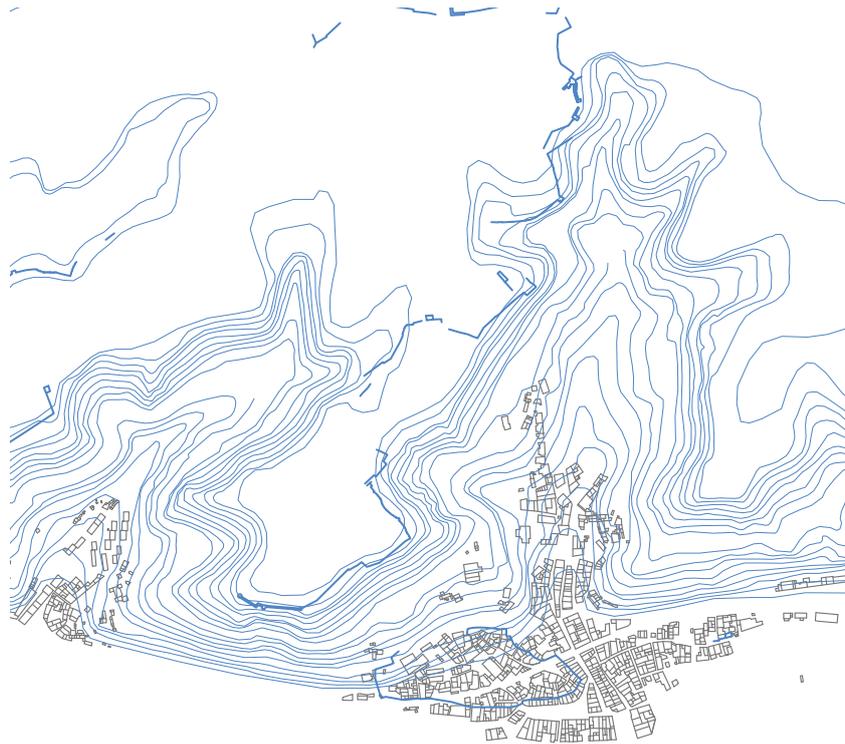
Junto à margem do rio, a presença do Homem deu origem a dois núcleos, a Ribeira de Santarém e Alfange. Santarém está ligado à outra margem, através da ponte D. Luís que separa estes lugares. A relação destes com o centro histórico é muito significativa, articulando-se através de uma rede de percursos que vencem as diferenças de cota.

A cidade de Santarém ergue-se num planalto rodeada da Alcáçova, Capuchos, Outeiro da Forca, Sacapeito, S. Bento, Senhora do Monte, e Monte dos Cravos, que são o conjunto dos cumes. É por culpa do seu passado e história que é chamada de a *Capital do Gótico*. O estilo gótico na cidade passa despercebido, mas encontram-se enúmeros vestígios espalhados pela cidade que remontam a esse estilo.

A cidade de Santarém é rica em edificado singular, estes edifícios encontram-se espalhados pelo planalto e pela baixa ribeirinha. A maioria destes edifícios, tanto na alta como na baixa, são edifícios religiosos.

As muralhas que vão surgindo em fragmentos pontuais na cidade também contam um pouco da sua história. É no Miradouro das Portas do Sol, onde há tempos existiu um reservatório de água, que esta muralha está mais presente. Atualmente, o reservatório de água encontra-se junto ao Bairro de São Bento, este estaria ligado à estação elevatória que se encontra perto da Estação de Comboios.

156



os vales na cidade...



A localização e a relação com o rio Tejo, bem como as características do território tornam esta cidade particular, que se destaca através da margem e da formação do planalto que se eleva. Erguida entre vales e promontórios, desde o contraste entre o planalto e a planície, passando pelos vales e ribeiras que correm em direção ao rio.

Santarém, foi um lugar de defesa e ataque para aqueles que queriam invadir Lisboa. Com um perímetro muralhado da cidade, o Castelo era parcialmente defendido pela muralha e por dois bairros ribeirinhos, a Ribeira e a Alfange.

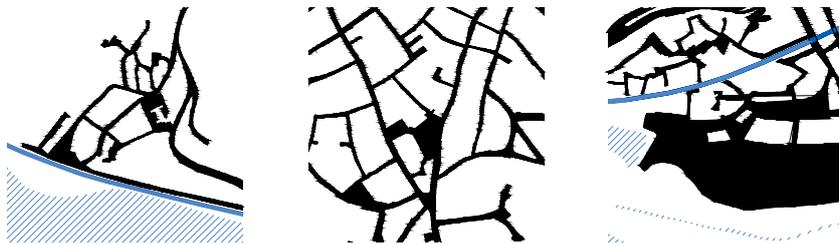
157

As muralhas apresentavam sete rasgos de portas correspondentes às sete vias de acesso à povoação.

Desde 1837 as muralhas e portas da cidade começaram a ser gradualmente destruídas, seja pelo tempo, seja pela Câmara Municipal de Santarém, com vista à construção de estradas, do caminho de ferro ou de jardins e pelo crescimento urbano.



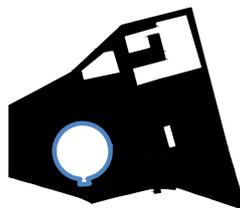
as amostras dos três núcelos



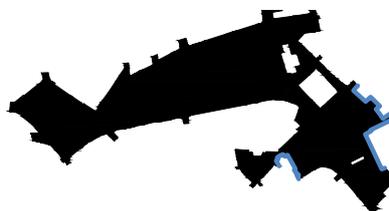
116. amostra alfange. 117. amostra planalto 118. amostra ribeira

A cidade apresenta-se um pouco fragmentada com amostras diferentes de traçado urbano que se cosem através de vias e espaços públicos estruturantes que hierarquizam o centro histórico da cidade.

campo emílio infante da câmara.



jardim da liberdade.



160

portas do sol.



oliveira marreca.



padre chiquito.



as praças na cidade...



praça toiros



escola prática cavalaria



igreja sta. maria

161

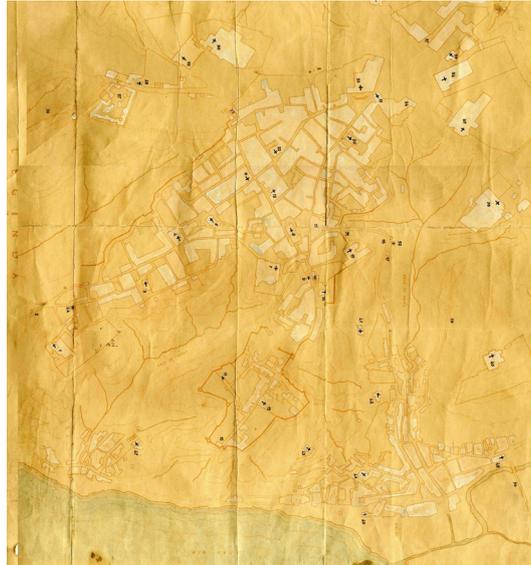


adega



fábrica sabão

162



1700



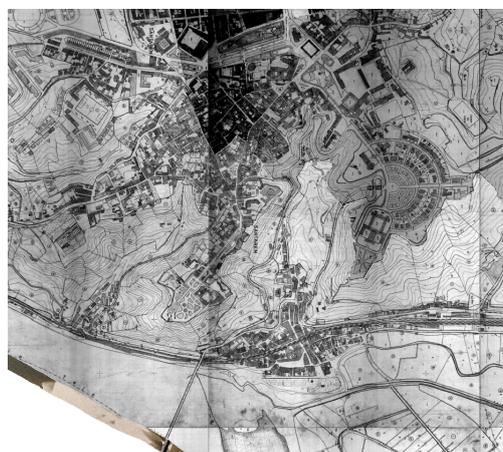
1801

122. cartografia de santarém, século XVIII.
123. cartografia de santarém, século XIX.



1856

163

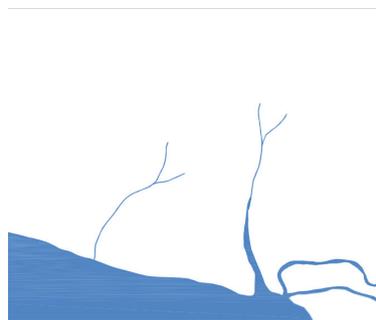


1960

a evolução histórica...

124. cartografia de Santarém, século XIX. possível troço da linha de caminho de ferro
Após a inauguração do primeiro troço do Caminho de Ferro do Leste, até ao Carregado em 1856, vários municípios da região Oeste defenderam que a Linha do Norte devia continuar pelo litoral, uma vez que as regiões do interior já dispunham de vias de comunicação através dos eixos fluviais, como o Tejo no caso de Santarém.

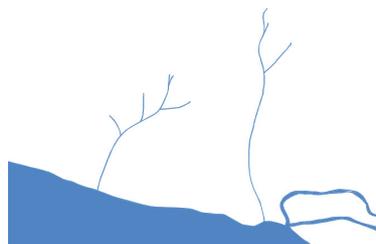
125. Cartografia de Santarém. 1960



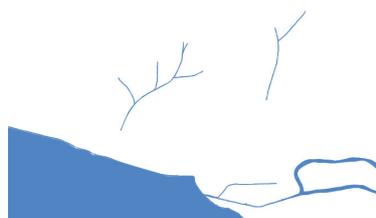
714-1147



século XII



século XV



século XVIII



2020



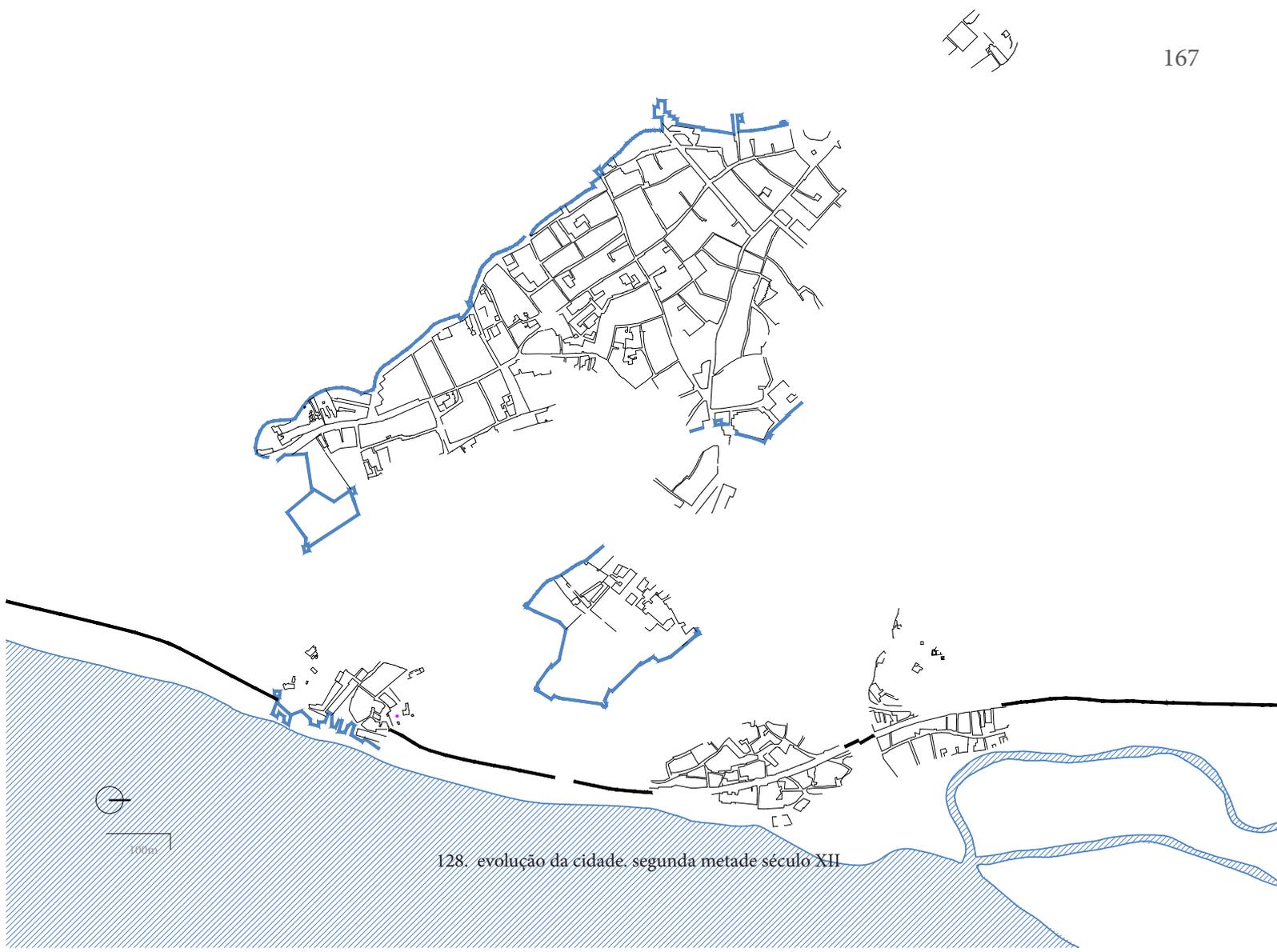
165



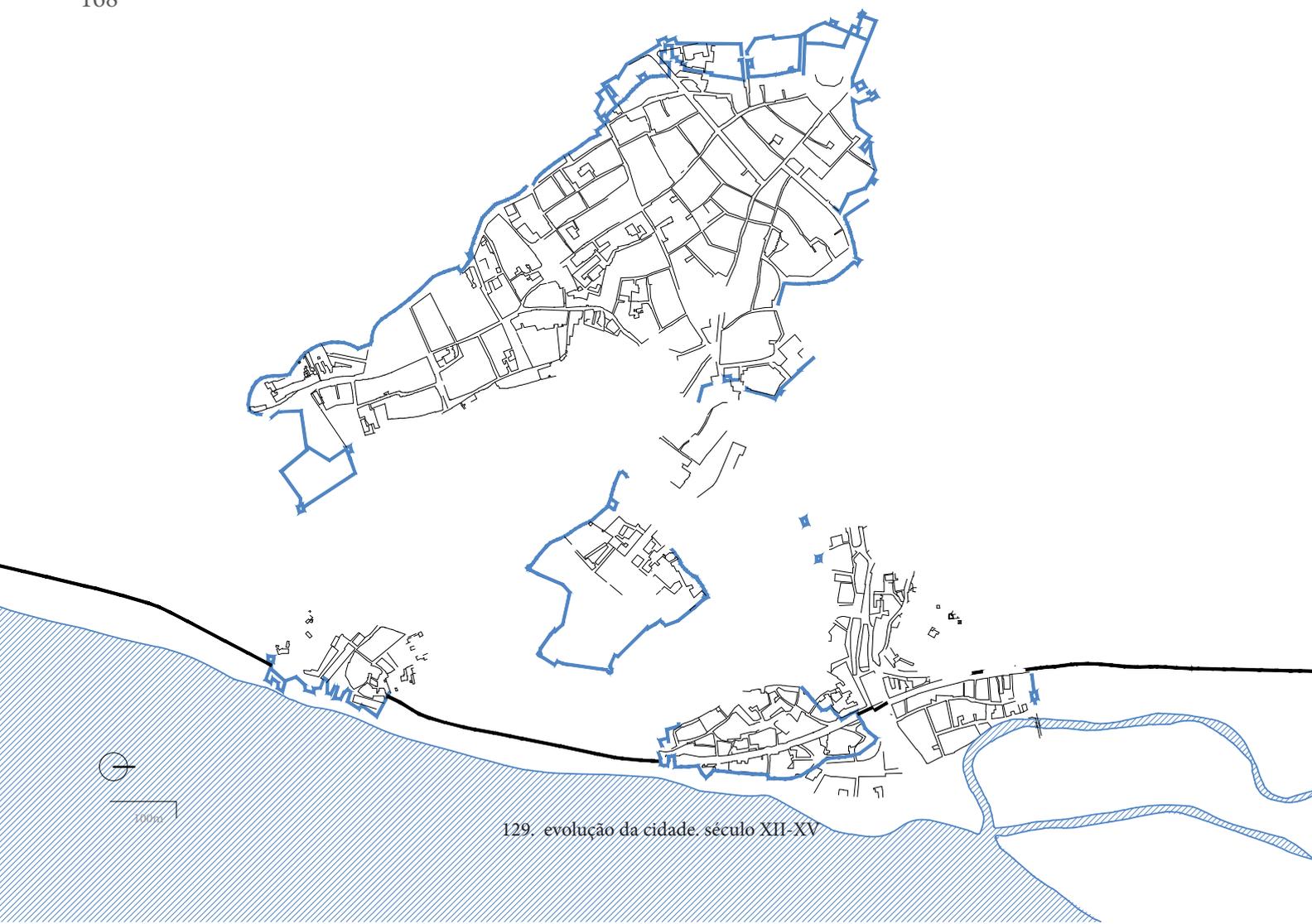
126. vila de santarém, meados do século XIX.
126. vila de santarém, século XXI.



127. evolução da cidade. época islâmica. 714-1147



128. evolução da cidade. segunda metade século XII



129. evolução da cidade. século XII-XV



130. evolução da cidade. finais século XVIII

crê-se que a ocupação de Santarém remonte ao século VII a.C.

A conquista romana da cidade inicia-se em 138 a.C com a fortificação de Lisboa (*Olisipo*). Foi então que em 61 a.C, Júlio César montou um acampamento romano militar em Santarém, e nesta altura a cidade era chamada de Scallabis Praesidium Iulium. A decadência do Império Romano faz com que a cidade seja conquistada bárbaros e visigodos.

170

A forma da cidade baseava-se em 3 grandes núcleos. A Alcáçova que era a zona fortificada (atual Jardim das Portas do Sol), o acampamento romano, que viria a ser a zona urbanizada da cidade, e depois o portus romanus de Alfange e Ribeira de Santarém.

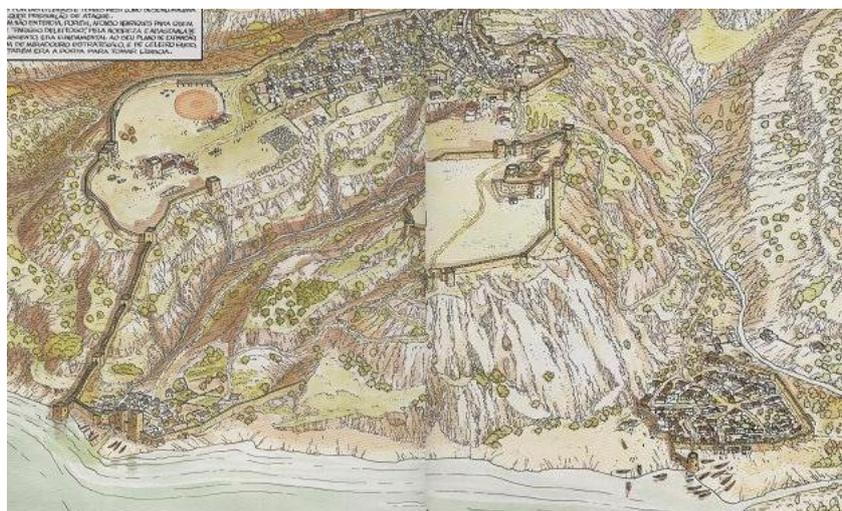
É desde estes tempos que existe a divisão entre a cidade alta e a cidade baixa. A cidade baixa é considerada a porta da cidade.

Foi durante a ocupação Islâmica que a urbe conheceu uma fase de expansão.

Com o seu desenvolvimento, formaram-se novos perímetros, sendo exigido que fossem preenchidos espaços com edificações, que sem obedecerem a um traçado pré-definido estabeleceram uma nova via que assumiria uma lógica urbana. Foi neste tempo que o porto de Alfange, se desenvolveu e ganhou uma maior importância.

A cidade começou a funcionar como um todo, com diferentes núcleos com características espaciais específicas. Neste período, o Rio Tejo era navegável e continuava a ser o elemento de defesa e via de comunicação.

A localização estratégica da cidade de Santarém, torna-se a característica mais favorável para a época em questão, uma vez que a principal preocupação, passava pela expansão do território.



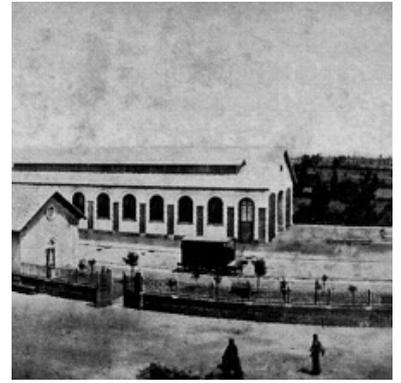


a linha da água

174

os fragmentos do tempo da cidade...

1870



1914



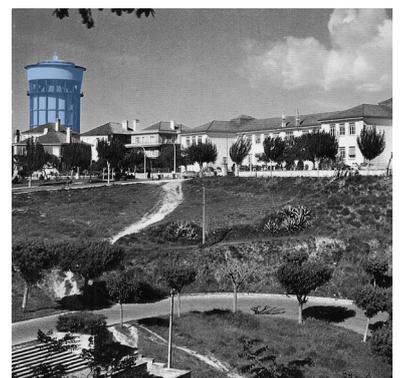
1940



1941



1960



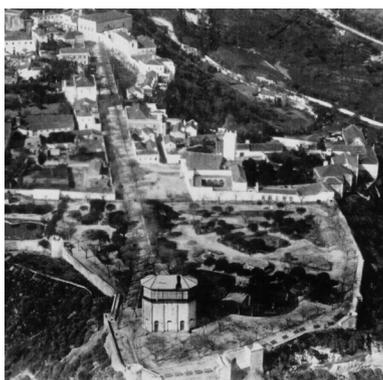
- 132. 1870. estação caminho ferro
- 133. 1914. ribeira
- 134. 1940. ribeira
- 135. 1941. ponte d.luís
- 136. 1960. repositório d'água



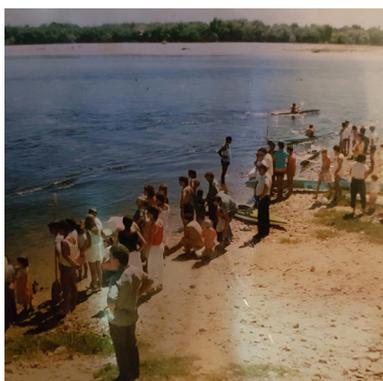
início séc. XX



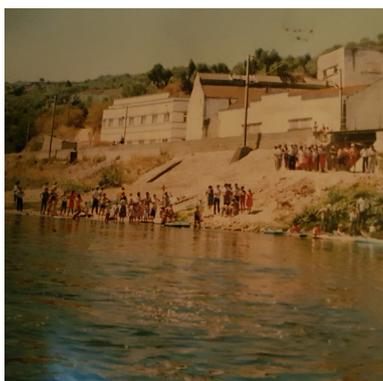
início séc. XX



séc. XX



tempo desconhecido



tempo desconhecido

- 137. início séc XX. torre da água. portas do sol
- 138. início séc XX
- 139. séc XX. santa iria
- 140. praia alfange.
- 141. fábrica. alfange

séc XX. santa iria.

O Padrão de Santa Iria é um pedestral de cal e areia revestido a pedra, e encimado com a imagem da que deu nome a Santarém, Santa Iria ou Eirena. Encontra-se situado na Ribeira de Santarém, junto da margem direita do Rio Tejo.

1940. ribeira

As várias embarcações fundeadas junto do porto situado na Ribeira de Santarém. Uma época em que rio Tejo se assumia como importante via de comunicação para toda a região

177

fábrica alfange.

Uma imagem captada na margem do rio Tejo junto ao bairro de Alfange, onde em tempos antigos seria uma praia..

.4 a ribeira de Santarém





180



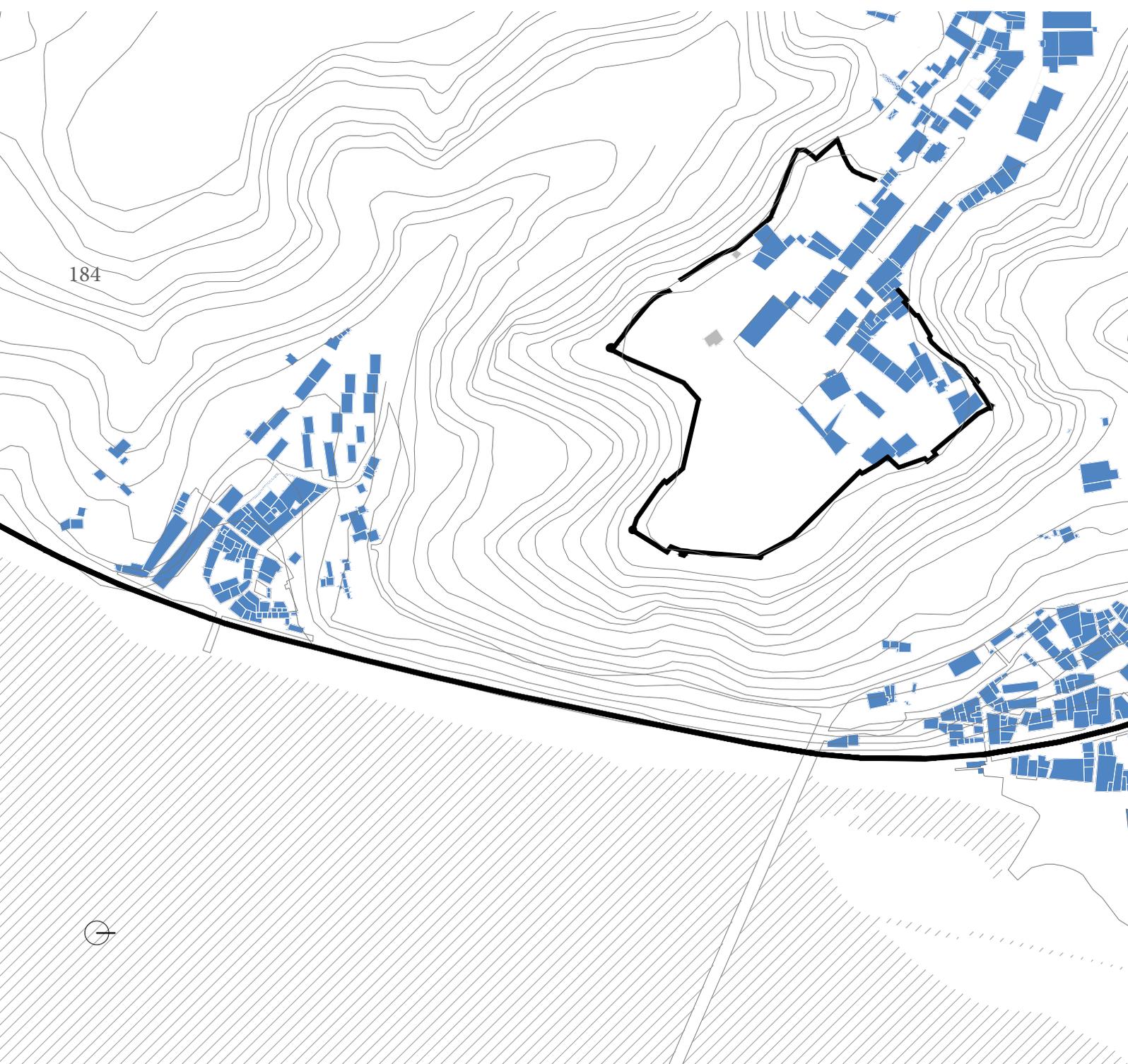
143. retrato de um tempo que deixou de existir, a partir de meados do século XX.
*altura em que o rio Tejo começou a perder relevo como importante via de circulação de
pessoas e transporte de mercadorias.*

144. ribeira de santarém. a cheia palhães. século XX

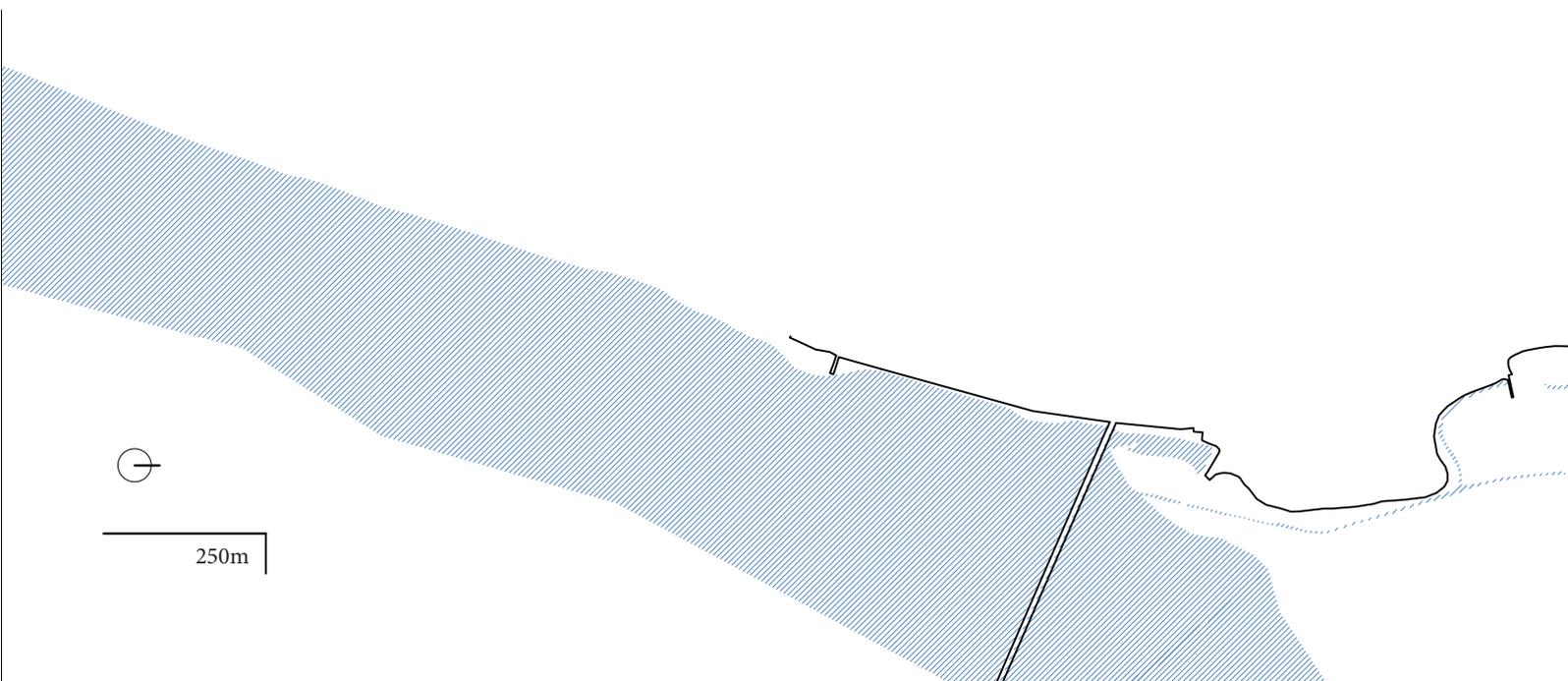


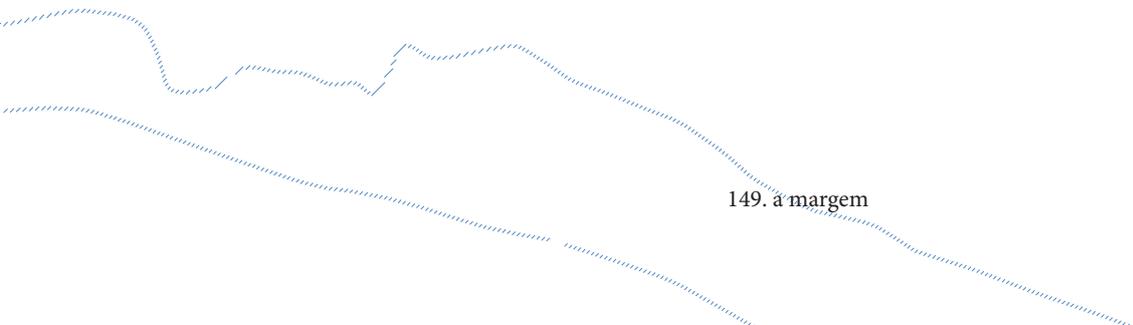




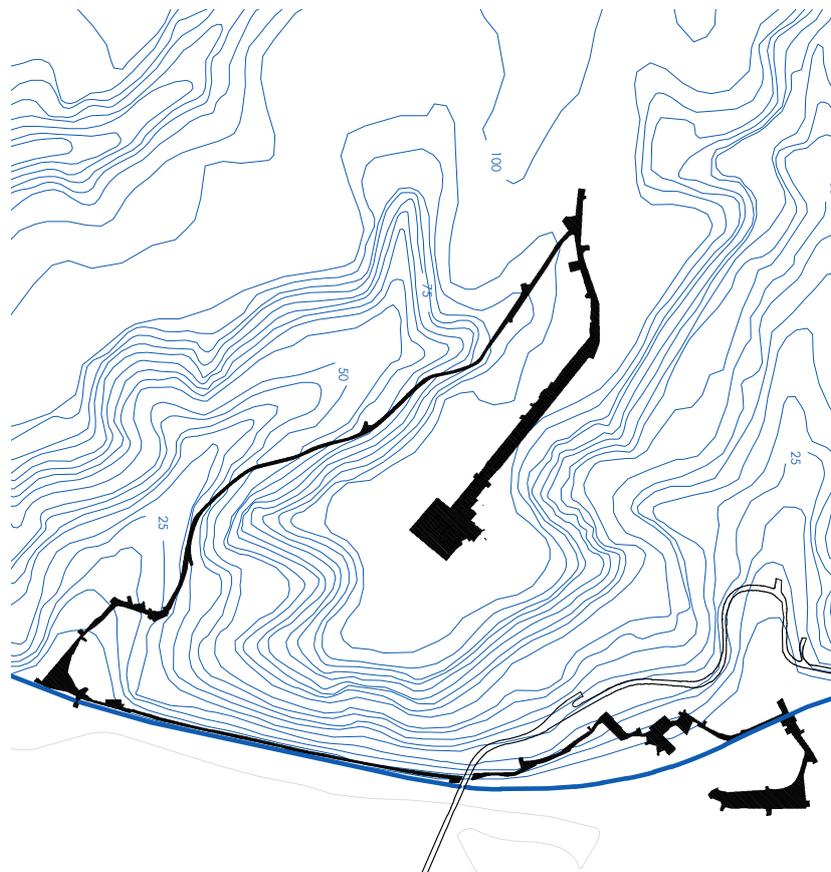


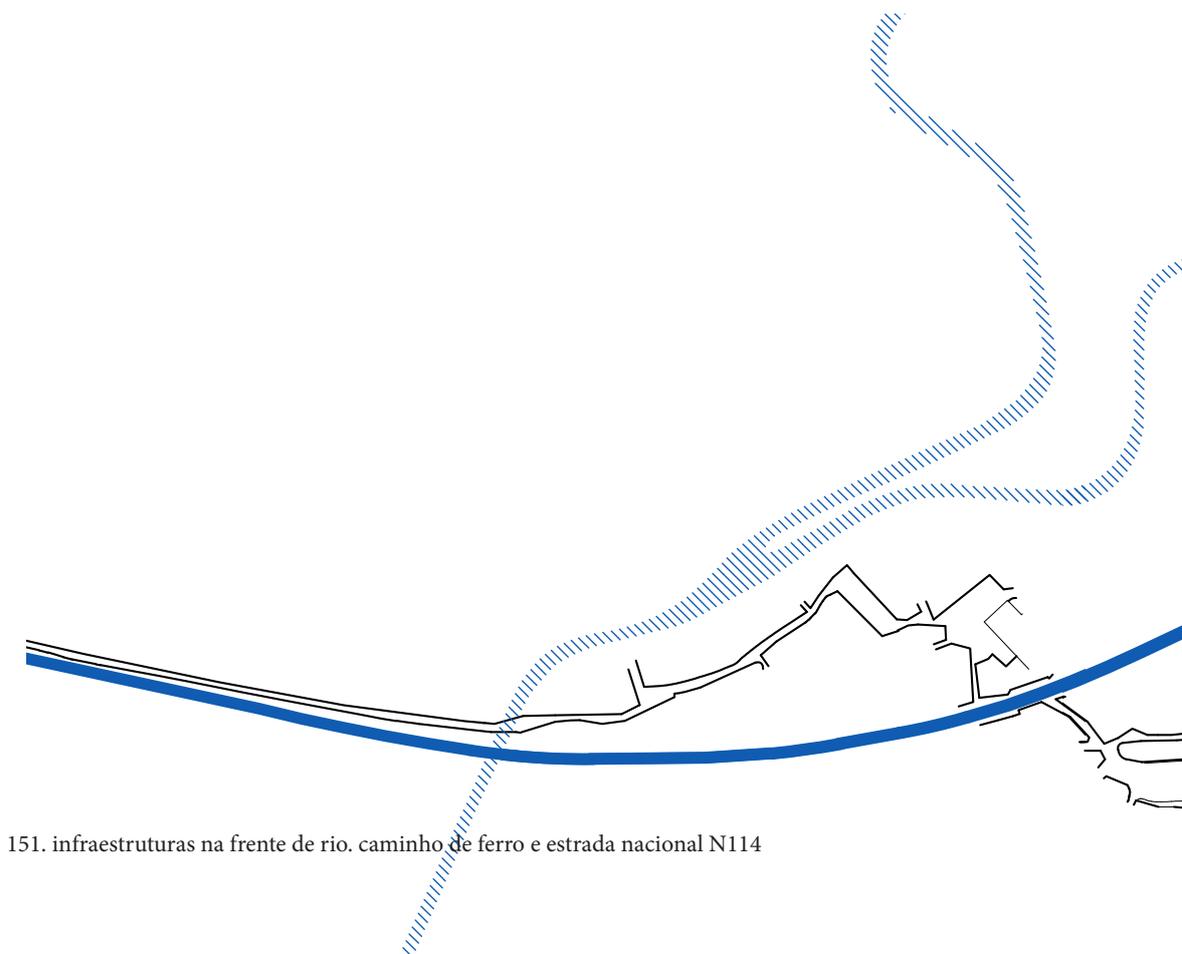






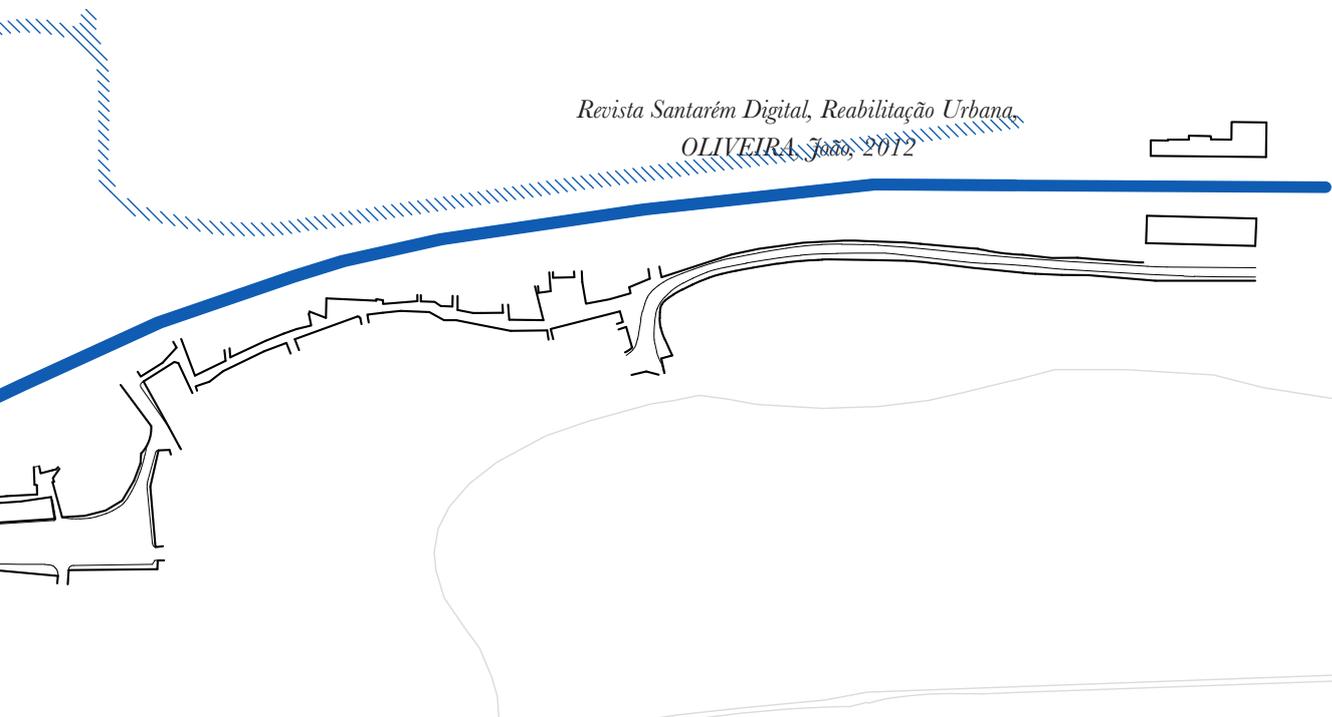
149. a margem

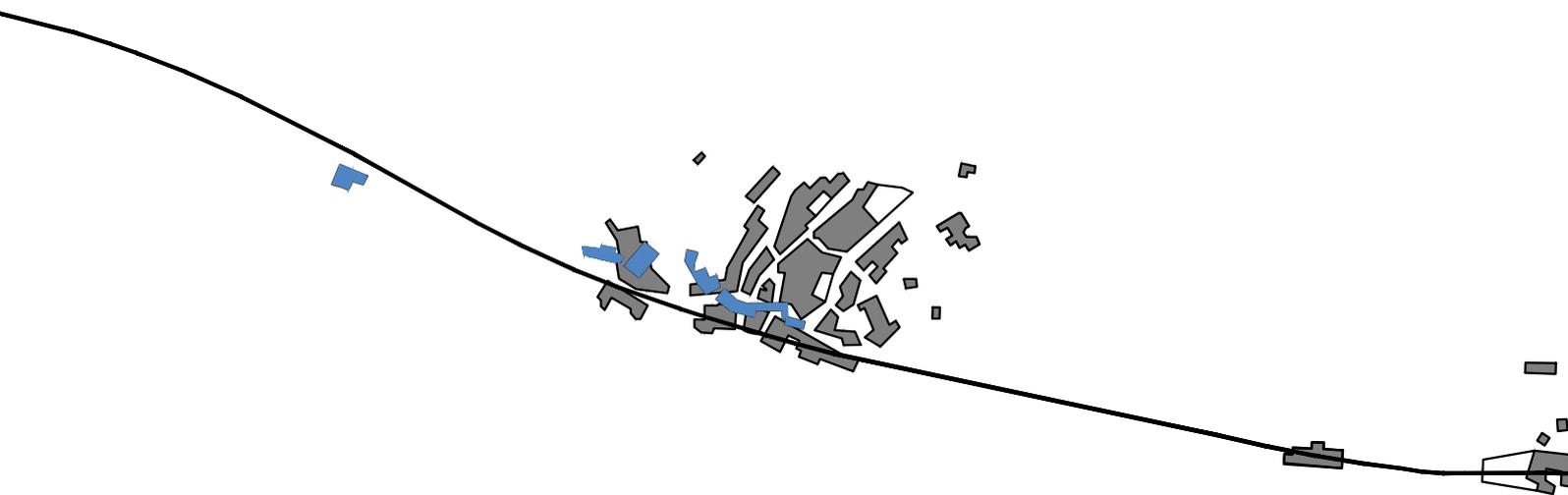




151. infraestruturas na frente de rio. caminho de ferro e estrada nacional N114

A Ribeira de Santarém e Alfange, entraram em declínio após o desaparecimento do comércio fluvial, situação essa, que originou o afastamento da parte alta da cidade e, por consequência, o seu declínio económico, social e físico, passando a estar de costas voltadas para o Rio Tejo.

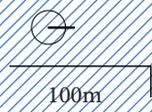
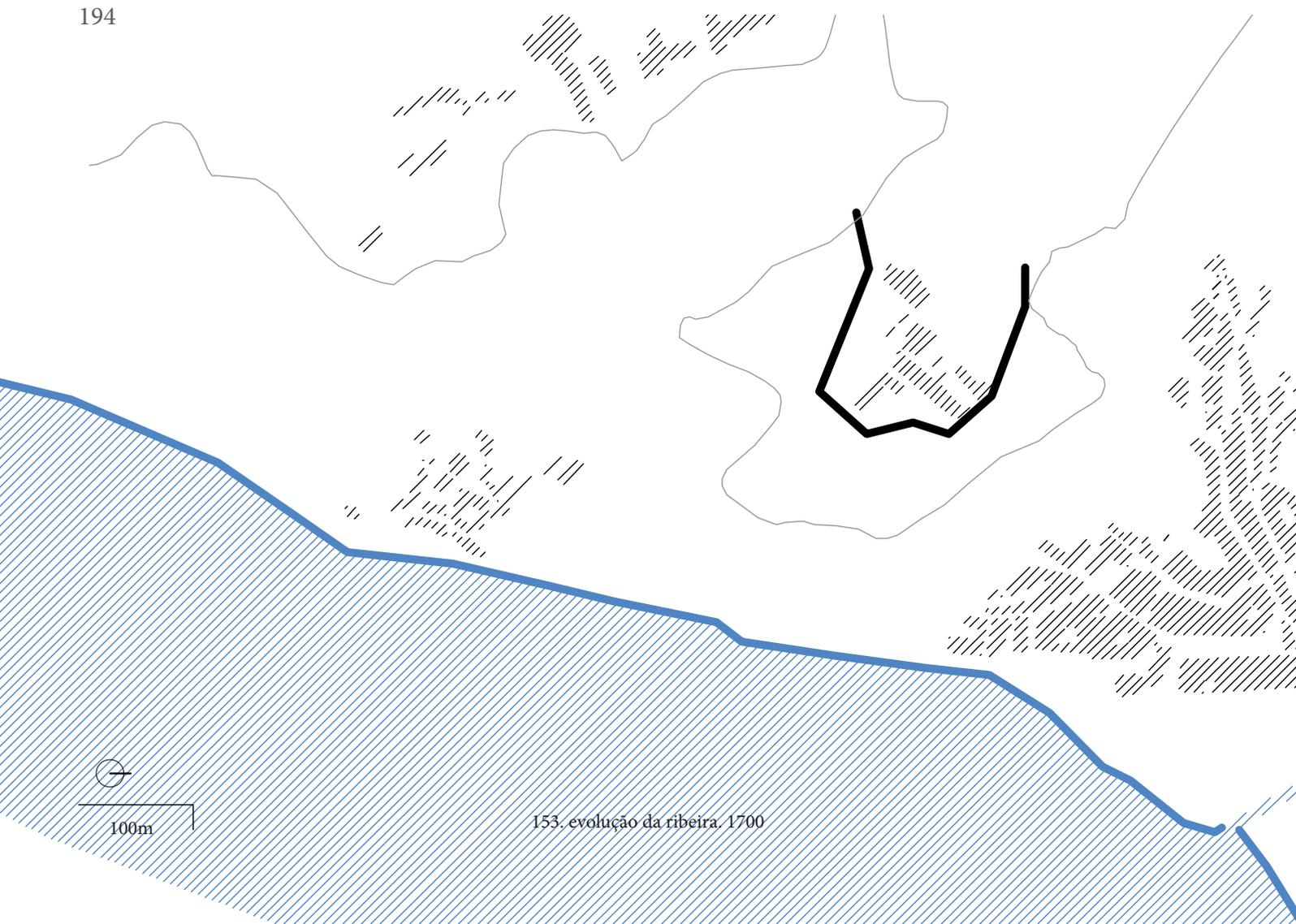




100m

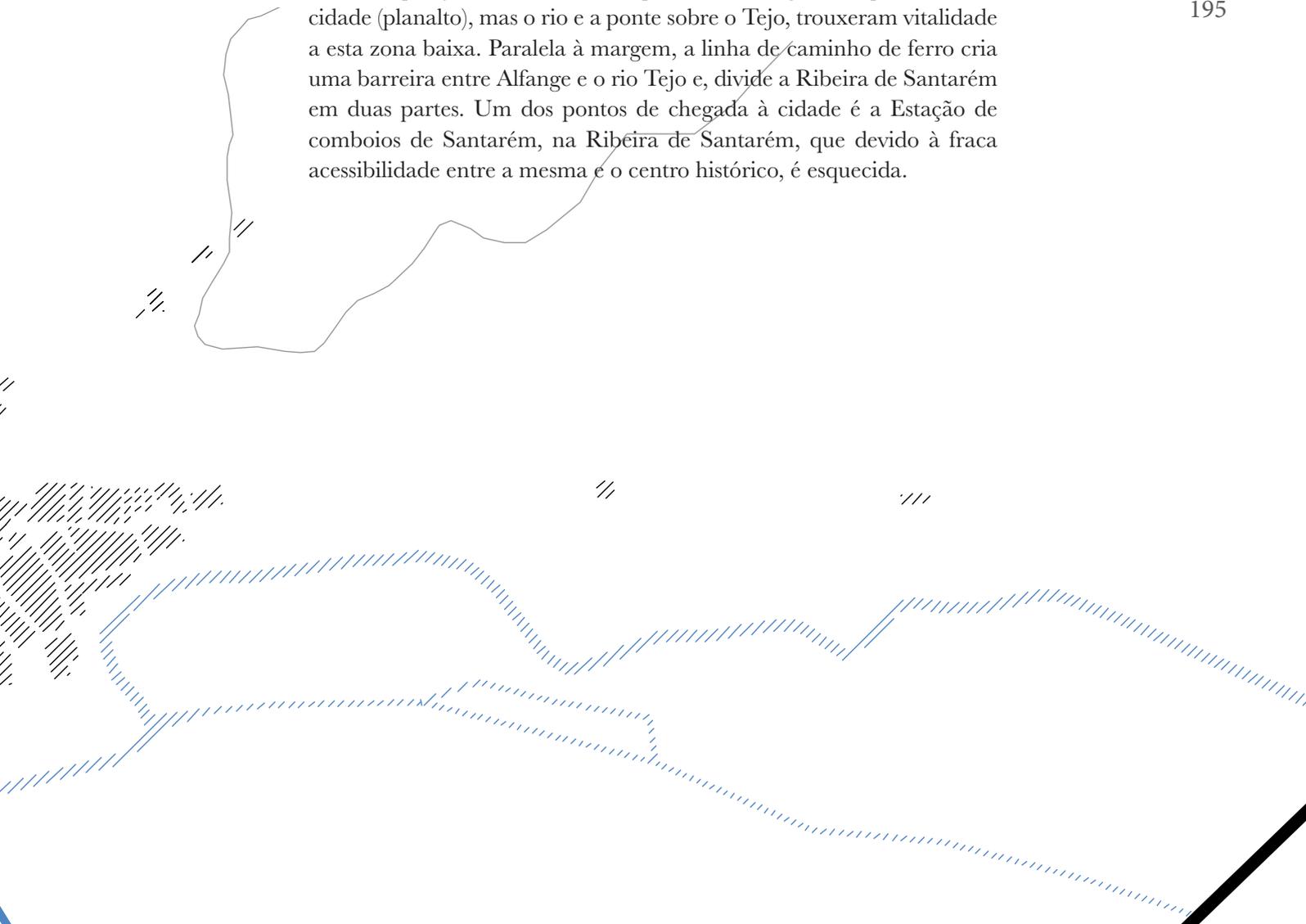


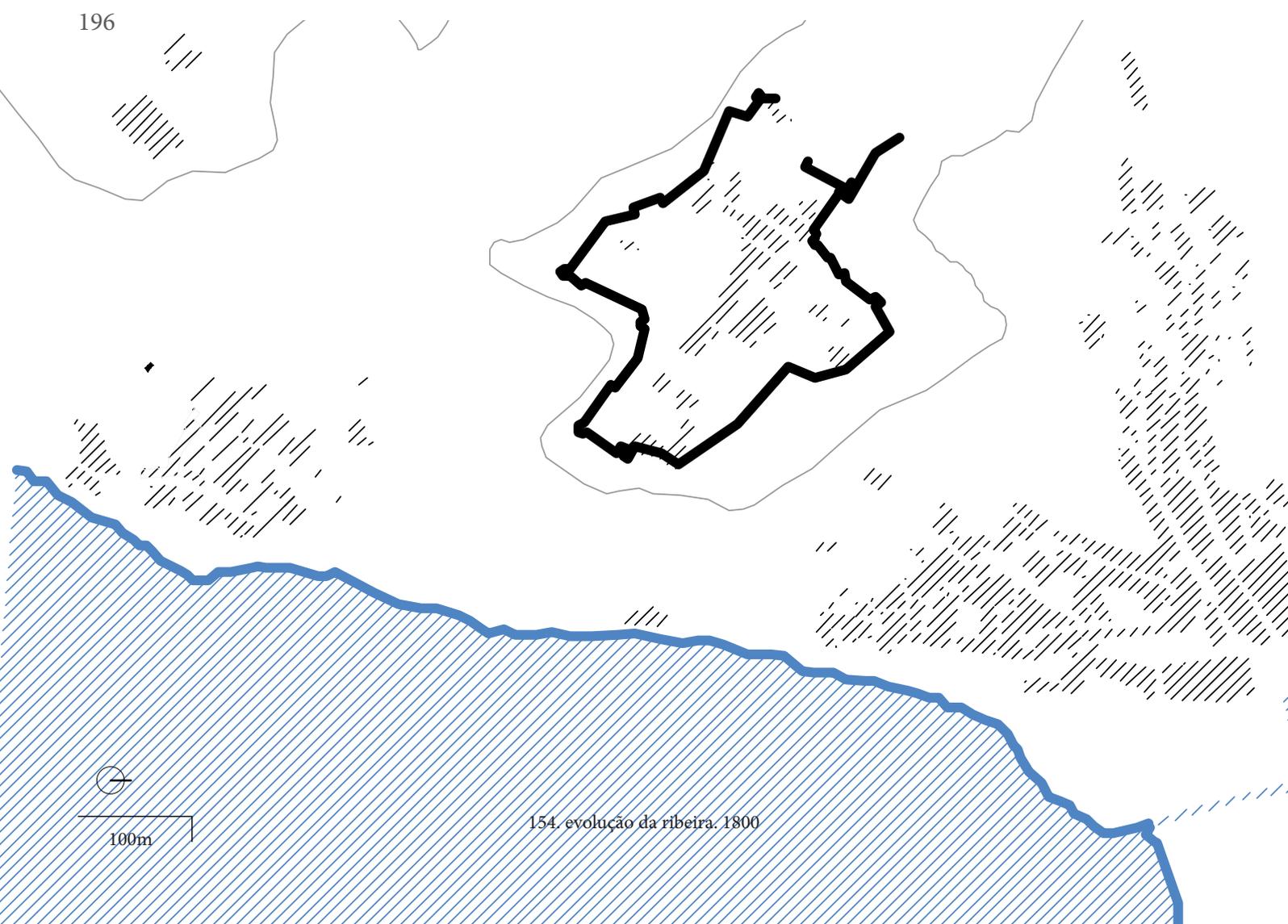
194



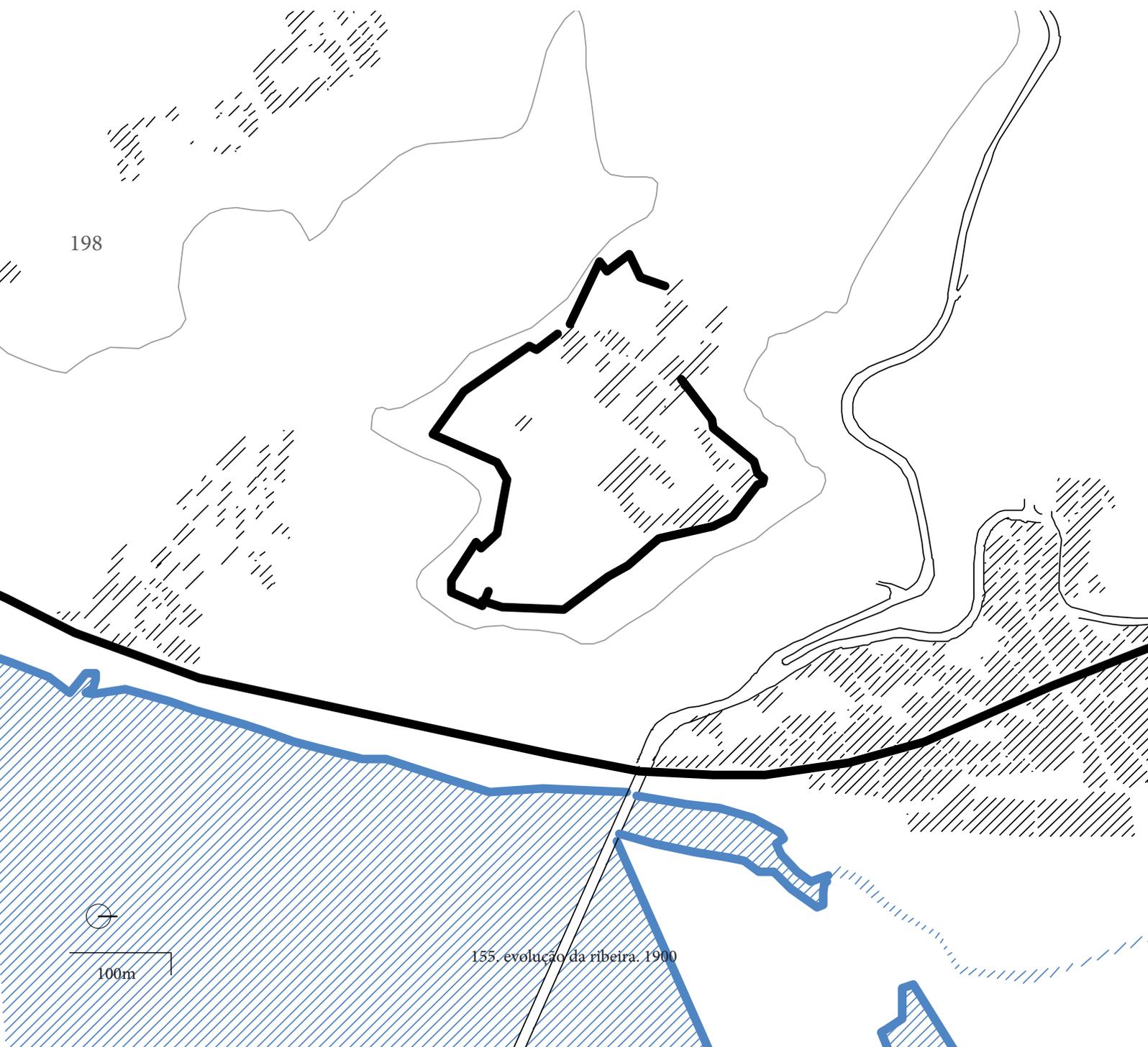
153. evolução da ribeira. 1700

O desenvolvimento da Ribeira de Santarém, começou com um primeiro núcleo cercado por uma muralha, que possuía uma identidade própria. A chegada da linha de caminho de ferro, situada a norte na frente de água, influenciou o desenvolvimento desta frente e rompeu os tecidos urbanos que, juntamente com os percursos de ligação à parte alta da cidade (planalto), mas o rio e a ponte sobre o Tejo, trouxeram vitalidade a esta zona baixa. Paralela à margem, a linha de caminho de ferro cria uma barreira entre Alfange e o rio Tejo e, divide a Ribeira de Santarém em duas partes. Um dos pontos de chegada à cidade é a Estação de comboios de Santarém, na Ribeira de Santarém, que devido à fraca acessibilidade entre a mesma e o centro histórico, é esquecida.









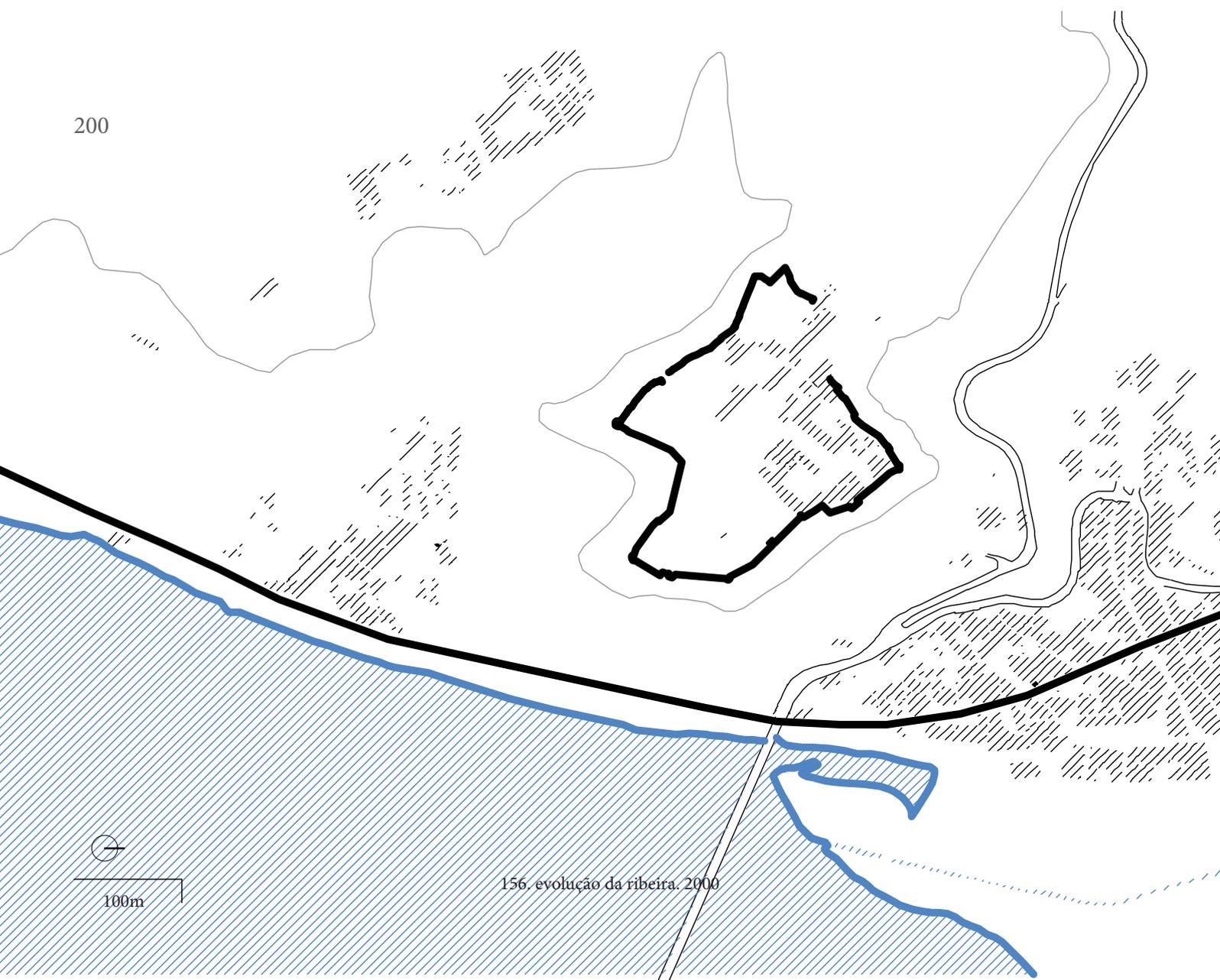
198

155. evolução da ribeira. 1900

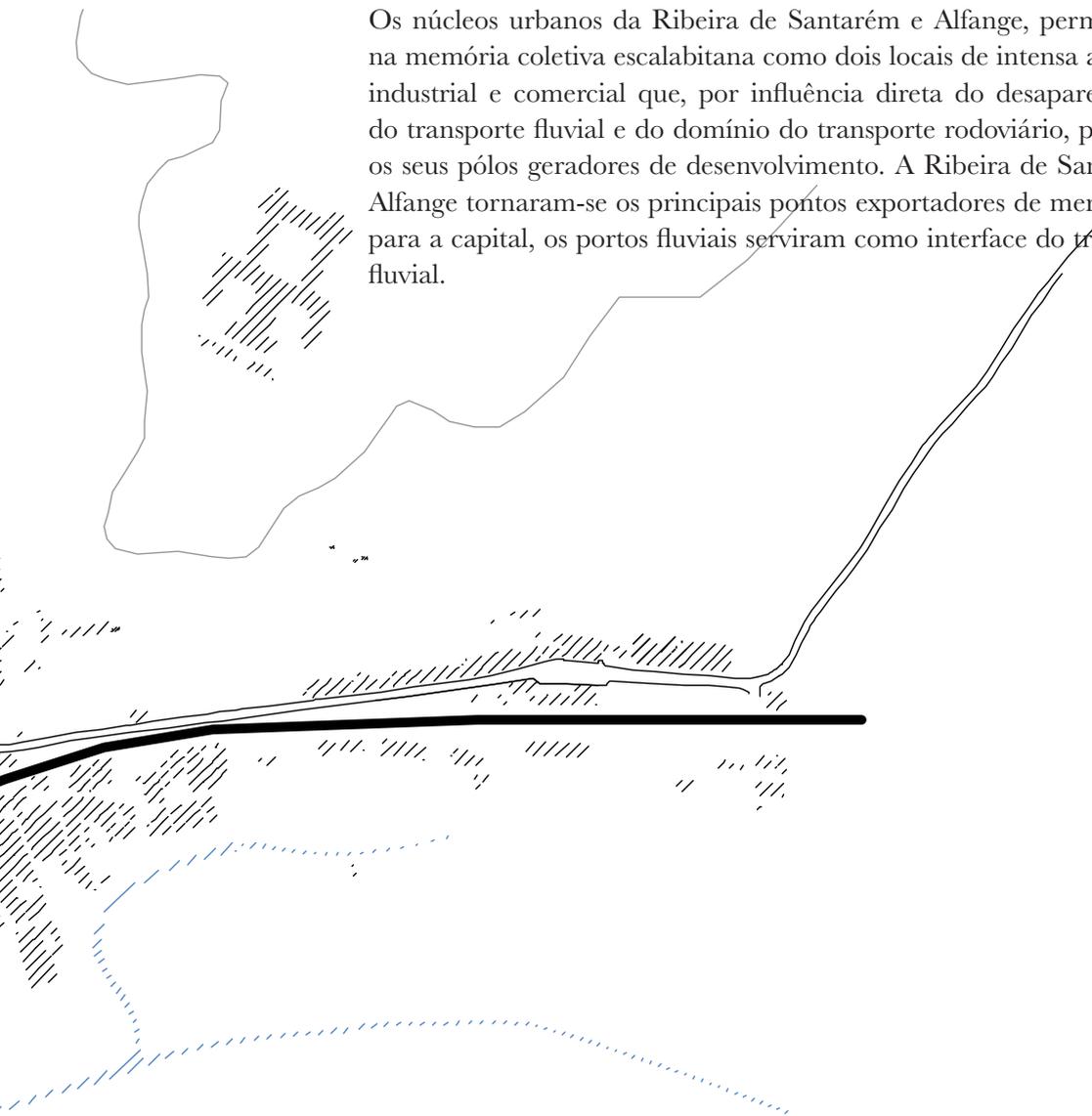


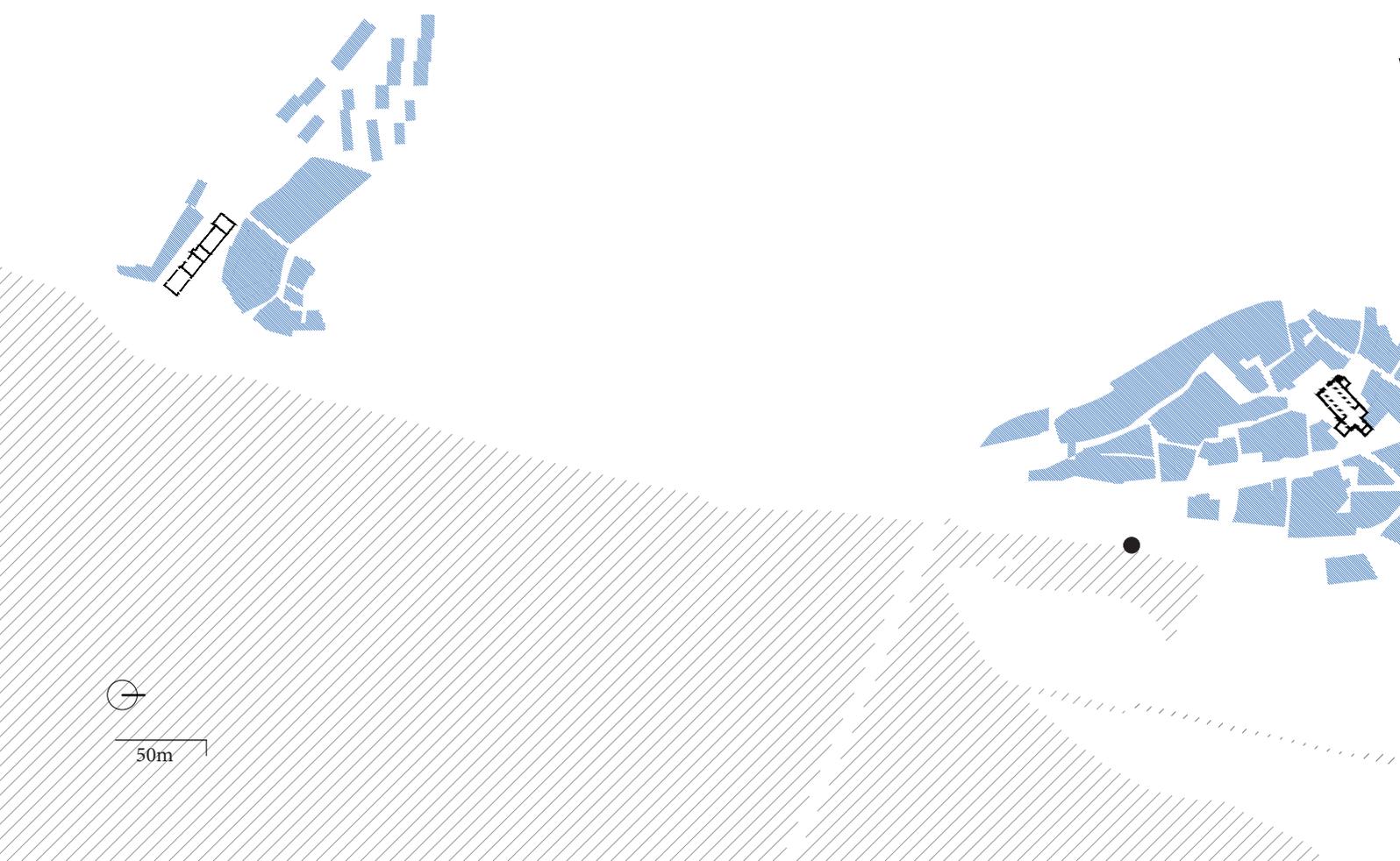
100m





Os núcleos urbanos da Ribeira de Santarém e Alfange, permanecem na memória coletiva escalabitana como dois locais de intensa atividade industrial e comercial que, por influência direta do desaparecimento do transporte fluvial e do domínio do transporte rodoviário, perderam os seus pólos geradores de desenvolvimento. A Ribeira de Santarém e Alfange tornaram-se os principais pontos exportadores de mercadorias para a capital, os portos fluviais serviram como interface do transporte fluvial.



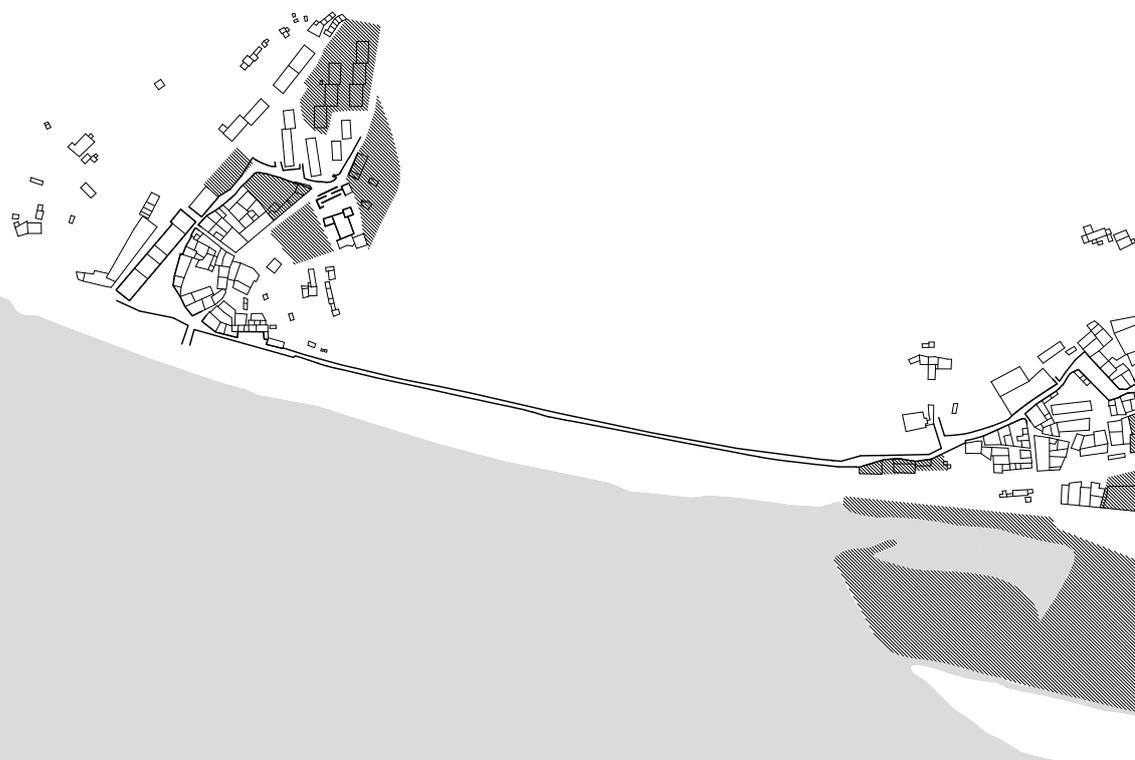


Na Ribeira, resta a memória do passado e alguns marcos históricos como o Chafariz de Palhais, a Igreja de Santa Cruz, a Igreja de Santa Iria, a Ponte de Acourse (atravessa o rio, faz parte da Via Real que ligava Santarém a Coimbra e que passava por Golegã, Tomar e Pombal), a rua histórica (travessia da linha do caminho de ferro pela localidade e algumas vias que fazem a ligação a Santarém). Na margem do Tejo o padrão de Santa Iria perpetua a memória do aparecimento do túmulo da Santa à Rainha Santa Isabel e a D. Dinis.

203

Em Alfange existe a presença da antiga Fábrica de Sabão, que se encontra degradada, em ruína e a Igreja de São João Evangelista do Alfange. Velho burgo ligado ao tráfego fluvial que, outrora, fez de Santarém a Porta do Ribatejo.







158. planta espaços expectantes

Devido à localização numa zona mais baixa, ao longo do tempo foi-se desenvolvendo uma barreira entre a zona baixa e zona alta da cidade.

Para além de serem zonas sujeitas a riscos ambientais, como as cheias do tejo que afetam a Ribeira e o perigo de colapso das barreiras que afetam a Alfange, nesta zona existem problemas não só a nível urbanístico e arquitetónico, como social. Sem esquecer o caminho de ferro, que outrora fonte de progresso, hoje constitui mais um problema na zona.

A maior parte das deslocações justificam-se através da estação de caminho de ferro, devido à passagem da linha por esta zona, atravessando o tecido edificado, o que acaba por acentuar ainda mais esta barreira.

Se por um lado, a questão das cheias estará sempre presente no local, por outro lado o contacto com a água e o afastamento de zonas de muito movimento trazem tranquilidade ao lugar.

Uma zona esquecida caracterizada pelos espaços degradados e devolutos e pela estrutura social envelhecida.

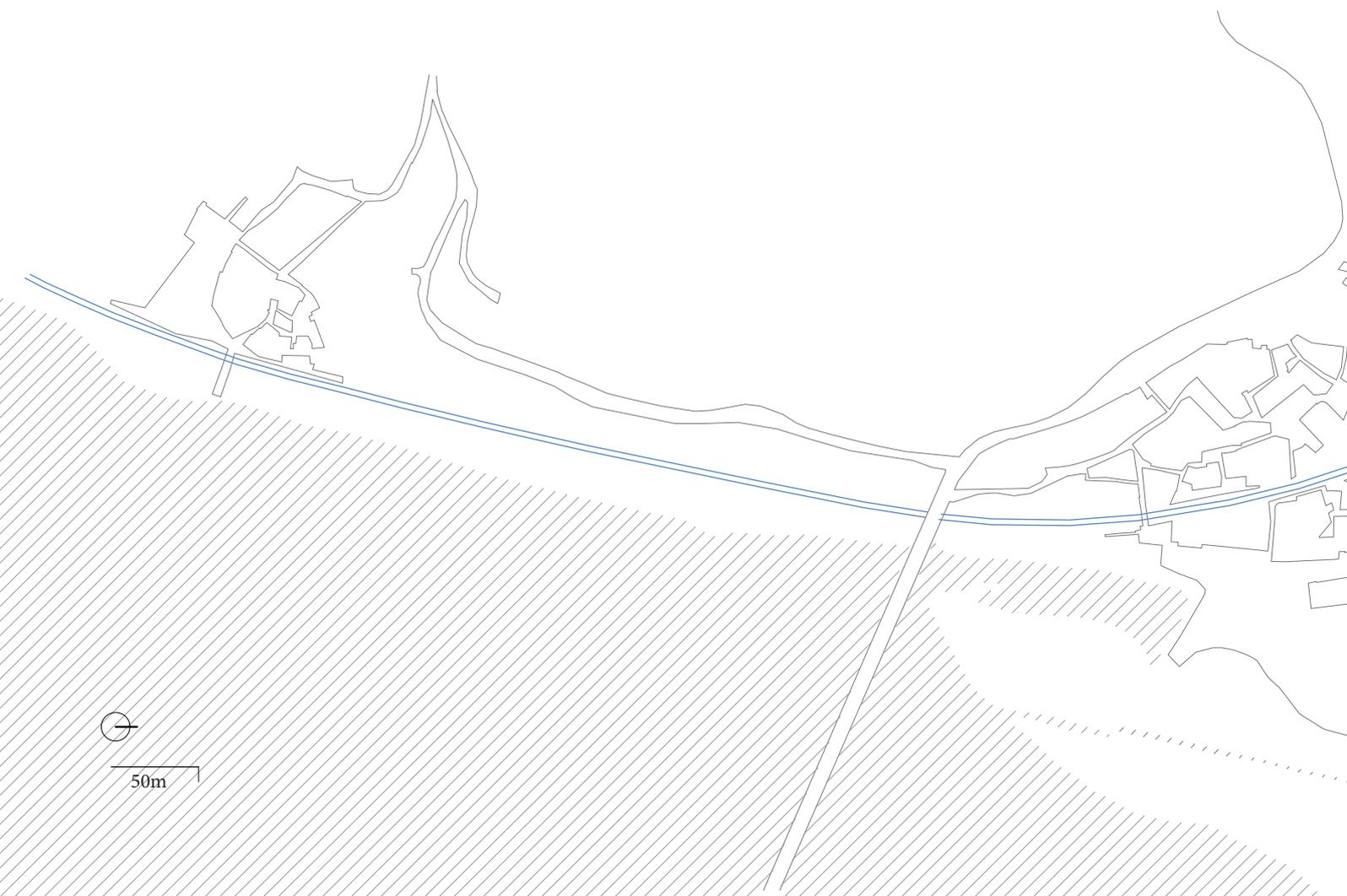
207

Com cerca de 856 habitantes (745 na Ribeira e 111 em Alfange), maior parte da população possui idade superior a 65 anos. Trata-se de uma população com baixas competências pessoais, sociais, educacionais e profissionais, com problemas de diferente natureza.



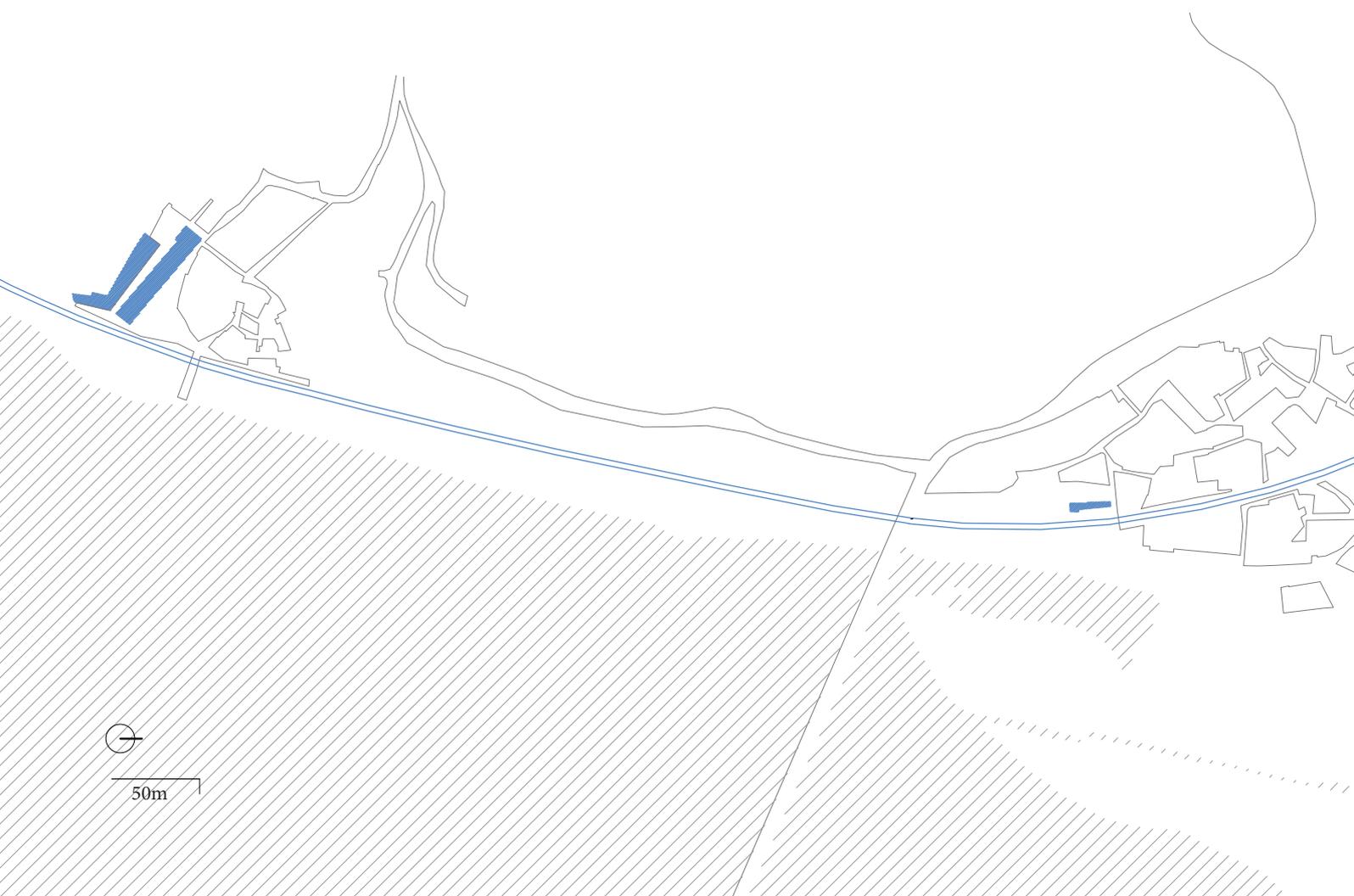


159. levantamento dos edifícios na ribeira. mau estado conservação





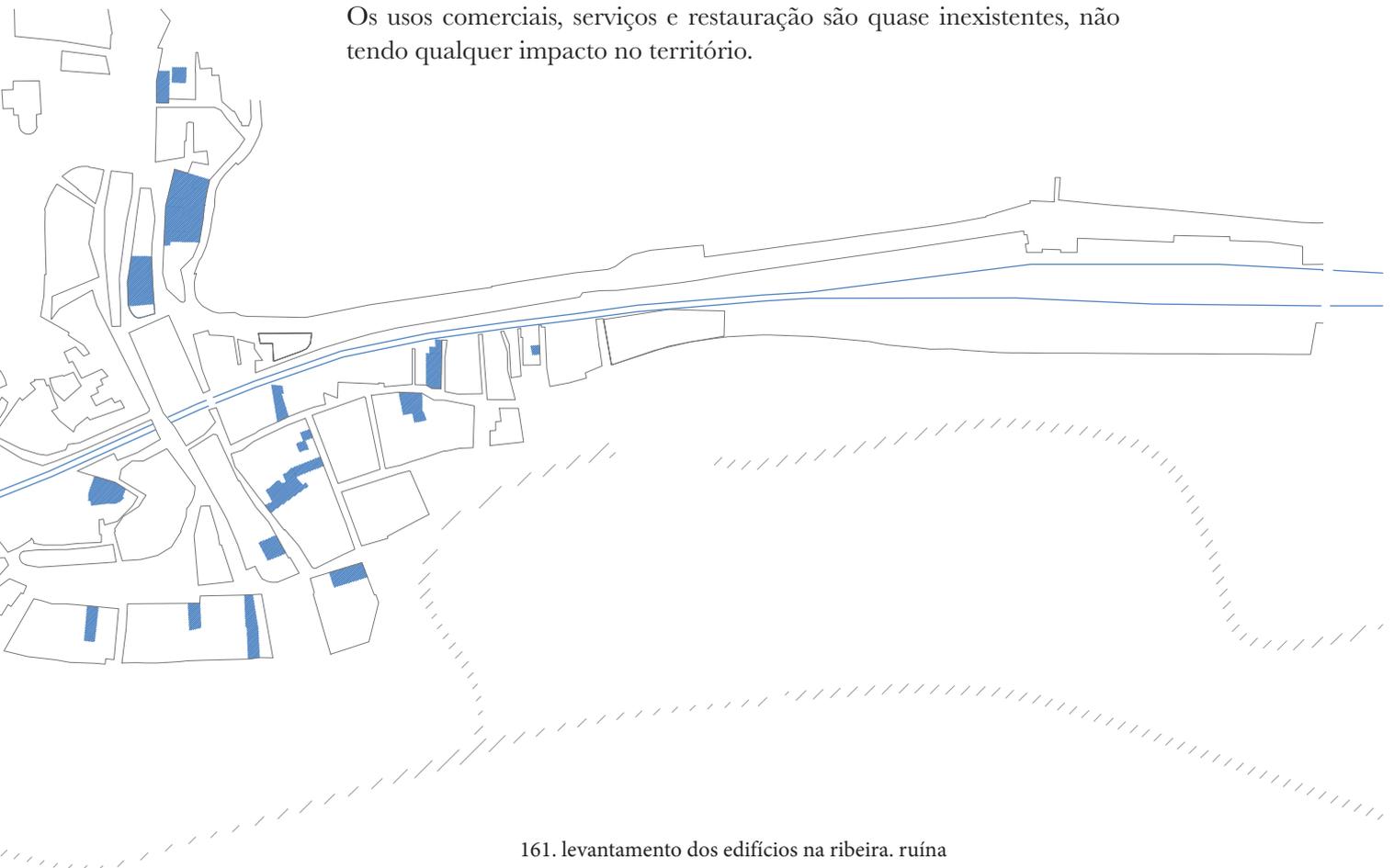
160. levantamento dos edifícios na ribeira. obsoletos

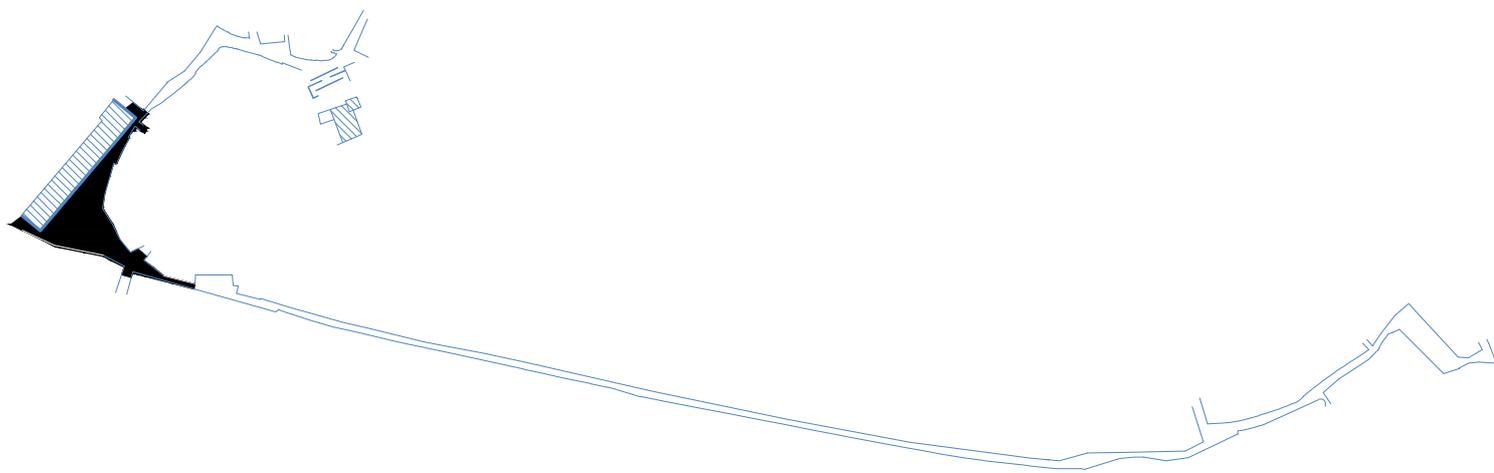


A nível de edificado, existem 454 edifícios na cidade baixa. A maioria destes encontram-se ocupados, e existem muitos em estado devoluto. Ou seja, dos 454 edifícios existentes, 192 necessitam de obras de intervenção (edifícios em mau estado, em ruína).

213

Os usos comerciais, serviços e restauração são quase inexistentes, não tendo qualquer impacto no território.



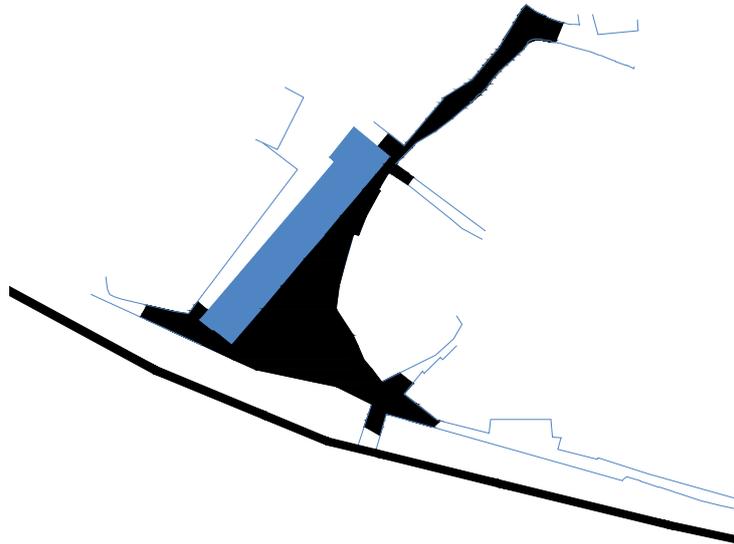


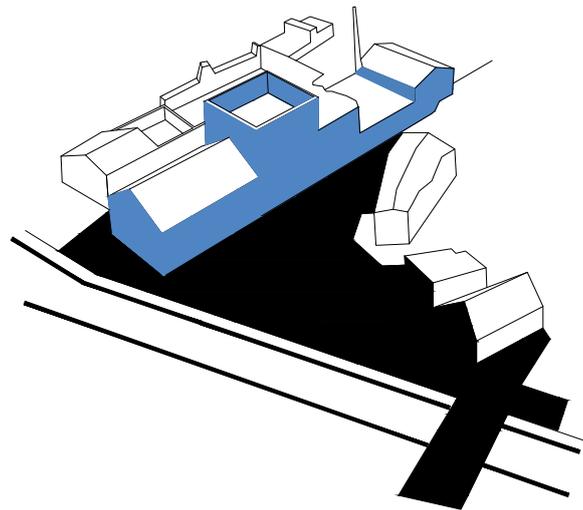
50m

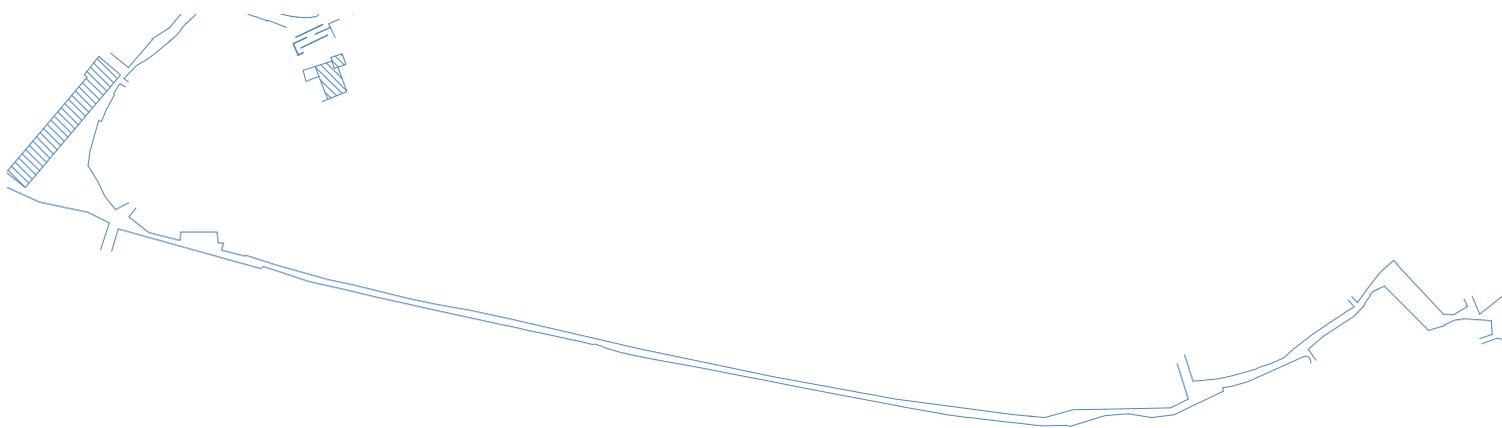
A praça Padre Chiquito em Alfange, delimitada pela Fábrica de Sabão que se encontra em ruína, é neste momento uma área livre e ampla no meio da compacta malha urbana cujo potencial urbanístico e sociocultural é evidente. Nos dias de hoje são poucos os que ali param, é apenas uma zona de passagem.

215







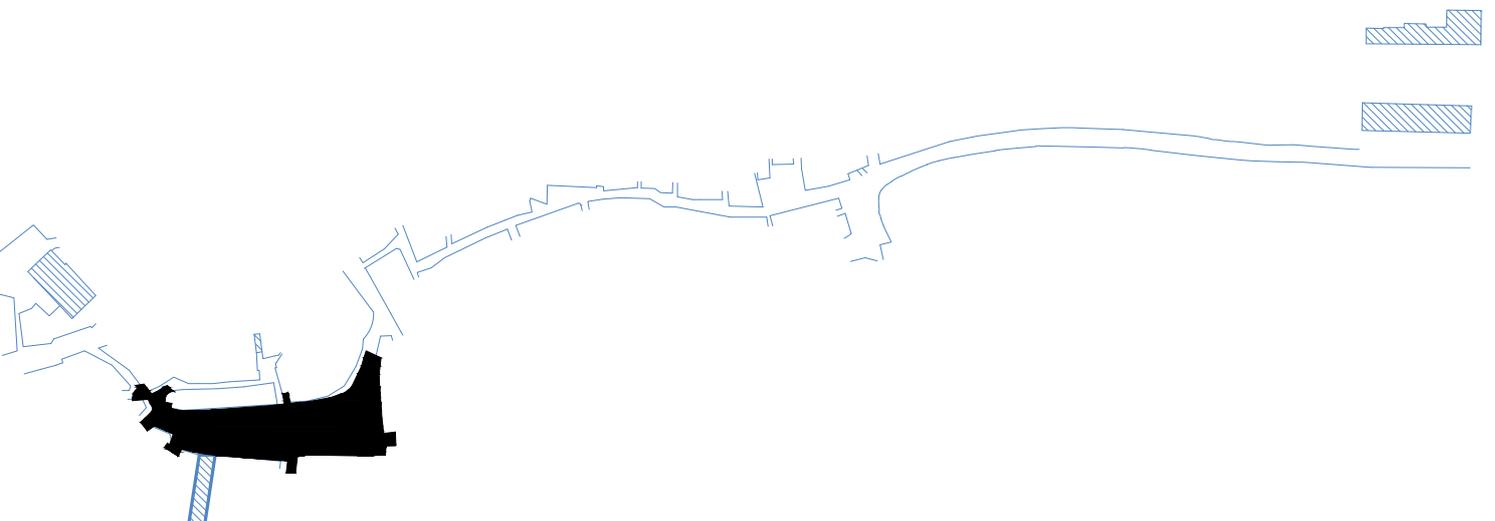


50m

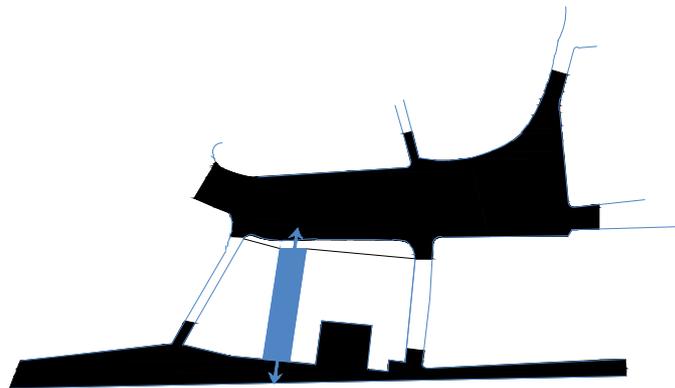
A praça conhecida da zona baixa da cidade, a praça Oliveira Marreca encontra-se atualmente em elevado estado de degradação ao nível da pavimentação e mobiliário urbano. Não possui qualquer tipo de arborização e ao longo dos tempos transformou-se numa área de estacionamento desordenado.

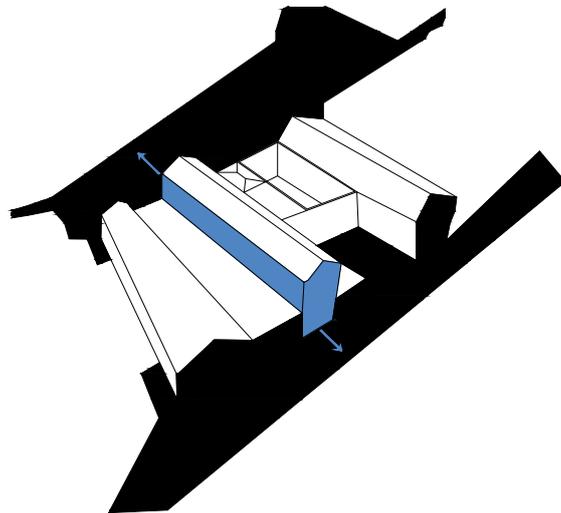
219

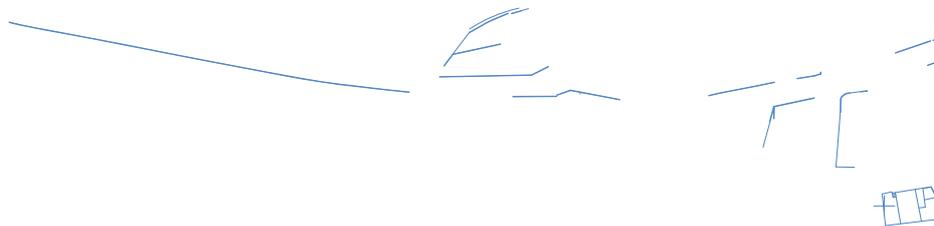
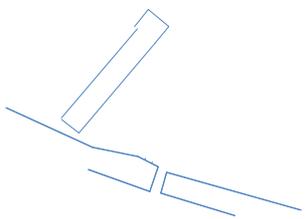
Mesmo apresentando um espaço obsoleto e sem as funções para as quais foi criado, a análise ao espaço público e a caracterização do edificado conclui que a praça possui na sua envolvência edifícios de elevada qualidade arquitetónica e é um ponto de referência de extrema importância para os moradores.



220



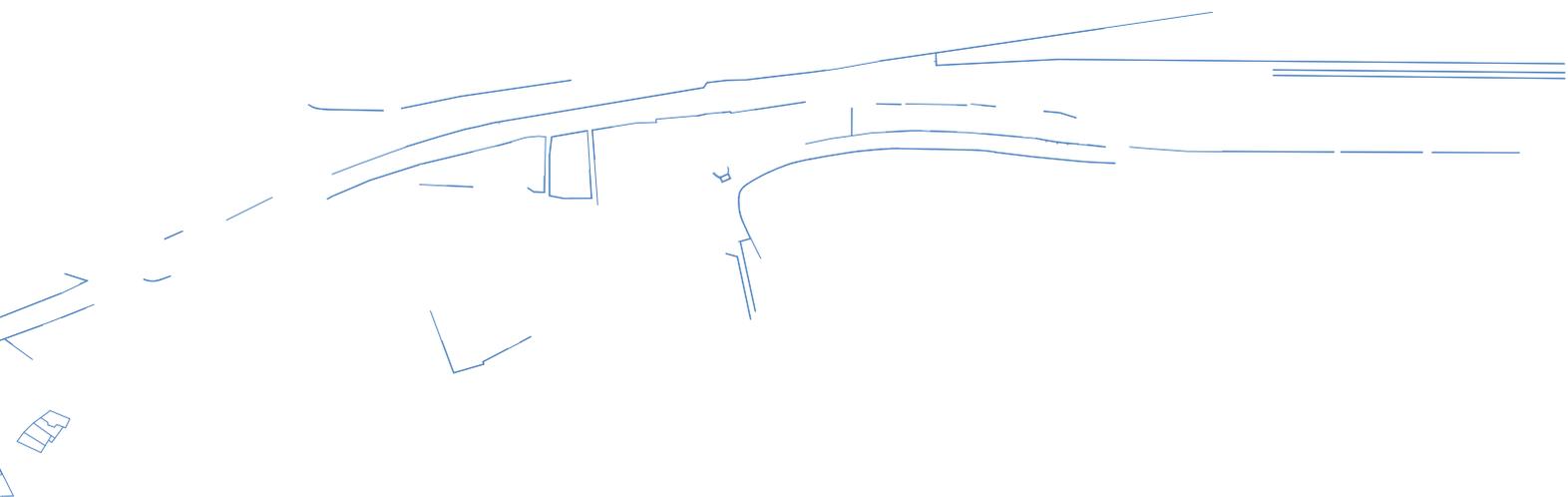




50m

os muros que formam a ribeira de santarém

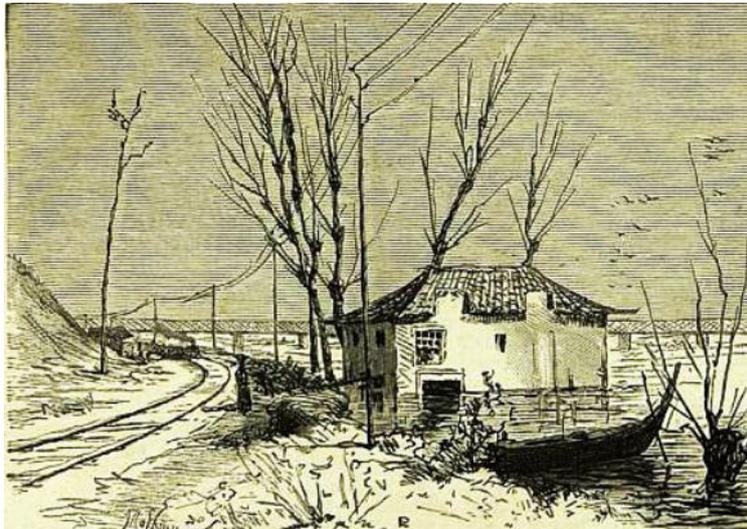
223

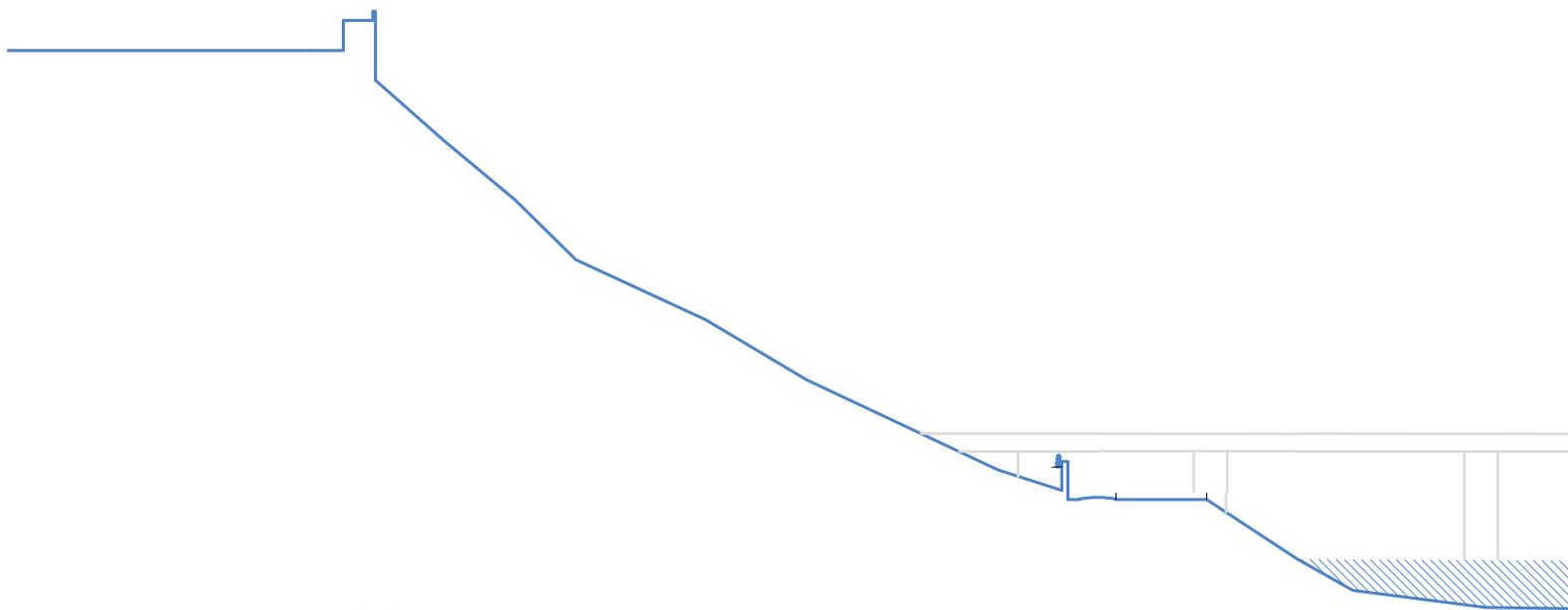


168. diagrama representativo. os muros

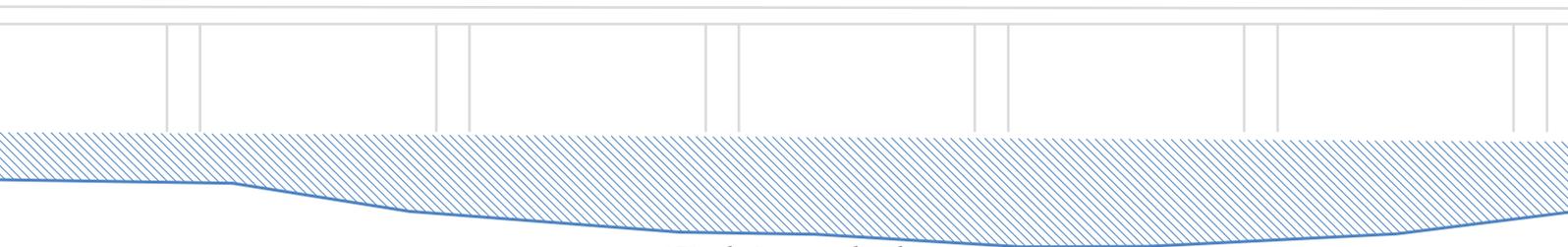




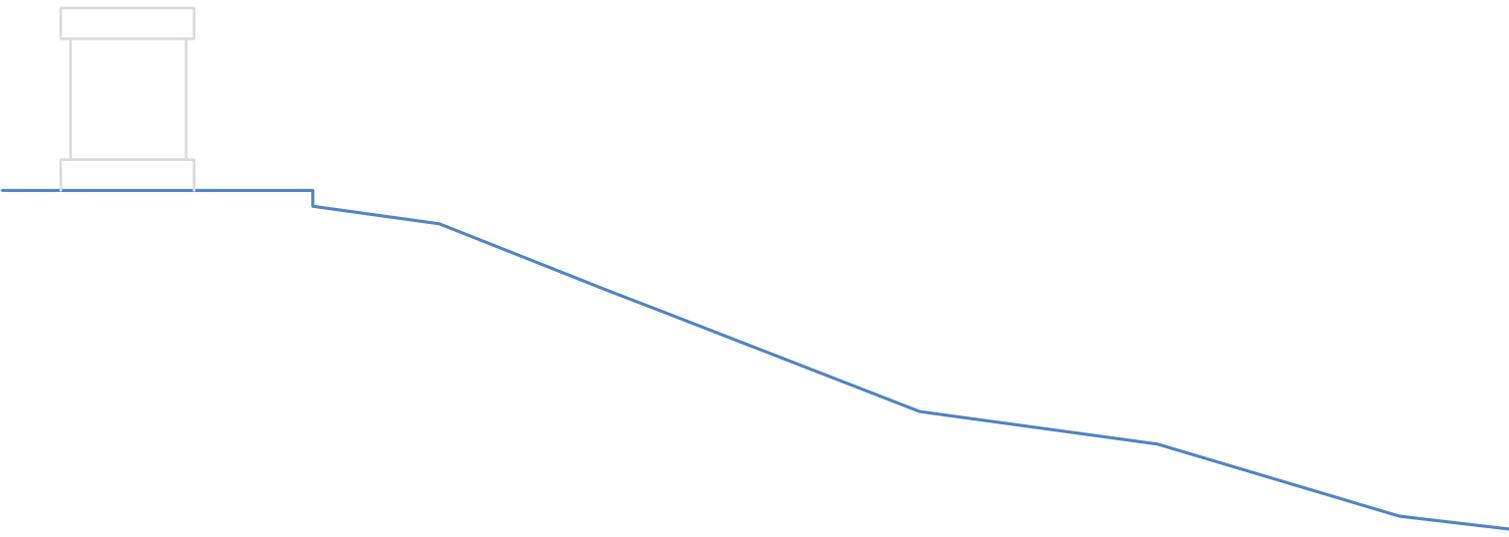




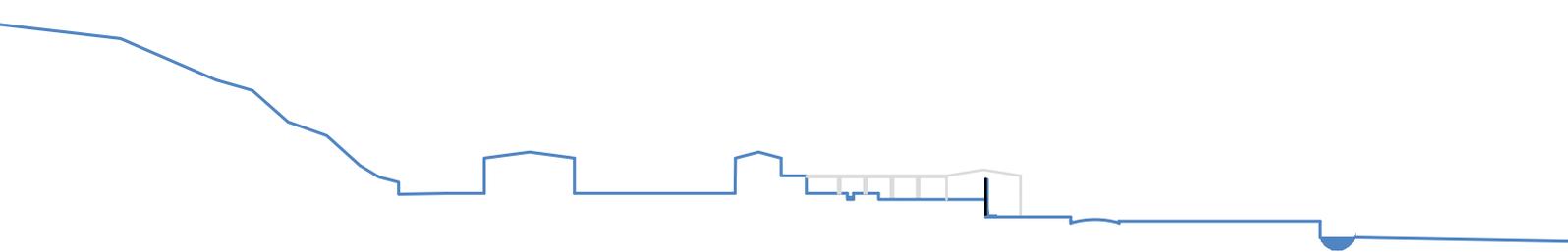
portas do sol

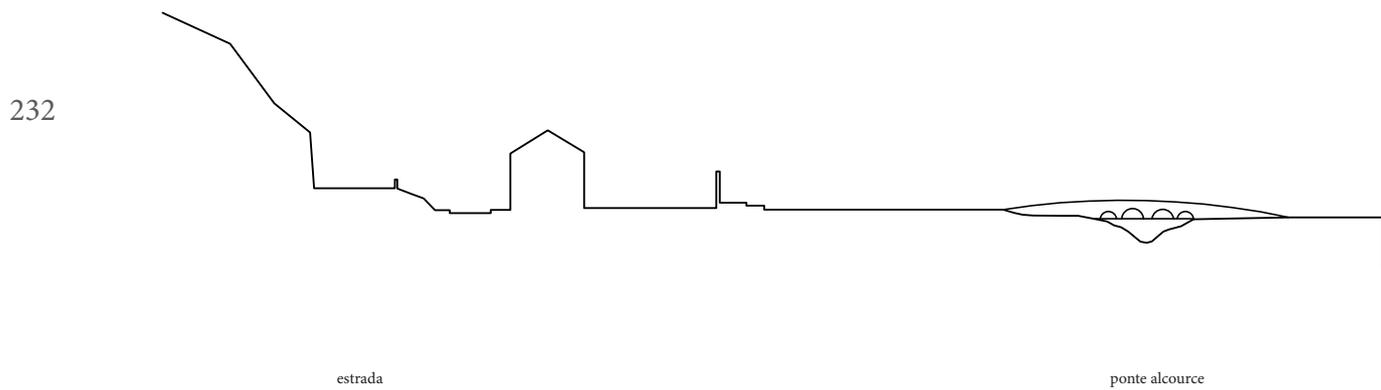


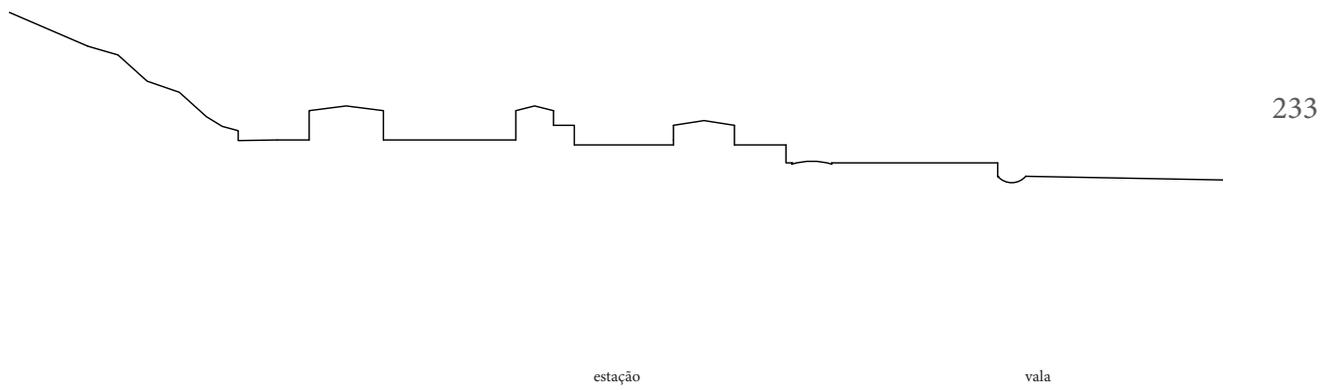
230

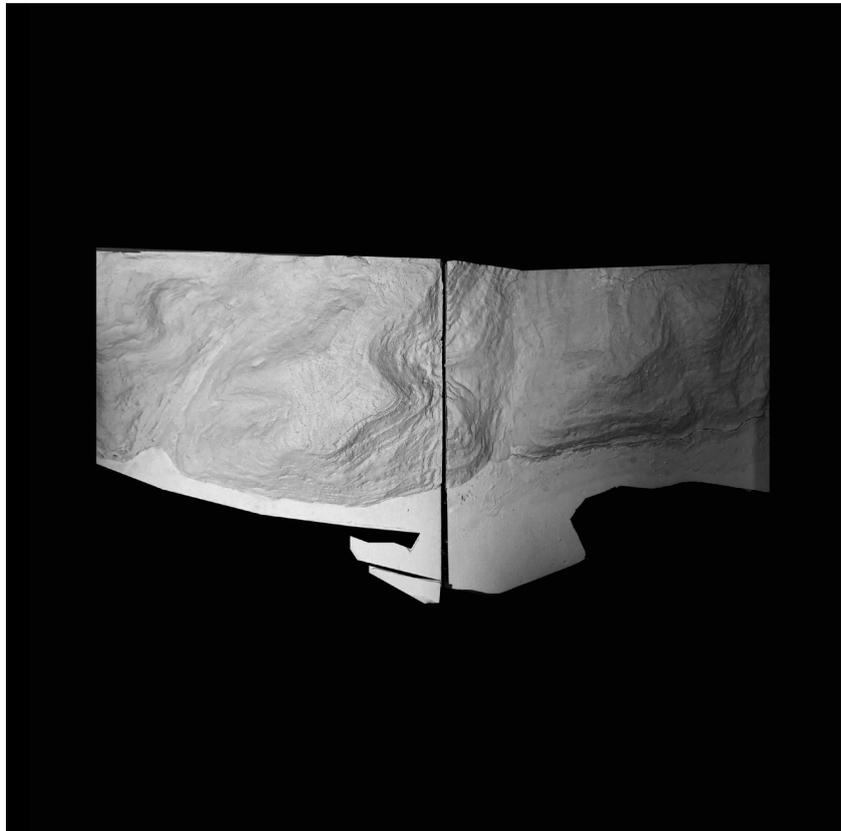


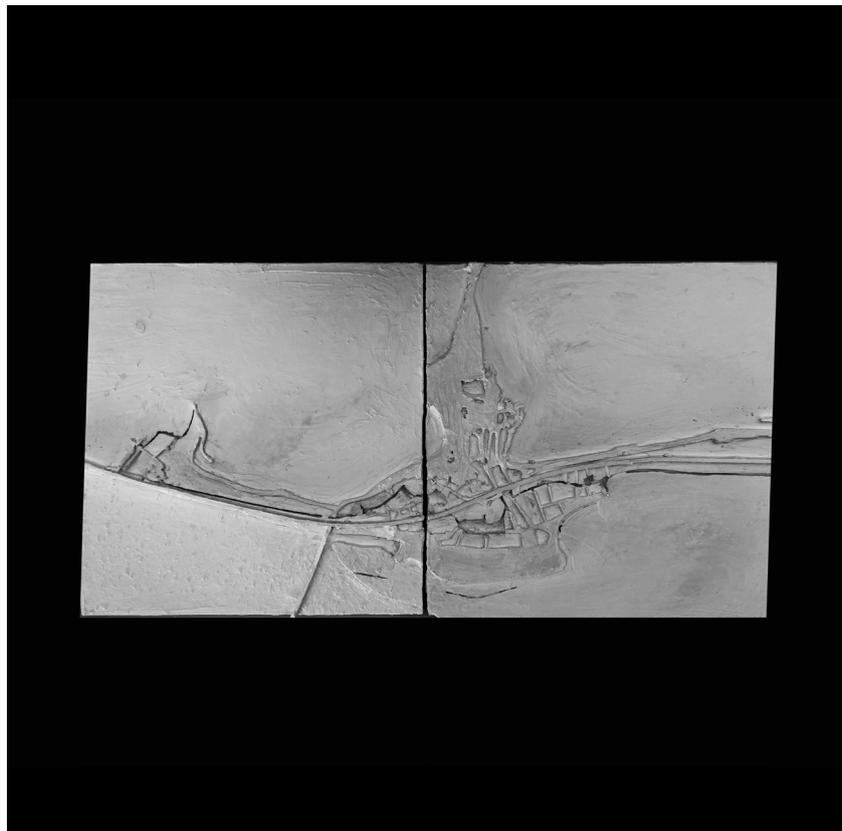
miradouro





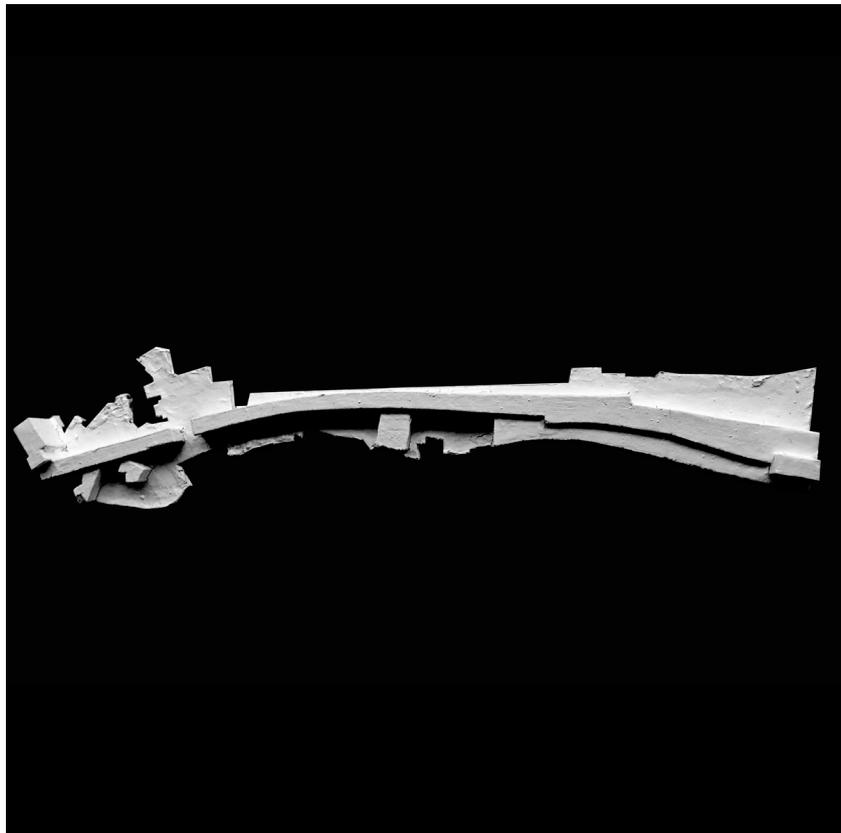


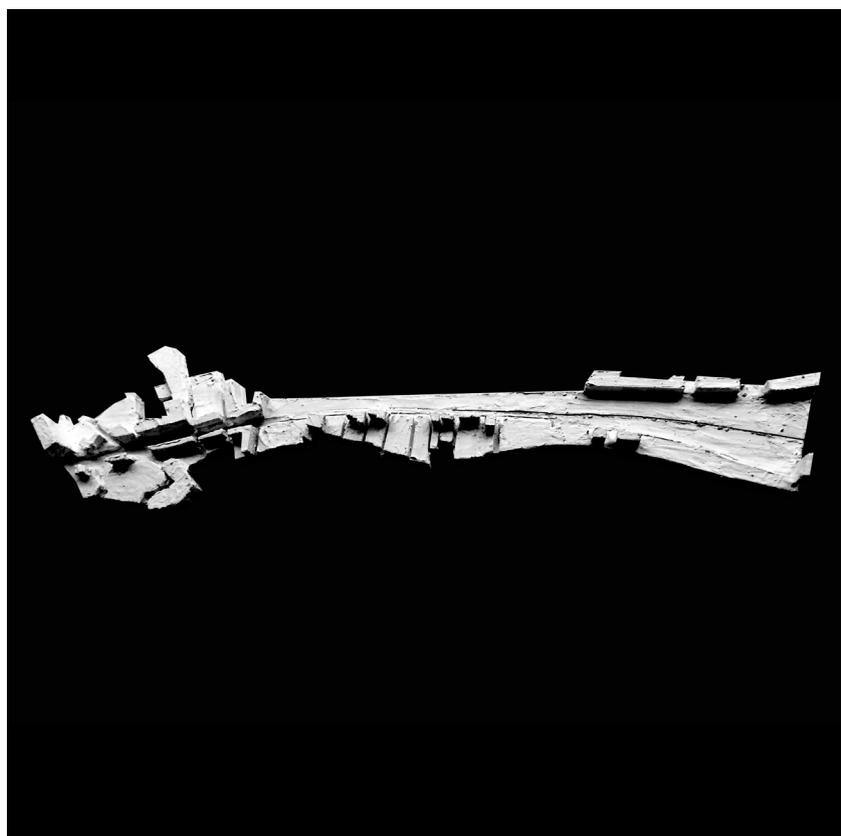




4. O cenário (imaginado) .1 a metamorfose

com base num pensamento utópico, ergue-se na cidade de Santarém...



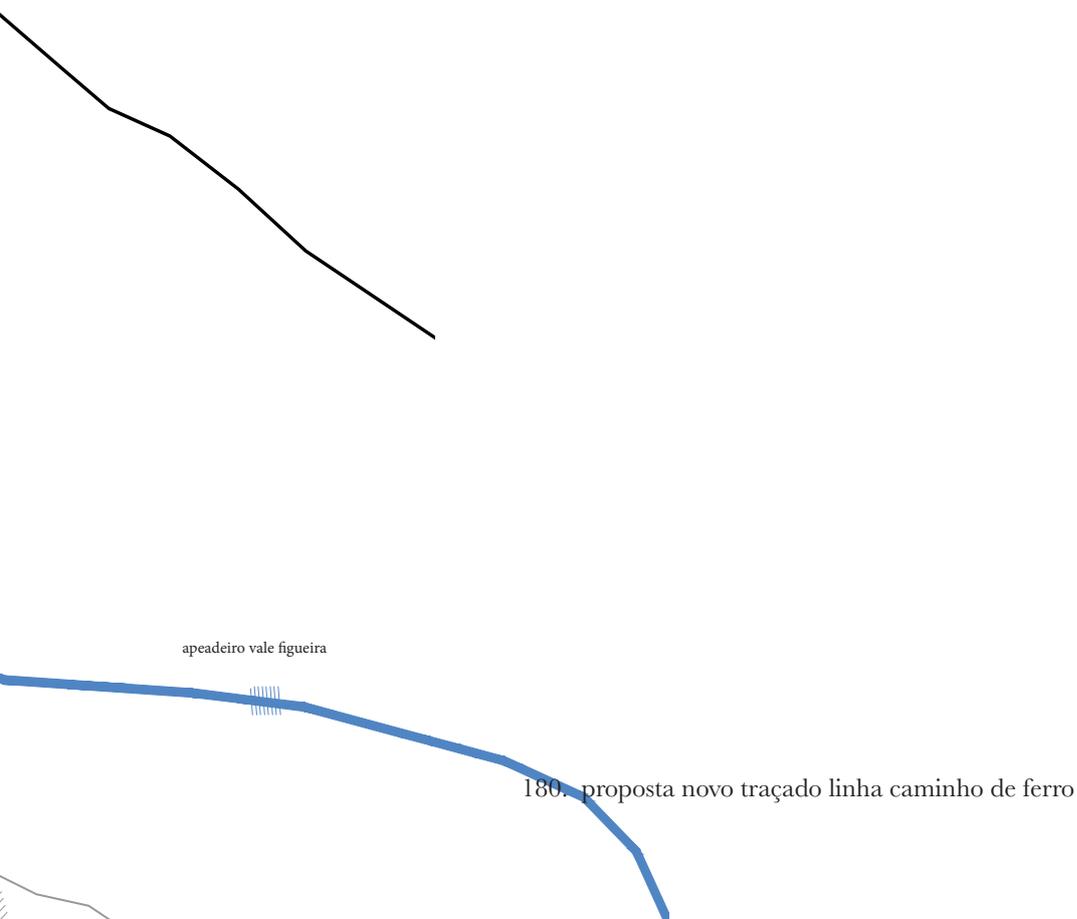




Tendo a Megaestrutura e o cheio/vazio como conceito fundamental do projeto e, a linha de caminho de ferro apontada como um problema nesta cidade baixa, parte-se do princípio que esta infraestrutura sofre uma grande transformação, tornando-se uma massa construída. Ou seja, este vazio criado com o desmonte da linha férrea, é visto como uma oportunidade.

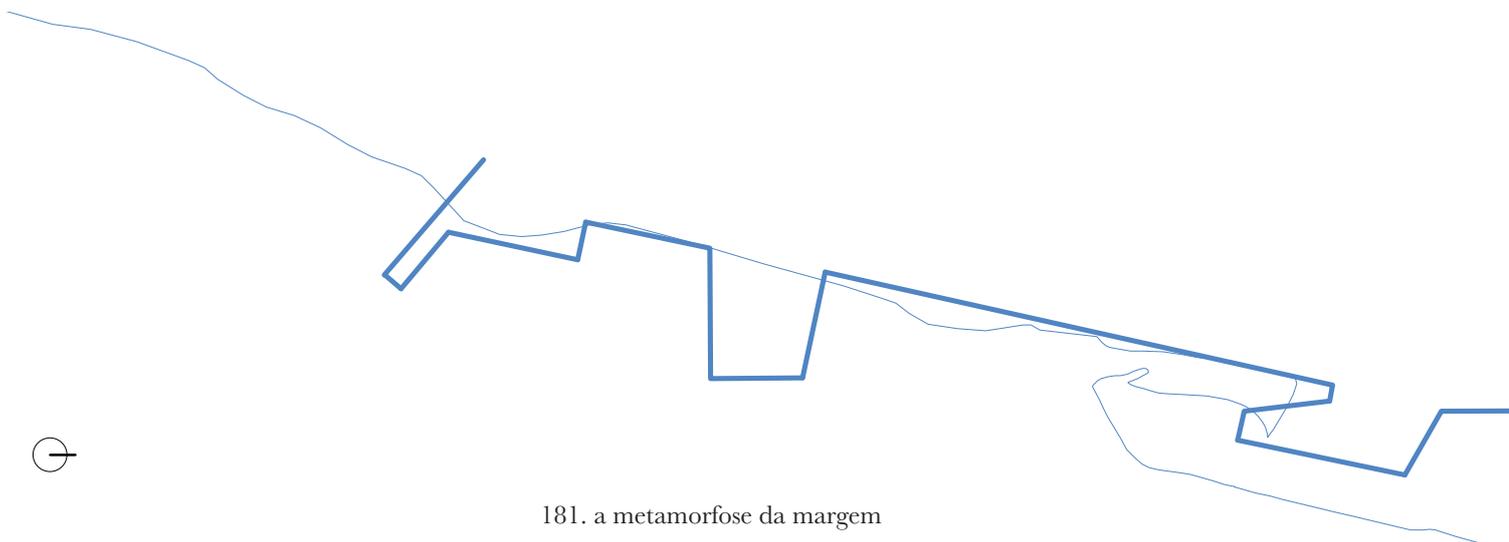
241

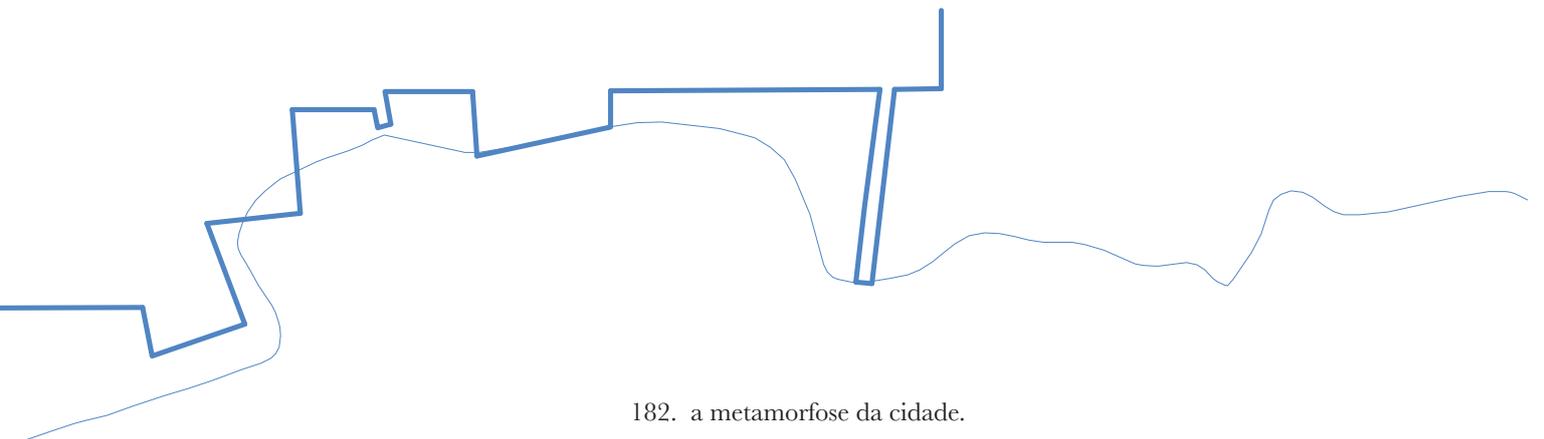
Com isto, criou-se uma proposta de um novo traçado e interface da Linha do Norte, entre o Vale Figueira e o Vale de Santarém, que serve a localidade de Santarém. Esta infraestrutura é desviada para o Oeste da cidade.



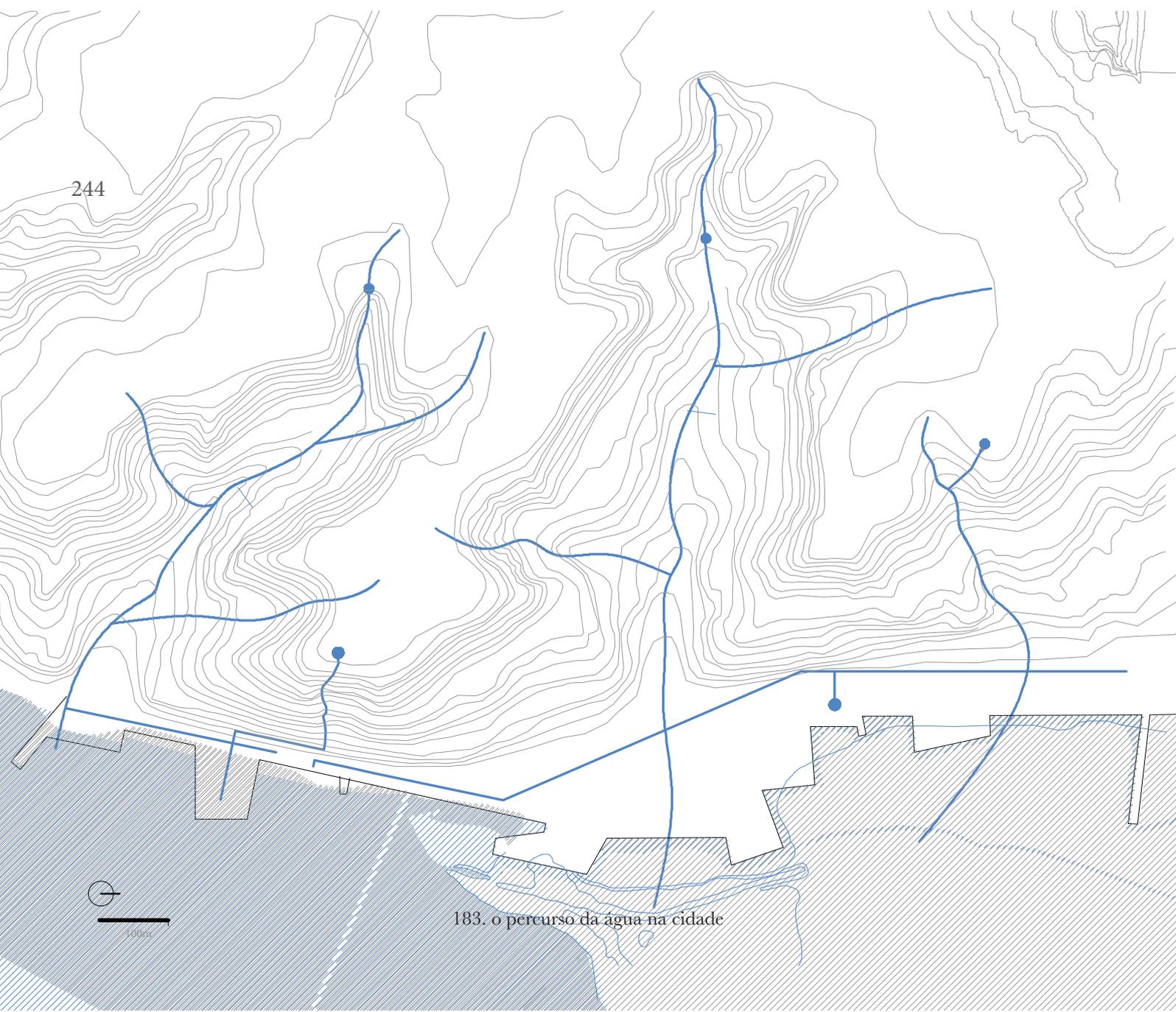
apeadeiro vale figueira

180. proposta novo traçado linha caminho de ferro





244



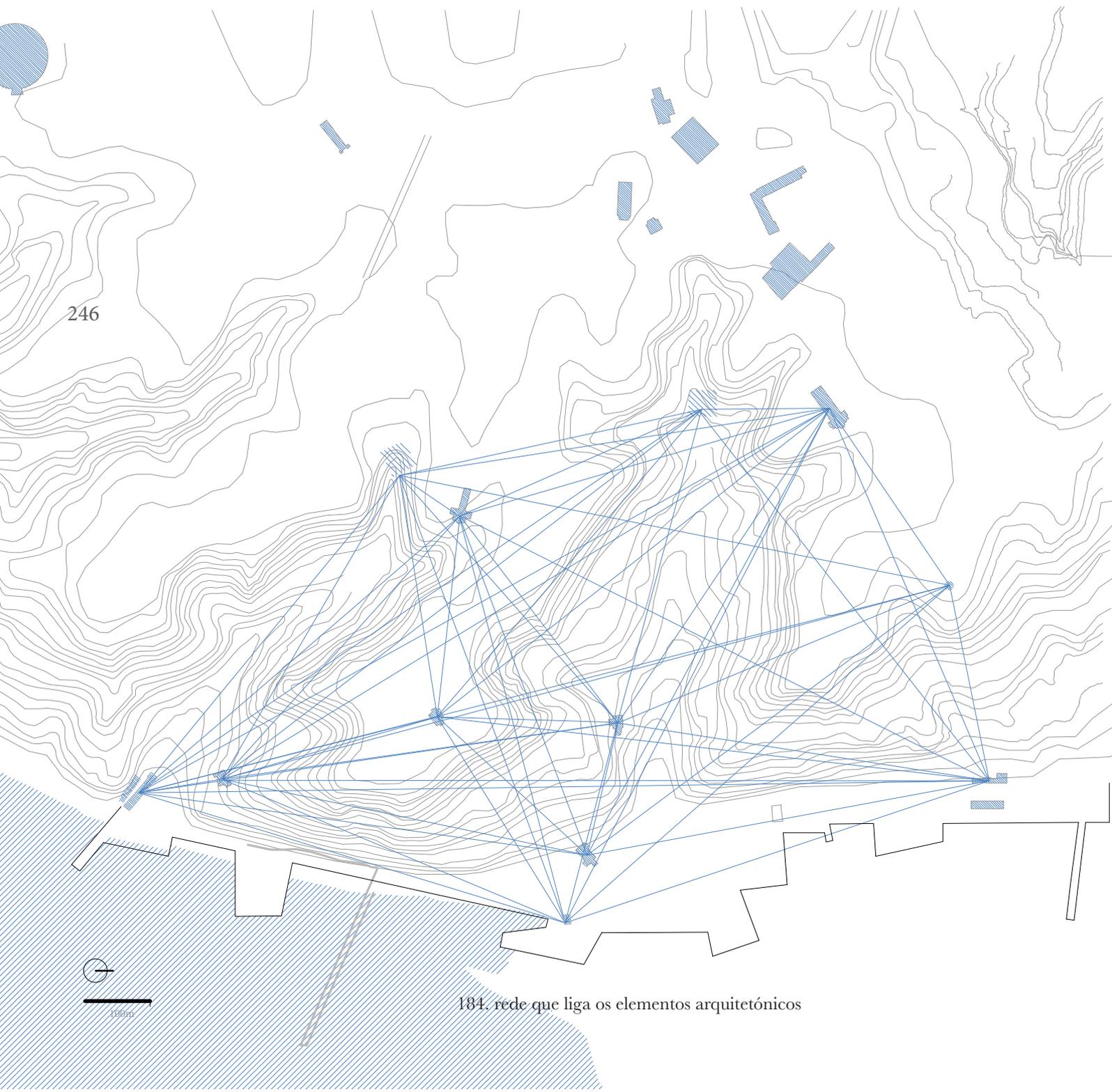
183. o percurso da água na cidade

A cidade ideal é uma cidade de água.
Imaginou-se como seria o limite da cidade de santarém banhada pelo rio no ano 2133.

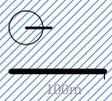
O rio tejo, a proximação com o mesmo e as principais linhas de água foram as componentes mais presentes, numa tentativa de perceber como a sua presença afetava a organização do território, através da sedimentação relacionada com as necessidades impostas a cada época.

Entendeu-se que as ligações mais importantes seriam a partir das linhas de água, de modo a ligar as fontes, o chafariz e o reservatório de água à cidade baixa. A circulação da água neste sistema é fundamental, a criação de um circuito da água, através de elementos presentes na cidade.

Para além da criação de um percurso ao longo destas linhas de água, criaram-se alguns pontos para reter e armazenar a água, abastecendo a baixa ribeirinha.



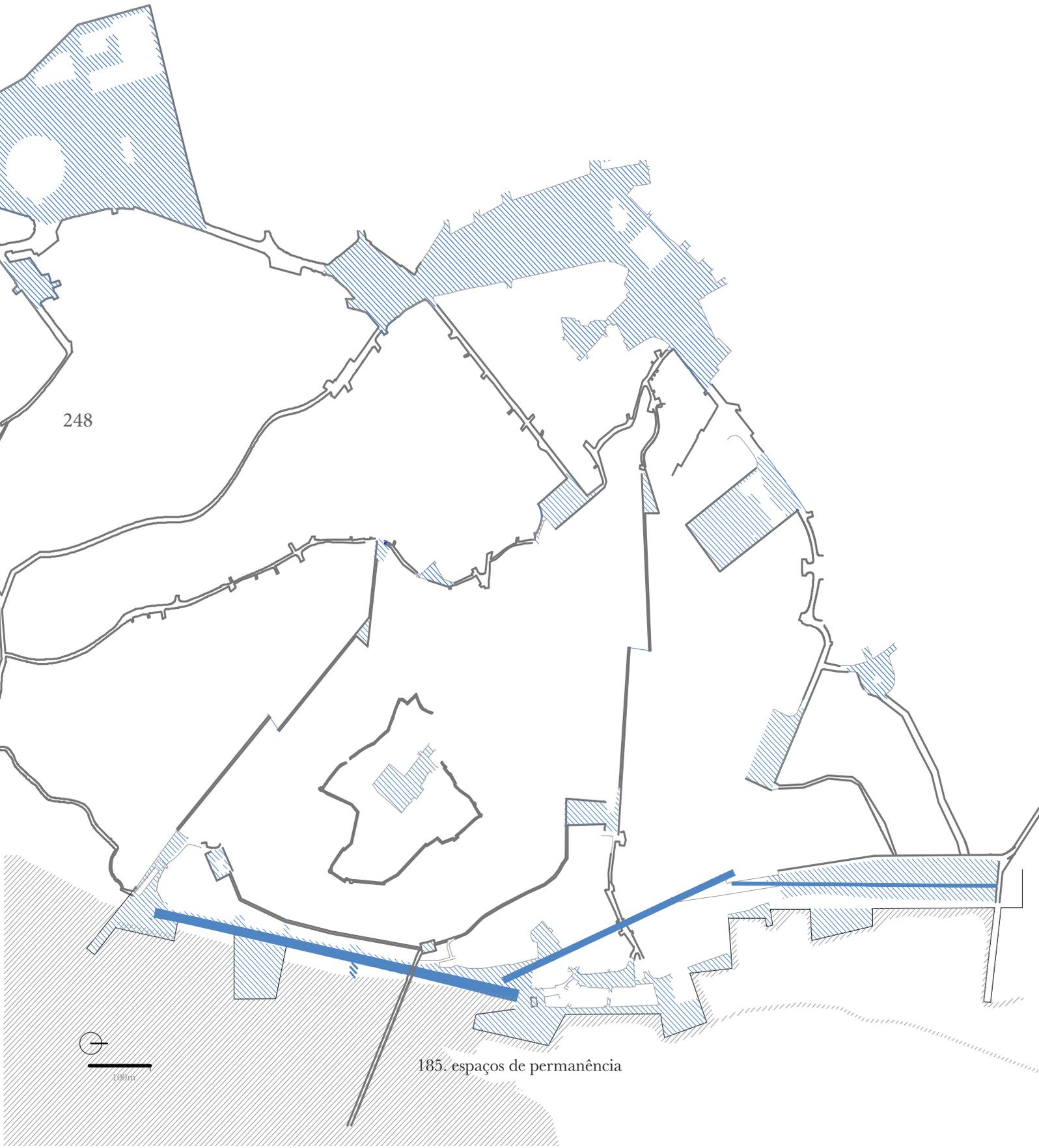
246



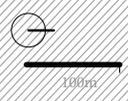
184. rede que liga os elementos arquitetônicos

Para a criação de ligações entre as duas cidades, estabeleceu-se uma rede que une os elementos arquitetônicos mais significativos, nomeadamente fontes, miradouros e igrejas. Esta rede ajuda a estabelecer relações físicas e visuais, de modo a ler a cidade num todo e, como parte de um sistema.

Ao definir a nova linha de margem e, olhando de baixo para cima, acaba por existir uma continuidade visual entre a alta e a baixa, unindo elementos em função da água e marcando-os através de torres, para nos referenciar na cidade. O olhar da alta para a baixa é a visão do sonho, é o olhar sobre tudo. É o privilégio do topo. Aqui conseguimos perceber as três linhas que se criam na cidade baixa, a presença das torres nesta também marcam certos acontecimentos.



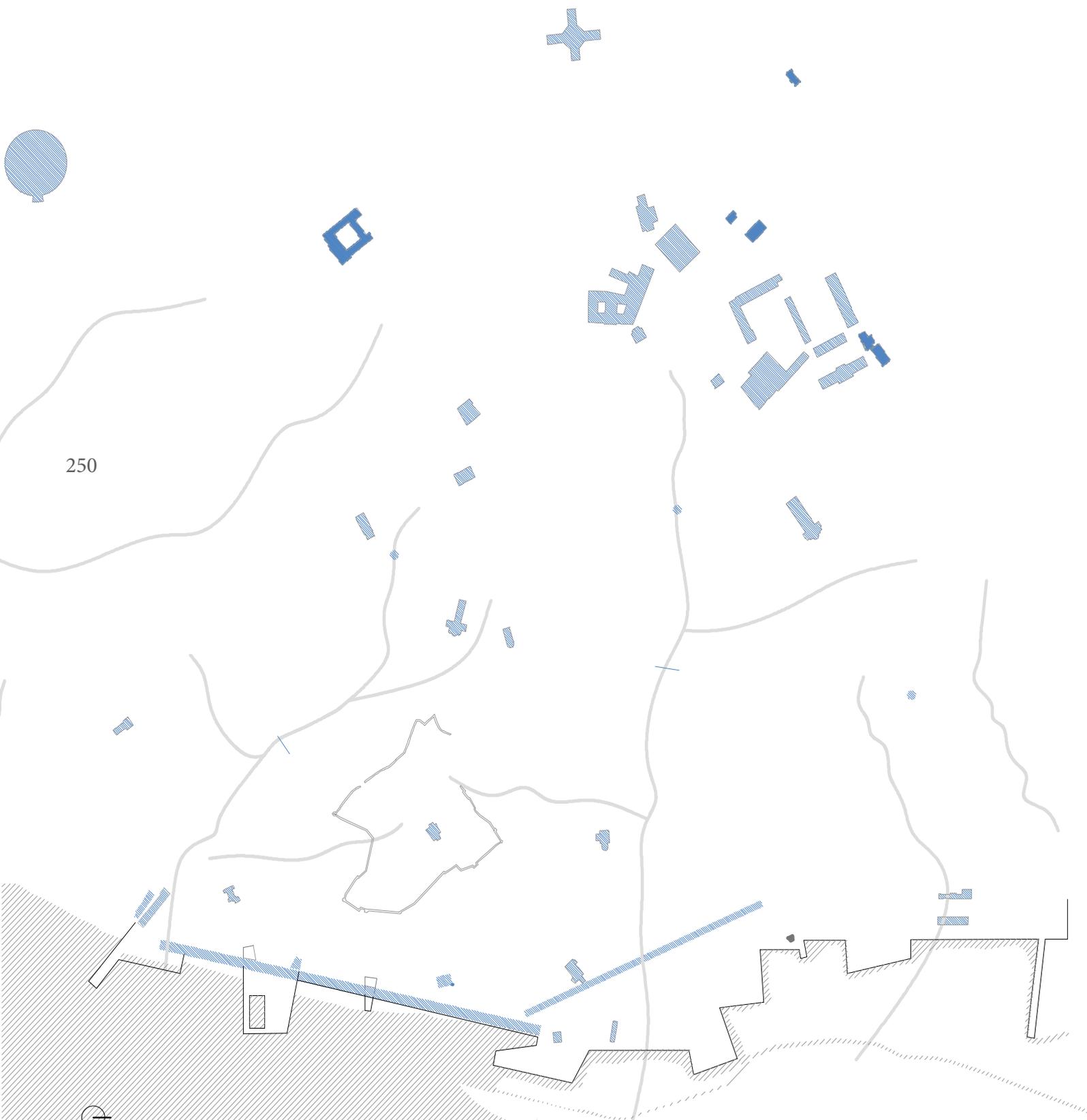
248



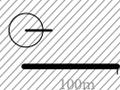
185. espaços de permanência

Redesenharam-se, portanto, um conjunto de praças na cidade, de forma a criar miradouros ao longo do percurso.

Através das linhas de água, surgiram *eixos geométricos* que marcam o território, de modo a estabelecer uma ligação direta entre a baixa ribeirinha e o planalto. Uma destas ligações encontra-se no lado direito da margem, ligando a praça Padre Chiquito, na Alfange ao Chafariz de El Rei no planalto. Na Ribeira de Santarém, a ligação é feita da praça Oliveira Marreca à Fonte das Figueiras.

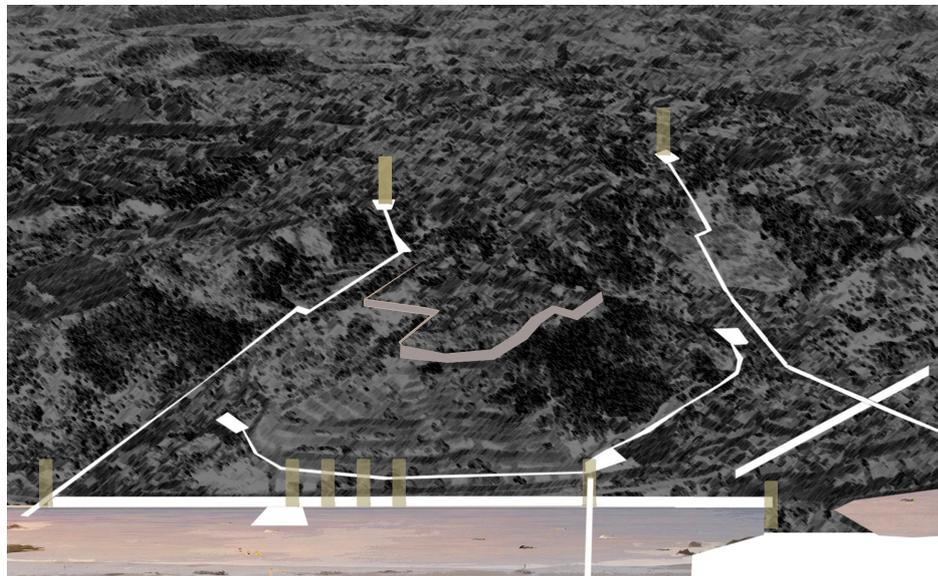


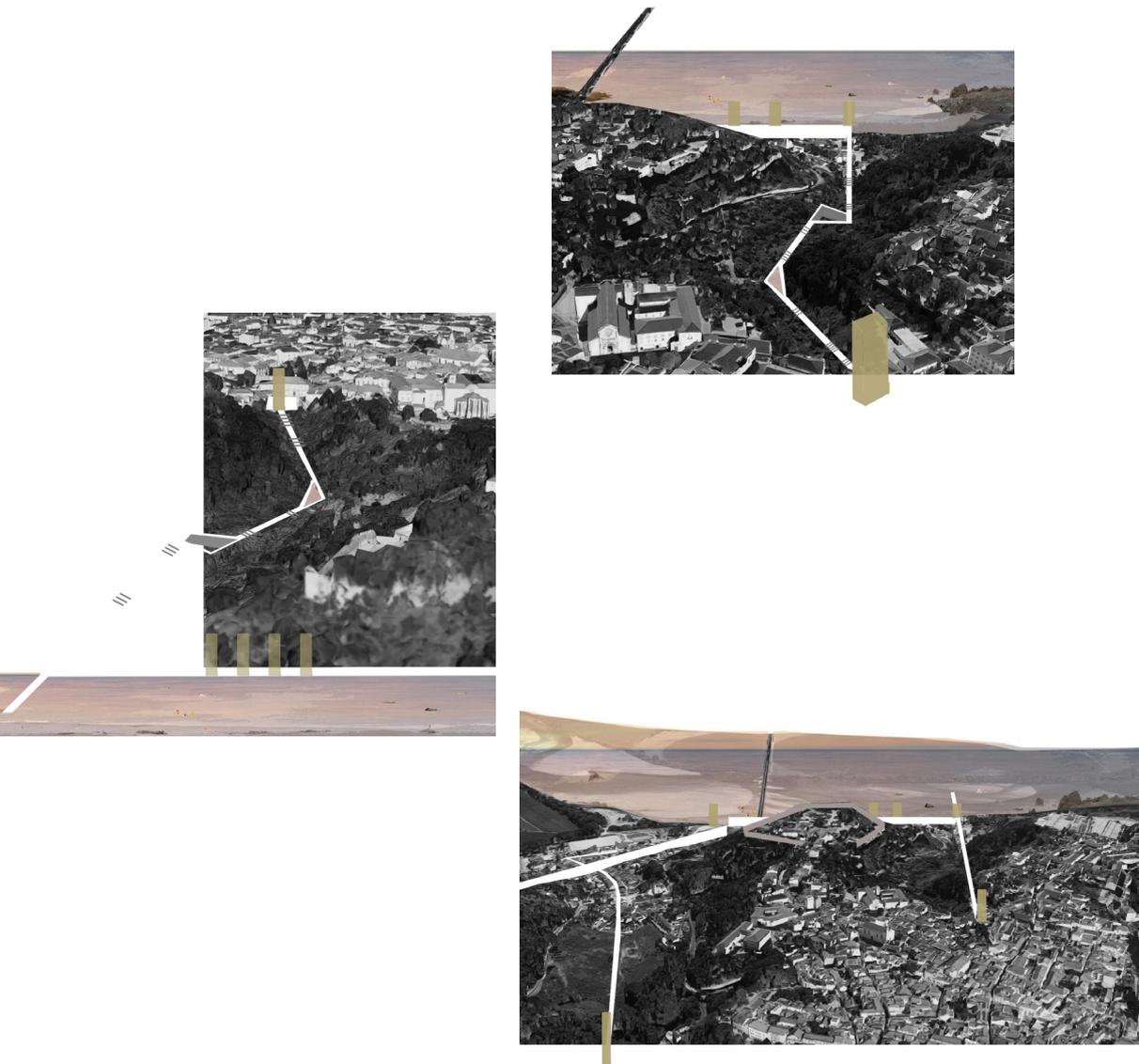
250



edifícios singulares na cidade

251





a linha da água

254



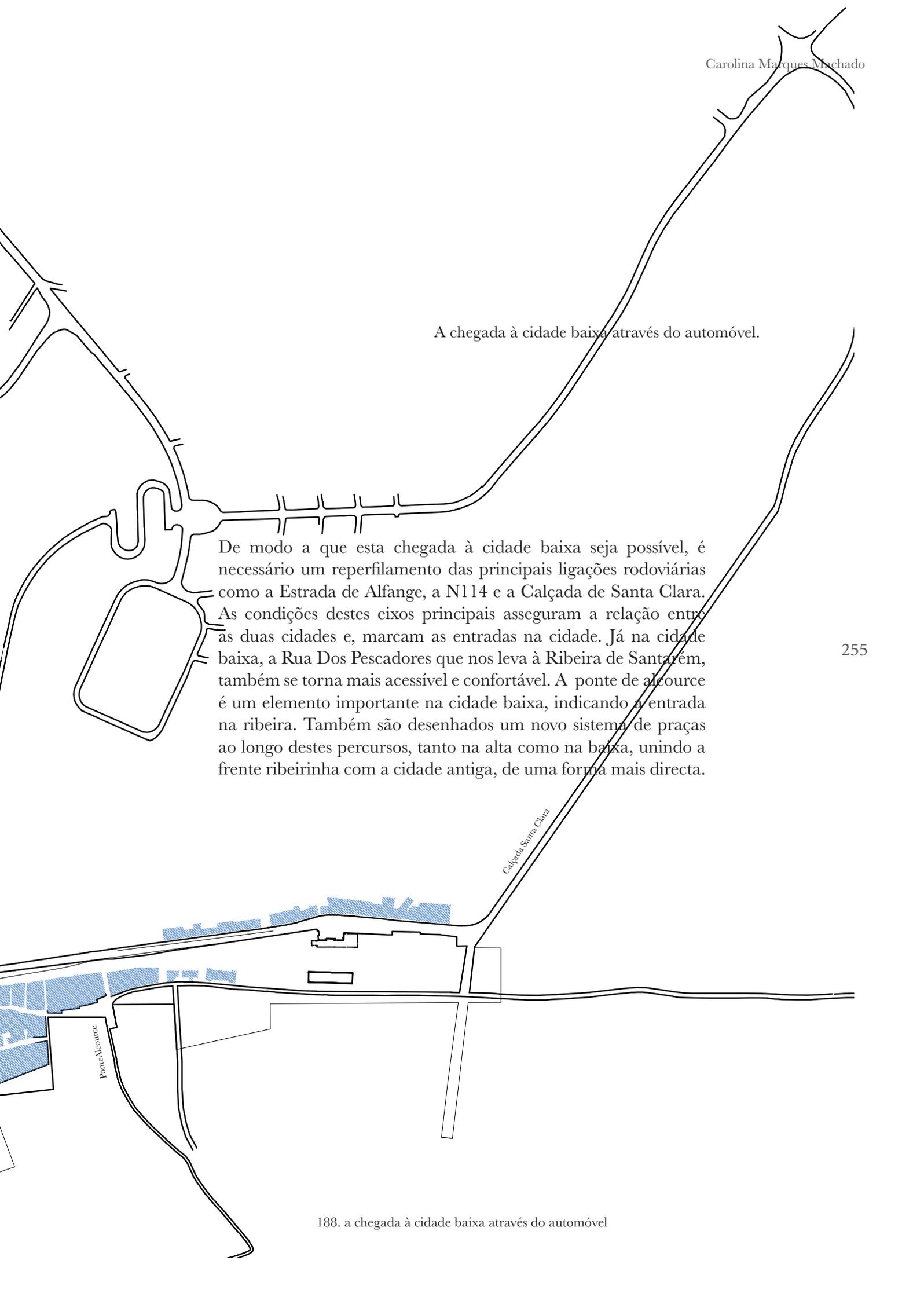
Estrada da Alfinge

N.114

Rua dos Pescadores

Ponte D. Luís





A chegada à cidade baixa através do automóvel.

De modo a que esta chegada à cidade baixa seja possível, é necessário um reperfilamento das principais ligações rodoviárias como a Estrada de Alfange, a N114 e a Calçada de Santa Clara. As condições destes eixos principais asseguram a relação entre as duas cidades e, marcam as entradas na cidade. Já na cidade baixa, a Rua Dos Pescadores que nos leva à Ribeira de Santarém, também se torna mais acessível e confortável. A ponte de alcource é um elemento importante na cidade baixa, indicando a entrada na ribeira. Também são desenhados um novo sistema de praças ao longo destes percursos, tanto na alta como na baixa, unindo a frente ribeirinha com a cidade antiga, de uma forma mais directa.

255

256

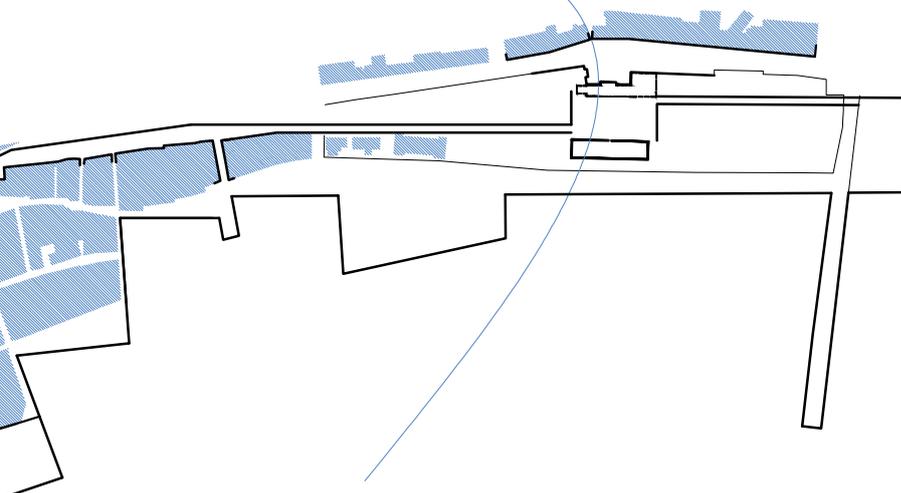


A chegada à cidade baixa a pé.

A ligação a pé é feita por estes *eixos geométricos* que marcam o território, que tem como objetivo ligar pontos do território, como as fontes à ribeira de Santarém. Ao longo deste percurso pode-se encontrar os tais tanques de armazenamento de água escondidos na topografia...

Na rua dos pescadores, o percurso de carro é feito a uma cota inferior do percurso a pé, percurso esse que acontece em dois momentos na encosta. Um trilho existente que se pretende (re)aproveitar, agarrando três pontos, a Igreja de São João Evangelista de Alfange, o miradouro e a Igreja de Santa Cruz. O outro percurso acontece abaixo deste, através das “bolsas” na rua dos pescadores, que oferecem estacionamento. Isto para não existir uma barreira entre a rua e o rio e dar a possibilidade de andarmos numa cota que permita usufruir da paisagem.

257

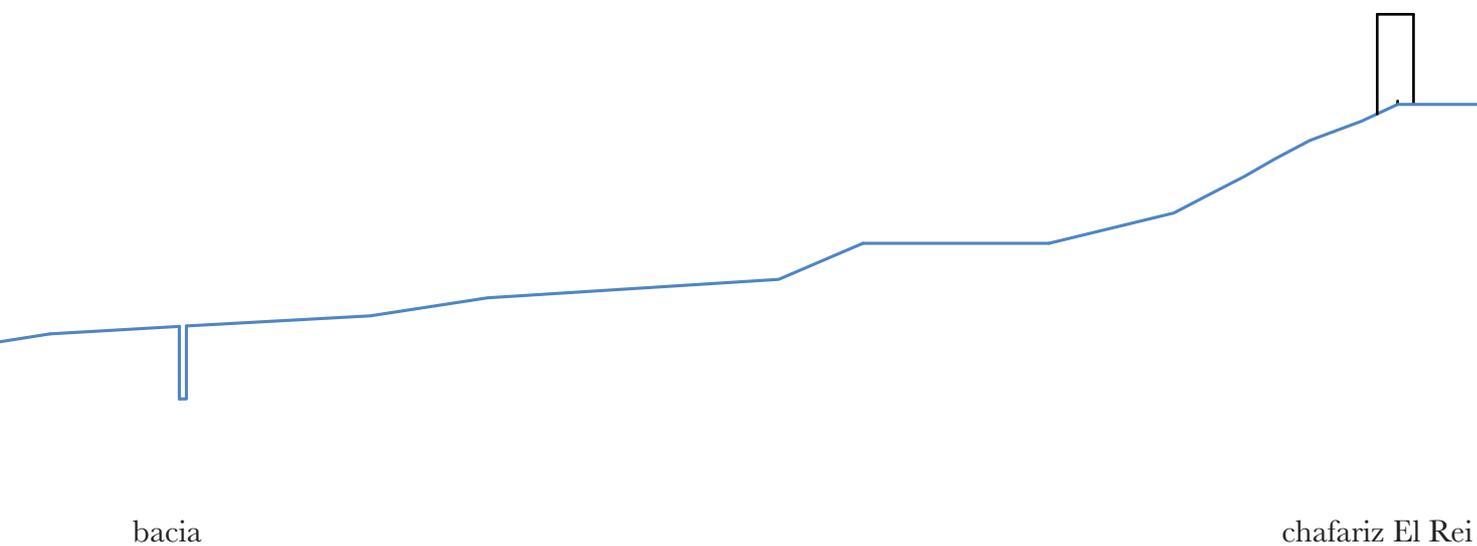




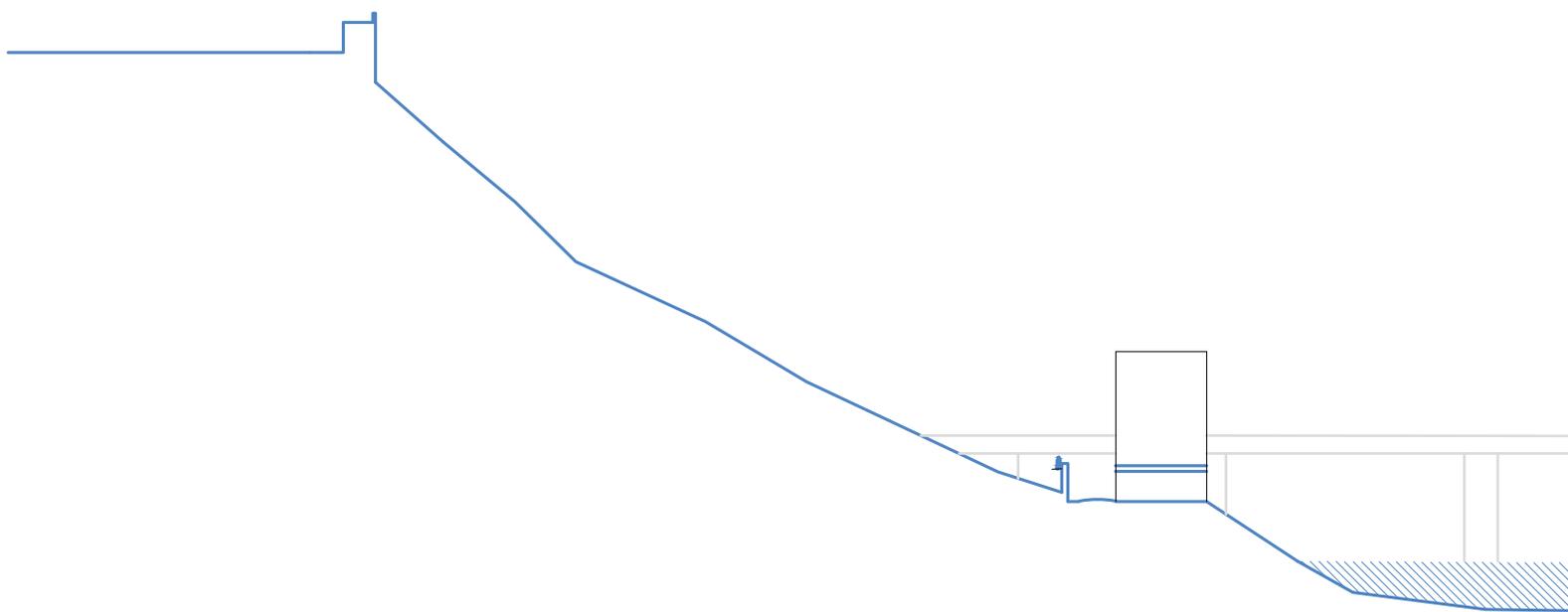
fábrica alfange

do chafariz de El Rei à Alfange

259

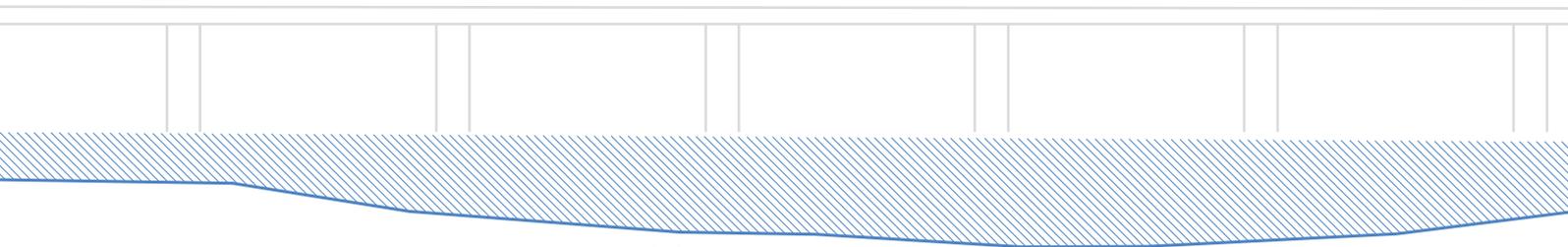
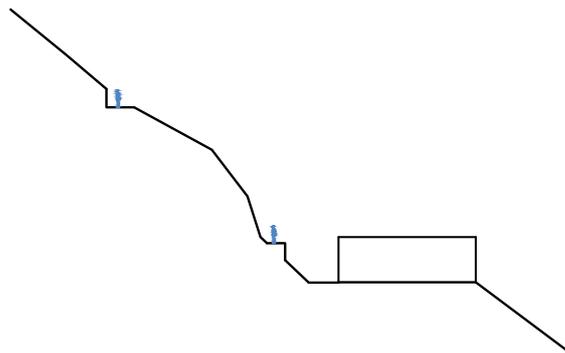


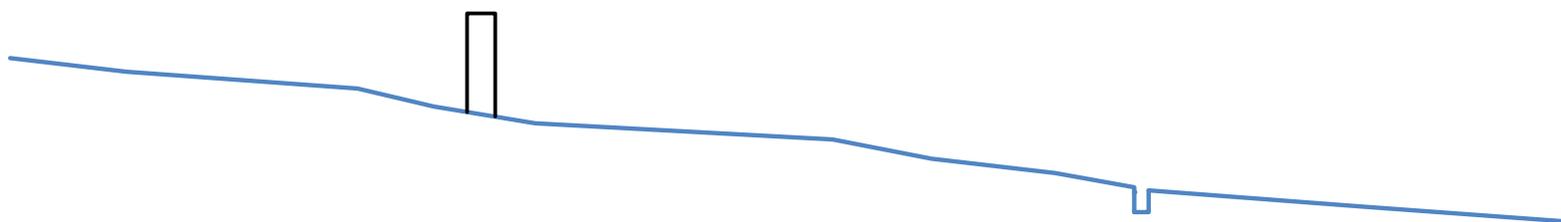
260



portas do sol

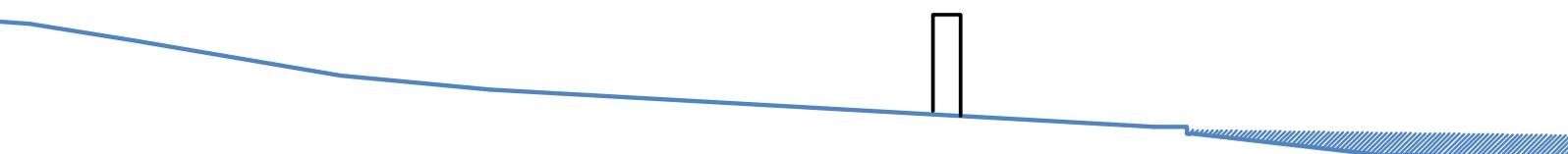
muro





fonte das figueiras

bacia

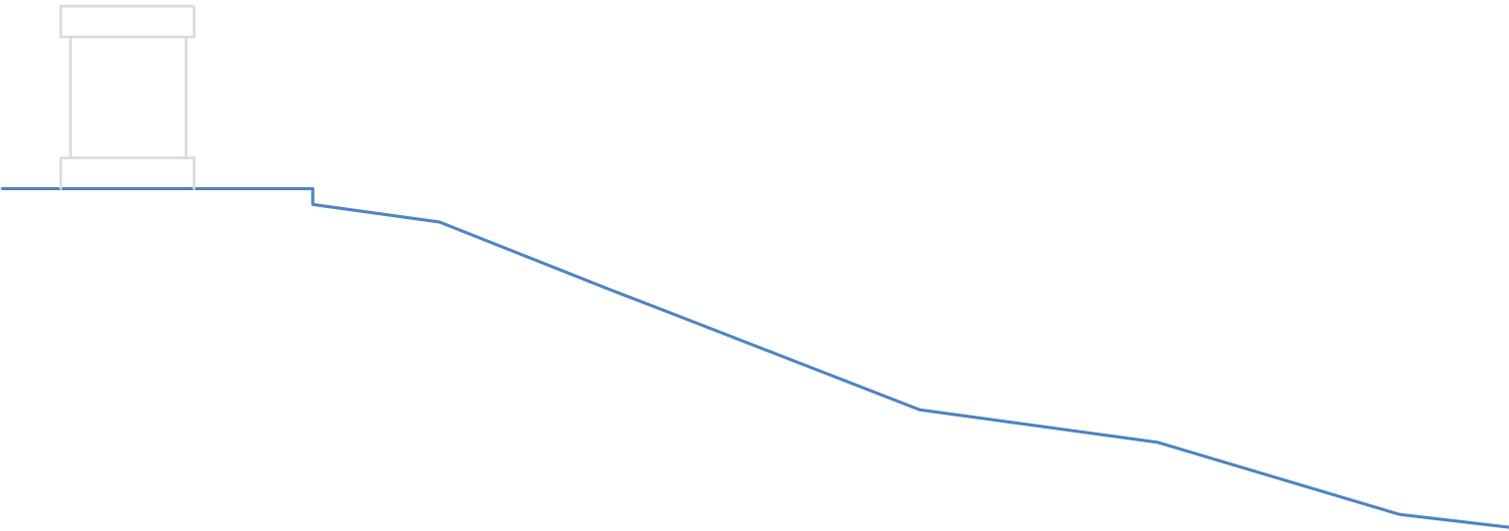


sta. iria

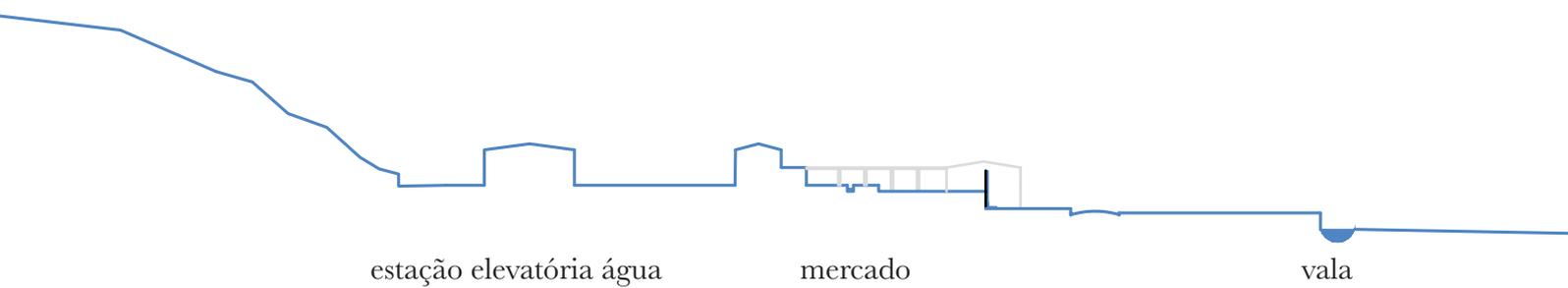
192. da fonte das figueiras à ribeira

a linha da água

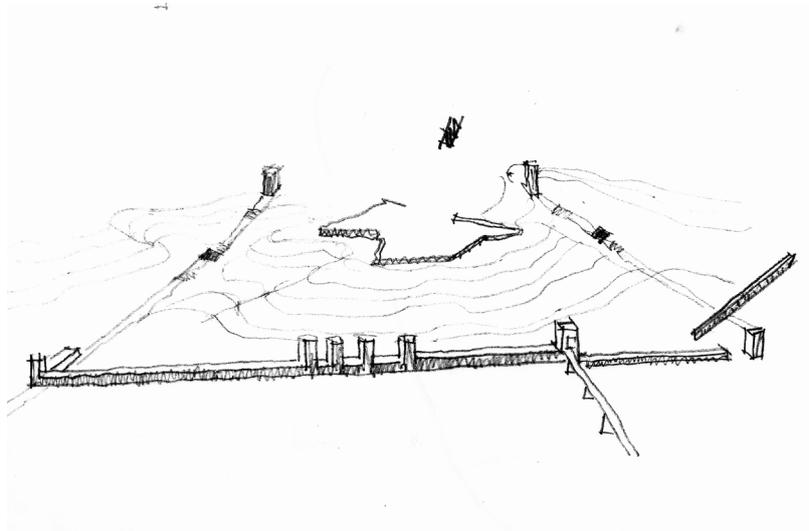
264



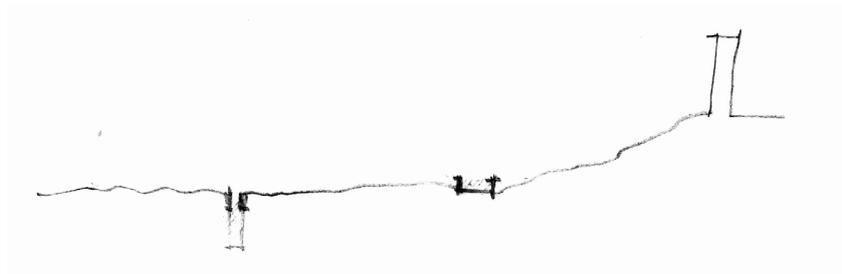
depósito água



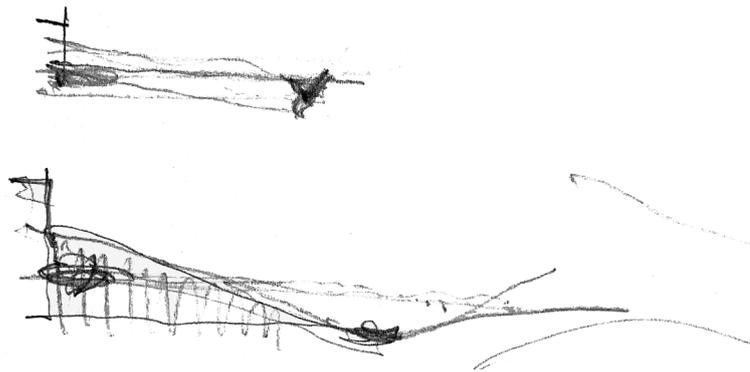
193. do depósito de água à ribeira



as ligações....

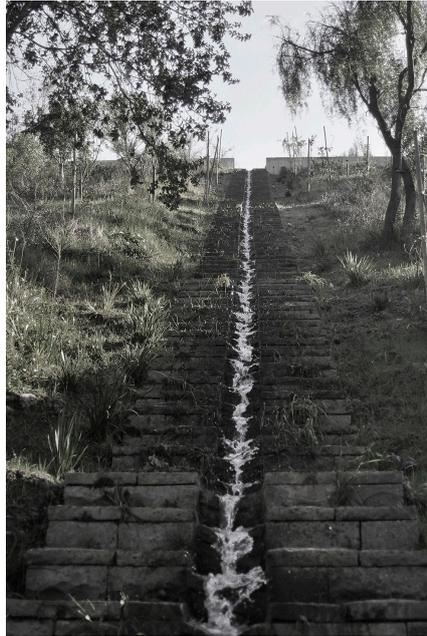






269

quando a água sobe....



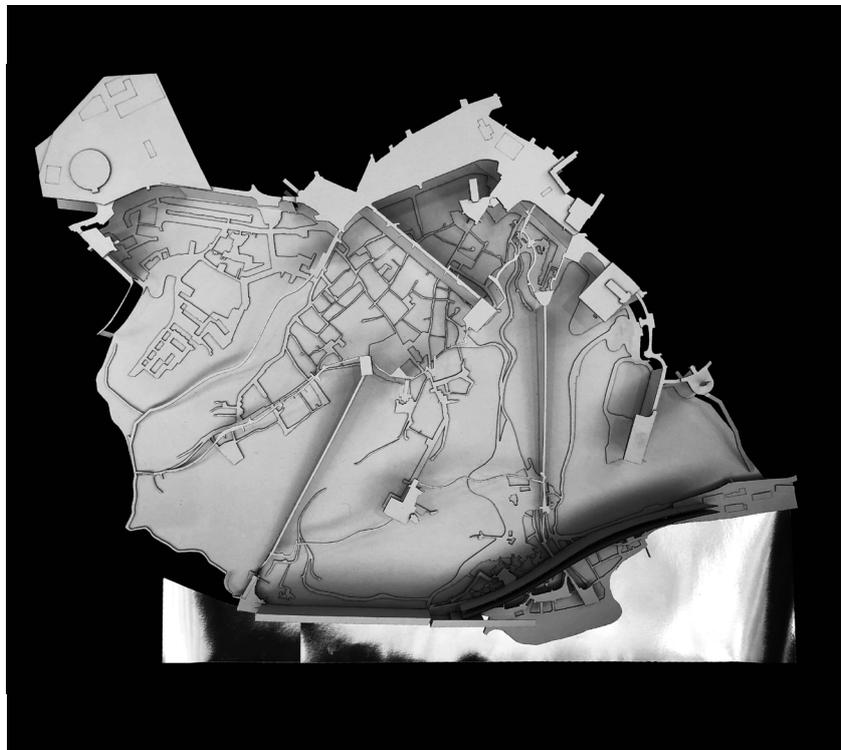
198. casablanca II. Teresa Moller, 2007.

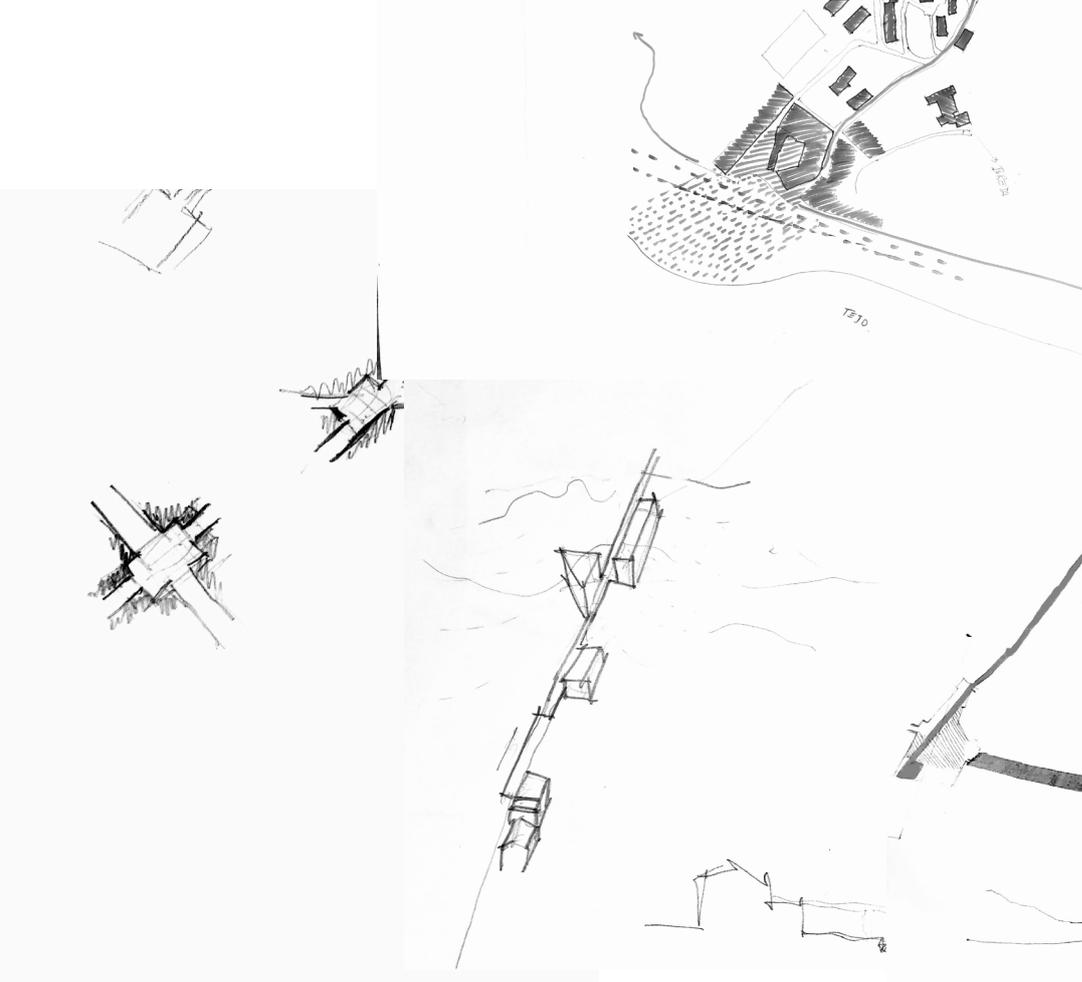
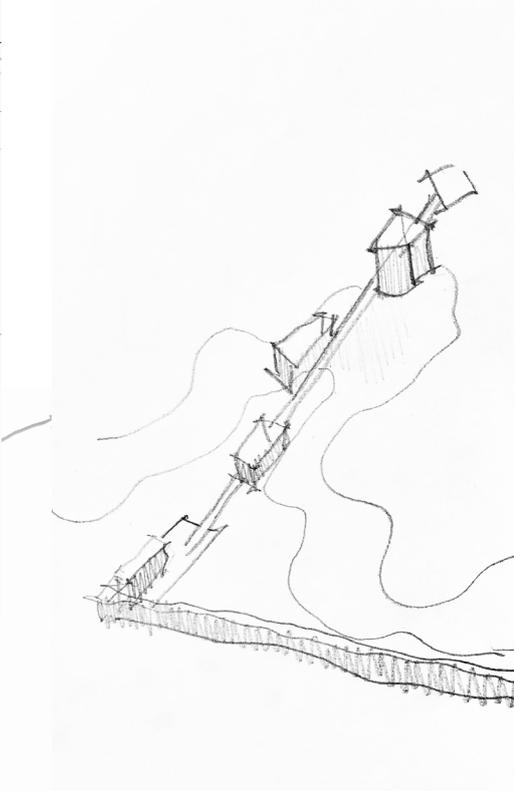
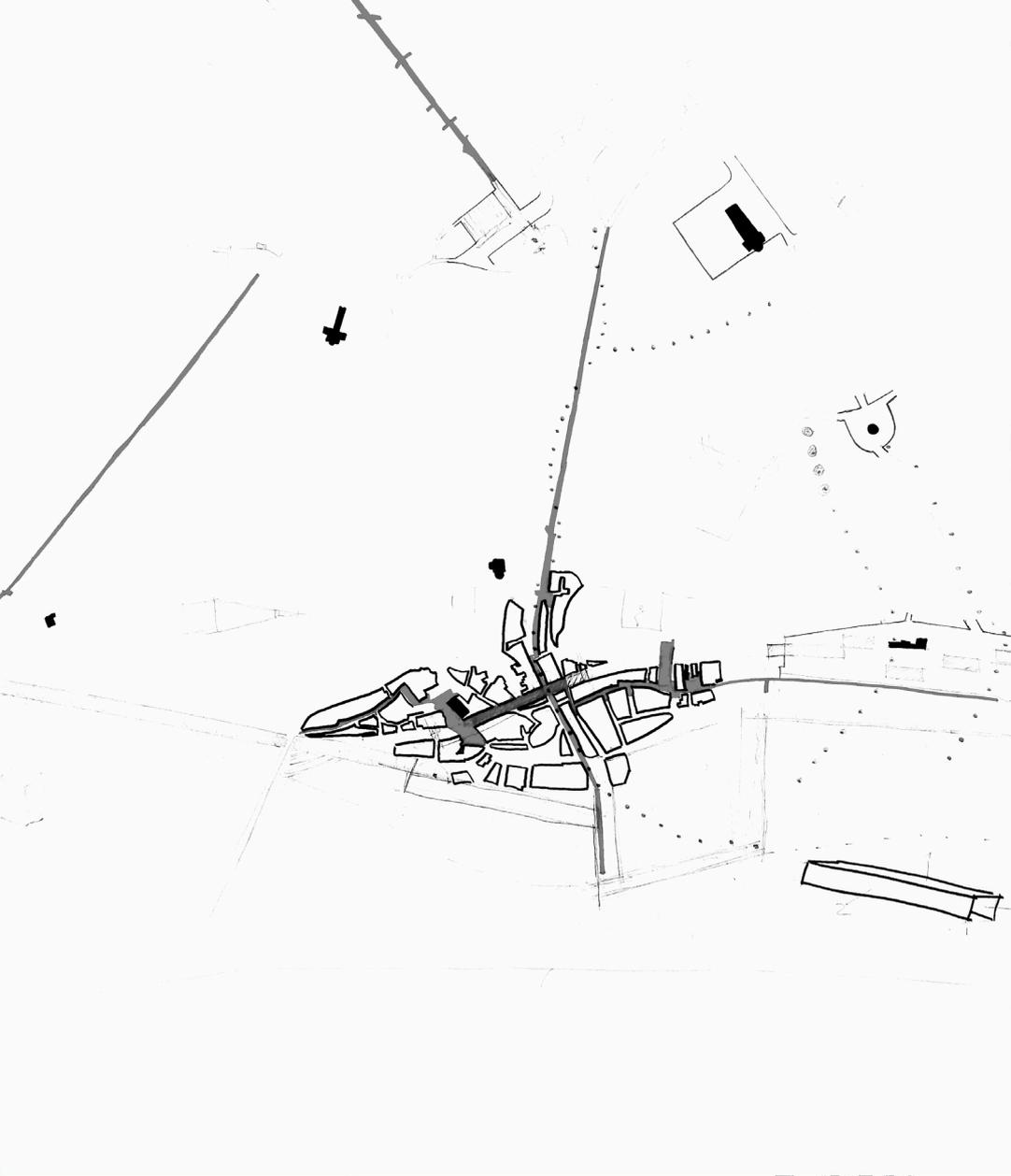
199. casablanca II. Teresa Moller, 2007.

a intenção da presença da água no nosso caminho, a condução da água









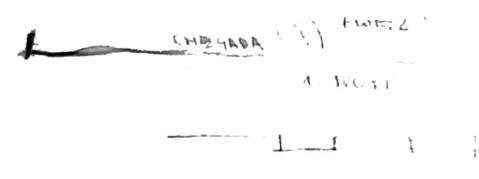




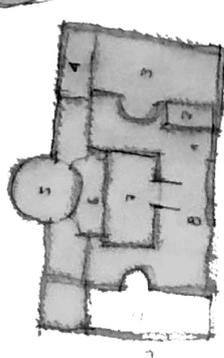


[LUBRICAÇÕES]
 TRANSPORTE BANHAS
 CONSERVAÇÃO
 NA NOVA BANHA

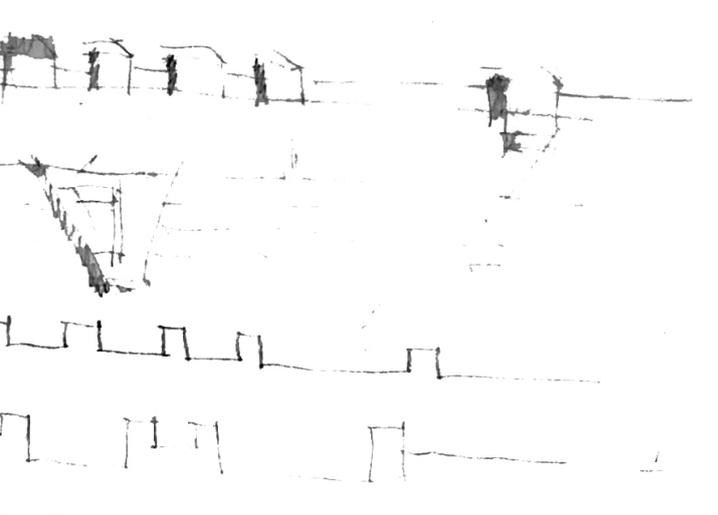
RECURSOS
 ÁREAS
 D. DEFENSOR
 TRATAMENTO
 ADMINISTRAÇÃO
 BANHEIROS
 SERVIÇOS



- TERMIAS → BANHO PÚBLICO
- HIGIENE CORPORAL
 - TERAPIA
 - ÁGUA COM PROPRIEDADES MEDICINAIS
- NATATIO [PISCINA] - ÁGUA DAS FONTES
- 2 - APUDITARIO [VESTIBULO + RECEPCAO]
 - 6 - TEPIDARIO [BANHOS TEPIDOS / TIBIAIS]
 - 7 - PRAETORIO [PASTA PARA MASSAGEM]
 - 5 - CALDARIO [BANHOS QUENTES - 30-50]
 - 8 - FRIGIDARIO [BANHOS FRIOS]
 - SUDATORIUM [SALA]
 - 3 - PALLIUM [SALA DE RECEPCAO]
 - 4 - ATRIO [SALA]
 - 1 - LABORATORIO [SALA] - TERAPIA
- TERMIAS



308 m²



.2 o novo limite (da água) num lugar na cidade

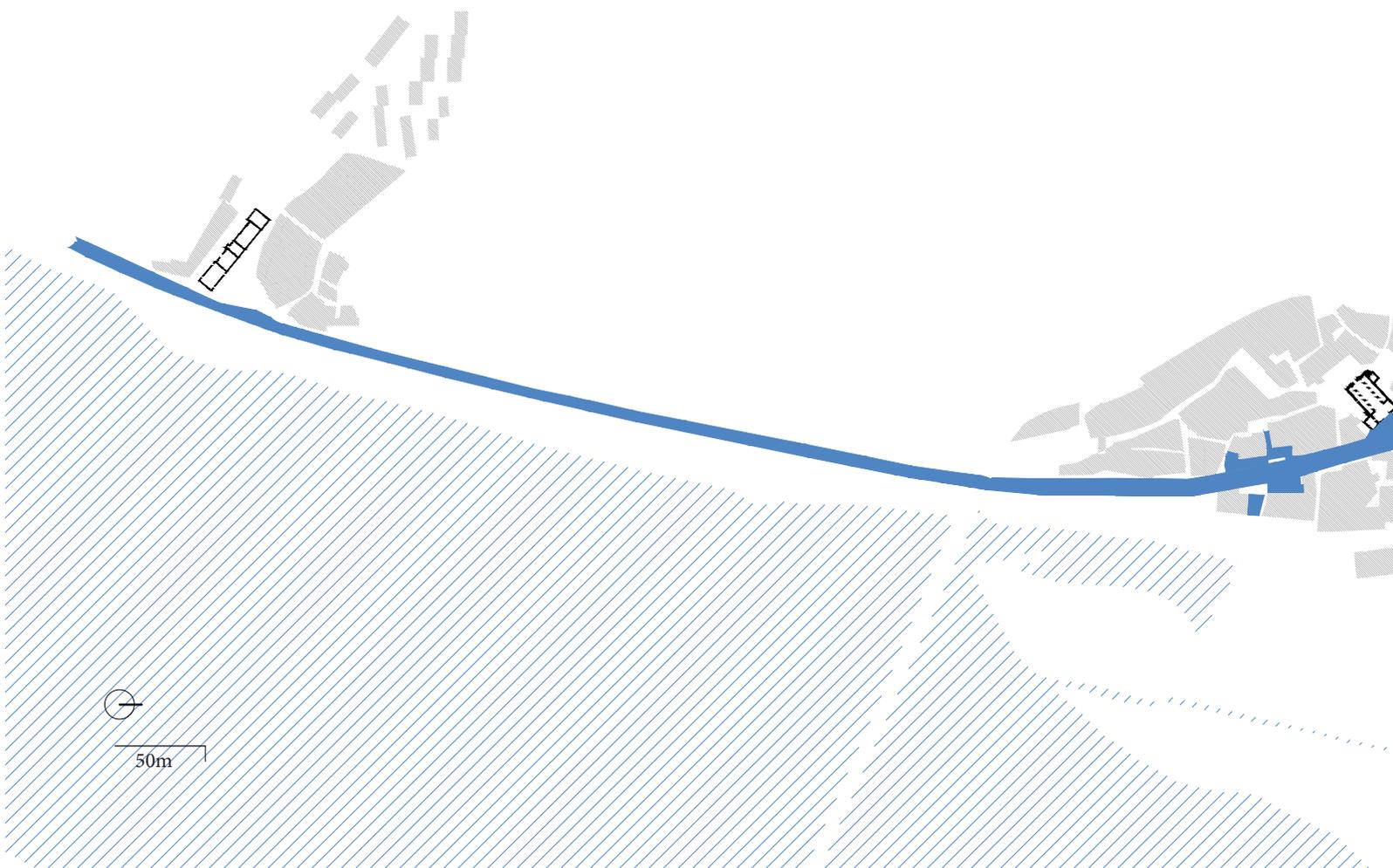
O limite, inicialmente natural, como um rio, ribeira ou vale, representava a linha divisória entre dois territórios. Quando este limite se torna obra humana, acaba por adquirir atributos em função de um muro.

279

Não se vê no limite uma divisão, mas sim uma oportunidade de explorar o vazio, criando os espaços associados à água.



280

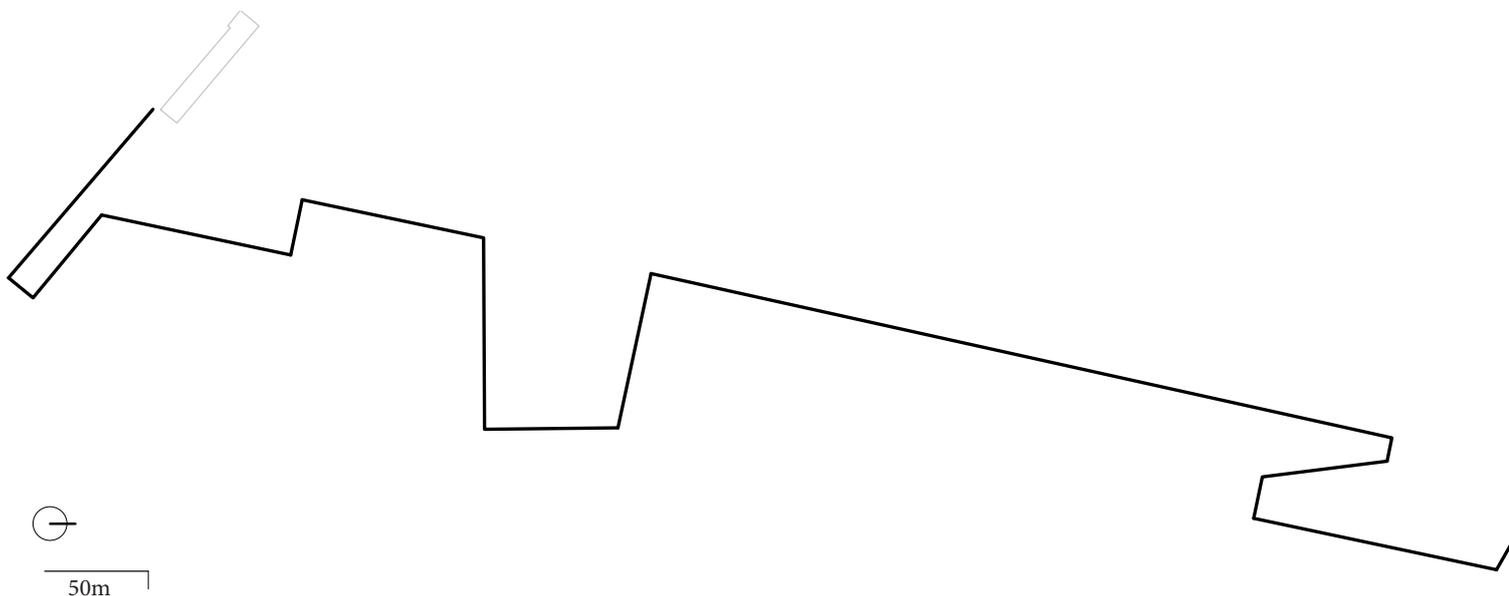


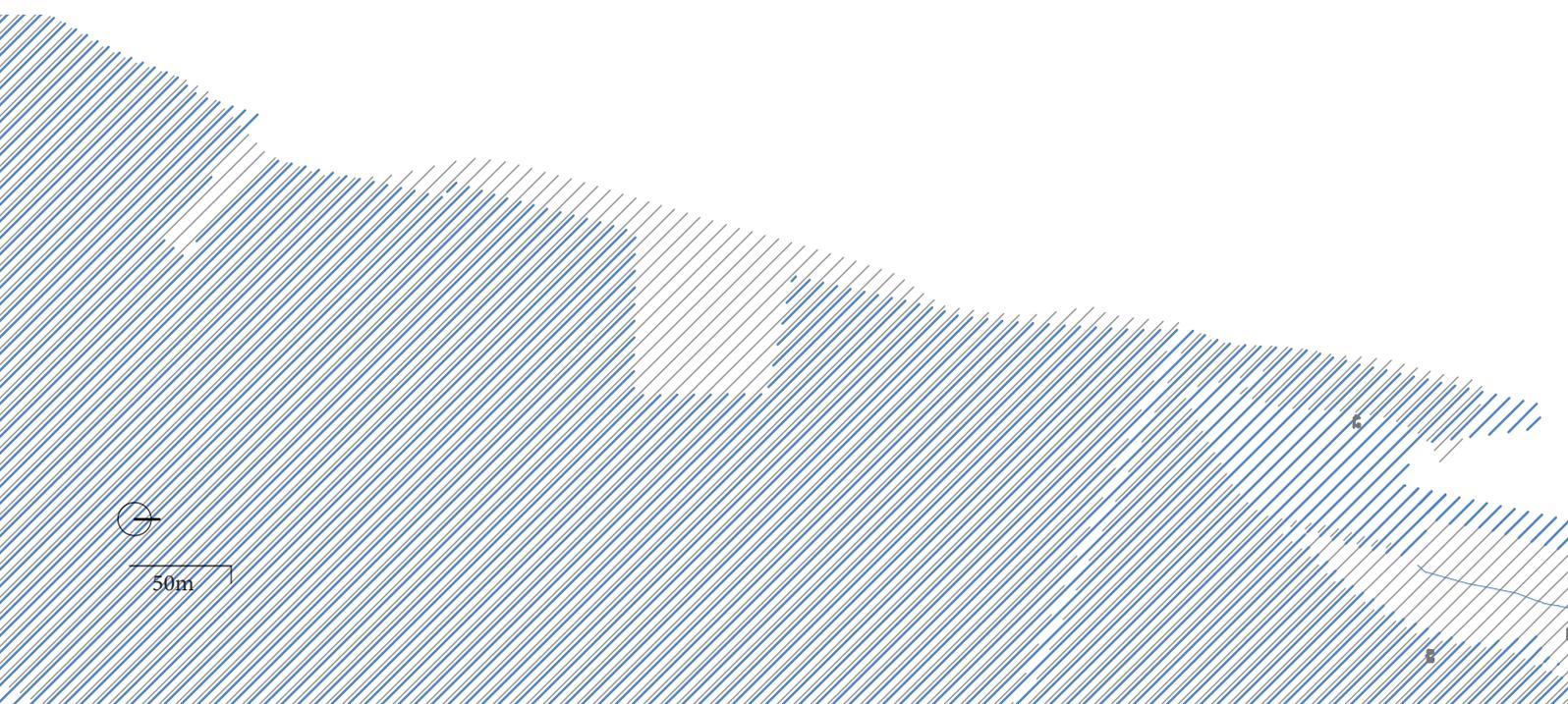
O edificado abandonado ou desativado, as parcelas vazias e os logradouros, surgem como espaços de oportunidade de requalificação, atribuindo novos usos a estes espaços. Através da linha de caminho de ferro (desativada), amarram-se estes espaços de oportunidade com potencial de se relacionarem uns com os outros.

281

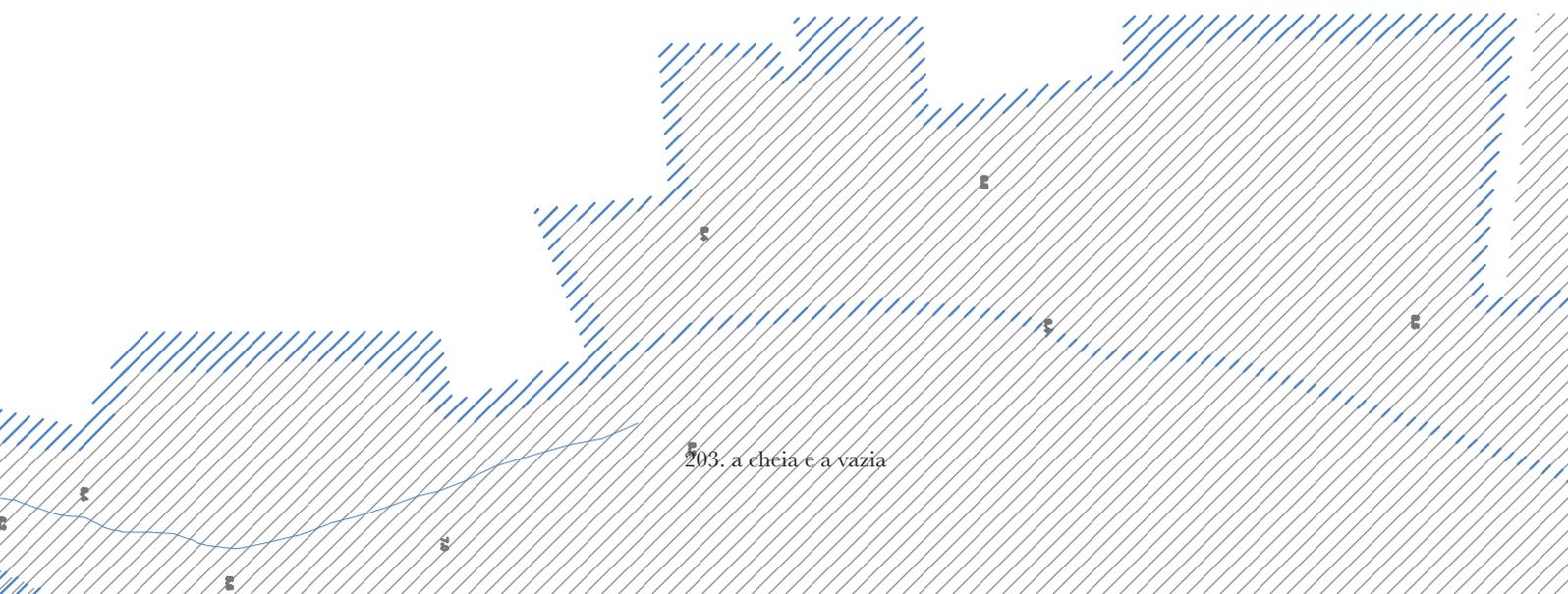
De modo a recuperar o seu papel na cidade baixa de Santarém.

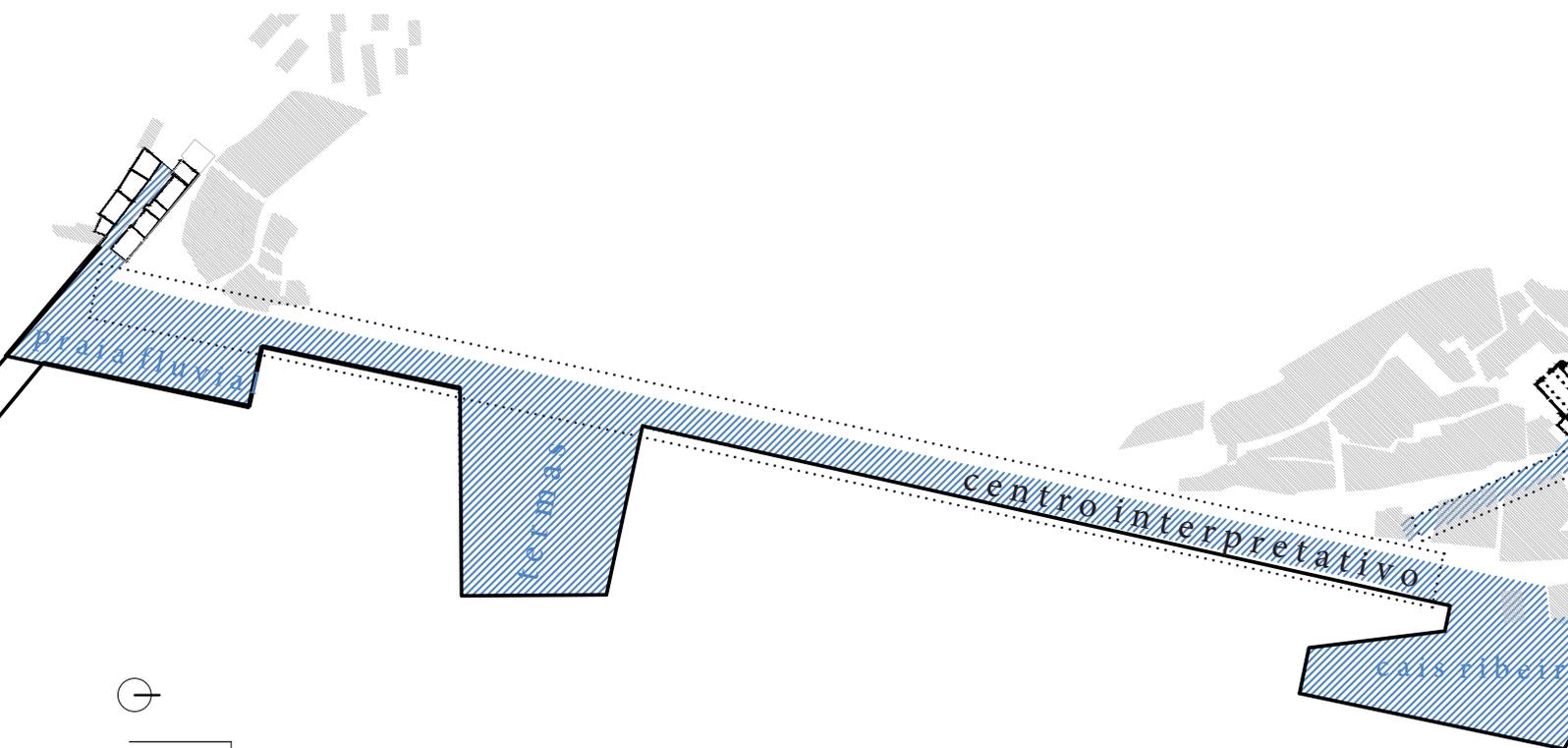






O novo limite da margem, passa pela reestruturação dos canais existentes e, forma-se através de prolongamentos que se estendem sobre o rio. Sejam estes, os pontões, a plataforma da piscina flutuante o novo cais fluvial, o pontão, a amarração da ponte alcourse ou o estacionamento da estação de caminho de ferro.



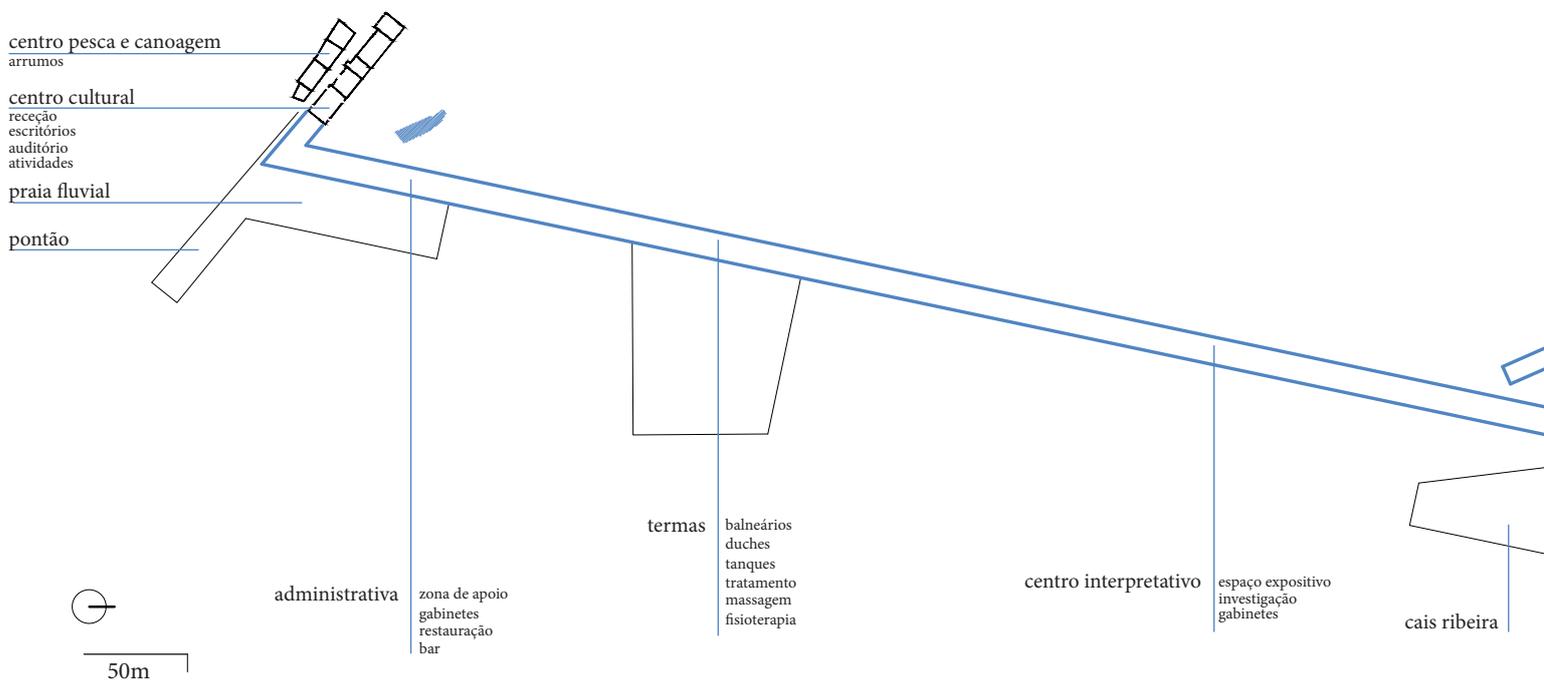


O programa urbano tenciona devolver a articulação ao traçado existente e, vincular a sua relação com o limite. Uma metamorfose na margem da cidade, atribuindo vários cenários a cada lugar.

287

Vários cenários que nos vão oferecendo diferentes sensações.



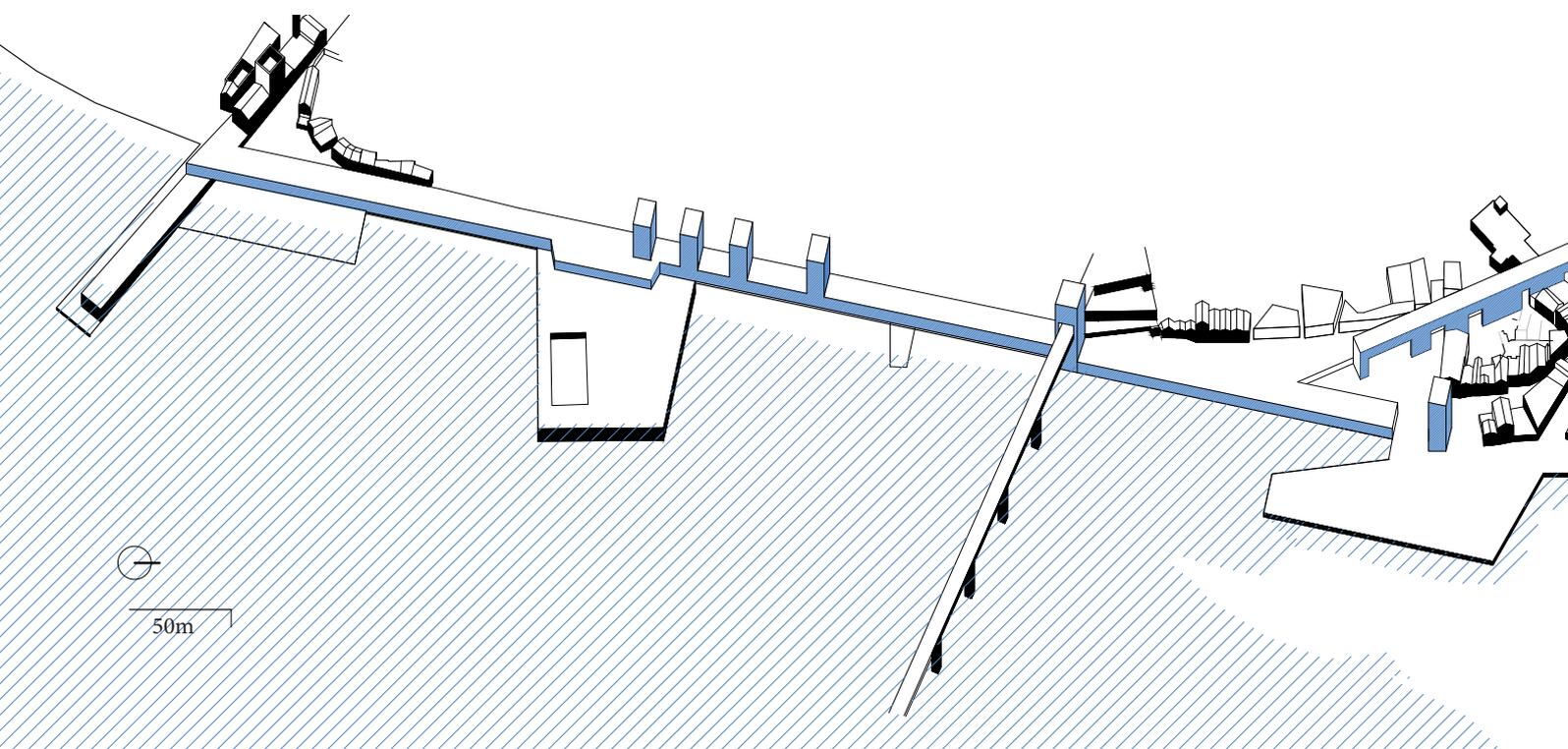


o programa ao longo da *promenade*

289



205. o programa ao longo da *promenade*



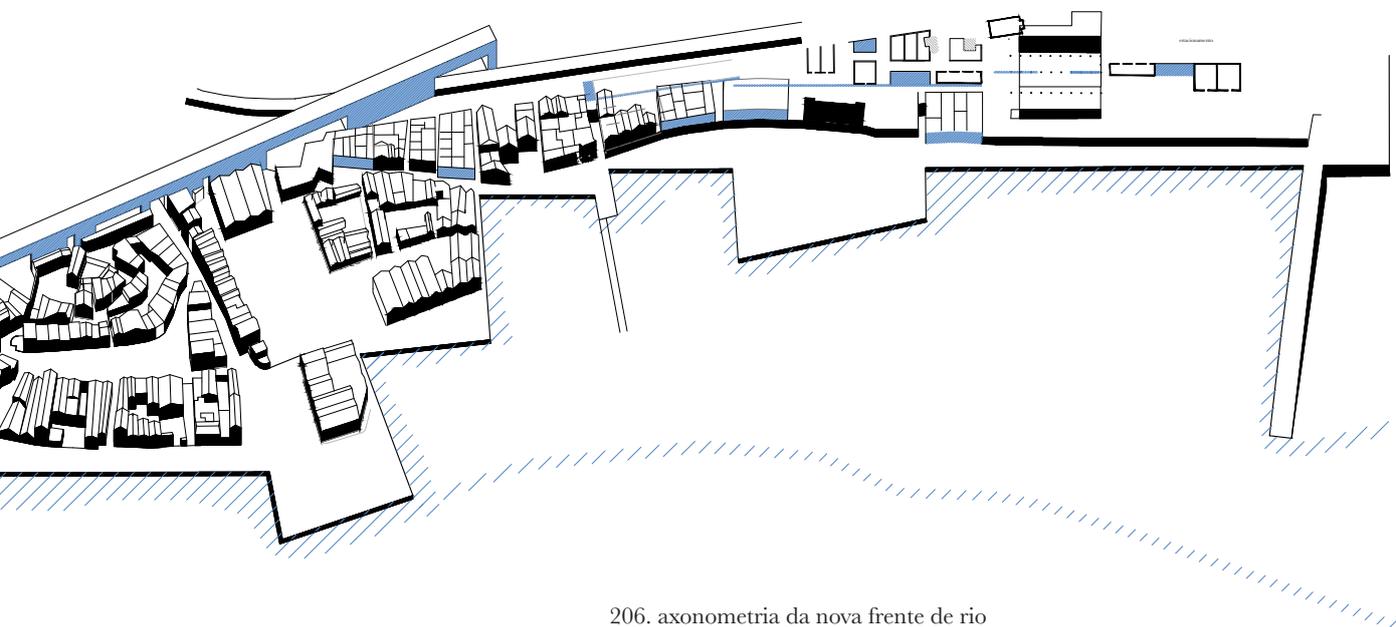
Considerando que o projeto se localiza junto ao rio Tejo, as inundações e cheias são aspetos a ter em conta. A população da Ribeira já está acostumada a estes acontecimentos, pelo que se assume o contacto com a água.

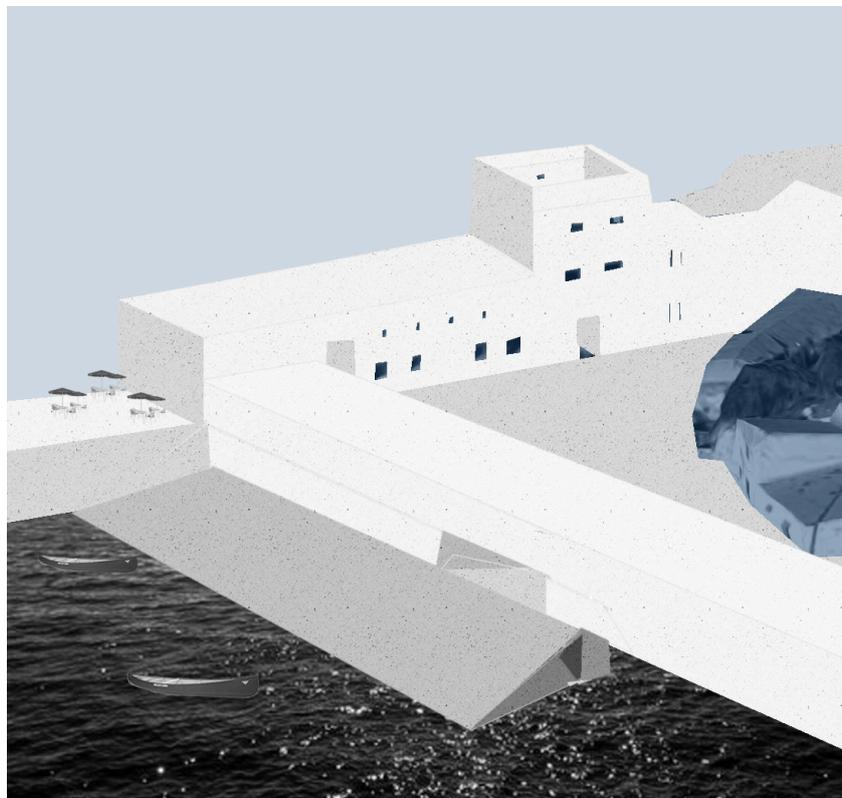
O projeto é formado através de três linhas, incidindo em três partes e estabelecendo ligações.

291

a alfange, a ribeira, a estação de caminho de ferro...

Estes percursos serão feitos através de duas Megaestruturas que, conceptualmente funcionam como o negativo uma da outra.





O percurso, a viagem que nos conduz.

Começando na Alfange...

A Fábrica de hoje, o último vestígio industrial da cidade será um Centro Cultural no futuro.

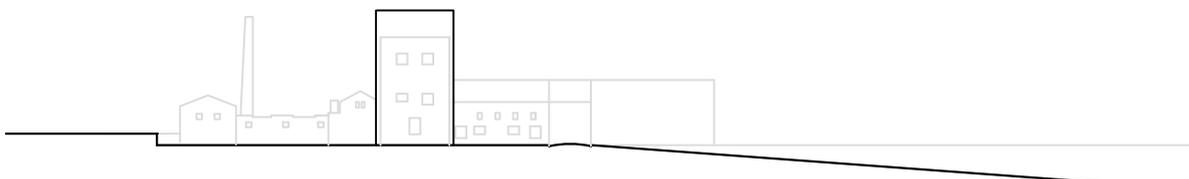
O Centro Cultural nasce da reabilitação da antiga Fábrica de Sabão, preservando a sua memória, um edifício em ruína (a pele) revestido a branco. Com este Centro Cultural e centro náutico, pretende-se trazer de volta as atividades náuticas na zona, como a canoagem e a pesca, ligados à praia fluvial que já ali houve em tempos antigos. E que se pretende que volte a existir.. Através desta amarração, nasce o Pontão. Desenvolve-se através de uma rampa que o agarra, que liga o Chafariz de El Rei ao toque na água, o dito *eixo geométrico* - um eixo que provém do vale e prolonga-se sobre a água. Cria uma referência no desenho da margem.

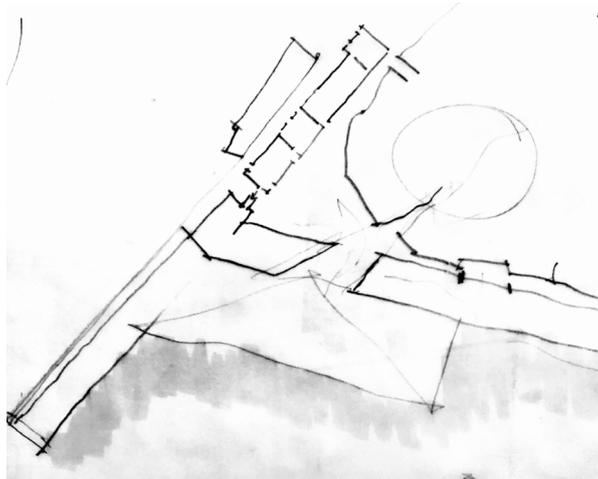
293

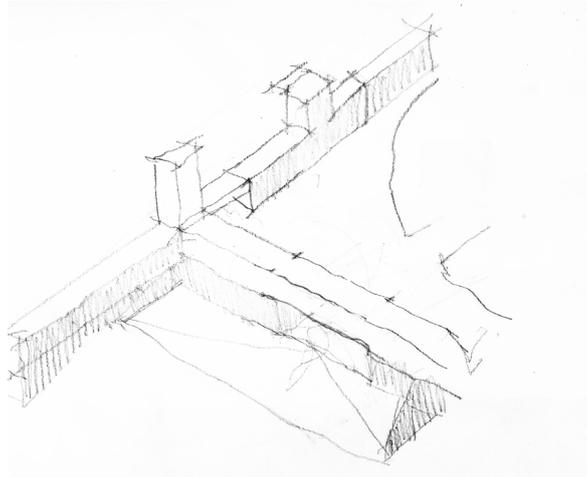
O pontão que não é só um simples pontão... É o elemento que nos leva ao rio, que serve de armazenamento de canoas, o objeto que nos oferece uma vista e, que contém uma esplanada no toque com o céu.

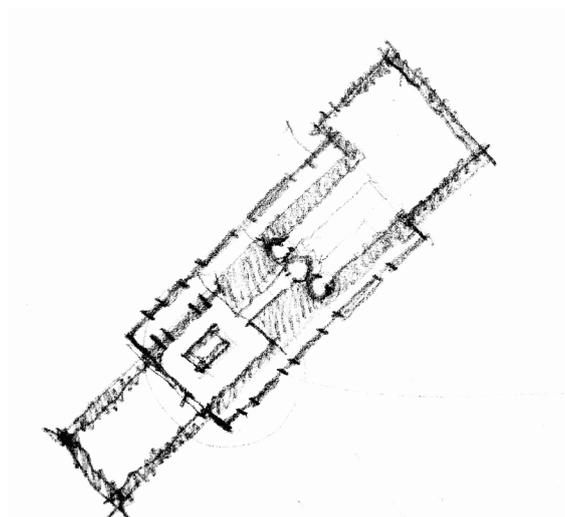
É deste ponto que nasce a Megaestrutura. É aqui que se forma a nova praça da Alfange, a praça Padre Chiquito que interrompe a Megaestrutura e nos leva à praia fluvial, é aqui que podemos tocar na água. É aqui o início deste percurso...

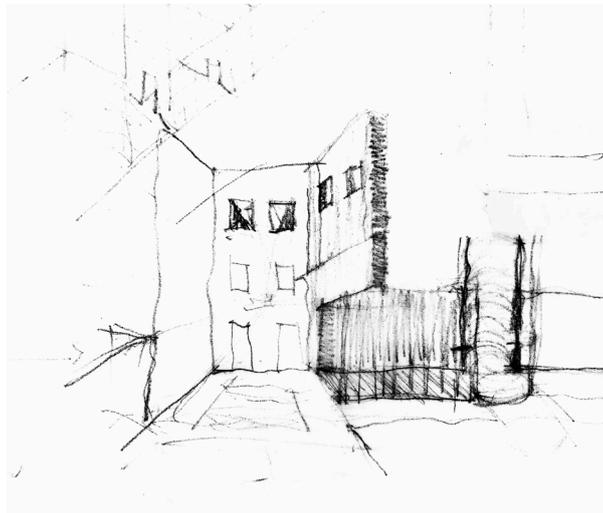
É aqui.











297



213. a Megastrutra na margem

Uma Megaestrutura presente junto à linha de margem, definindo o novo limite do rio e, criando no interior espaços de contemplação com a água.

Um *muro habitado* dividido em três partes, desde a zona administrativa, as termas - subtração (habitar o negativo/cheio) ao centro interpretativo da água - adição (habitar o positivo/vazio).

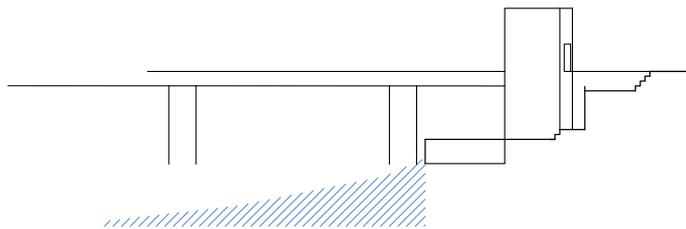
A zona administrativa, contém um conjunto de gabinetes, bem como salas de trabalho, sala de conferências e livraria, também é possível descobrir um restaurante que nos permite olhar o rio. Os restantes espaços expositivos podemos descobrir mais à frente no centro interpretativo.

A criação das termas, ajuda nos tratamentos de bem-estar com água.

As termas, distinguem-se em zonas húmidas e zonas secas, de modo a percorrer e descobrir os espaços que este espaço nos oferece. Espaços de celebração da água, bem como a vivência da mesma.

Por último, esta Megaestrutura dá-nos a possibilidade de conhecer o centro interpretativo, um centro de conhecimento, inovação e investigação, que pretende unir em torno da água empresas, municípios e instituições. Ou até mesmo a ligação da água à energia, à agricultura, ao turismo e à natureza e, mais importante às termas. Ao longo deste percurso, existem espaços expositivos que nos contam a história da cidade e a sua relação com o rio Tejo.

300



214. a ponte e o miradouro

Chegamos a um ponto de interseção e atravessamento.

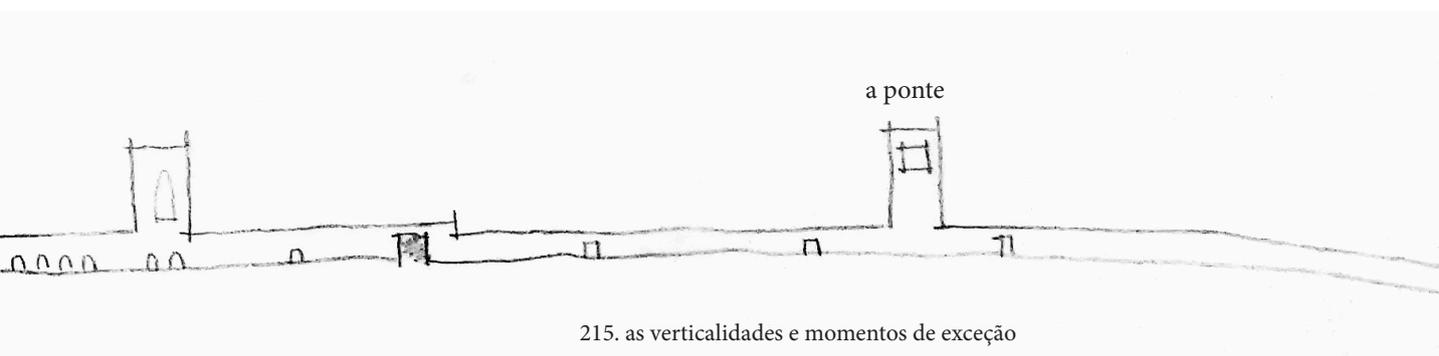
A ponte D.Luís...

Quando este volume encontra a ponte, esta atravessa o mesmo. De modo a criar um pórtico, uma nova entrada na cidade de Santarém, oferecendo-nos um miradouro, um espaço de chegada. Assim, quando chegamos a Santarém, podemos abandonar o nosso carro e aproveitar o que este espaço nos oferece, percorrer os degraus e chegar ao rio...

301

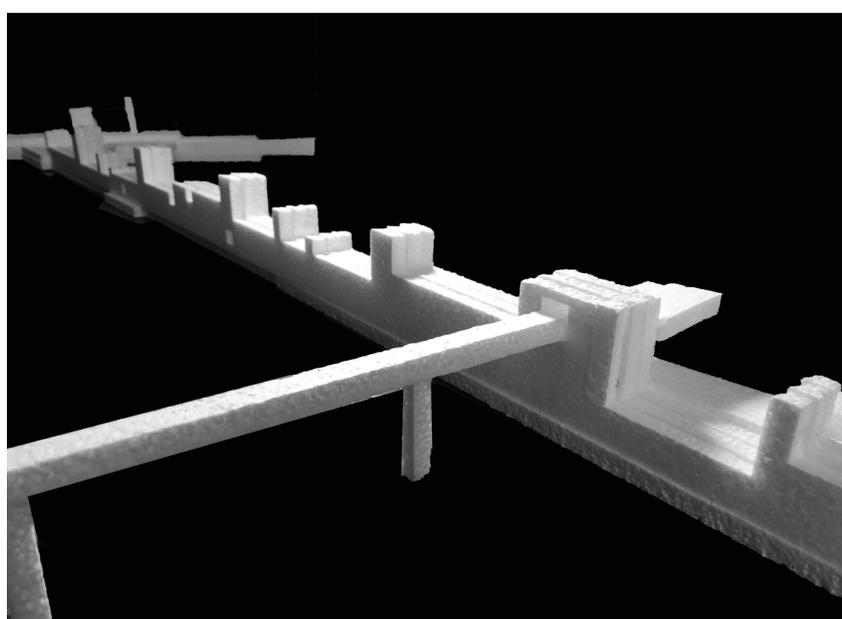
Ao encontrar esta ponte, existe uma quebra na Megaestrutura, a mesmo passa a acontecer a uma cota inferior. Ou seja, dá-nos a possibilidade de quando chegarmos cá abaixo podermos andar por cima e podermos ver o rio, sem a existência de uma barreira que nos impossibilita esse contacto.

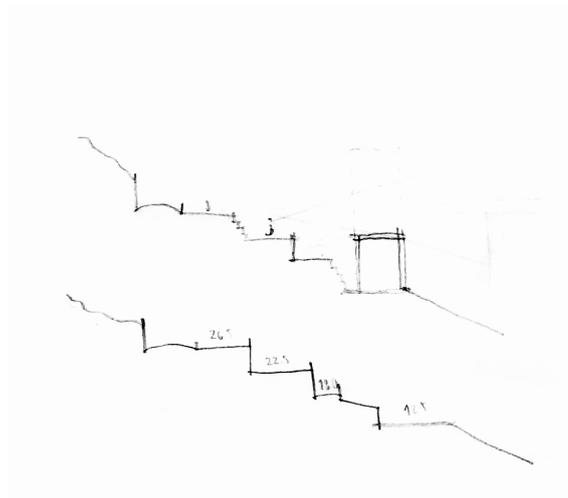
O percurso termina no Cais da Ribeira, a nova chegada de barco, feita através do rio Tejo. É aqui que se encontra a Sta. Iria, que irá marcar aquele ponto com uma capela/santuário através de uma torre, um monumento.

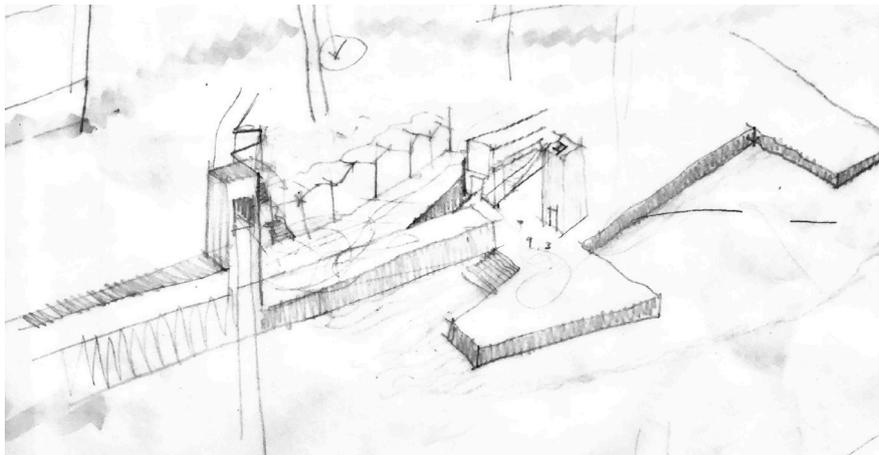


302



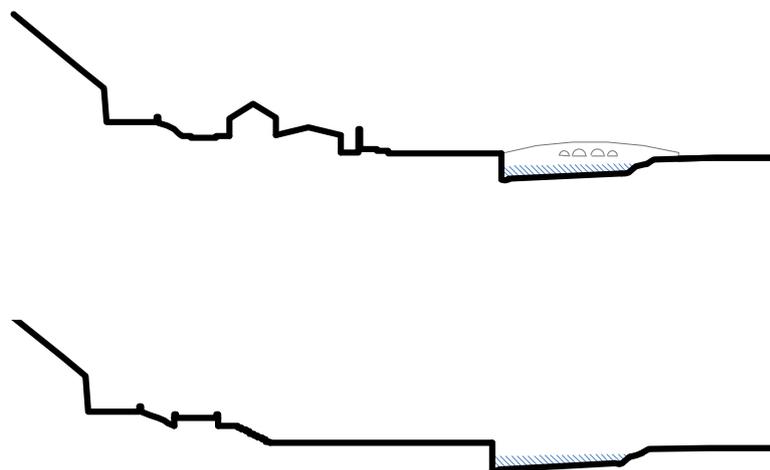


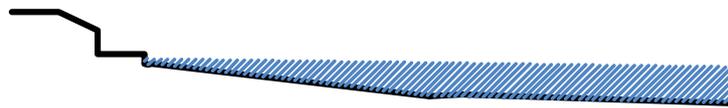




305

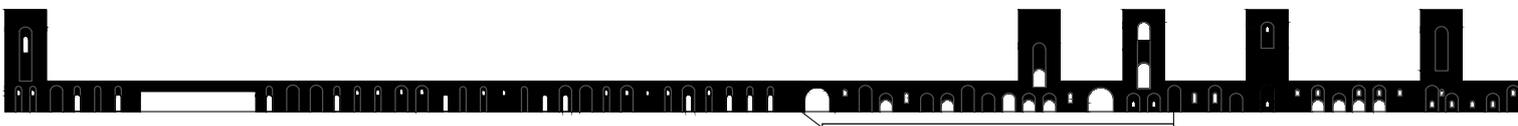
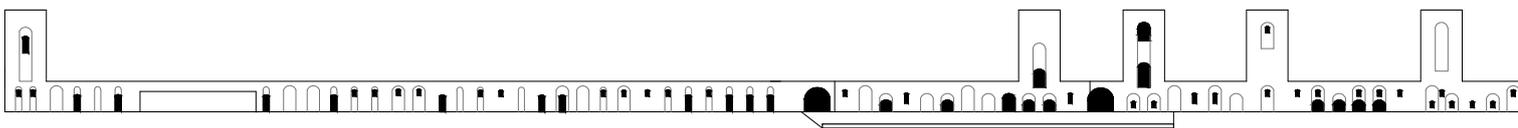
306





a torre da fábrica

as quatro torres da água



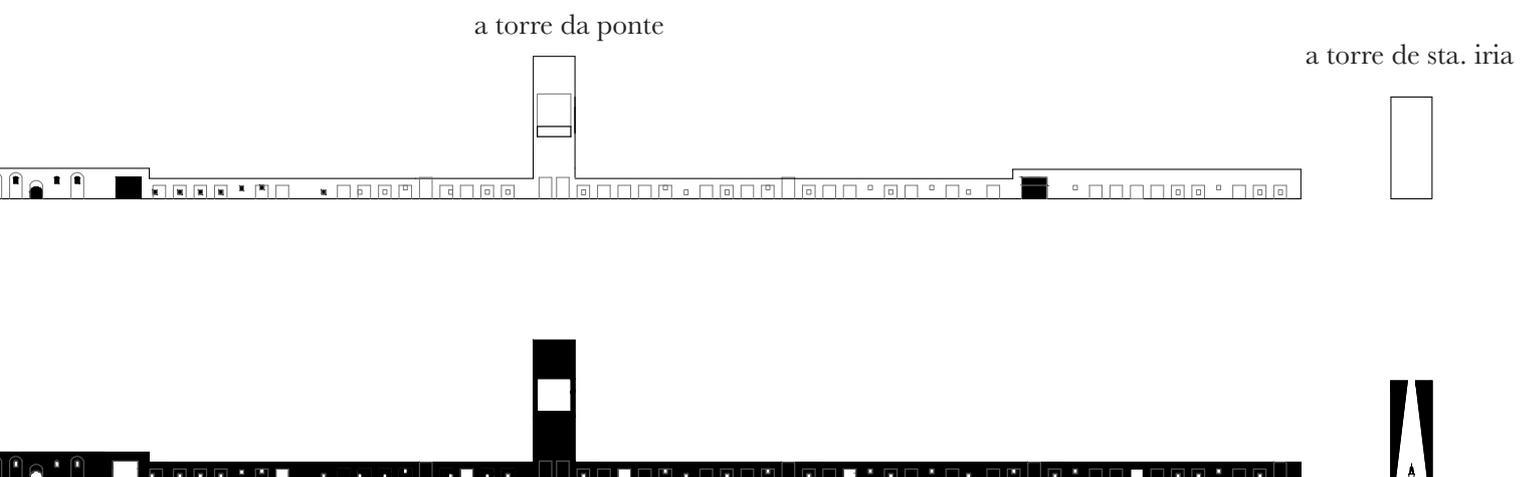
No alçado desta Megaestrutura, pretende-se criar uma ideia de elemento contínuo. Assumir as verticalidades de diferentes formas através de uma regra, uma lógica.

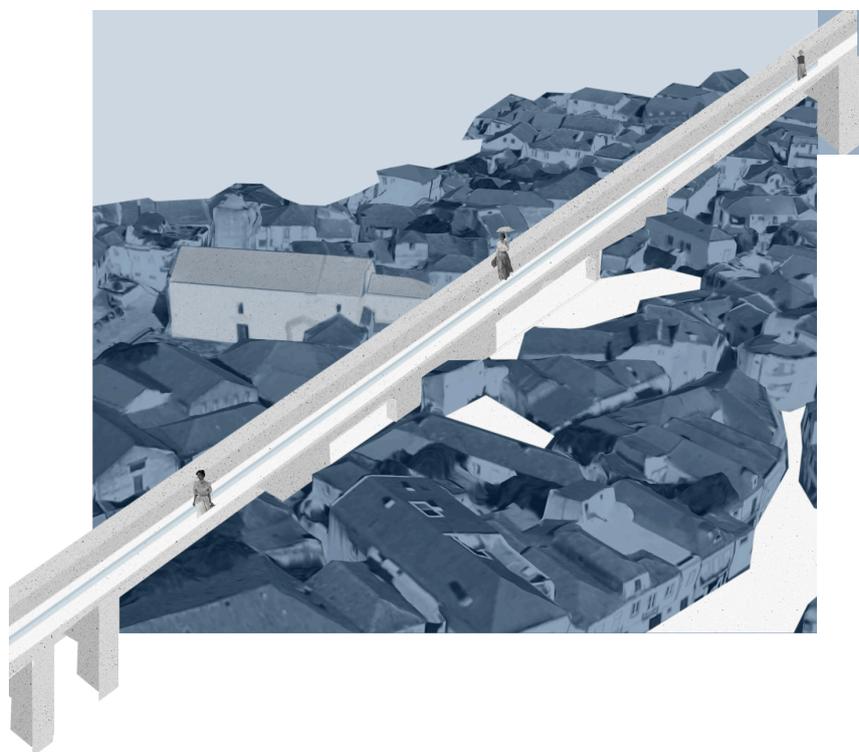
Existem seis momentos de exceção ao longo deste elemento contínuo, representados como torres. Começando na alfange e preservando a memória da fábrica, marca-se o início deste percurso através da torre. As quatro torres da água, concentram-se nas termas. A torre da ponte, marca a entrada na cidade de Santarém através do atravessamento desta grande infraestrutura. Por fim, a torre de sta. iria, esta não está agarrada ao edifício, pois sofre uma alteração.

Aderiu-se aos arcos com base nas termas romanas, sendo que no interior deste elemento é tudo tratado de forma ortogonal, pretende-se o contrário no exterior na zona das termas. No centro interpretativo trabalha-se com uma lógica de quadrados.

Este alçado funciona como dois, quase como uma pele que se cria.

309





Na Ribeira...o aqueduto.

Relativamente à ribeira, de modo a dinamizar o problema do degredo, ponderou-se criar a segunda Megaestrutura que integrasse o tecido edificado envolvente, de modo a potenciar espaços que se definiram como espaços de oportunidade (logradouros e parcelas vazias) junto à linha de caminho de ferro, relacionando-os uns com os outros. Onde este elemento toca, transforma.

311

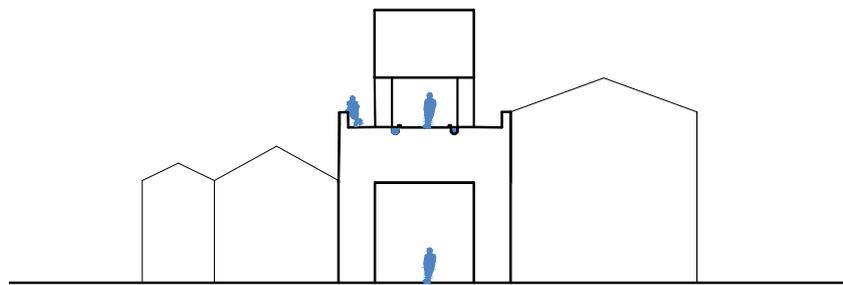
Com estes espaços pretende-se a criação de habitação, comércio e serviços. Um novo passeio que nos proporciona outro tipo de sensações. Esta rua acaba por se tornar coberta, é aqui que surge a conduta infraestrutural, não só para abastecer estes novos edifícios como para fazer a distribuição de água nas termas. Ou seja, a águas das chuvas é armazenada nesta conduta, criando um percurso da água e um caminho na cobertura.

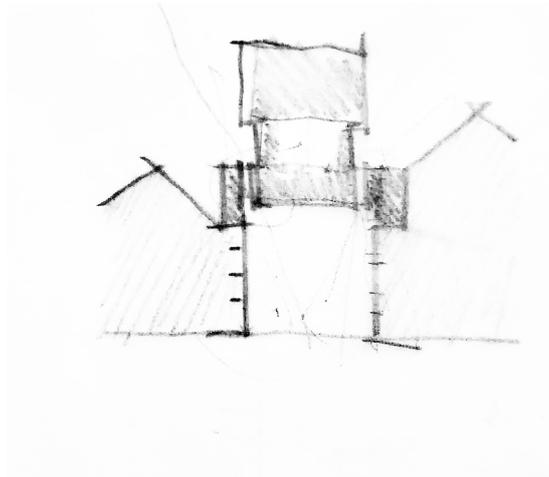
Aqui podemos andar por baixo ou por cima, esta estrutura oferece-nos dois percursos. Tanto podemos estar abrigados, como podemos apreciar a paisagem. A rua desmultiplica-se em dois estratos.

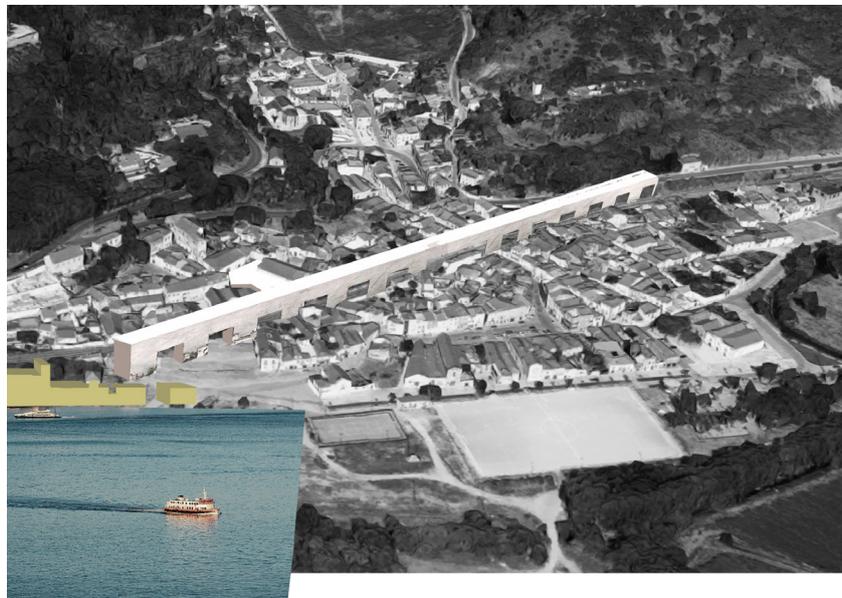


224. as duas Megaestruturas

312









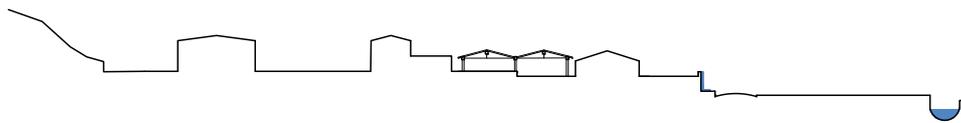


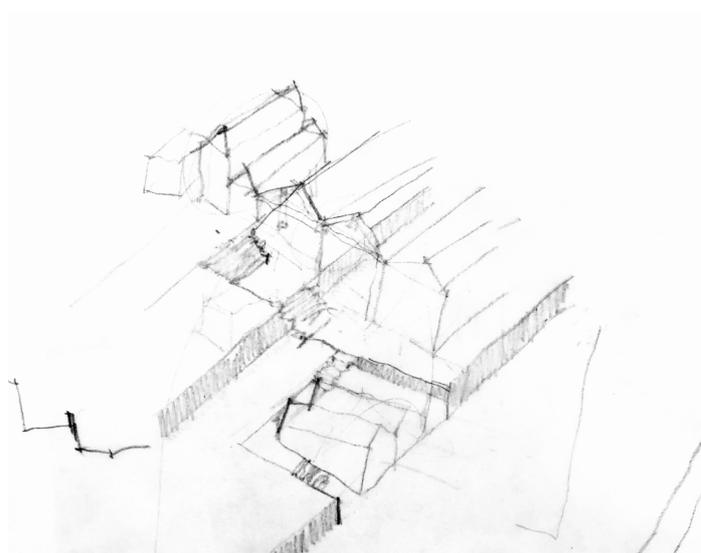
Na Estação...o mercado.

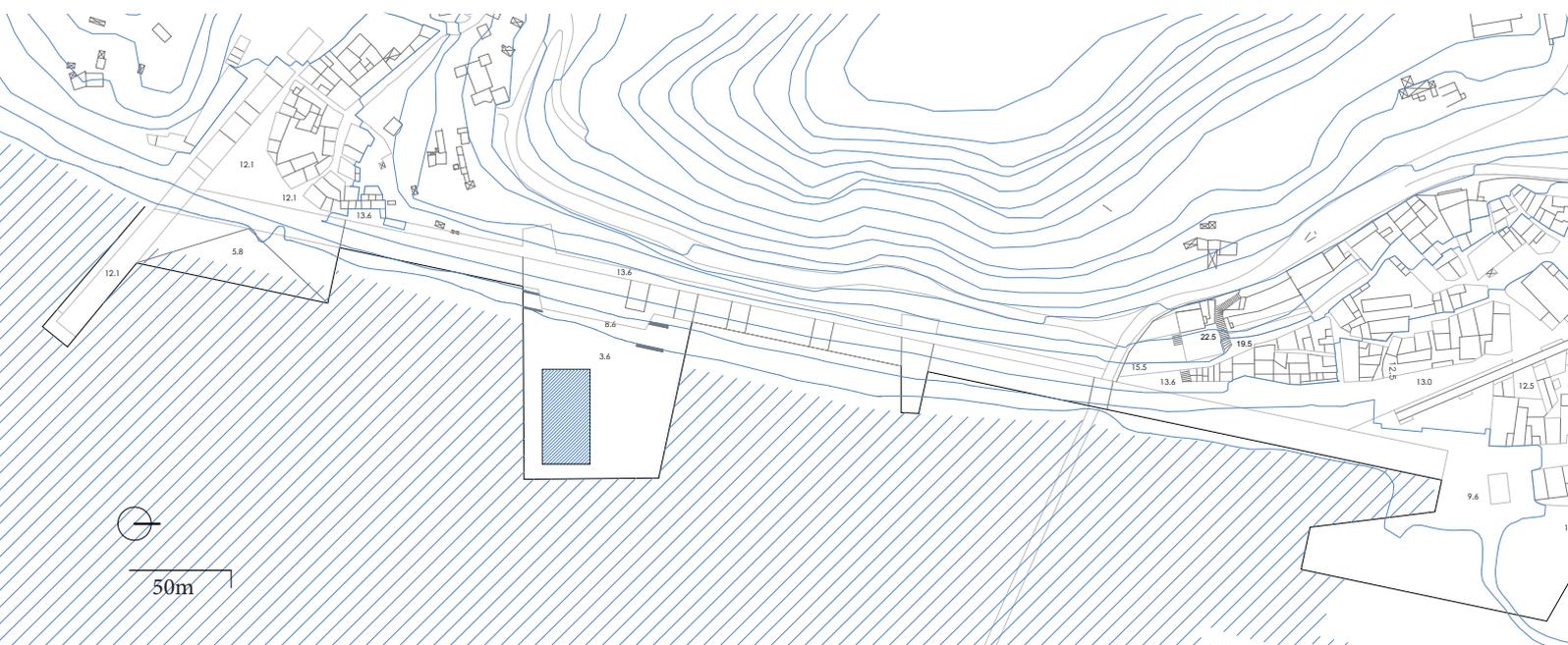
Por fim, somos atraídos por uma queda de água que nos encaminha para um grande espaço...

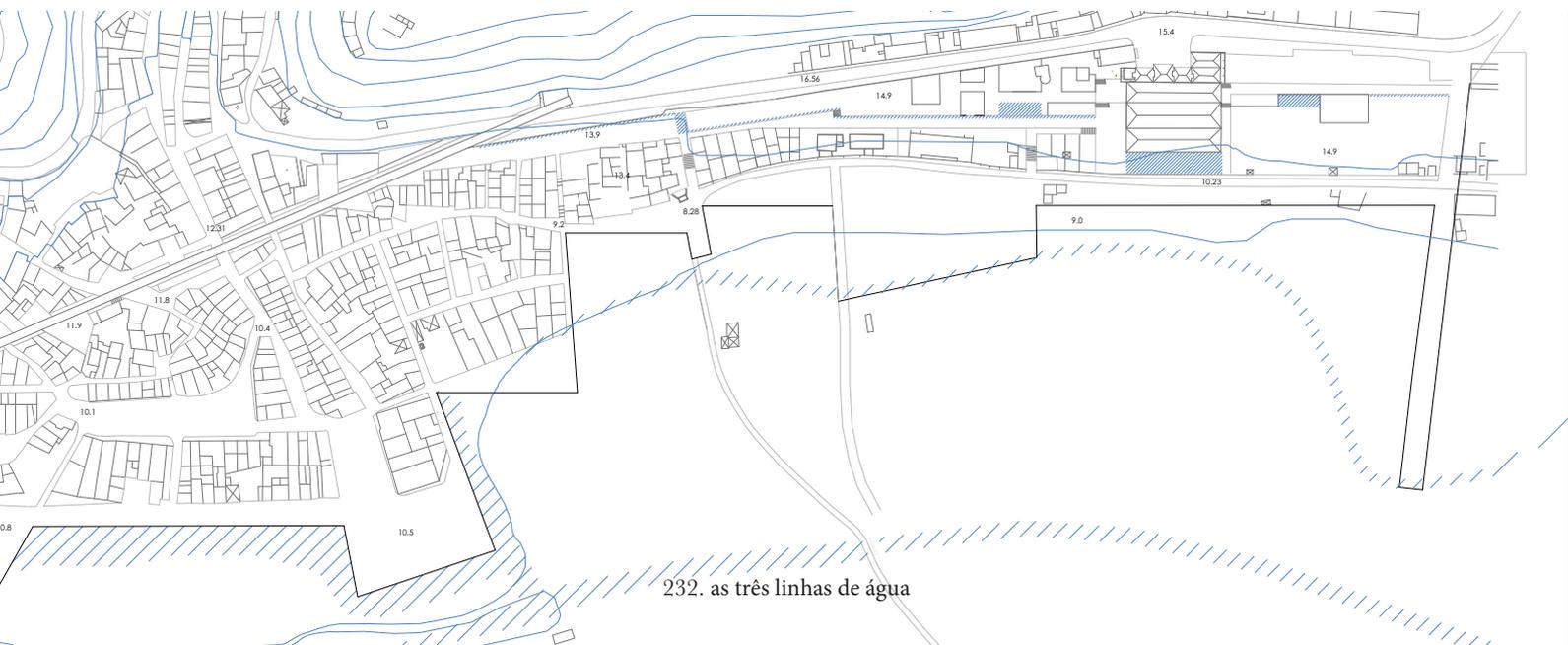
Aquilo que era a estação de caminho de ferro é agora um Mercado do peixe. Criou-se uma praça da água bem como um mercado, através da requalificação dos edifícios da estação. Esta praça é desenhada através de várias diferenças de cota, distinguindo o mercado temporário do mercado efetivo. O objetivo é oferecer novas oportunidades à população, mantendo o contacto com a água. Aqui, a água encontra-se a correr por um percurso de água. De modo a oferecer novas oportunidades de convivência à população.

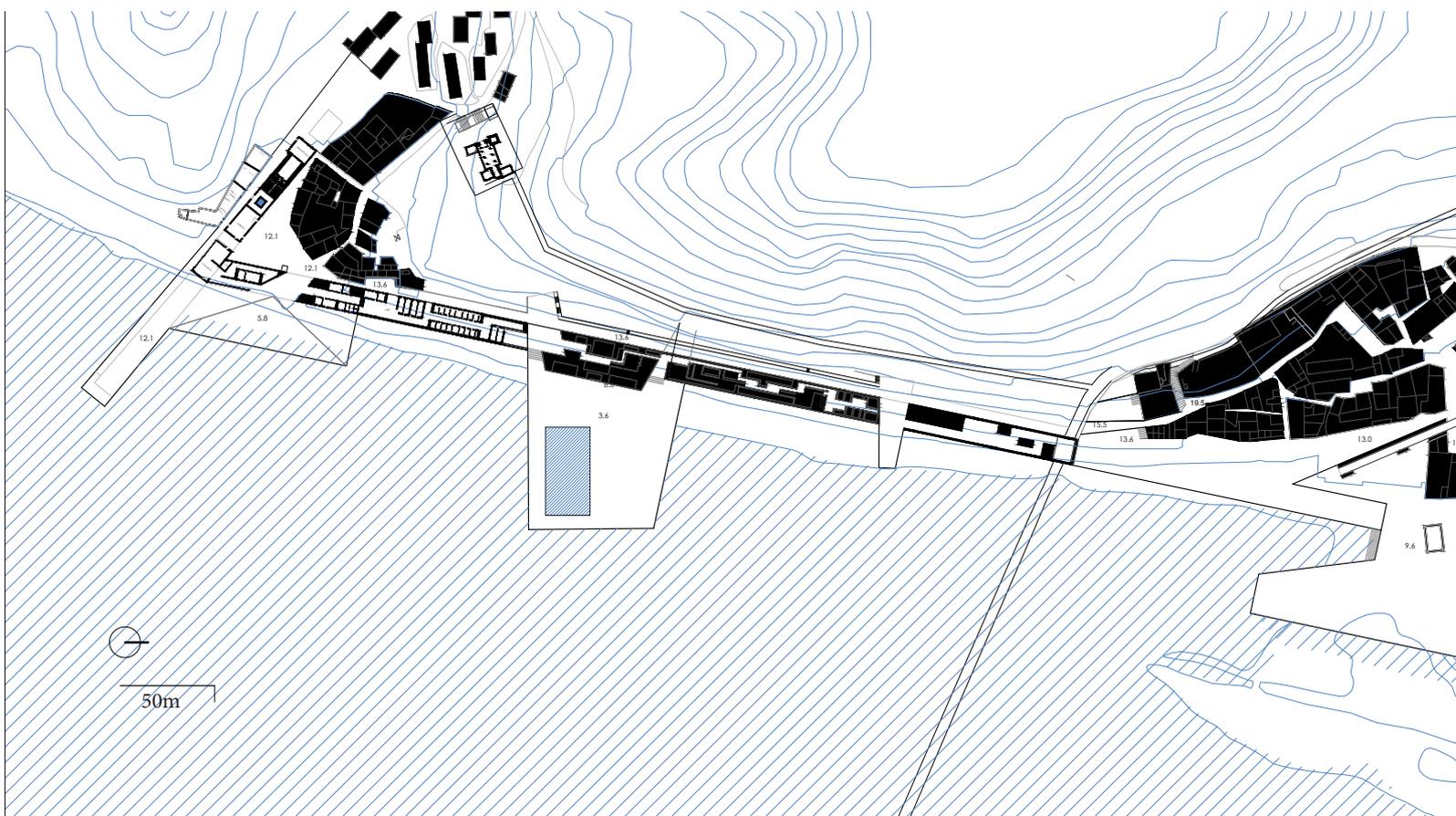
318











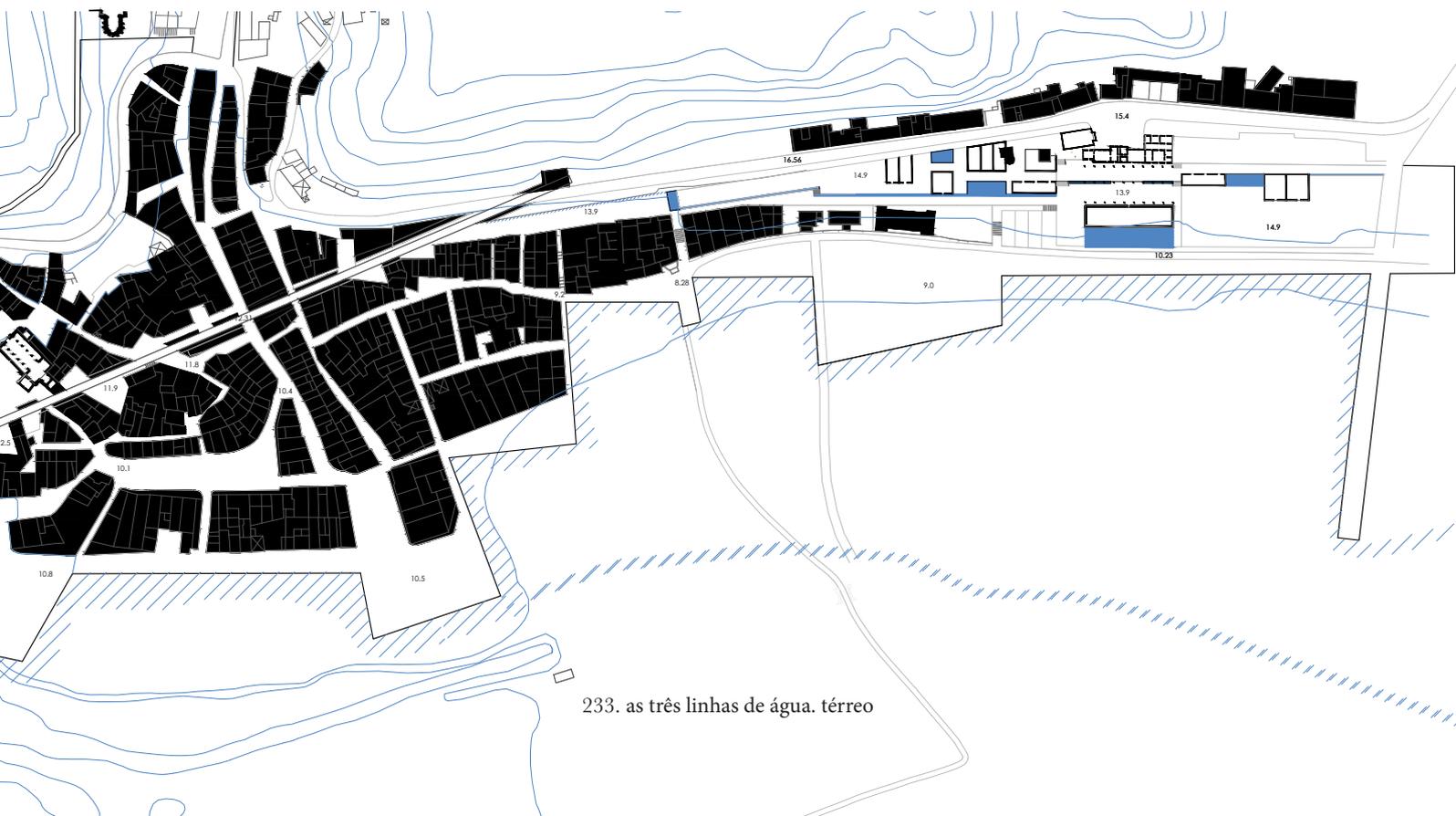
as três linhas da água

o muro

a cobertura

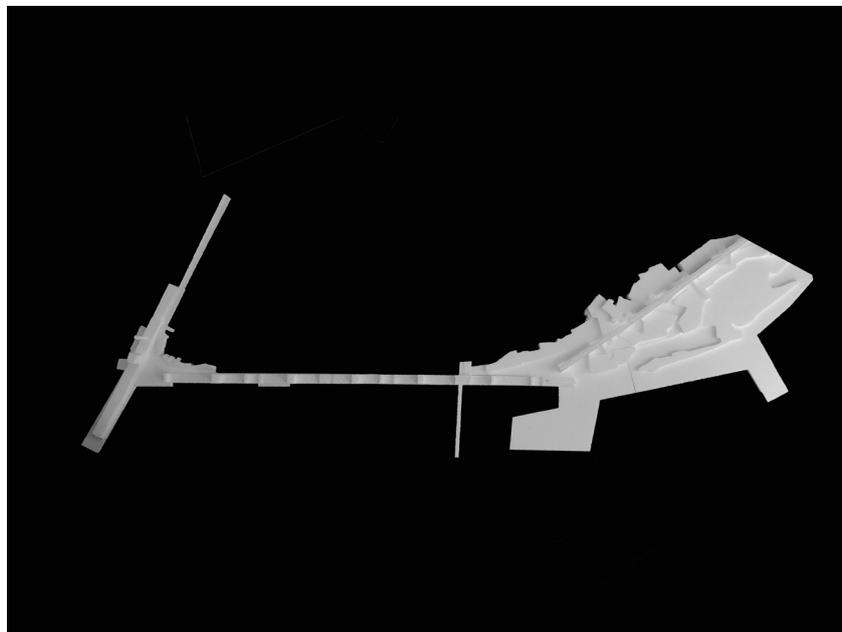
o chão

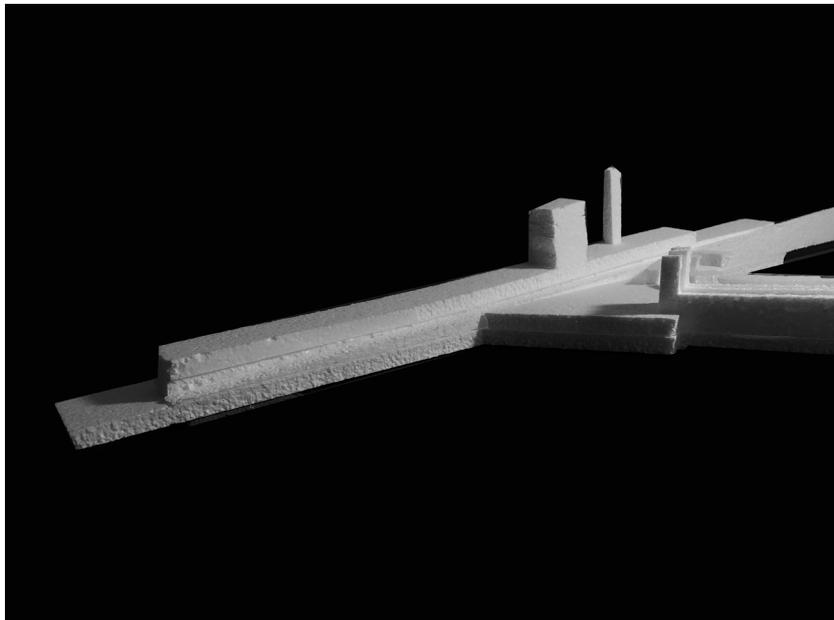
323

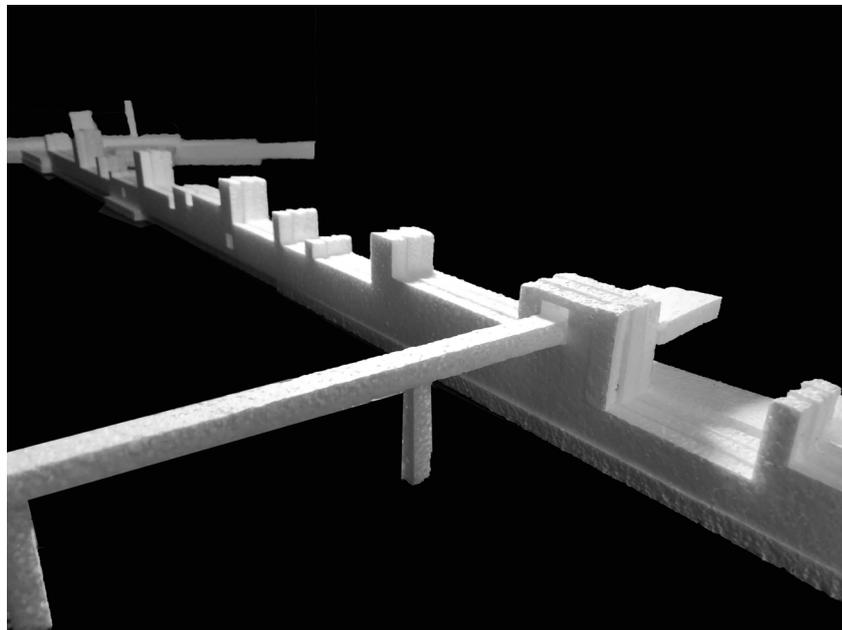


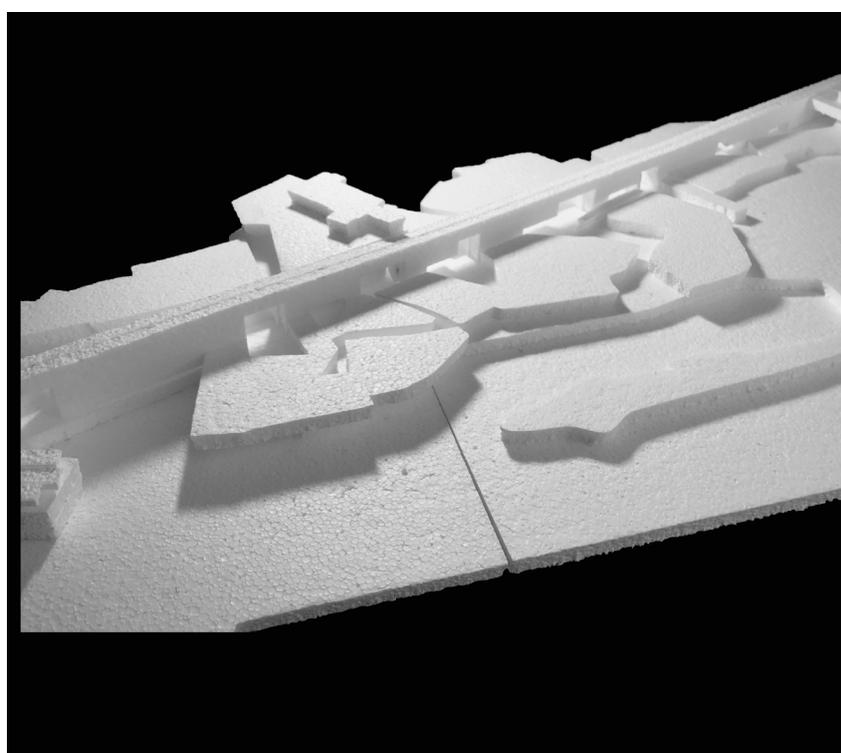
233. as três linhas de água. térreo

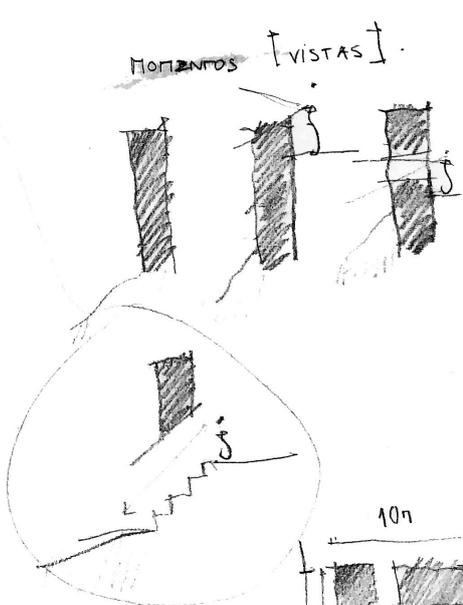
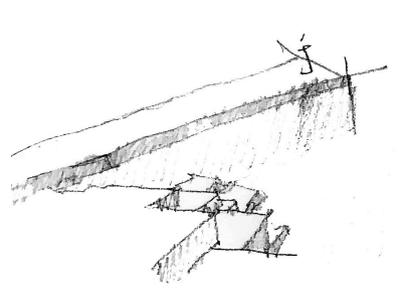
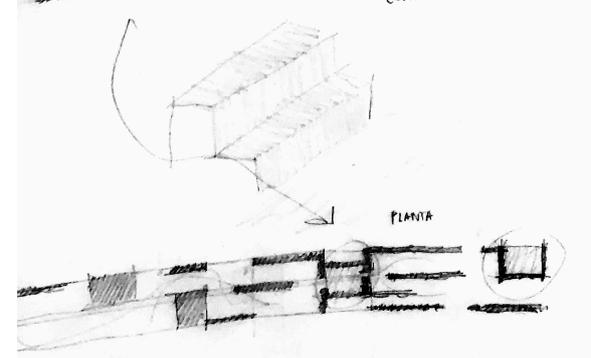
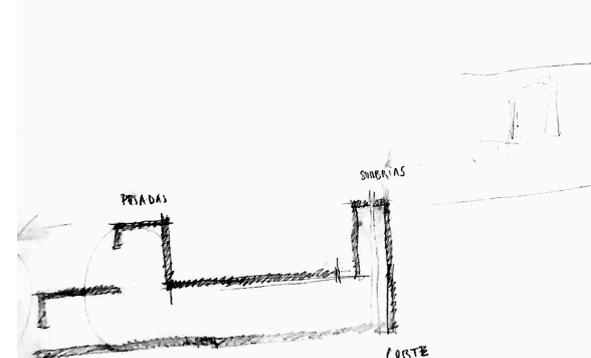
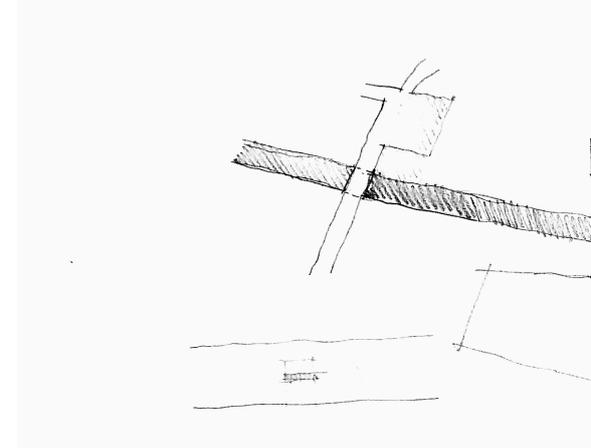
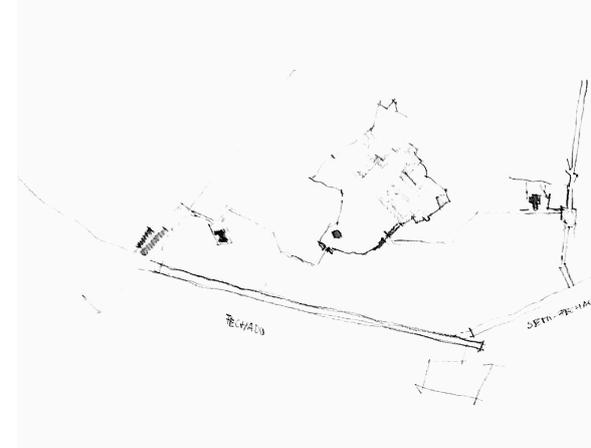
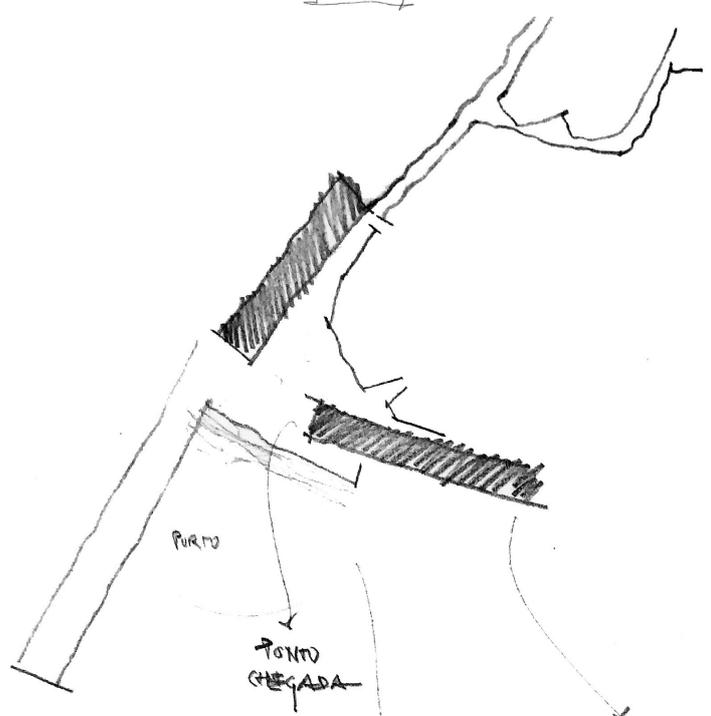
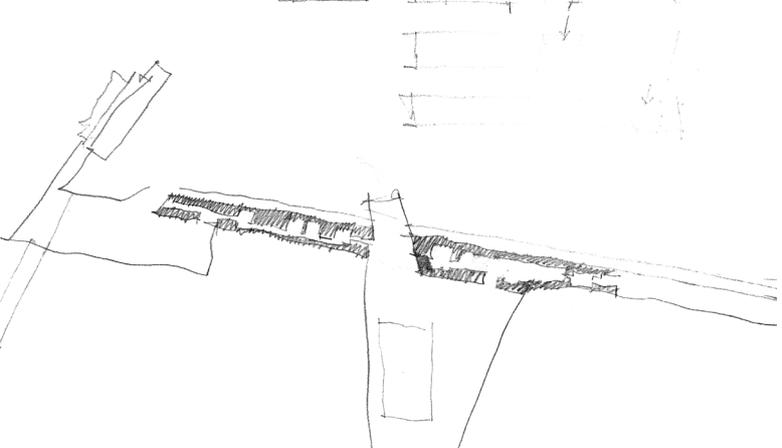
324







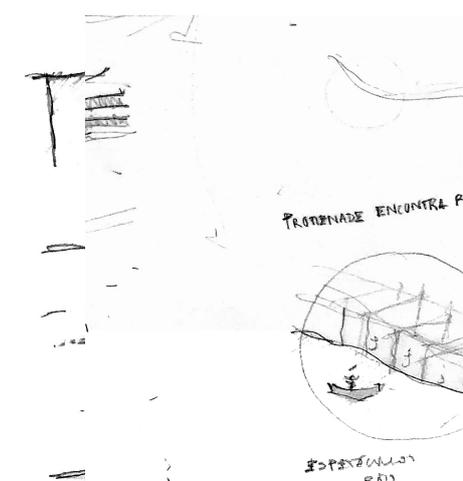
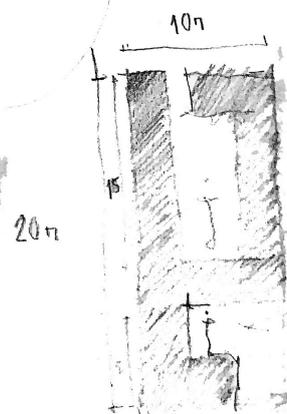


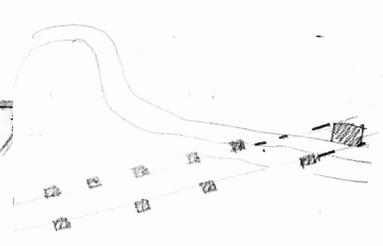
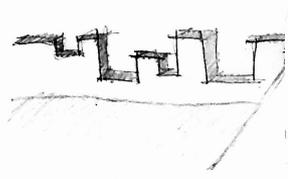
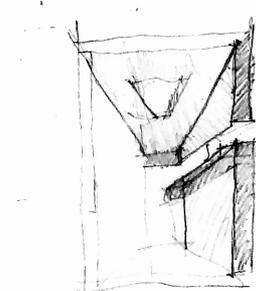
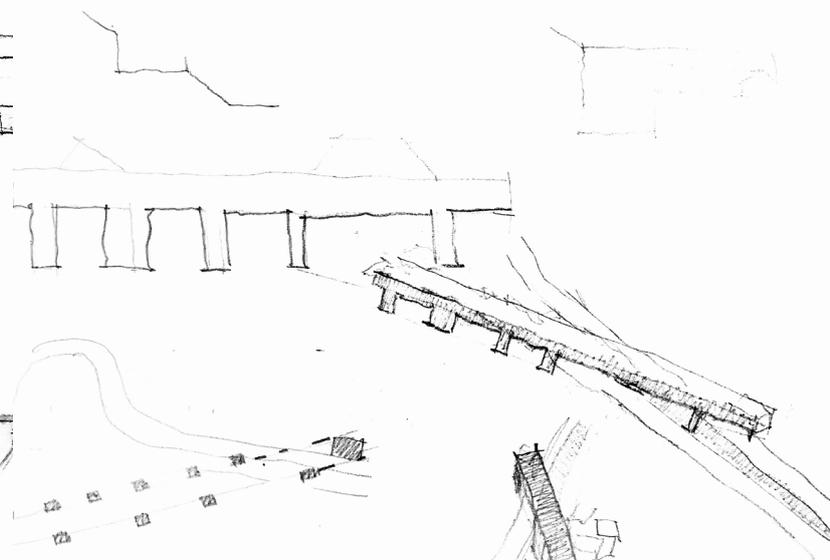
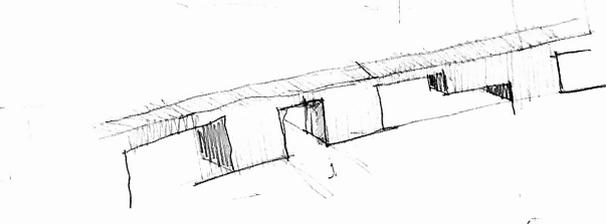
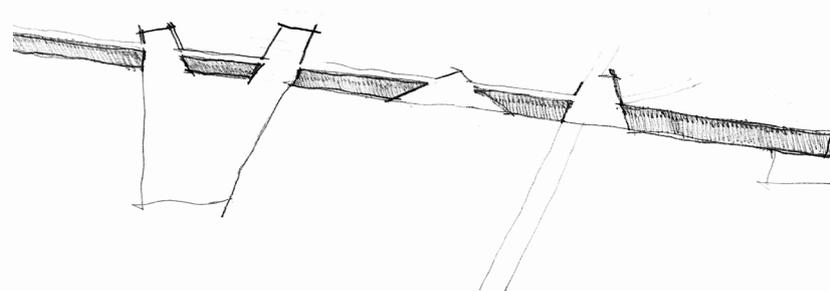
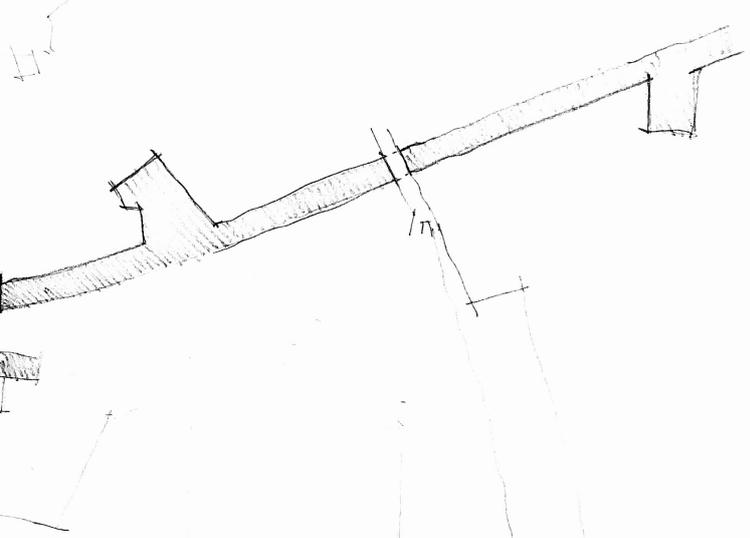
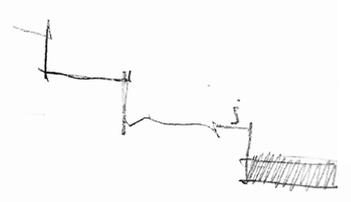


MOMENTOS | PASSAGENS
 REFUGIOS
 SOLARIAS
 4 SENTIDOS — AUDIÇÃO / OLFAÇÃO / TATO / VISÃO

GASTON BACHELARD "ÁGUA E OS SONSOS"

1. ÁGUAS DORTENTES [DESCANSO / REPOUSO]





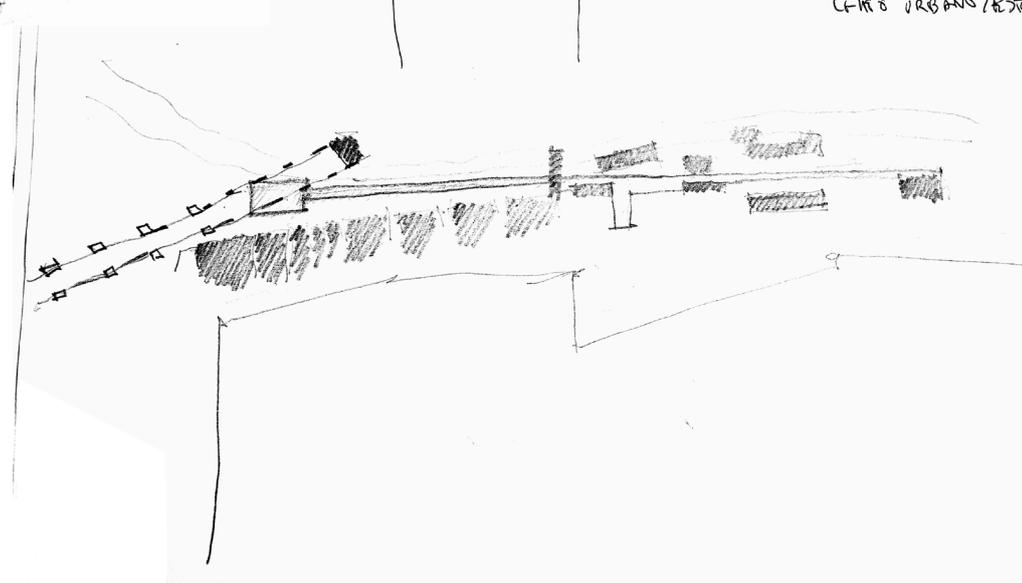
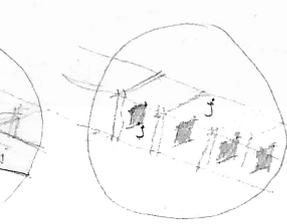
ENTRADA

SEÇÃO
RUA DA
ARTE

ATERRAÇÃO
CALÇADOS
DRENAGEM

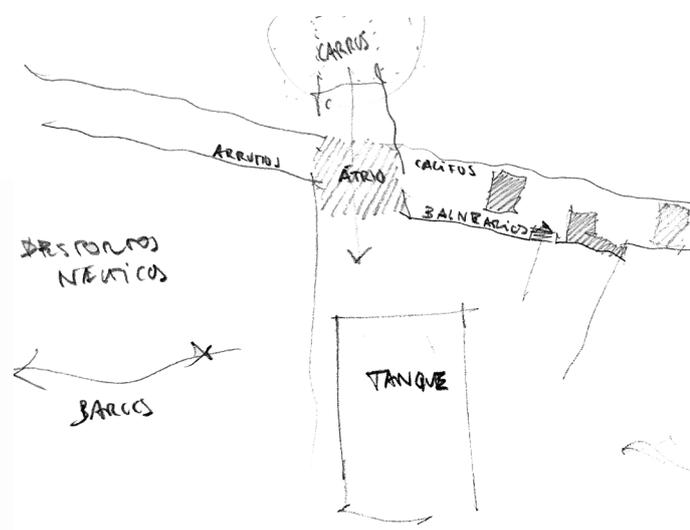
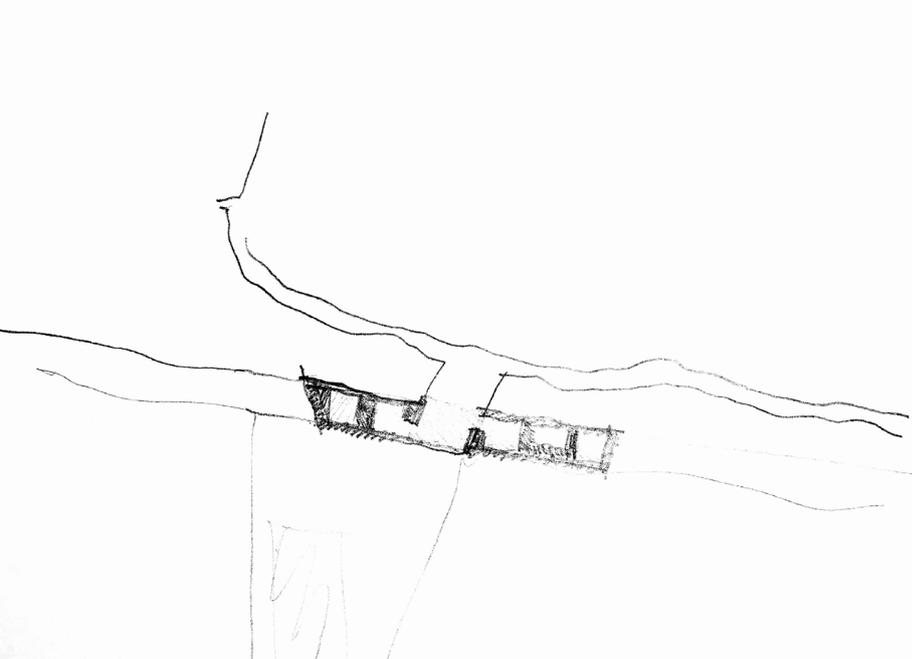
CORTE PRAÇA
TRANSVERSAL PAREDES
CORTES

BALIA - TÁBUA -
CORTES DIFERENTES
TOPOGRAFIA
LIMES URBANOS / ESTACIONAMENTO

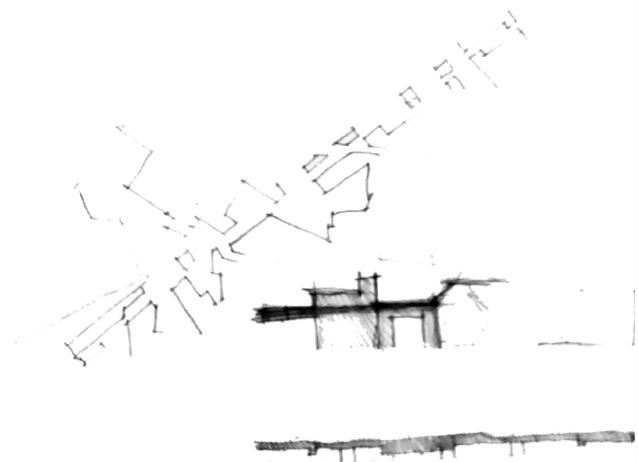
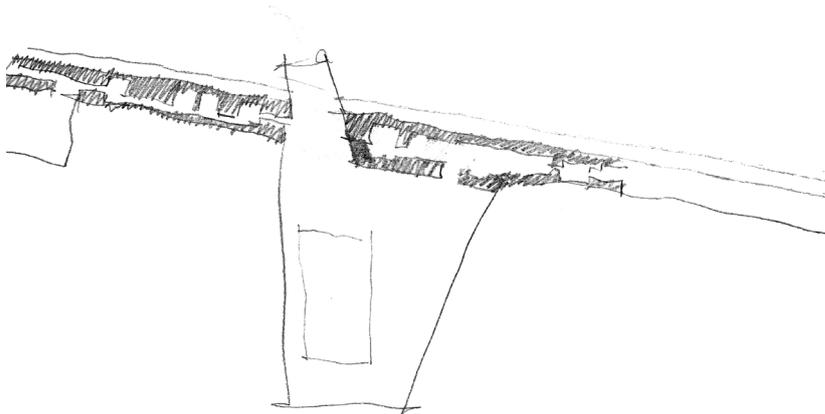
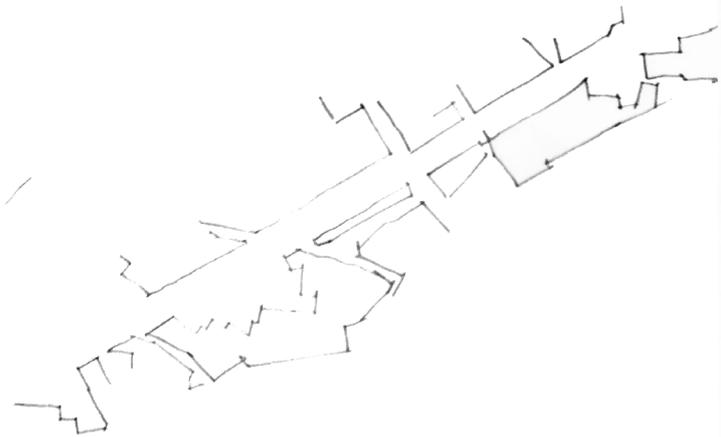
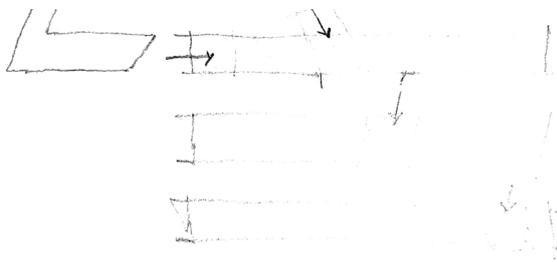
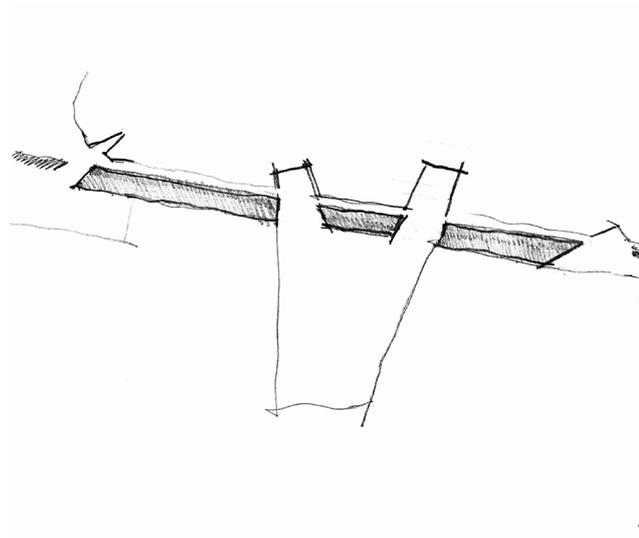


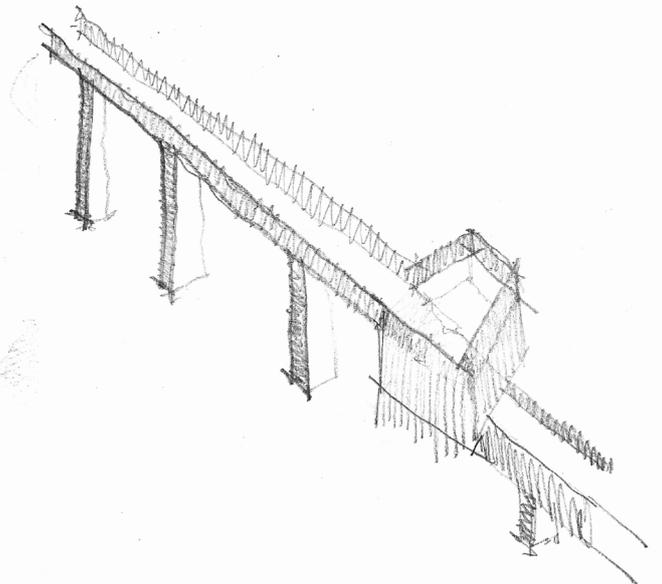
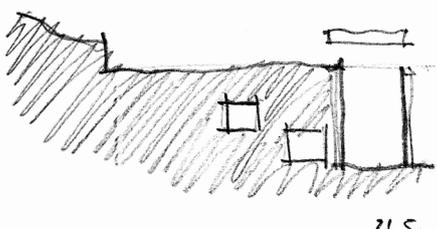
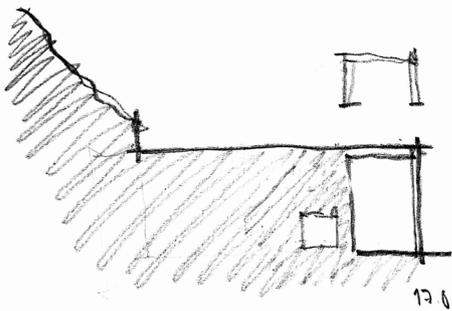
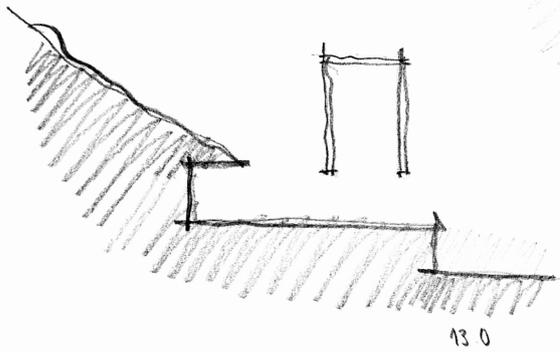
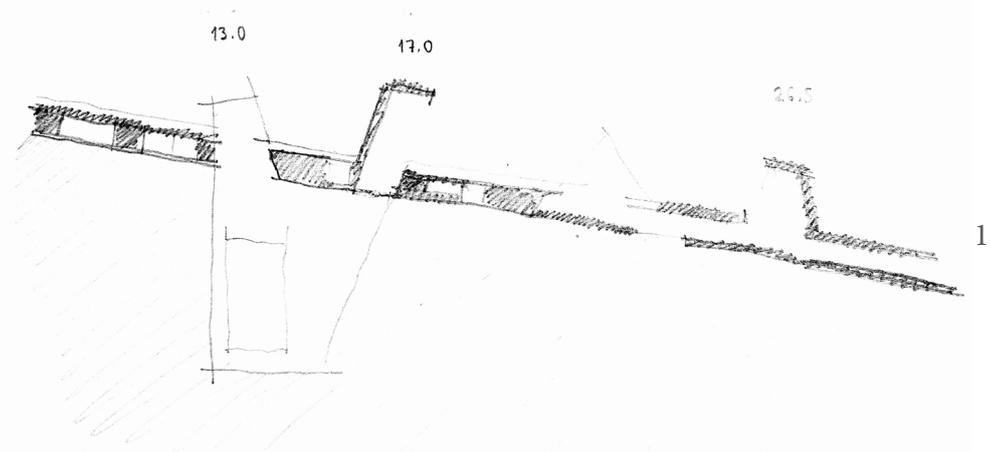
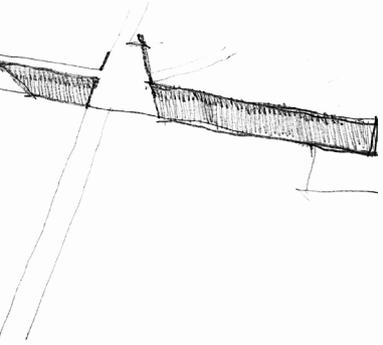
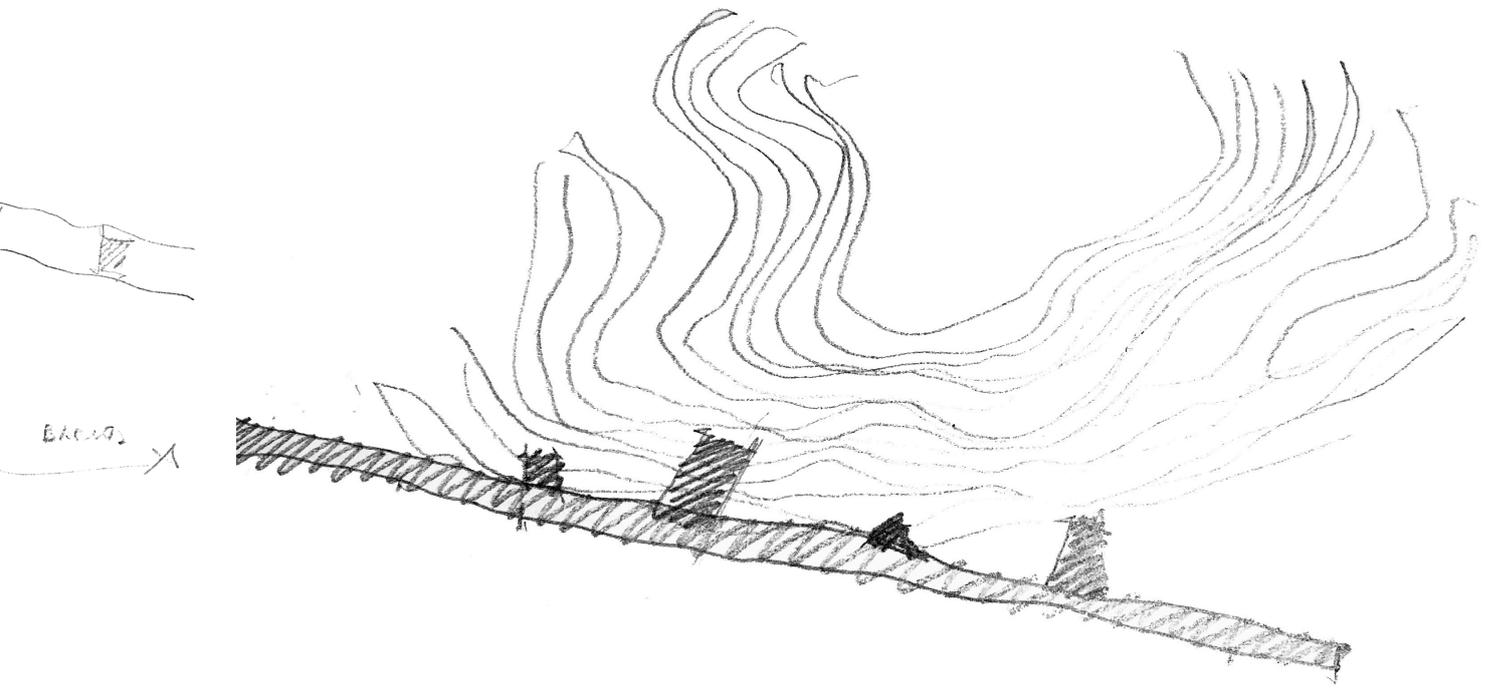
GALERIA
EXTERIOR

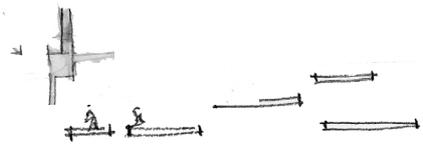
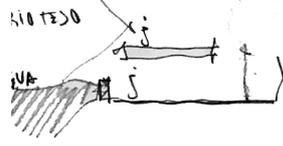
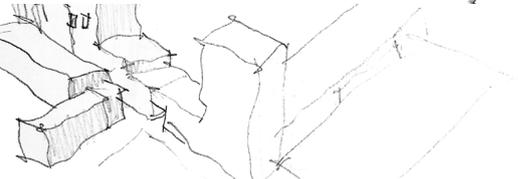
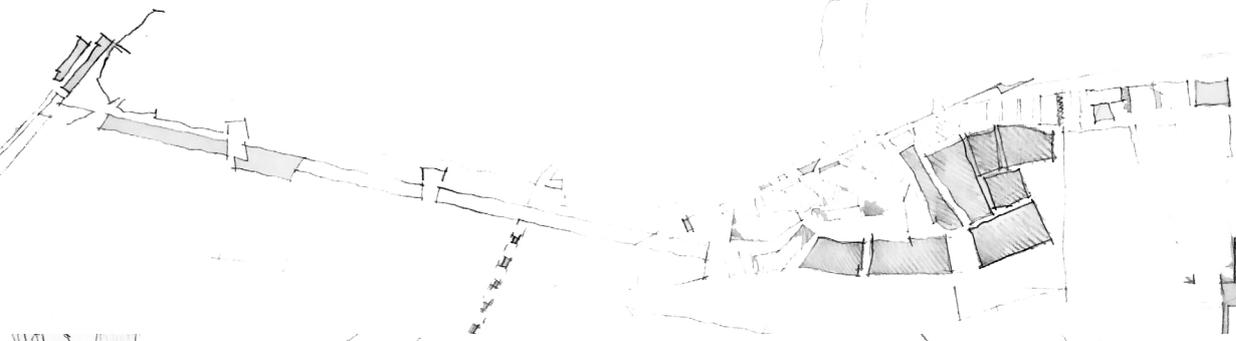
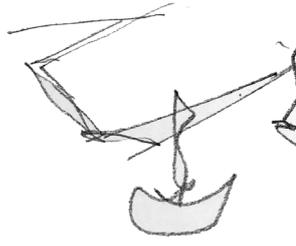
a linha da água



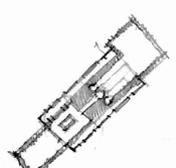
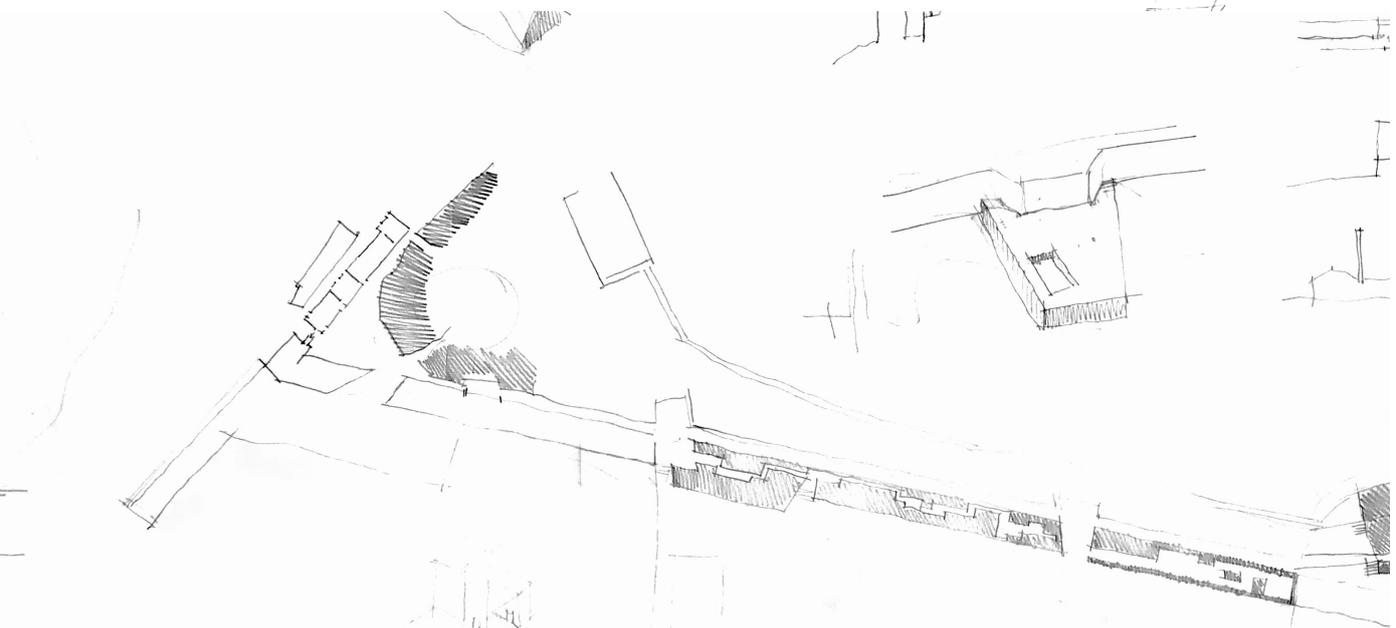
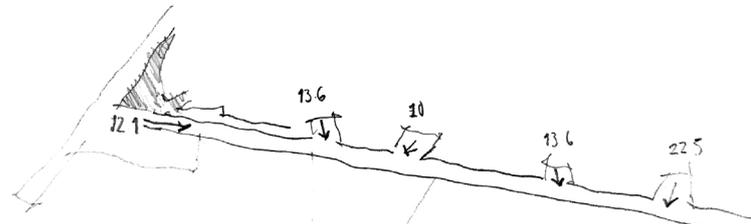
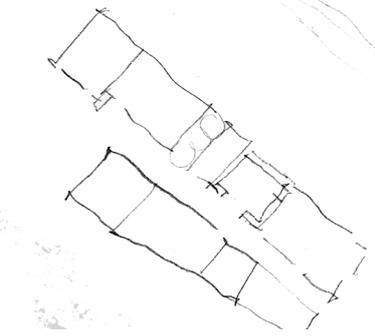
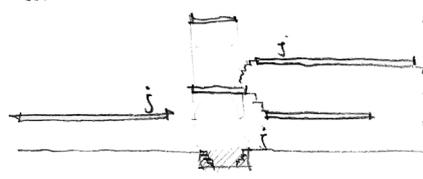
330

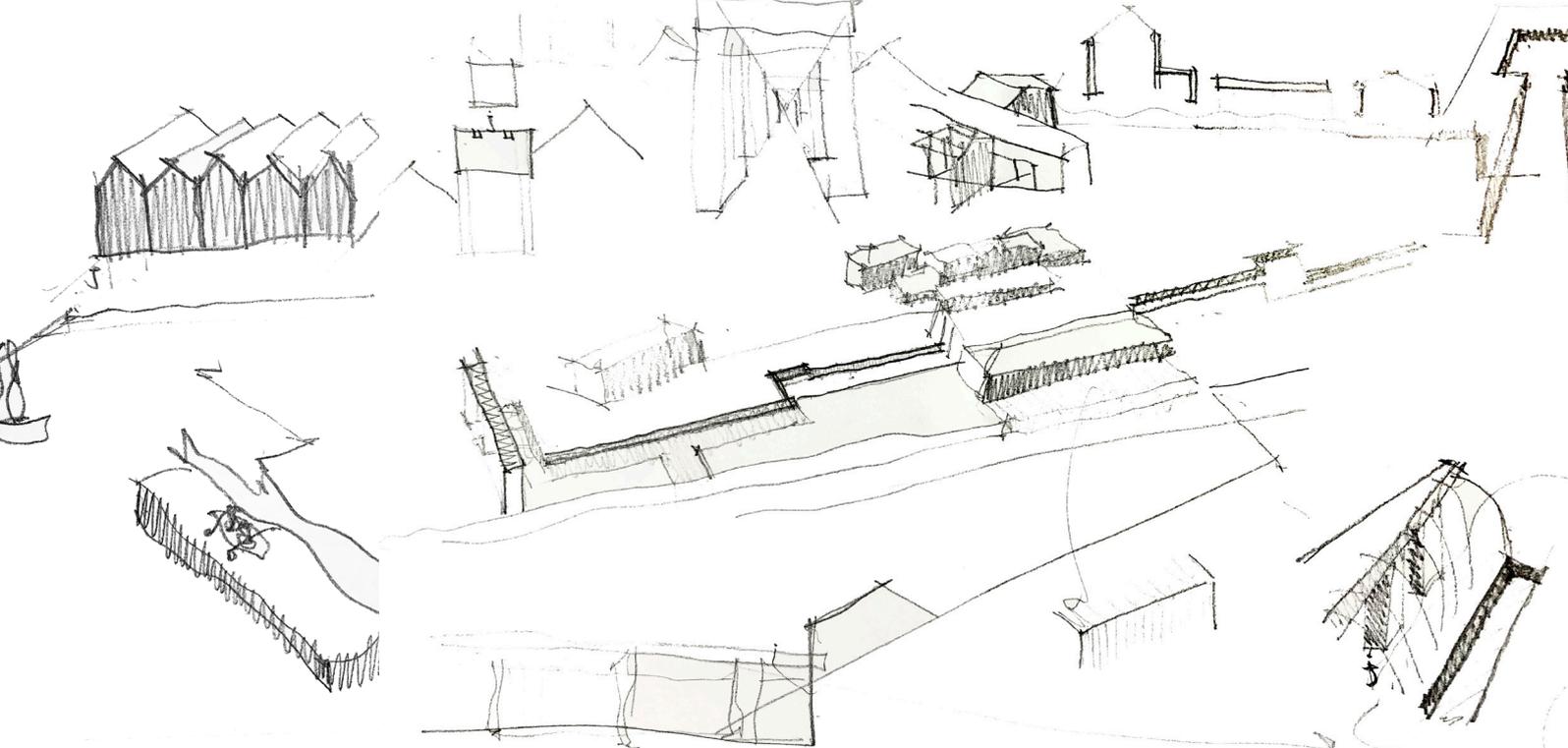






COTA 0 - PÚBLICO
COTA 1 - PRIVADO
COTA 2 - PERCURSOS ?

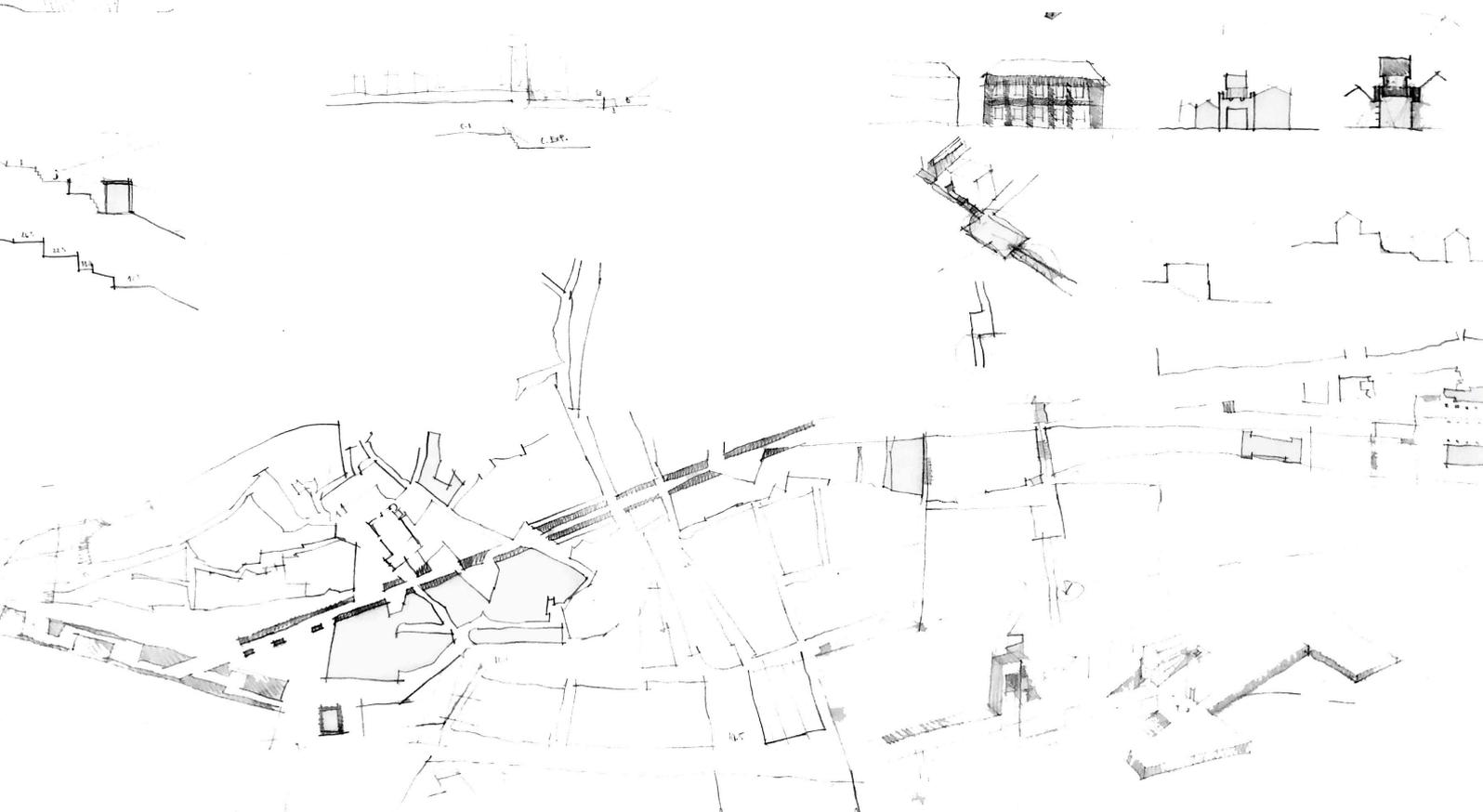
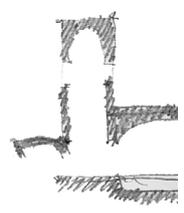
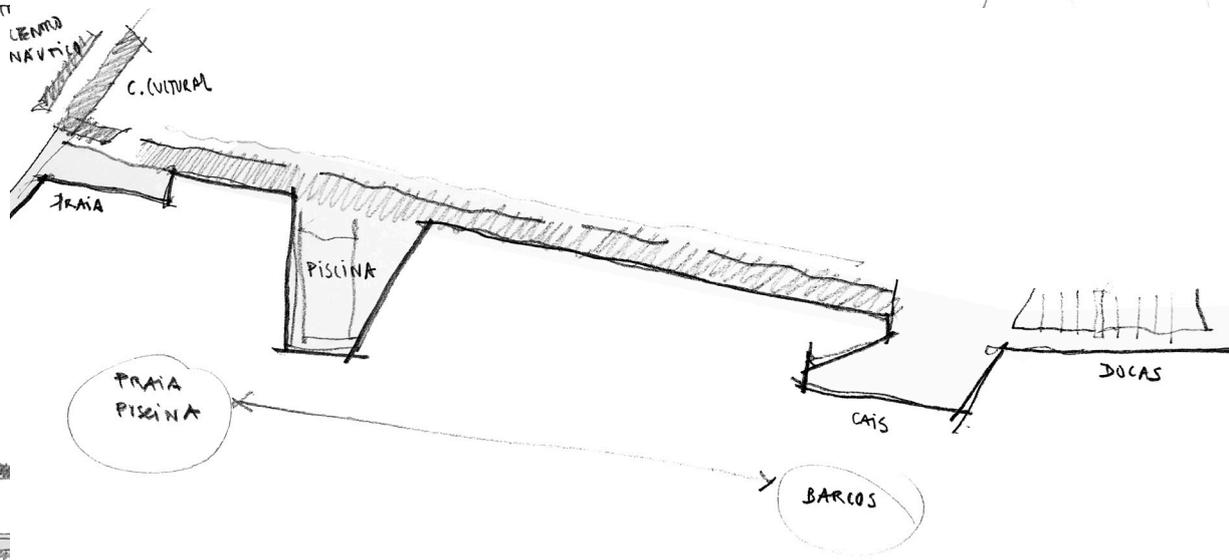




BARCOS → ZONAS T/ATI
PISCINAS

VELA + RETIJO
"ENTRADAS"
PISCINA
PRAIS

PROPOSTA:



.3 as águas das termas

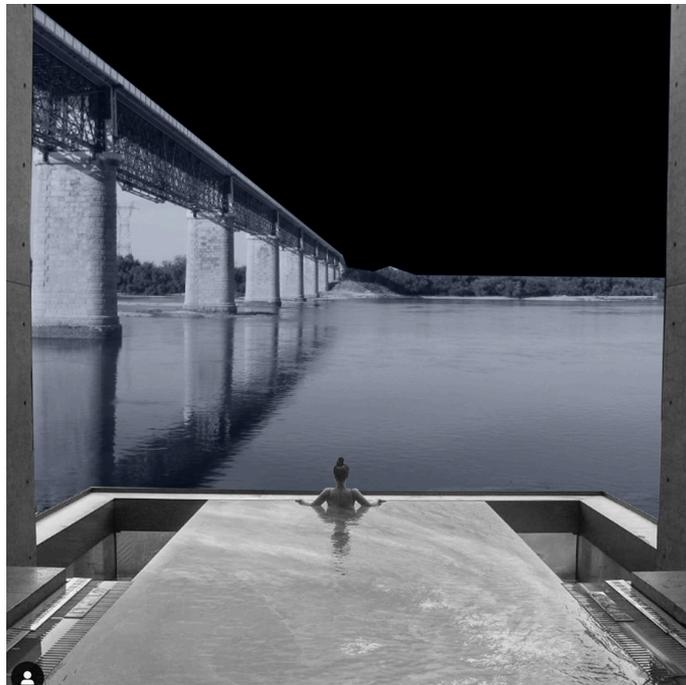
Aliando a natureza e as qualidades terapêuticas da água, a arquitetura encontra no espaço termal, ou no espaço dedicado aos banhos, a possibilidade de uma experiência sensorial e espacial, de regeneração e cura, de ritualização, de culto do corpo, que garante um tempo e um espaço de procura e redescoberta da identidade do indivíduo.

335



237. Collage as termas e a encosta

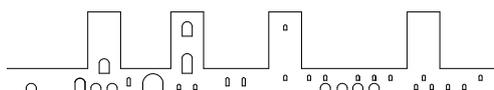






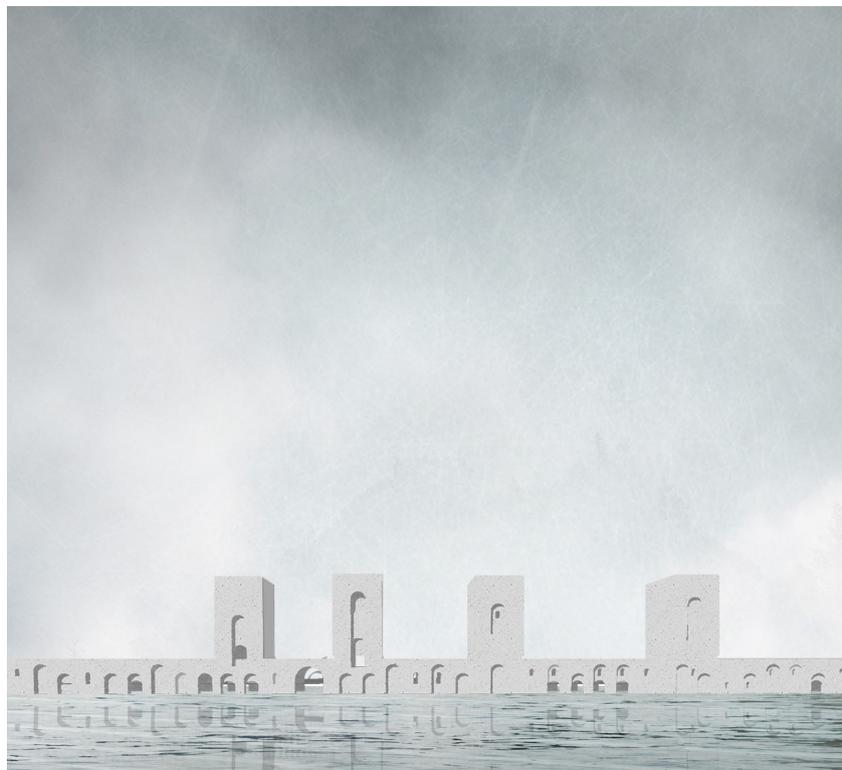


os vãos



a pele





Pensa-se em criar condições para um vaguear livre, em que o objetivo não será conduzir, mas sim seduzir.



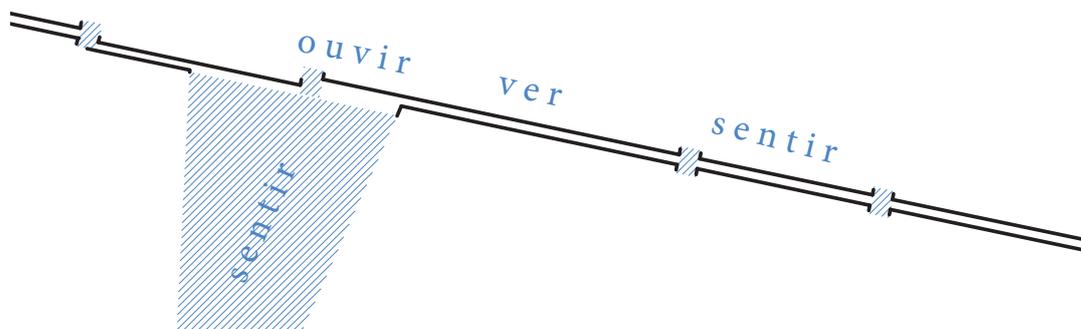
ouvir



ver



sentir

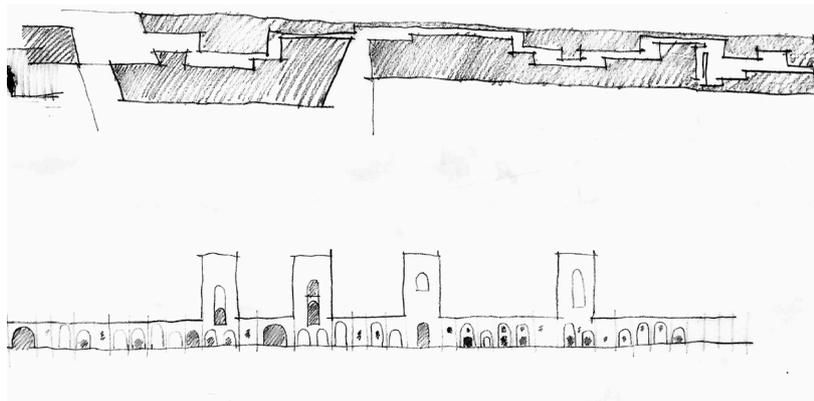


Ao longo da *promenade* projetam-se espaços onde a água se apresenta no seu sentido mais poético. Simbolizam momentos de introspeção, oferecendo o necessário para a intensificação das sensações - audição, olfato, tato e a visão - e emoções, proporcionando uma interação com a água, explorando o seu sentido lúdico e apelando ao contacto direto.

345

Assim, vão se sentindo as diferenças de temperatura (desde os 12°C aos 42°C). Esta ideia vem das Termas Romanas, cuja extrema mudança de temperatura das águas quentes do *Caldarium* para as águas frias do *Frigidarium* eram consideradas o apogeu da saúde e do prazer, do relaxamento e da renovação da comunidade.

346

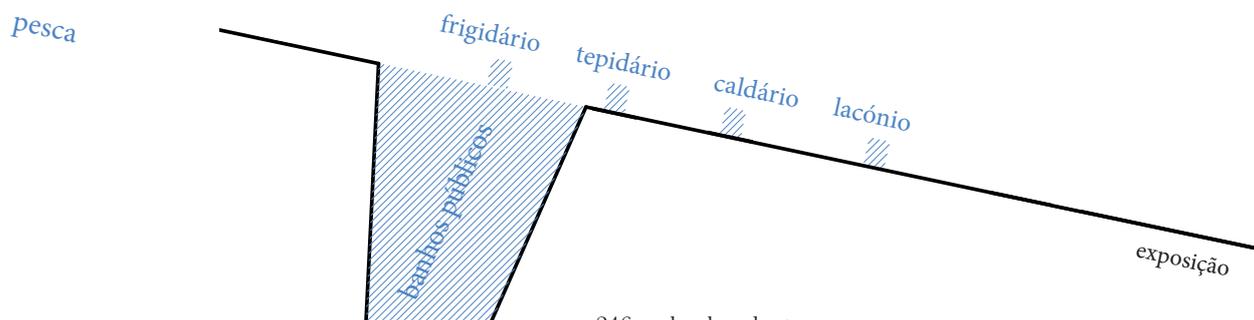


A atmosfera de intimidade e serenidade no interior de cada espaço é conseguida através da escala doméstica e das qualidades que os diferenciam – cor, luz, temperatura, som, materialidade. As combinações de luz e sombra, espaços abertos e fechados e elementos lineares proporcionam uma experiência altamente sensual e restauradora.

Purificação. Paz. Serenidade.

347

Sem ruído, apenas a sensação do próprio corpo a passar por uma transformação sutil. Liga-nos a nós mesmos. Em cada banho, os cinco sentidos são indispensáveis. Já não estamos dormentes do quotidiano apressado, estamos acordados num profundo sossego.



246. os banhos das termas *romanas*

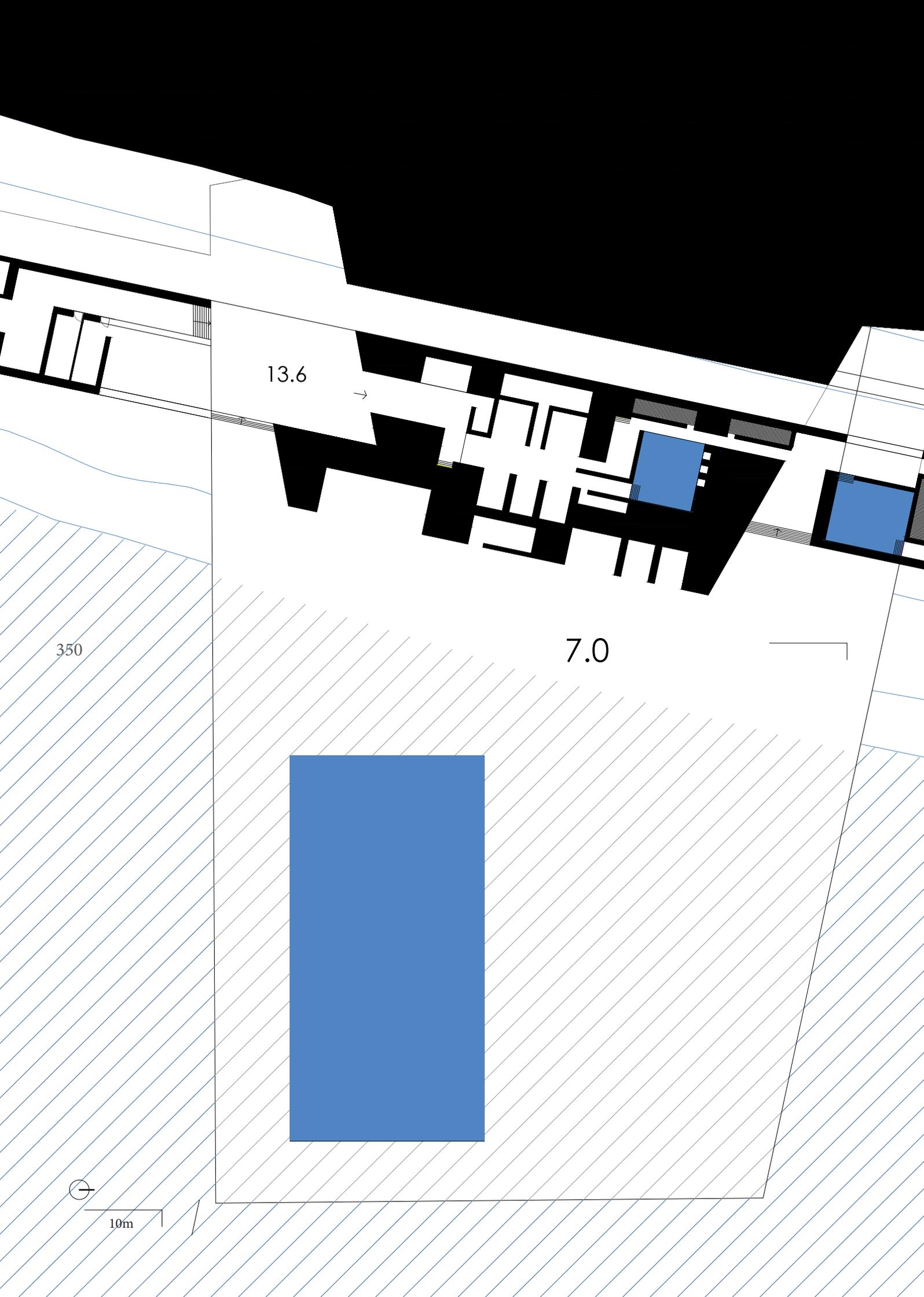
Santarém, a cidade romana...

Recorre-se à compilação de Vitrúvio, *os dez livros de arquitectura*, em que dedica o Livro VIII às águas, dividindo em 7 capítulos. Neste livro, o autor enuncia de forma detalhada as propriedades das diferentes águas e os seus efeitos no corpo físico e mental do homem.

A água é o requisito principal para a vida, para a felicidade, e para o uso diário.

349

Gaston Bachelard também apresenta uma conceção das águas. As águas possuem sabores, possuem cores, possuem cheiros, possuem vozes e possuem significados.



13.6

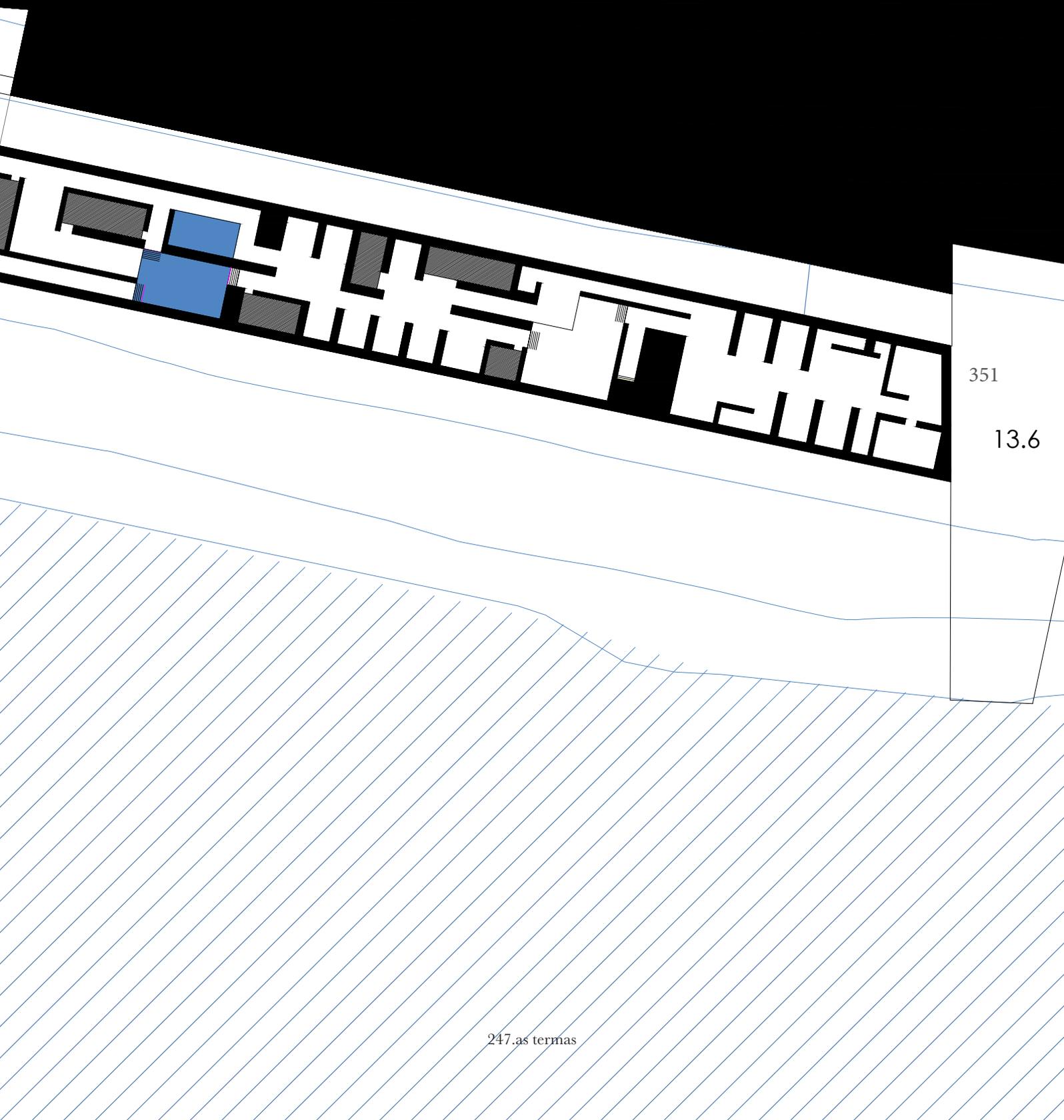


7.0

350

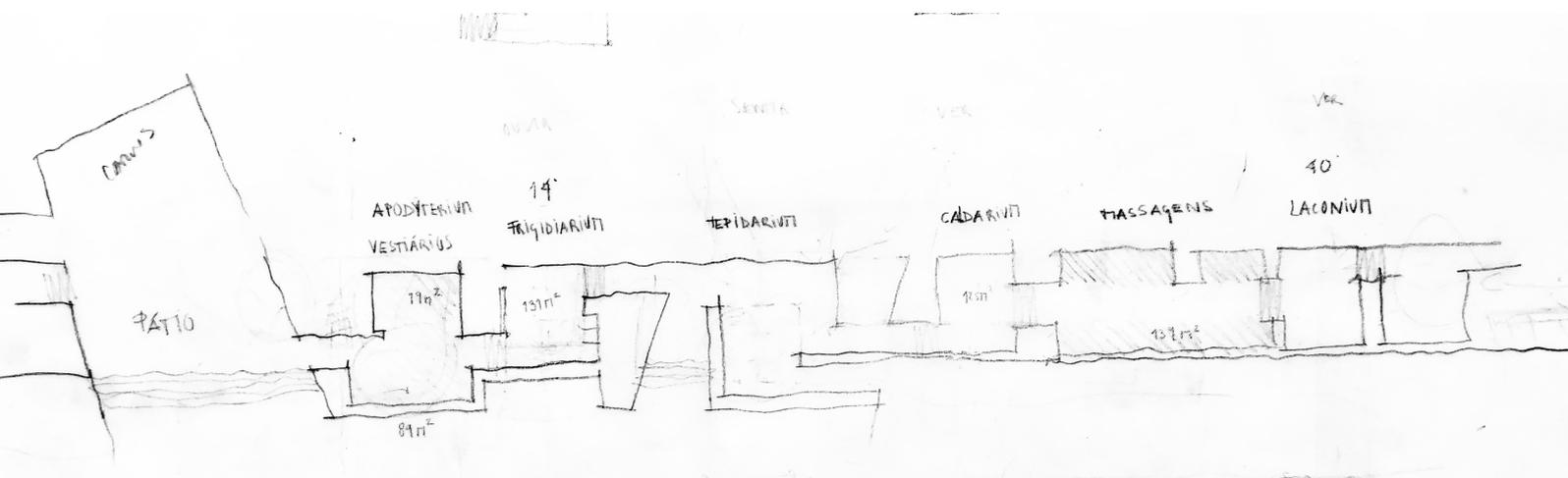


10m



351

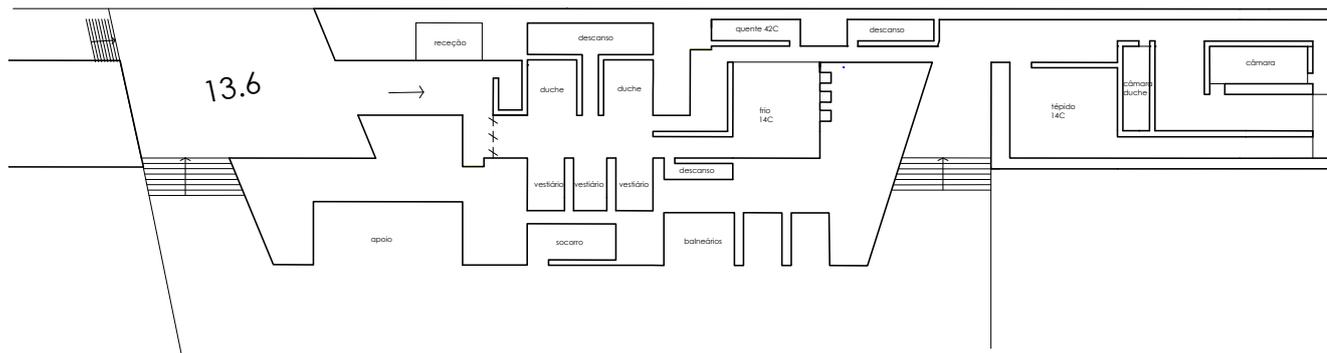
13.6



A partir disto, surge uma ideia concetual sobre as práticas de banhos públicos, bem como os diferentes espaços que se criam ligados à água. Sem esquecer as diferenças de temperatura que se vão sentindo, recorrendo também à lógica das termas romanas (*frigidarium, tepidarium, caldarium, sudatorium*) e ao devaneio, desde as *águas mortas e profundas* às *águas vivas*.

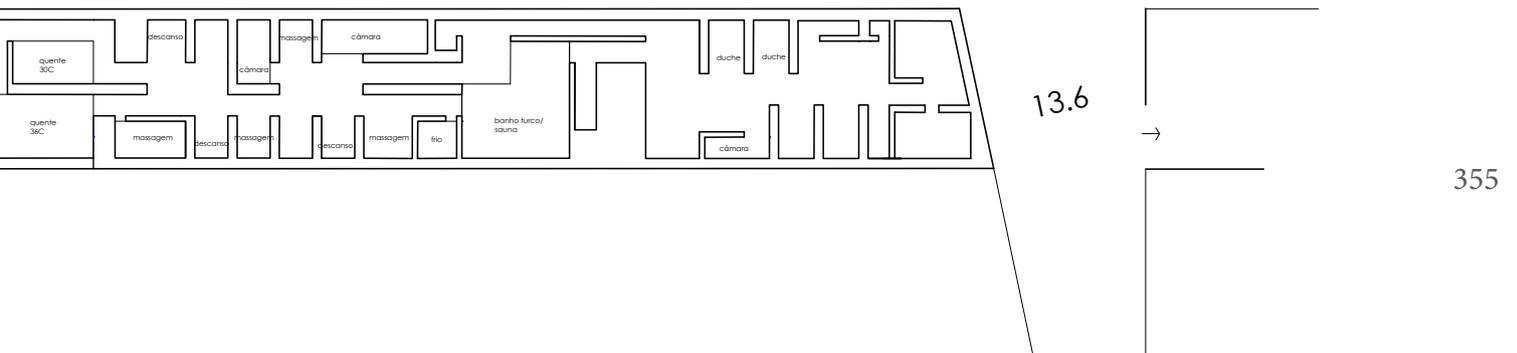
Criam-se assim as águas carregadas de afetos, emoções, que na prática do dia-a-dia promovem a construção da identidade e a sua ligação com o lugar.

354

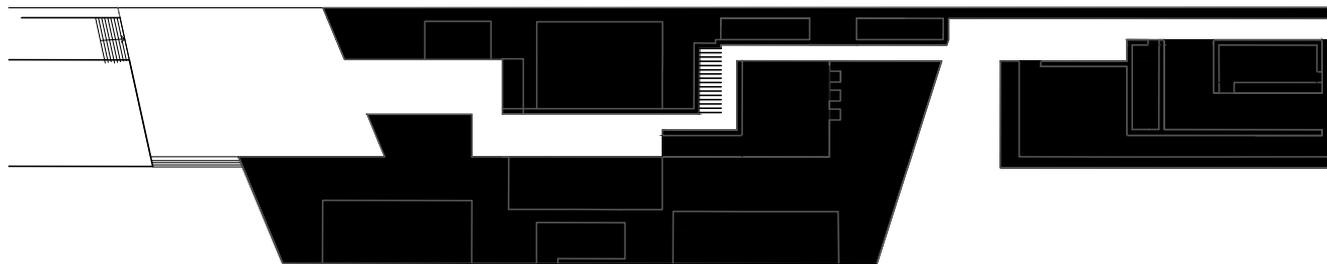


5m

os diferentes espaços ao longo das termas

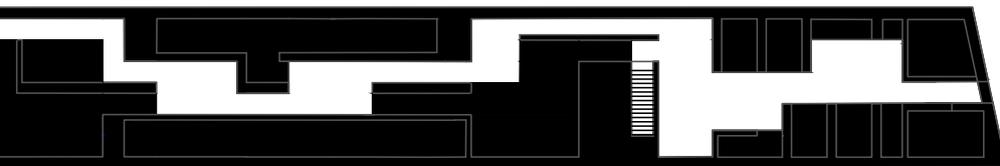


356

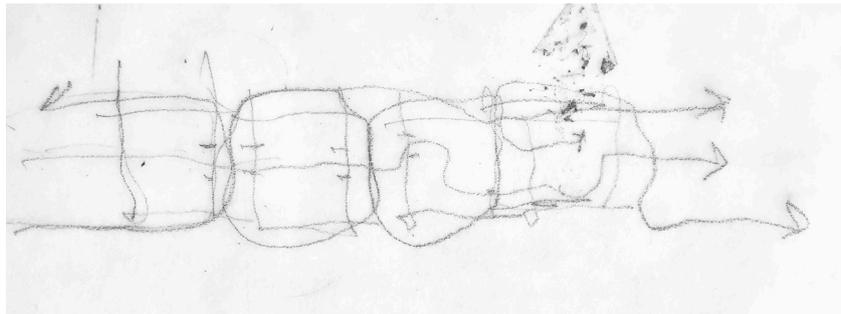


5m

o cheio e o vazio

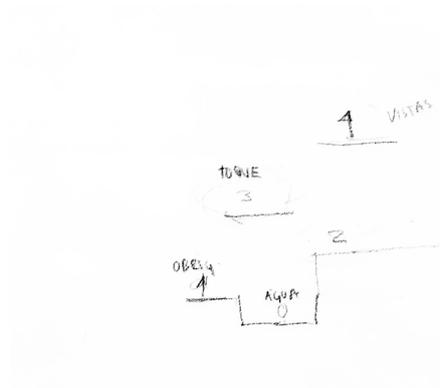


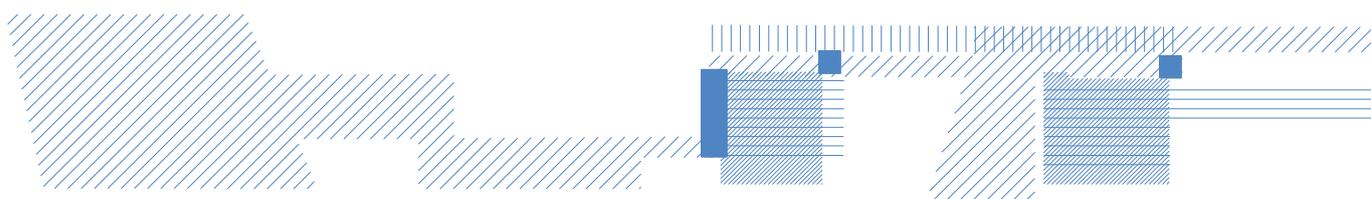
357



os níveis nas termas

359





0 - percurso térreo



acessos



2 - nível toque



São convidados a ficar em total silêncio ouvindo apenas o som da água...

O edifício divide-se em quatro níveis, que se cruzam e nos levam a sensoriar diferentes espaços, ambientes e percursos. -1 zona de banhos - um conjunto de degraus acompanha a descida até ao nível dos banhos; 0 percurso *principal* onde se localizam os balneários, zonas de massagens e câmaras quentes/frias; 1 vista - percurso a cima do 0 associado a uma entrada; 2 toque - a partir do nível 1 pode-se descobrir alguns espaços através de degraus e estar de novo em contacto com a água.

361



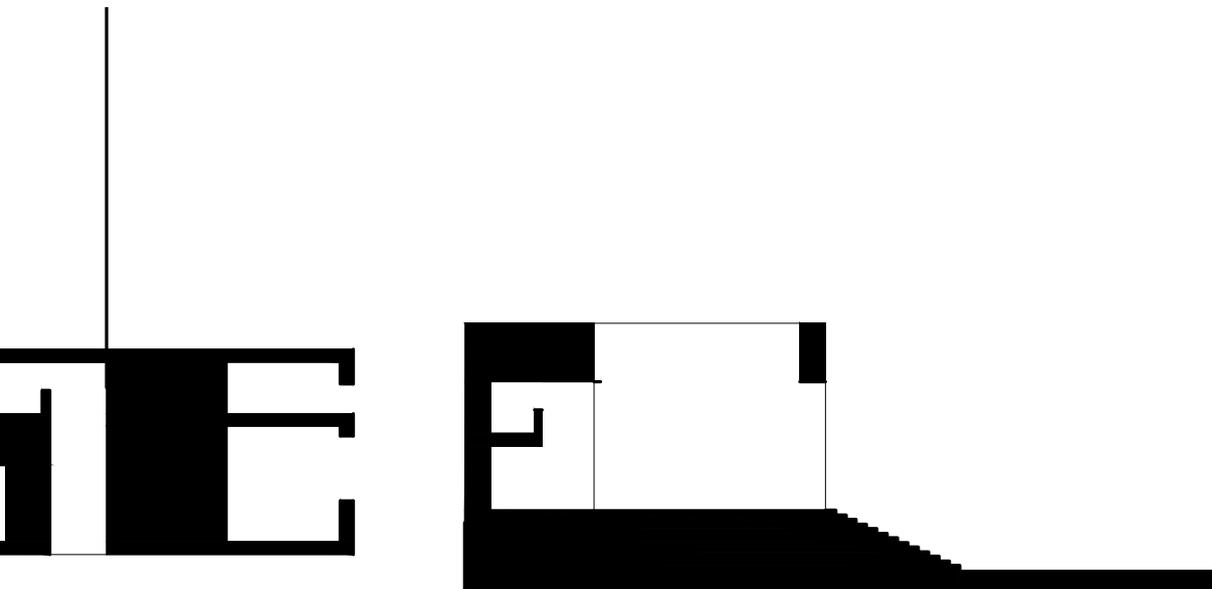
-1 - tanque água



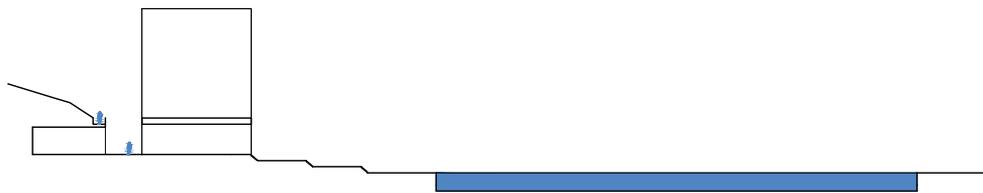
1 - nível vista







364



Começando no zero...

a liberdade do ser no espaço.

Falta-nos descobrir uma forma de entrar neste edifício.

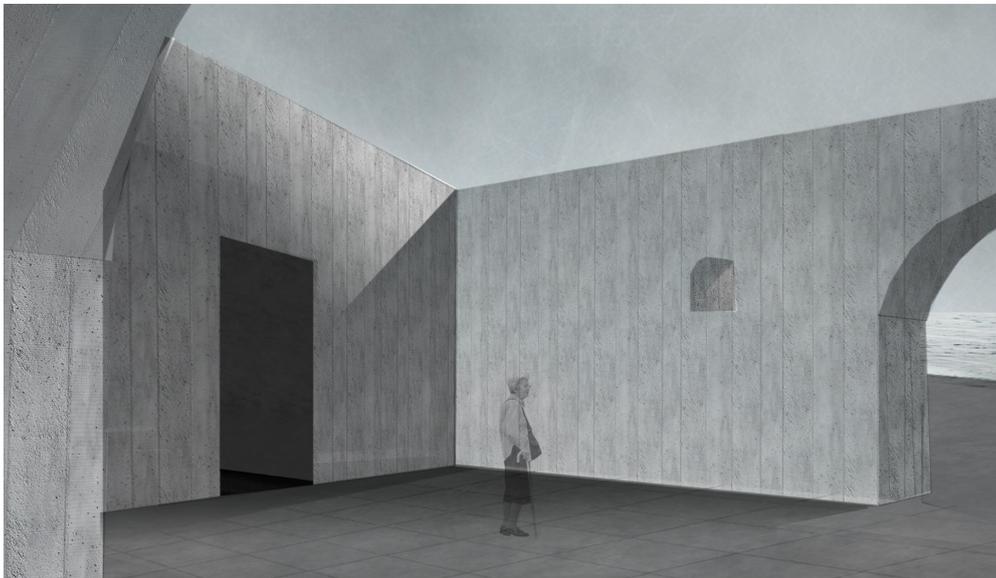
O acesso não está escondido. As termas possuem três entradas a cotas distintas. À cota da rua dos pescadores, descobre-se uma entrada mais pública, sendo recebidos por um grande pátio e uma receção. Do nosso lado direito um vão que nos leva a contactar com o exterior e uma plataforma que se estende sob o rio. Já lá chegamos. Depois de falarmos com o rececionista e comprarmos o nosso bilhete é nos dado um cartão para podermos ingressar. Passamos.

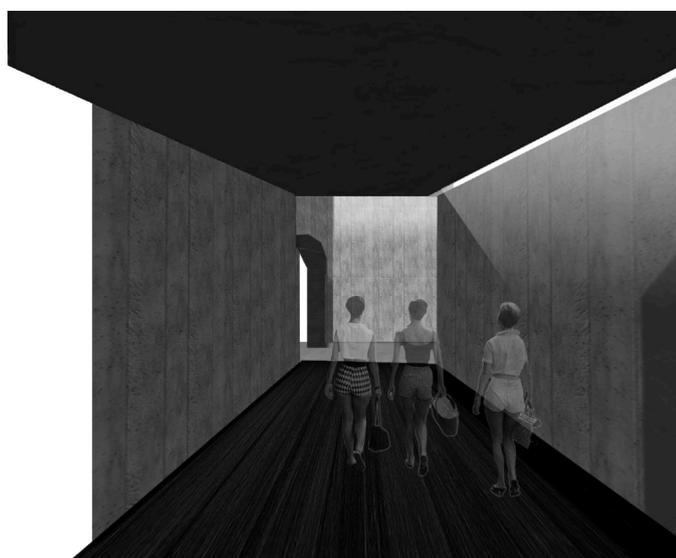
365

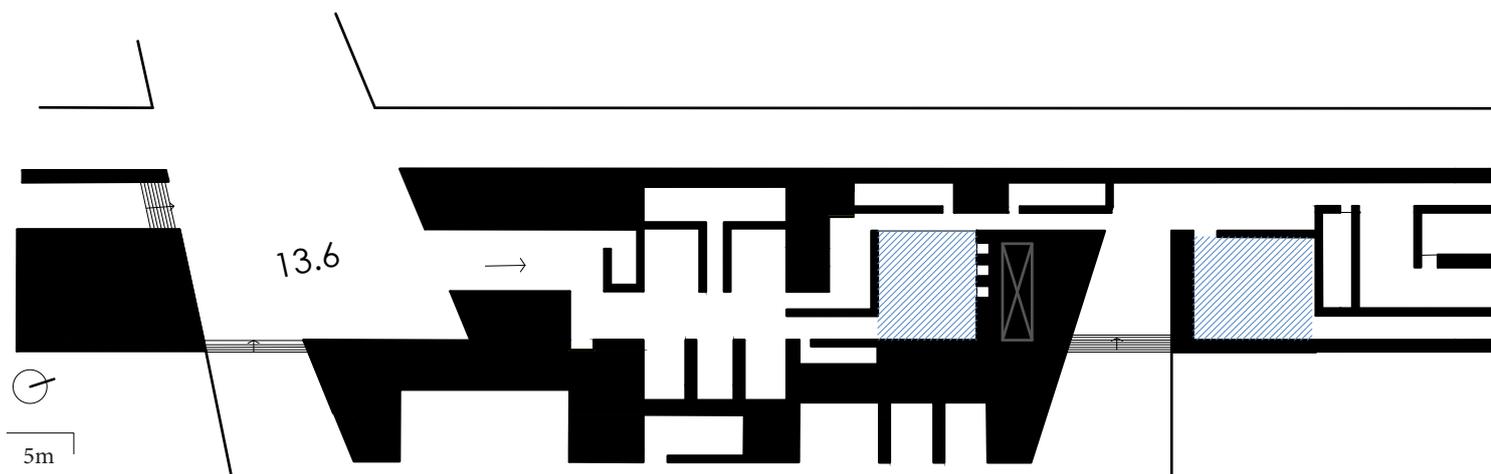
a descoberta dos espaços é feita por cada um e para cada um

Vemos do nosso lado esquerdo e direito portas que são entradas para os balneários e duches.

Deixámos a agitação e a pressa para trás, aqui é o momento de transição. Passámos a procurar o sossego e a tranquilidade no mundo das sensações.







Estamos agora num corredor, a ouvir a água, com a opção de escolha de ingressar num espaço de água. Mas lá chegaremos.

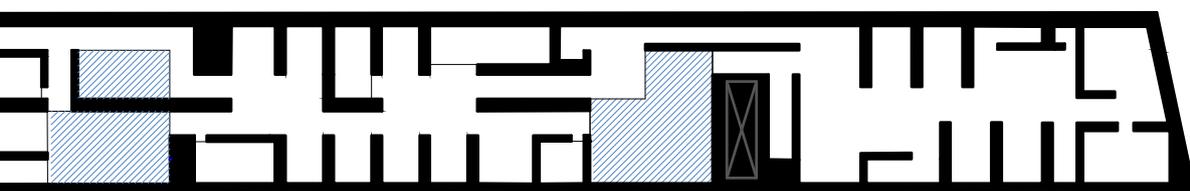
Optamos por continuar a percorrer e descobrir cada espaço, deparamo-nos com um lance de escadas de betão que nos levam ao nível superior (1-vistas) do nosso lado esquerdo. Já lá vamos.

Continuamos neste nível, apesar de não termos uma vista para o exterior; o aumento da claridade ao fundo neste ambiente escuro, liberta-nos a ansiedade.

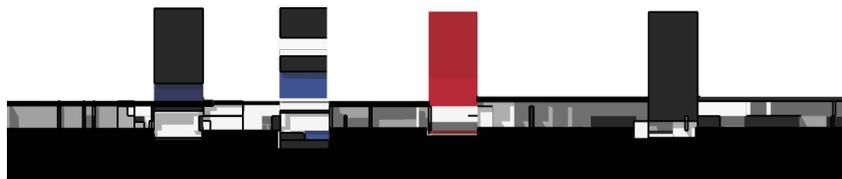
369

Passamos ao lado do tanque *frigidário*, que se localiza num nível inferior, apenas vemos a água a cair e podemos tocar. Do nosso lado esquerdo estão duas câmaras.

Chegamos ao dito espaço de claridade, é uma entrada que nos leva à plataforma exterior. De seguida somos confrontados com uma pequena abertura entre uma parede de betão alta, espreitamos e vemos um tanque de água num nível inferior, é o *tepidário*. Uma zona de silêncio profundo, onde as pessoas descansam nos degraus que se estendem até à água.



370



Continuamos.

Cada uma das zonas encaminha-nos para uma sequência de câmaras, umas mais quentes, outras mais frias, umas mais escuras, outras mais claras, sendo estes espaços para uma experiência individual.

Estamos num corredor, vemos ao fundo uma luz a vir de cima. Queremos chegar lá. Voltamos a passar por estas câmaras, somos confrontados com outra decisão. Uma que nos leva a olhar para o tanque, que se encontra no nível inferior, mas não nos permite chegar lá, apenas sentimos o calor que vem das paredes e do chão. A outra leva-nos a passar ao lado de um plano de água e a descobrir o tanque. É aqui que assistimos à luz zenital e ao contraste da luz e do vapor de água que aqui se forma. Chegámos ao *caldarium*. Mais à frente podemos sentir o que é estar neste ambiente.

Partimos para a zona das massagens, à esquerda e à direita, salas individuais de massagens, salas que comunicam, salas dedicadas a tratamentos medicinais e mais duas câmaras quentes e frias. Terminamos esta zona de tratamentos e chegamos ao último ambiente, agarrado a umas escadas que se escondem e nos levam ao nível a superior.

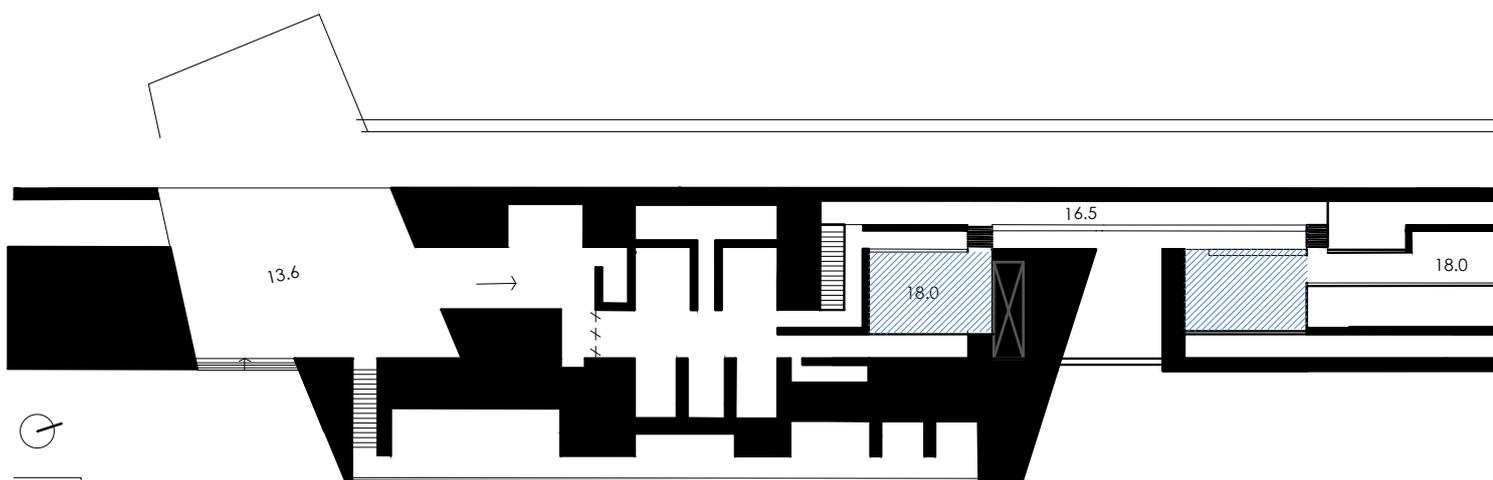
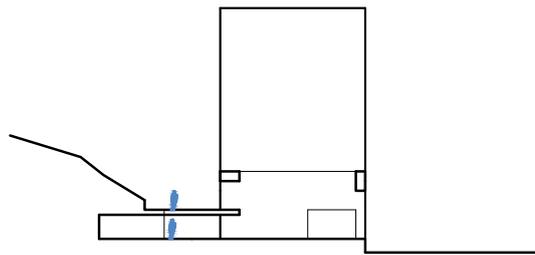
373

Aqui sentimos o cheiro, o cheiro que envolve e cria o ambiente, vem do óleo de lavanda. É o *laconium*, a sauna. Esta referência surge, da *Idade Média onde eram frequentes os espaços de banho com pétalas e fragrâncias*.

Terminamos este nível com mais umas salas dedicadas a massagens e balneários masculinos, os femininos acontecem no nível a cima.

Vamos para lá agora.

374



5m

No nível 1, temos que descobrir como entramos.

Para além de podermos chegar lá através das escadas que descobrimos no nível inferior existe uma outra entrada que aproxima o exterior do interior.

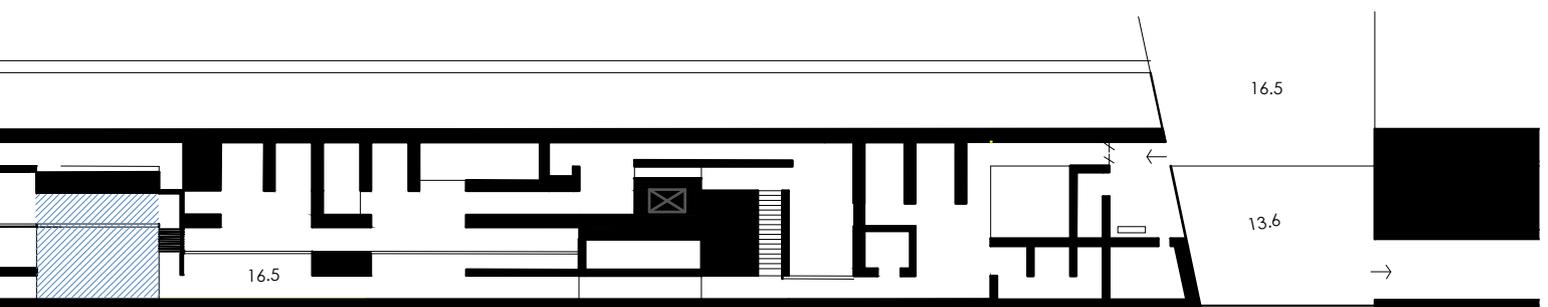
A entrada feita à cota do caminho pedonal que se descobre na encosta, quatro metros a cima da rua dos pescadores, esta é entendida como privilegiada, pensada nos sócios.

Somos recebidos por um átrio, uma zona de espera, uma espaço de café. Um torniquete barra-nos a passagem – temos de validar a entrada. Passamos. Conseguimos olhar para baixo e ver as pessoas a andarem no corredor das zonas de massagens. Não chegamos lá.

375

Do nosso lado direito o balneário feminino e uma sala com lavatórios.

Ingressamos num corredor, é aqui que vemos as escadas que nos levam ao piso inferior. Atravessamos uma longa e estreita galeria com vista para o nível inferior onde se localizam os banhos e as massagens. Ao fundo cruza-se o outro nível, ou seja, na interseção do nível 1 - vista com o nível 2 - toque, existe uns degraus que amarram estes dois. Subimos e andamos em cima da água, estamos no nível a cima do *caldarium*.



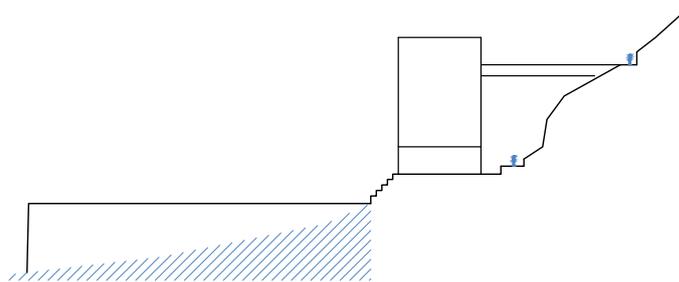
Podemos ver o vapor a subir até às aberturas na cobertura. Continuamos neste nível e voltamos a tocar na água, estamos no *tepidarium* é nos oferecida uma grande abertura para olharmos a encosta enquanto relaxamos e repousamos.

Já tocámos e aproveitámos a água, vamos continuar o nosso percurso no nível a baixo.

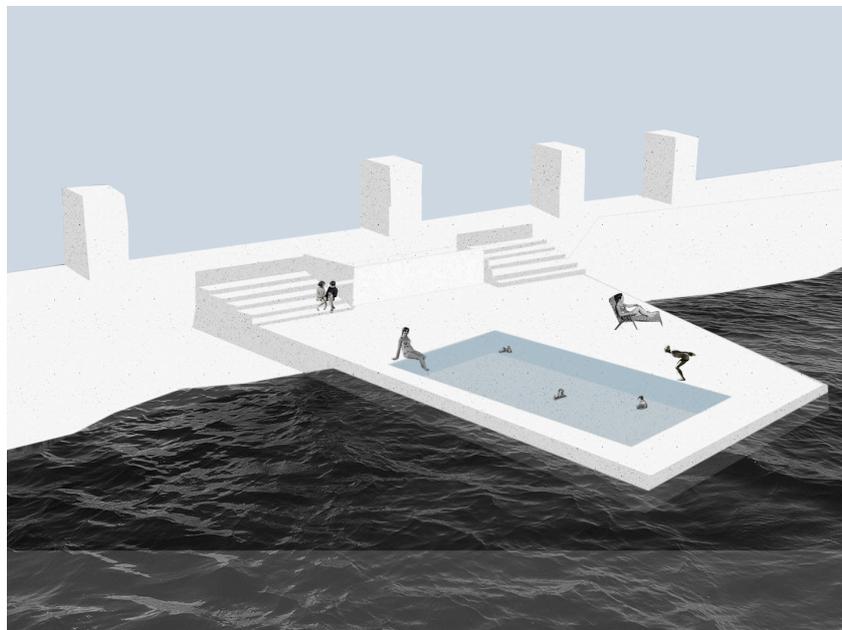
Percorremos um grande corredor que nos permite olhar para baixo e ver as pessoas a ingressarem nos espaços, bem como nos banhos. Não conseguimos chegar lá.

Começamos a ouvir a queda da água, um espaço escuro. Voltamos a ser confrontados com outros degraus, levam-nos ao nível a cima, tocamos na água que cai de cima, é o *frigidarium*. Chegámos ao fim deste percurso, podemos descer as escadas que vimos no início do percurso do nível inferior.

378



A outra entrada não nos possibilita a entrada direta no edifício, mas sim num elemento excepcional, um Miradouro que, por sua vez, está articulado com o caminho existente na encosta (como já mencionado).



banhos públicos

A piscina flutuante que se estende pelo rio Tejo. Uma piscina destinada aos banhos públicos.

Podemos descobri-la ao ingressar na entrada principal das termas, onde somos recebidos pelo pátio. Após esta ingressão, uma abertura convida-nos a descer uns degraus e usufruir desta grande plataforma agarrada e delimitada por parte do edifício.

381

A piscina foi pensada de maneira a que se possa usufruir dela sem ser necessário entrar no interior do edifício, ou seja, um acesso mais público e destinado a todos. Também damos conta de outra entrada que, ao contrário desta principal, leva-nos ao interior do edifício.

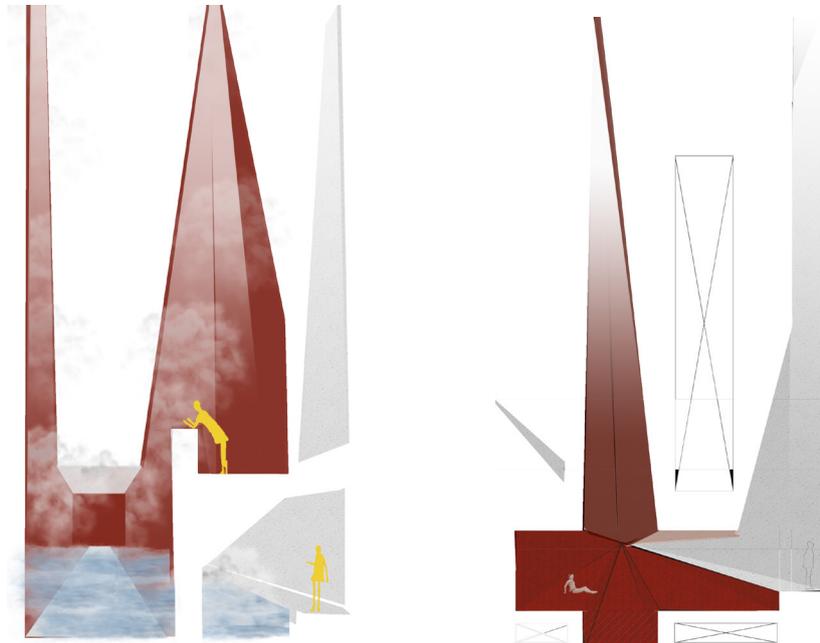
surgem então os momentos ao longo desta linha da água...

382



frigidarium

tepidarium

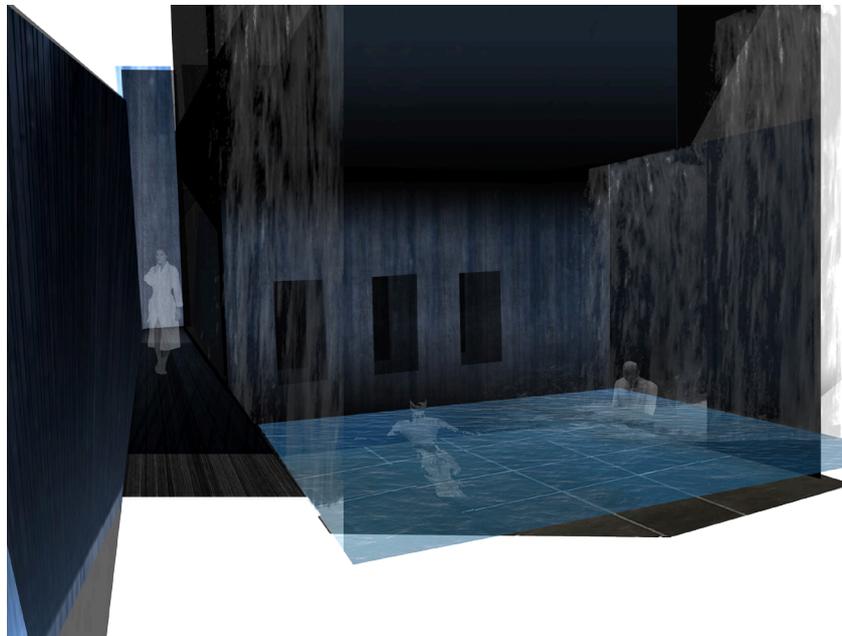


383

... os banhos

caldarium

sudatorium



frigidarium

Um espaço escuro, dividido em dois níveis. Aqui vive-se o frio, o som, o medo. O azul simboliza frio, água, ar. Pretende-se criar um ambiente frio do betão.

Até lá chegarmos, a passagem é escura de modo a prestar-mos atenção apenas ao som. Ouvimos salpicos, ouvimos terror.

Somos atraídos pelo som da água.

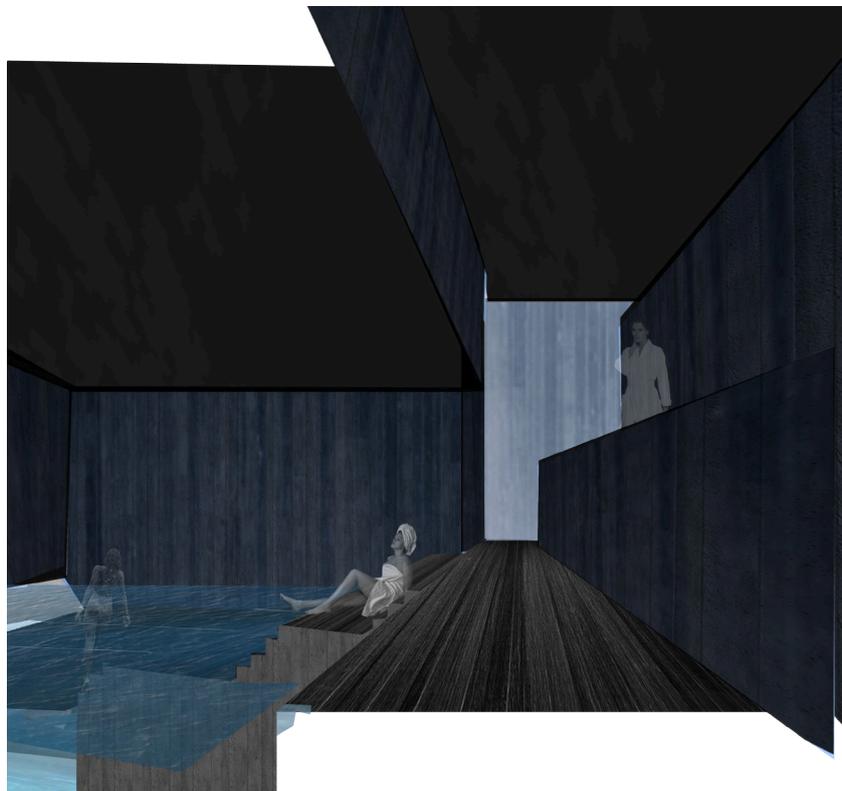
Temos que descer uns degraus para chegar ao tanque de água fria, a água que cai de dois níveis a cima. No tanque tanto podemos estar dentro de água, como relaxar nos nichos que se revelam na parede de betão, aqui apenas tocamos com os pés na água.

385

Entre a queda e o tanque, existe um nível em que podemos tocar na água que cai, podemos olhar para baixo e ver o contacto da água na água e, podemos estabelecer contacto com o rio. Esta queda da água, acaba por ser um momento de massagens. Aqui existem duas quedas de água, uma mais alta em que a água cai com mais força e outra com menos força.

Um espaço de banhos, com temperaturas de 14°.

A água que cai, a água que se ouve, a água que se toca, a água que se usa.



tepidarium

Continuamos no azul, mas aqui já se vive um ambiente morno, silencioso, próprio para descansar e apreciar a vista em qualquer dos níveis. Aqui existem três níveis.

Um momento morto, morto no sentido de adormecido, um momento de descanso.

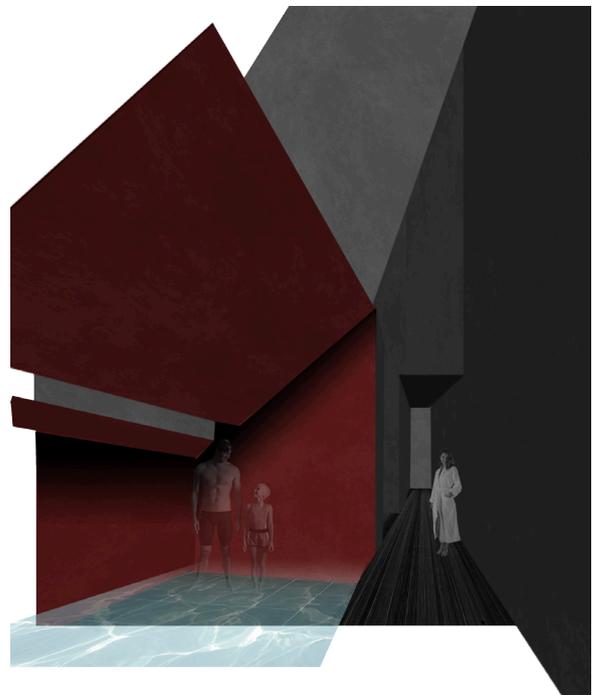
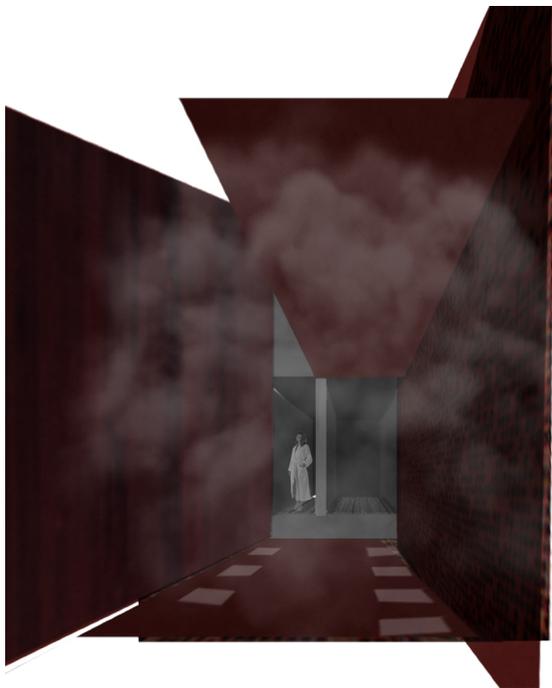
Aqui, ao contrário do *frigidarium*, é o momento mais silencioso das termas. Um espaço para as pessoas, que incita à permanência e ao relaxamento, que convida ao descanso nestes tanques que existem em dois níveis e, que estabelecem uma relação com o exterior.

387

Para imergir na água, menos fria do que a anterior, temos que descer uns degraus, onde podemos estar sentados a olhar para a plataforma sobre o rio. É concebida uma abertura para o rio Tejo, onde a água entra no caso de uma eventual subida da água do rio.

No nível a cima, podemos usufruir de um plano de água virado para o lado oposto, aqui olhamos para a encosta. Por último, e no nível mais alto exclusivo para esta entrada descobre-se o miradouro. Apenas chegamos lá pelo lado de fora, através do caminho na encosta. Um espaço de observação a 20m do chão.

388



caldarium

Aqui mudam-se as cores, mudam-se as temperaturas, muda-se a vivência.

É utilizada a cor vermelha, que simboliza o calor, o desejo e o perigo. É utilizado betão.

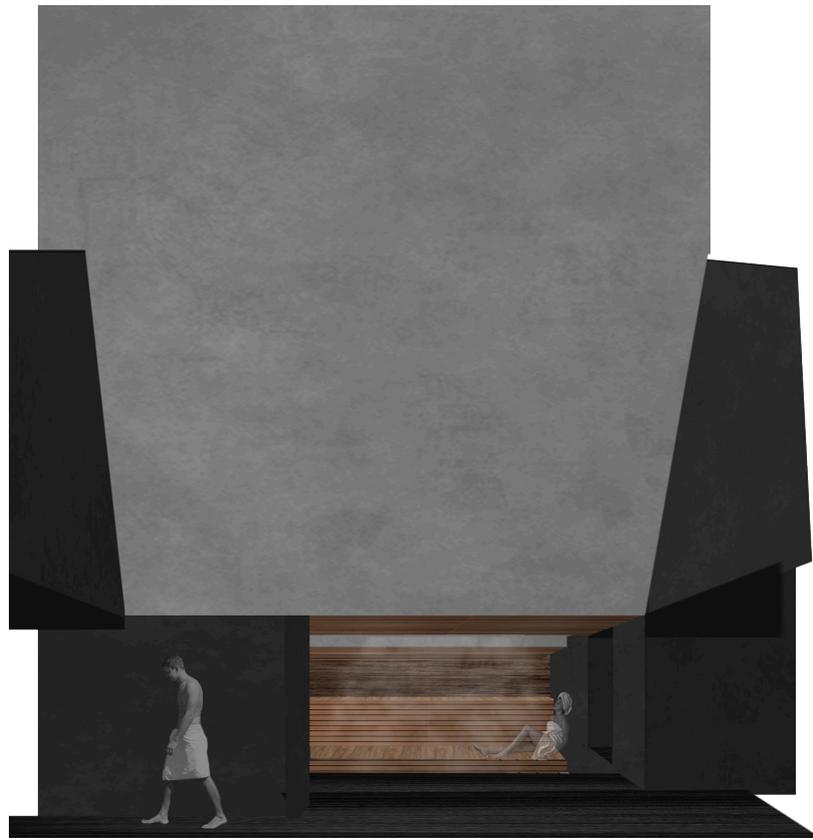
Este espaço funciona como um banho turco, uma zona de vapores. Um espaço escuro que nos acolhe, em que a única luz que existe vem de cima. Aqui a luz é apenas zenital, visto ser uma zona quente com temperaturas de 30° o uso de vapor de água termal, em que a atmosfera atinge esta temperatura para a execução de tratamentos.

Um espaço de reflexos, de modo a criar ilusões e percepções desta luz que se reflete no meio do vapor. Este momento divide-se em dois, uma zona de banhos e outra de passagem em que é possível sentir a água no chão.

Para usufruir deste espaço, temos que descer uns degraus e somos confrontados com a temperatura. Num nível a cima existe o nível apenas de vista.

O *caldarium* deve estar perto do *tepidarium*, como são zonas aquecidas, esta proximidade traduz-se de maneira a compreender a organização dos espaços. Este é o único momento que temos uma ligação direta com outro, através de um percurso escondido e, agarrado a estes dois momentos.

390



laconium. sudatorium

Chegamos ao último momento de exceção ao longo deste percurso.

Utilizam-se cores escuras, o contraste da madeira com o betão.

Da mesma forma, o interior é escuro, ameaçador. Esta área encontra-se um pouco isolada, numa zona mais recatada, e nem todos se apercebem da sua presença. Desvenda-se em um único nível, com degraus largos para que seja possível o repouso.

Entrar neste espaço é como ingressar num vazio, apenas com uma pequena entrada de luz zenital na cobertura. Aqui o ambiente é de 42°C, funciona como uma sauna.

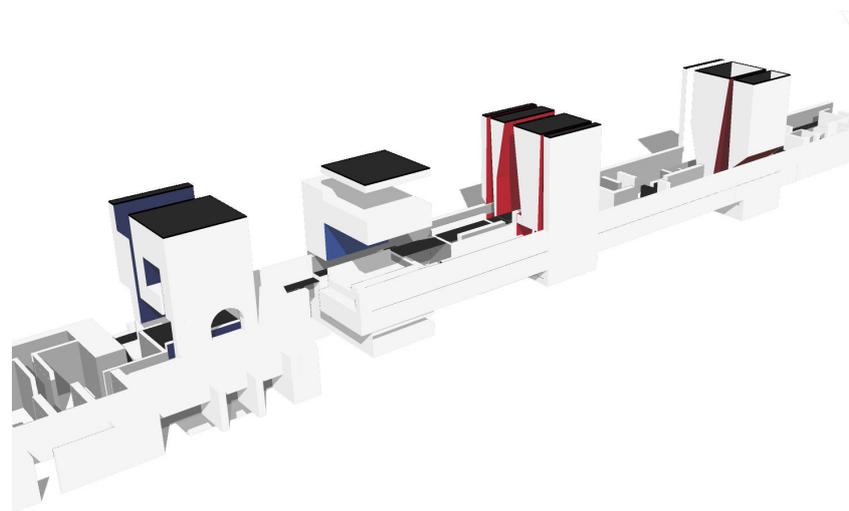
391

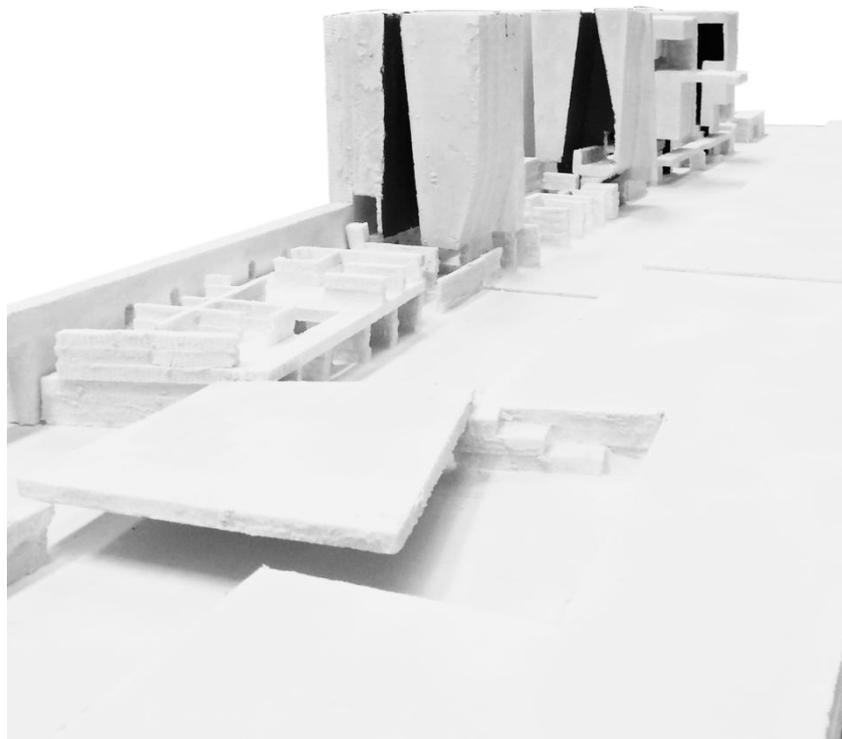
A sauna seca é revestida de madeira, podendo ser aquecida. É mais recomendada para os dias frios.

A presença da água é muito subtil, existe apenas no centro um plano, é possível molhar as mãos ou os pés.

Um espaço muito quente, escuro, íntimo.

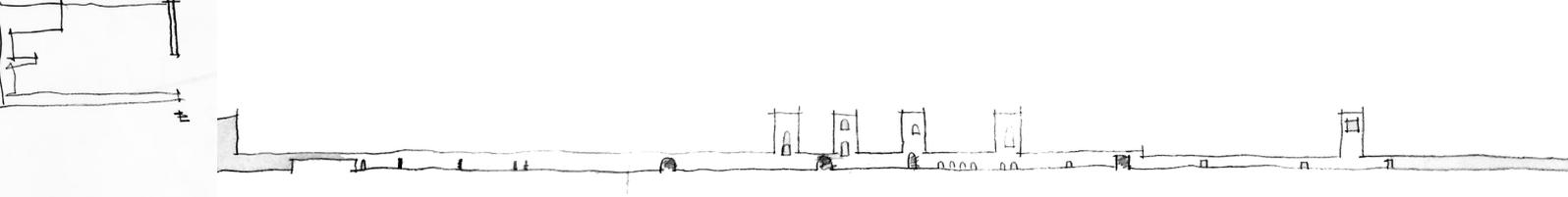
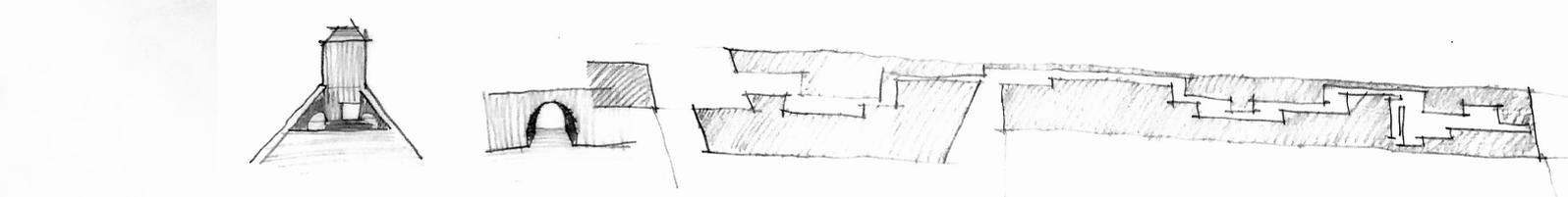
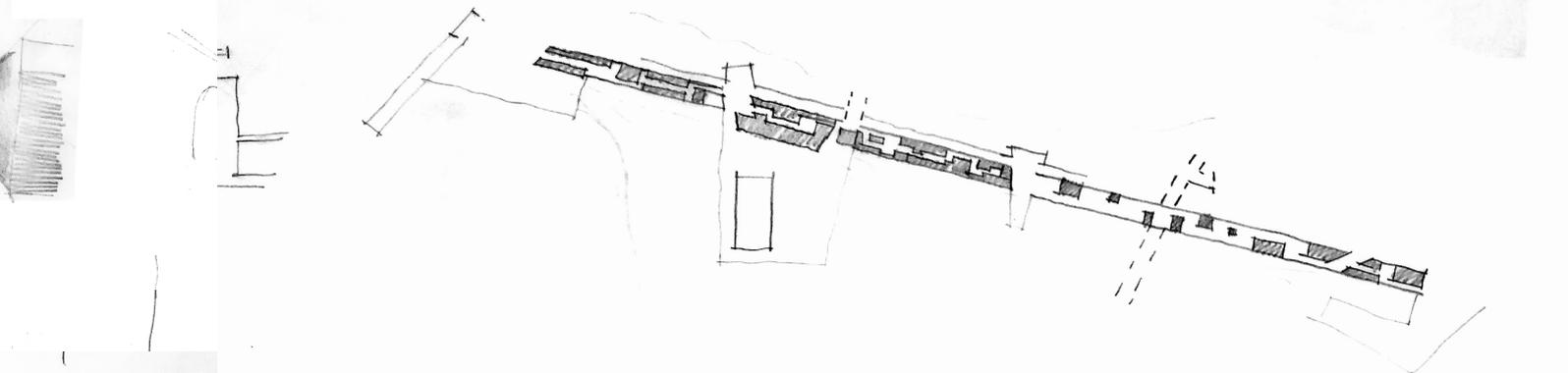
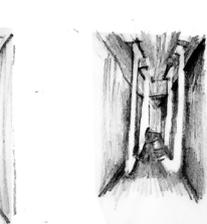
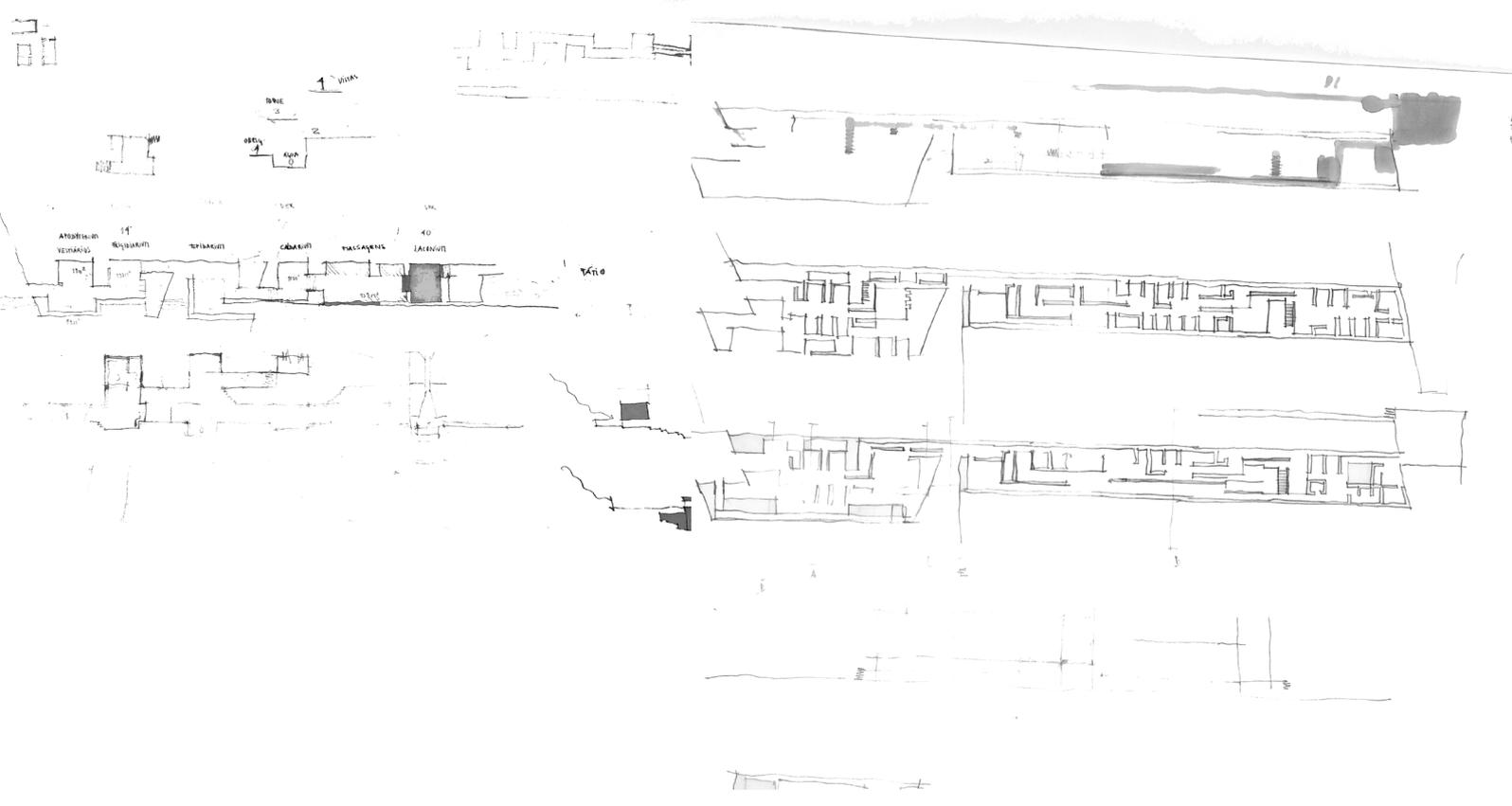
392







395



considerações finais.

Este sonho, esta imaginação, esta nova forma de pensar, esta nova forma de idealizar.

Este novo olhar para a cidade e para a arquitetura.

Este projeto final de mestrado formou-se com base nesta viagem por este cenário imaginado, por este mundo utópico que, permitiu pensar e criar um futuro idealizado, procurando resolver os problemas existentes.

Somos nós que criamos a nossa própria realidade.

398

Santarém, uma cidade não só conhecida pela sua história e pelas suas muralhas, como pelas suas cheias e pela subida do nível da água do rio. Não foi apenas uma vez que o rio Tejo galgou a margem da cidade de Santarém, a água já chegou a invadir a linha-férrea.

Tem-se assistido a cenários cobertos de água, a planos de reflexos que cobrem as ruas, impossibilitado a circulação e, que invadem os campos agrícolas. O último registo na frente ribeirinha foi em 2016.

Assim, este problema requer um pensamento conceptual da cidade de água. A cidade de Santarém é previligiada por este contacto com o rio. Surgiram, assim, os vários percursos da água...

a linha da água

Santarém, que se pretende que renasça da água através de duas Megaestruturas, de diferentes tipologias, estabelecendo o percurso da água. Sendo a cidade um organismo em constante metamorfose, procura-se desenvolver uma proposta da relação da cidade com a água e com o rio, sem esquecer a sua identidade.

A cidade foi perdendo ao longo dos tempos, os espaços tornaram-se obsoletos e degradados, desfragmentando a zona baixa da cidade, caracterizando-a hoje como uma zona esquecida.

A proposta deste projeto final de mestrado, foca-se numa visão sobre a cidade de Santarém, propondo uma transformação da zona ribeirinha, promovendo novos interesses, novos usos e, devolvendo lugares esquecidos à cidade e às pessoas com um novo propósito.

399

Deste modo, destaca-se três zonas na cidade baixa - a Alfange, a Ribeira e a Estação de Caminho de Ferro. Estes lugares passam a ser ligados através de Megaestruturas, em que a intenção é estabelecer um percurso de água, atribuindo uma nova visão *utópica* a estas zonas esquecidas, de modo a ser possível sonhar com uma cidade melhor, uma cidade viva e uma cidade de água.

Na cidade criaram-se torres, pontuaram-se lugares, elementos de exceção que promovem vários lugares de água na cidade e, estabelecem relações visuais entre a cidade alta e a cidade baixa.

uma tentativa de solução do que poderá ser.

bibliografia.

AMADO, António. (2012).
O Rio como Elemento Urbano. Lisboa, Núcleo de Arte, Educação e Cultura.

BAEZA, Alberto. (2011).
Pensar com as Mãos. Casal de Cambra, Caleidoscópio.

BACHELARD, Gaston. (1997).
A Água e os Sonhos. – Ensaio sobre a Imaginação da Matéria São Paulo, Martins Fontes. pp.15-33.

BATISTA, Juliana. (2017).
O imaginário da água do estuário do Tejo na concepção da paisagem. Tese de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

BESS, Jean-Marc. (2013).
Estar na paisagem, habitar, caminhar in Paisagem e Património: Equações de Arquitetura. Dafne Editora, Porto.

BRANDÃO, Pedro; JORGE, Filipe. (1988).
Lisboa a Cidade e o Rio - Concurso de Ideias Para a Renovação da Zona Ribeirinha de Lisboa. Lisboa, APL publicações.

BRUNI, José. (1993).
A água e a vida.1994, São Paulo.

BRUTTOMESSO, Rinio. (200/).
O Rio e a Cidade: as Zonas Ribeirinhas. Lisboa: AML, Estuarium 9. Edição da Área Metropolitana de Lisboa. pp. 47.

- CARDOSO, Filipa. (2009).
Waterfronts: Cidades de Água, Departamento de Arquitetura da
Faculdade de Ciência e Tecnologia, Tese para conclusão do Mestrado
Integrado em Arquitetura, Lisboa.
- CARRILHO DA GRAÇA, João Luís. (2002)
Metamorfose in *Jornal dos Arquitectos*, n.o 206, pp. 8-11.
- CHOAY, Françoise. (2010)
A Alegoria do Património, Lisboa: Edições 70, s/d [1992].
- CHRIST, Emanuel; GANTENBEIN, Christoph. (2012).
Typology transfer. Towards an urban architecture in *Typology – Hong
Kong, Rome, New York, Buenos Aires, Zurich*: Park Books.
- COELHO, Carlos; COSTA, João. (2006).
*A Renovação Urbana de Frentes de Água: Infra-estrutura, espaço público e
estratégia de cidade como dimensões urbanísticas de um território pós-industrial.*
Artítextos, n°2, Faculdade Arquitetura, Lisboa.
- COSTA, João. (2007).
La Ribera entre Proyectos. Formación y transformación del territorio
portuario, a partir del caso de Lisboa. Tese de Doutoramento,
Universidade Politècnica da Catalunya, Barcelona.
- COSTA, João. (2013).
Urbanismo e Adaptação às Alterações Climáticas - As frentes de água.
Lisboa, Livros Horizonte.

CONCEIÇÃO, Luís. (1997).

A Consagração da Água através da Arquitectura - Para Uma
Arquitectura da Água. Tese de Doutoramento, Faculdade de
Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

CULLEN, Gordon. (2010).

Paisagem urbana. Lisboa, Edições 70.

CUSTÓDIO, Jorge (Coord.). (1997).

Santarém cidade do mundo: exposição e catálogo, Santarém: Câmara
Municipal.

FERNANDES, André. (2014).

Dinâmicas de revitalização de frentes ribeirinhas no período pós-
Industrial: o Arco Ribeirinho Sul do Estuário do Tejo. Tese de
Doutoramento em Geografia e Planeamento territorial não publicada.
Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

GARCIA, Miriam. (2017)

Hacia La Metamorfosis Sintética de la Costa: diseñando paisajes
resilientes. Tese de Doutoramento em urbanismo e Ordenamento
do Território. Universidad Politécnica de Madrid, Escuela Técnica
Superior de Arquitectura, Madrid.

GORSKI, Maria (2010).

Rios e Cidades: Ruptura e Reconciliação. São Paulo.

GRACIA, Francisco de (2001).

Construir en lo Construido. La arquitectura como modificacion, s/l:
Editorial Nerea.

HIPÓLITO, Joana. (2012).

Água: elemento construído. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura. Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitetura e Artes, Lisboa.

LYNCH, Kevin. (1960).

A Imagem da Cidade. Trad. De Maria Cristina Tavares Afonso. Edições 70, Lisboa. pp.47.

MAXIMIANO, Liz. (2004).

Considerações sobre o conceito de paisagem. Considerations about landscape concept. Editora UFPR, Brasil.

MENDES, Nelson. (2009).

Acqua: água, essência na arquitetura de Carlo Scarpa. Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Coimbra.

403

NORDENSON, Guy; SEAVITT, Catherine; YARINSKY, Adam. (2010).

On the Water : Palisade Bay. New York, MoMA. NPCC.

PEIXOTO, José Pinto (1993)

A água na atmosfera e o ambiente. Lisboa: Instituto de Promoção Ambiental.

PEREIRA, (2013).

Percursos Arquitectónicos. Lisboa, FAUTL

PISANI, Jacobus. (2002).

Sustainable development: historical roots of the conception.
Potchefstroom, South Africa, North-West University.

PORTAS, Nuno; VIEGAS, Luís; GRANDE, Nuno; TEIXEIRA, Miguel. (1998).

Água: Cidades e Frentes de Águas. Porto, FAUP publicações.

ROBERTS, Bryony. (2016).

Tabula Plena: Forms of Urban Preservation. Oslo School of
Architecture and Design and Columbia University GSAPP, Lars
Muller.

ROSSI, Aldo. (2001).

A Arquitectura da Cidade, Lisboa, Edições Cosmos. [1966].

SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. (2005).

Da Paisagem à Arquitectura, um Percorso através da Água, in Ar.
Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de
Lisboa, n.4. Lisboa: FAUTL.

SARAMAGO, José (2011).

O Silêncio da Água. Lisboa, Editorial Caminho.

SERRÃO, Vítor. (1990).

Cidades e Vilas de Portugal: Santarém. Lisboa, Editorial Presença.

SIZA, Álvaro, (1998).

Imaginar a Evidência. Lisboa, Edições 70.

MATOS SILVA, Maria. (2016)
Public Space Design for Flooding: New Opportunities. Tese de
Doutoramento, Universidade Politécnic da Catalunya, Barcelona.

UNGERS, Oswald Mathias. (2011).
«Designing and Thinking in images. Metaphors and Analogies». In
Morphologie: City Metaphors, Köln: Walther König. [1982]

VIGANÒ, Paola. (2013).
Métamorphose de l'ordinaire. Grand Prix de l'urbanisme, Paris:
Parenthèses.

VITRUVIUS, Marcus. (1960).
The Ten Books on Architecture. Southwestern University, Texas:
Ingrid D.

405

VOGLER, Andreas; VITTORI, Arturo. (2006).
Genius Loci in the Space-Age. Munique, Editora.

ZUMTHOR, Peter. (2006).
Atmosferas. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL.

ZUMTHOR, Peter. (2009).
Pensar a Arquitectura. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL.

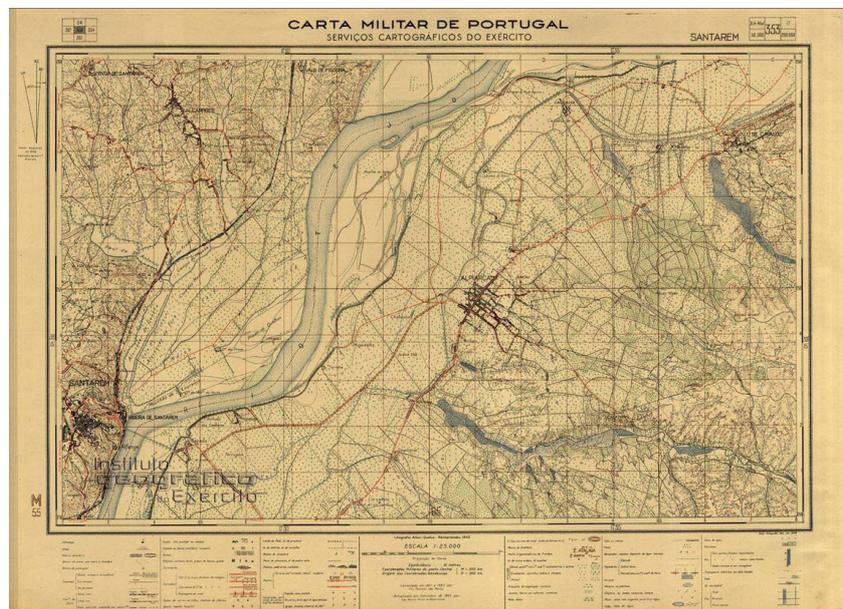
a linha da água

anexos.

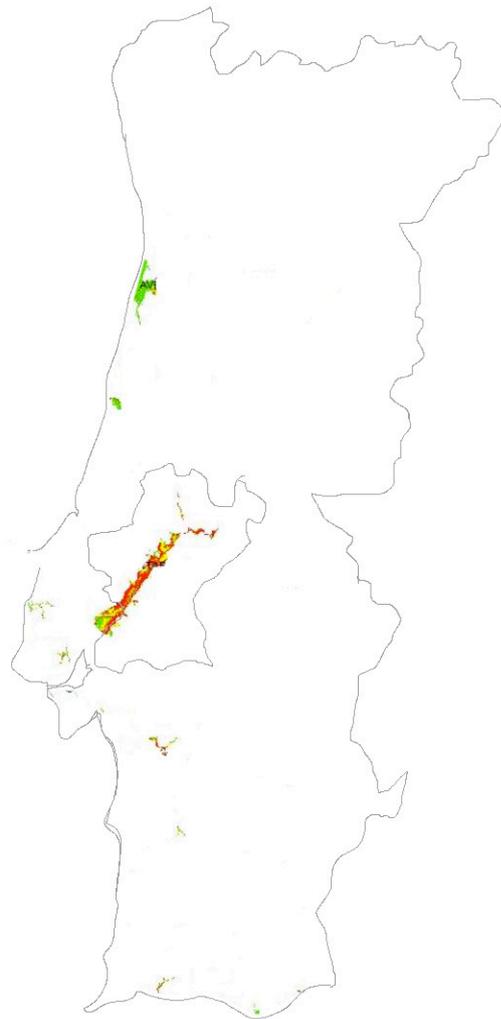
406

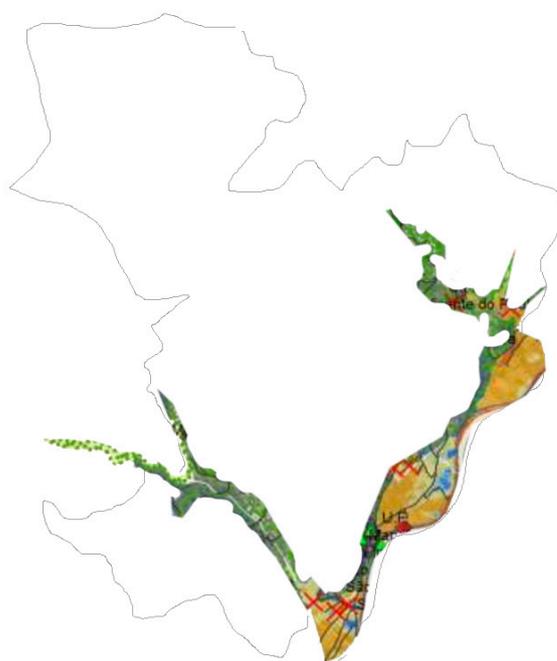
o arquivo que contribuiu para o desenvolvimento deste sonho





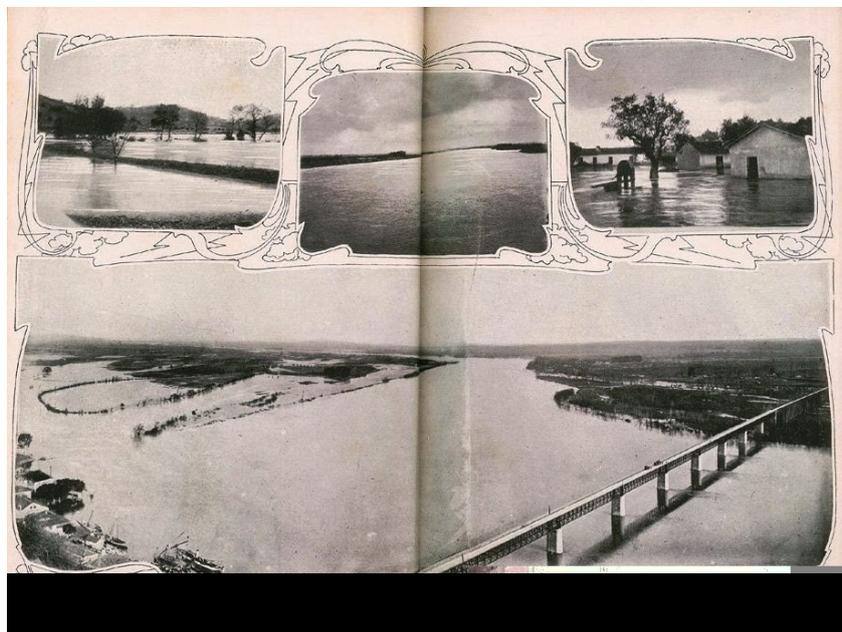










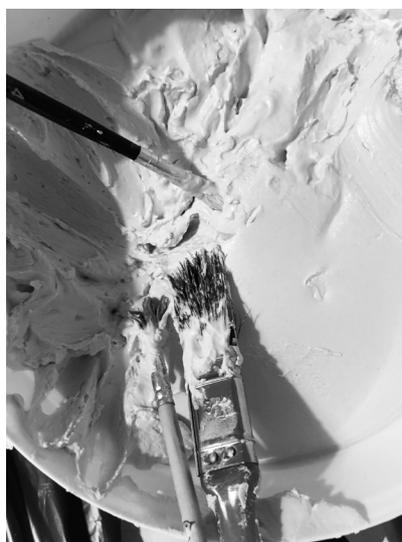
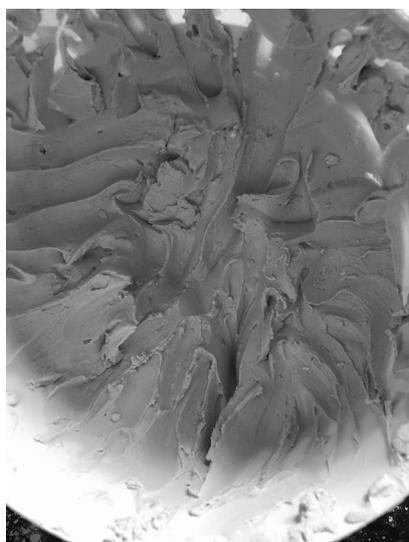






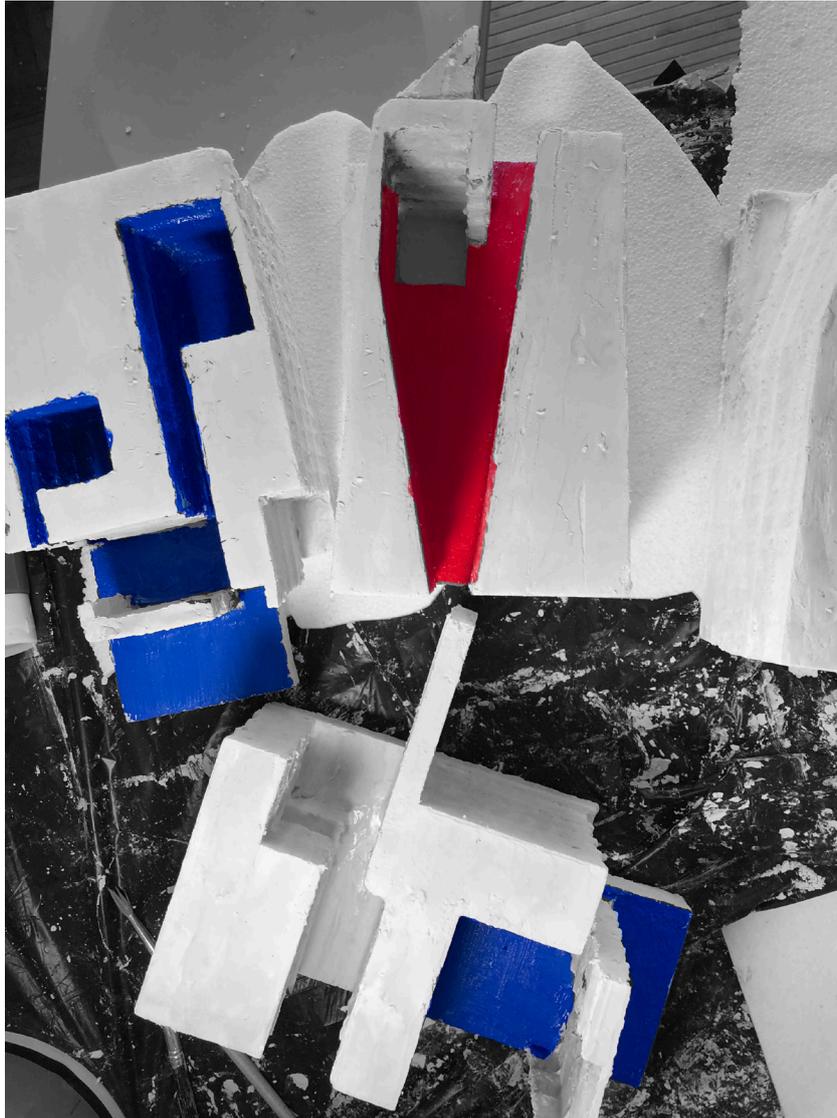








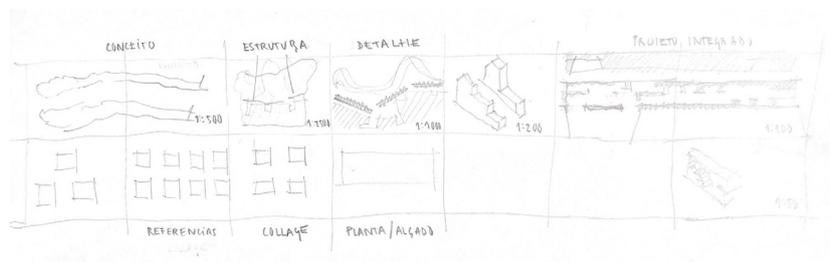
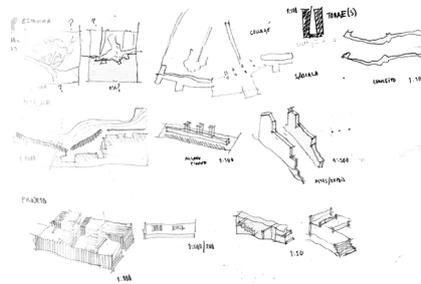


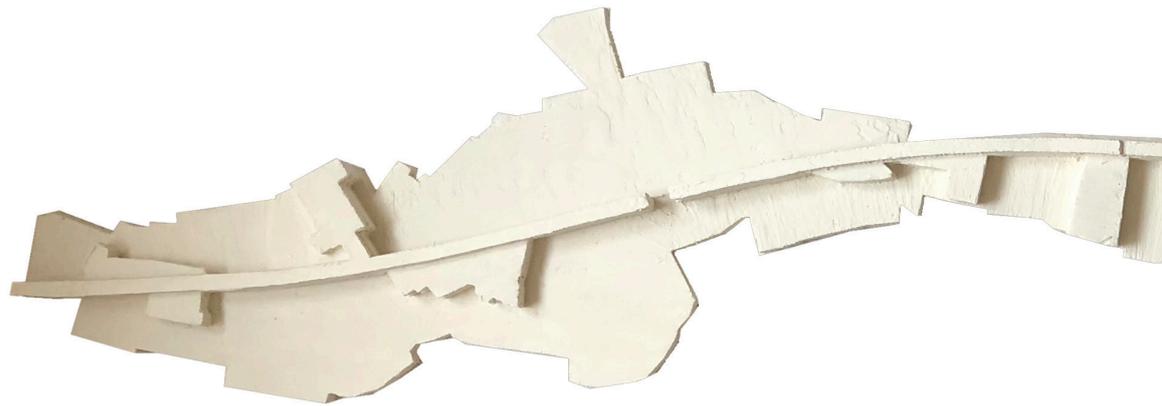




as maquetas finais

429

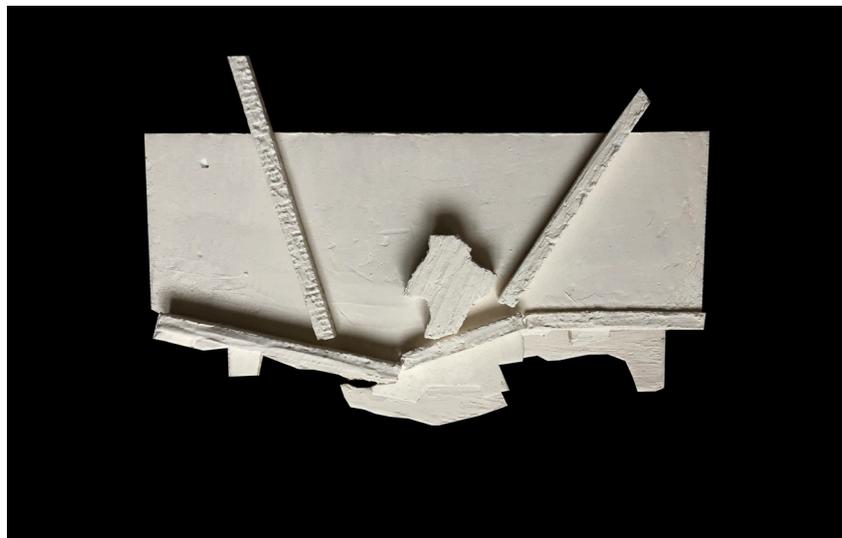
















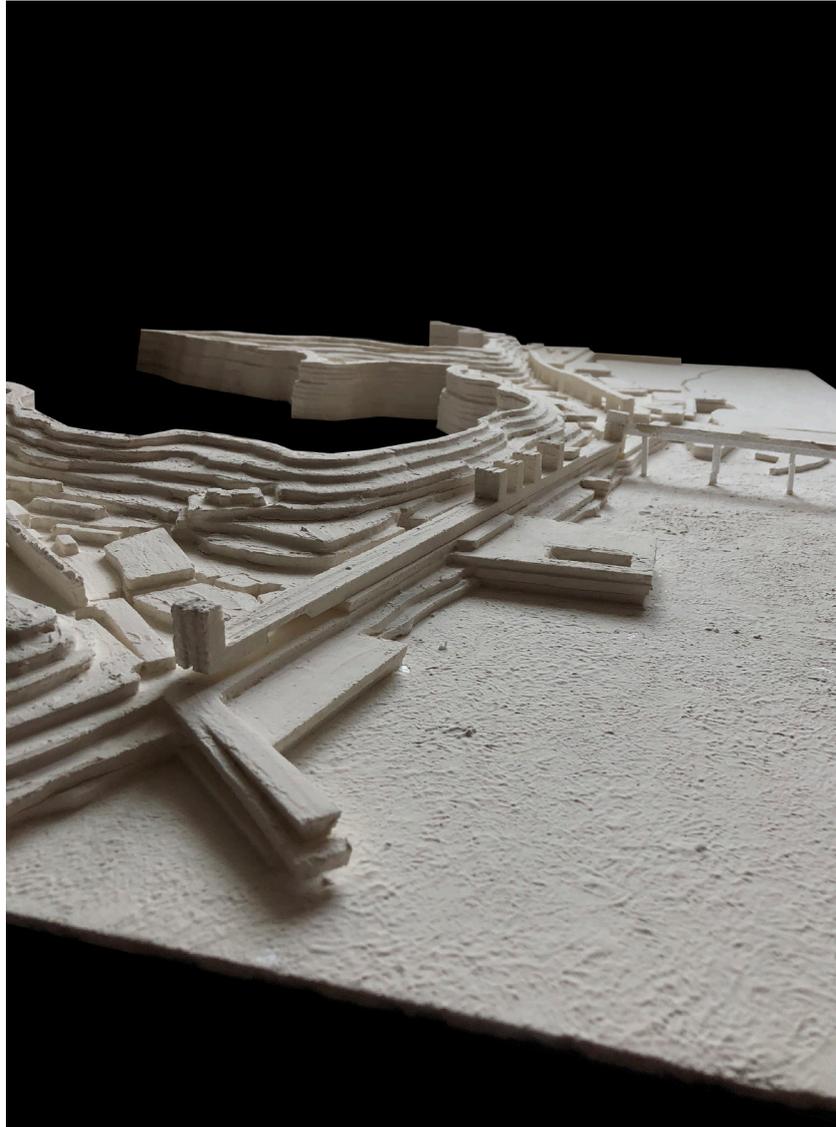


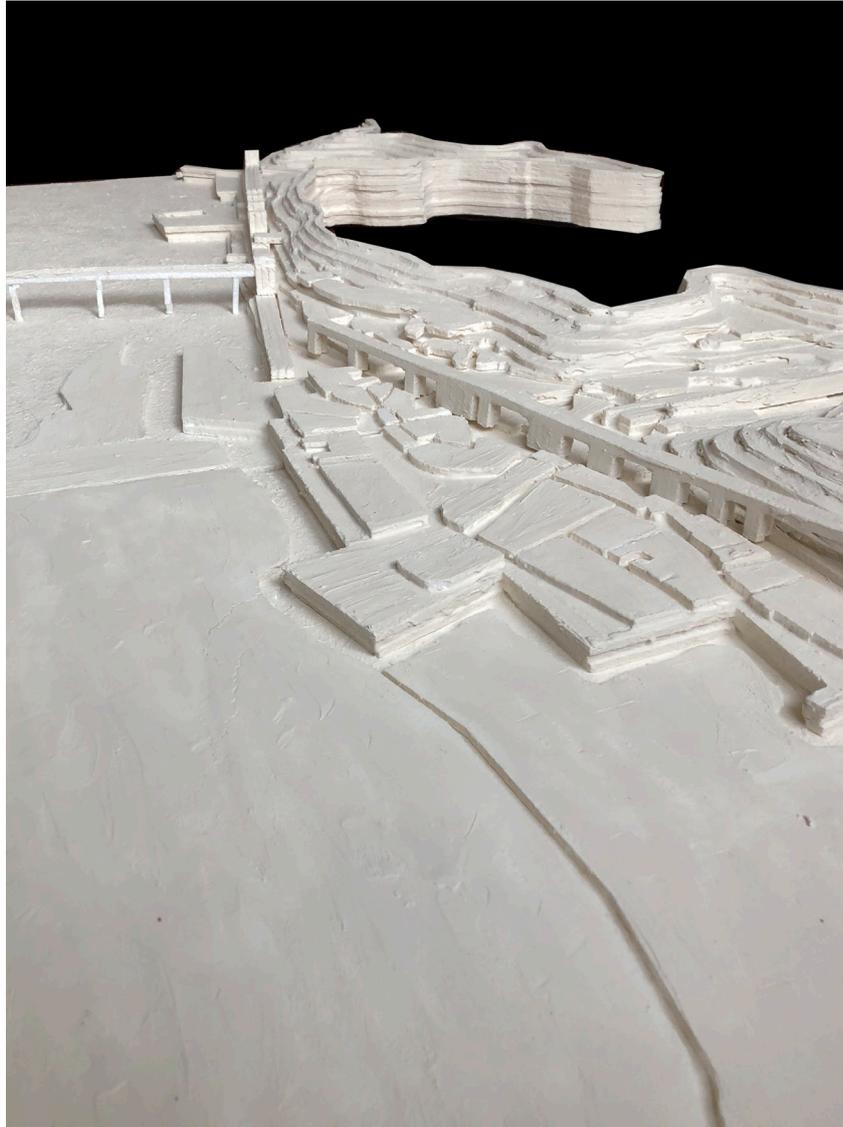








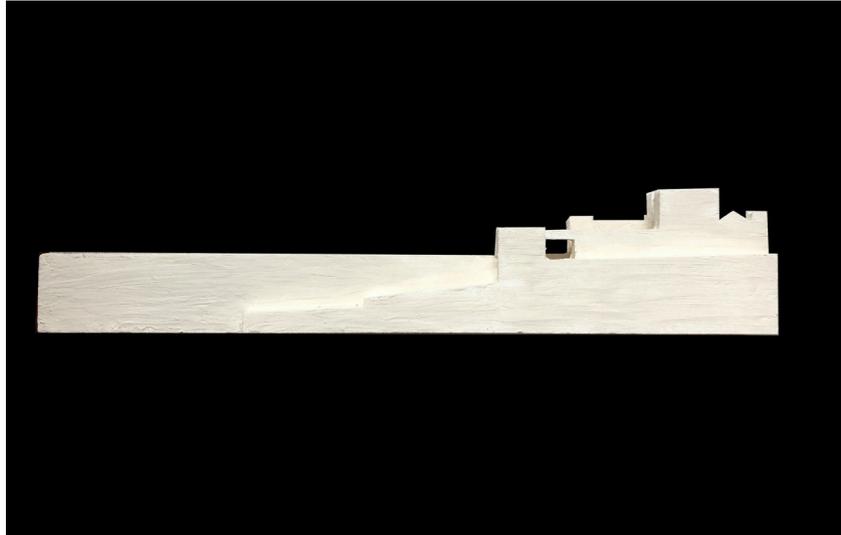




a linha da água

444

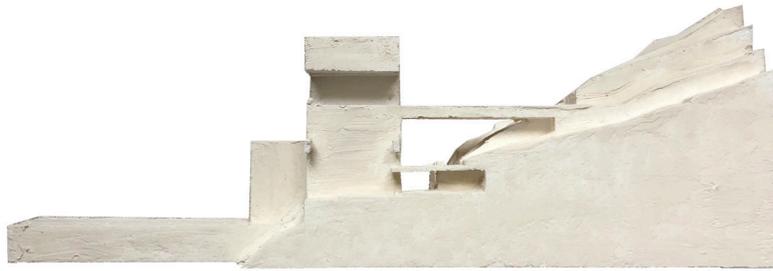
existente. a fábrica de sabão



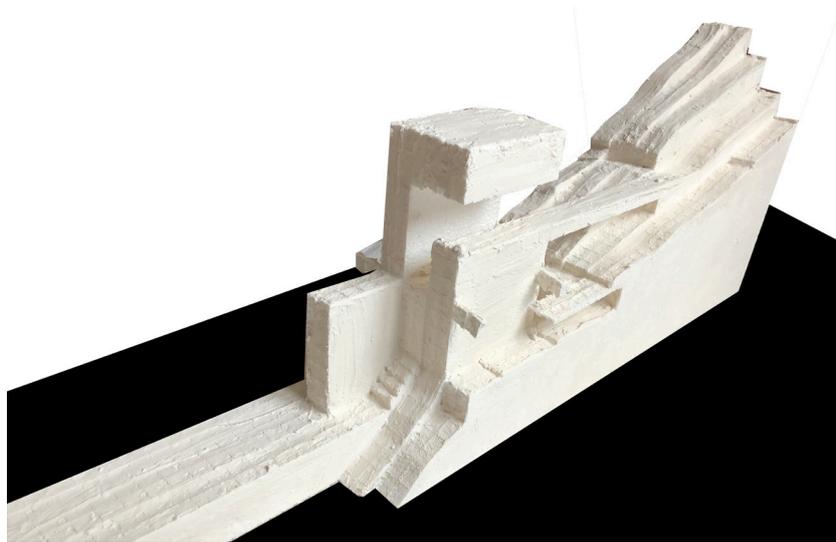
445

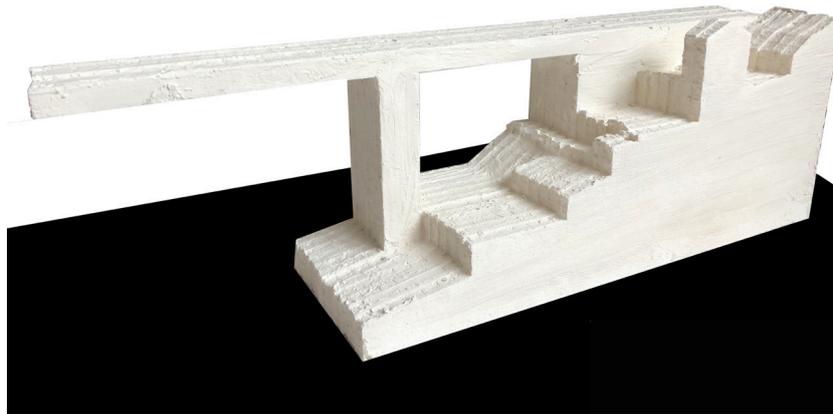


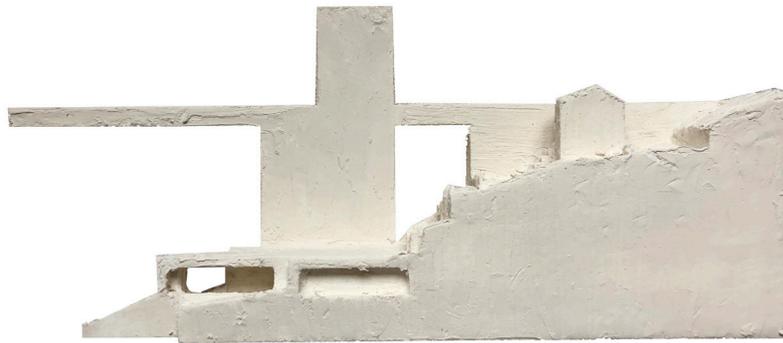




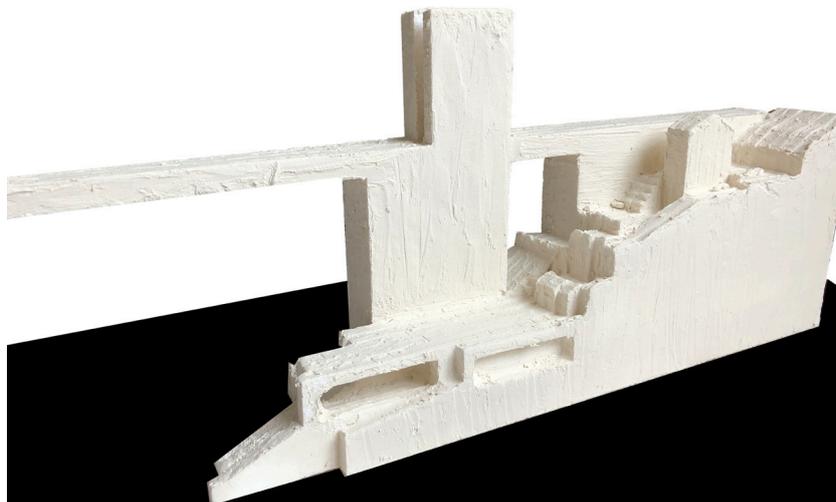
447

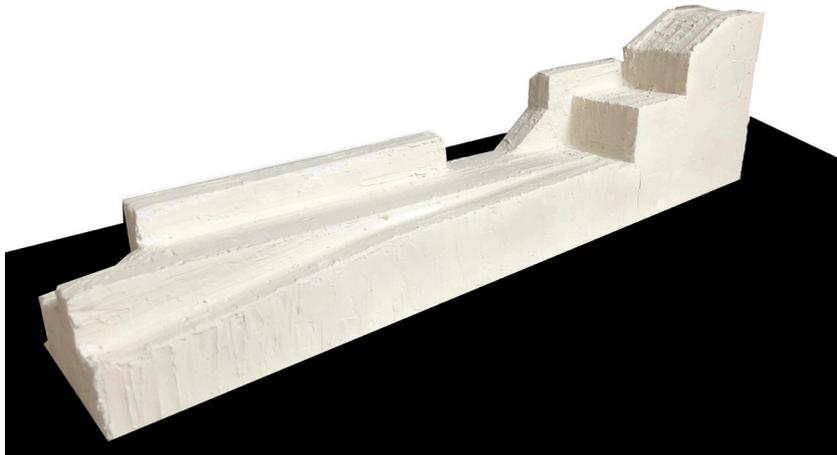


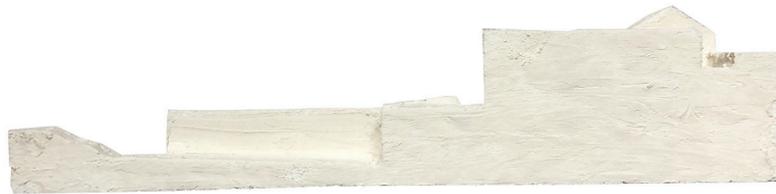




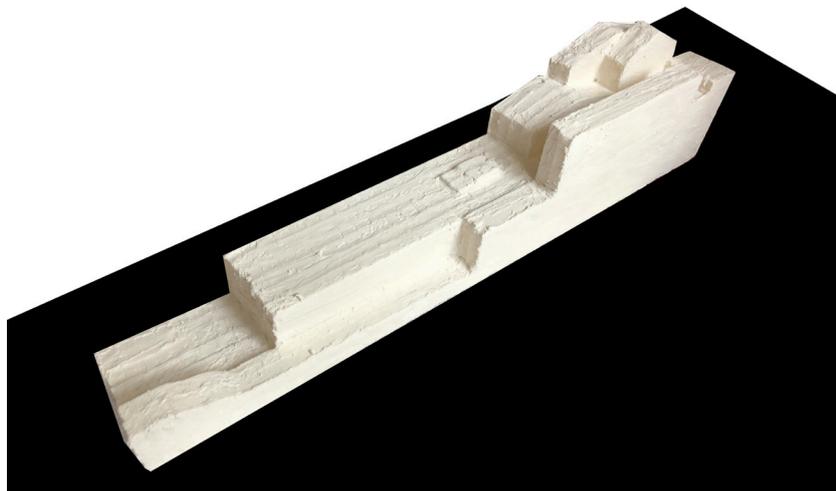
449







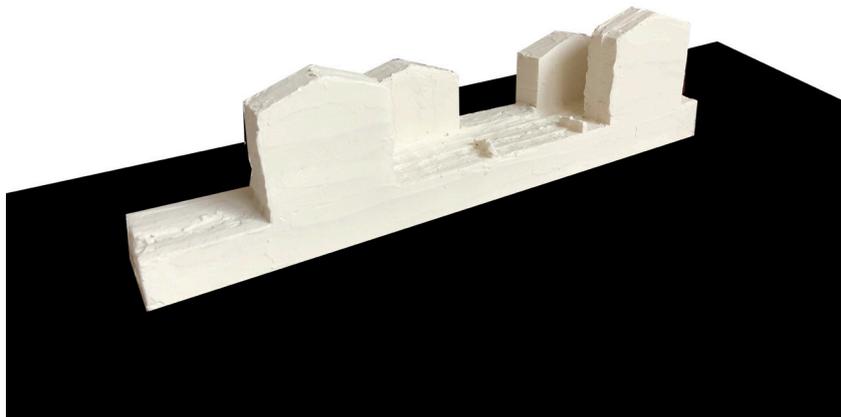
451



a linha da água



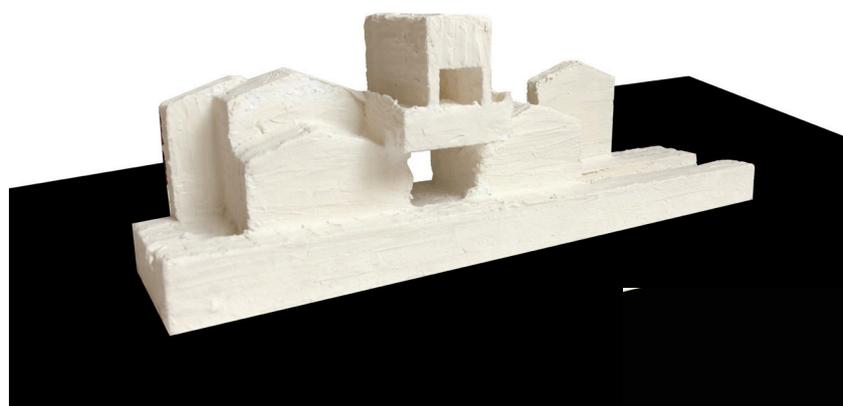
452



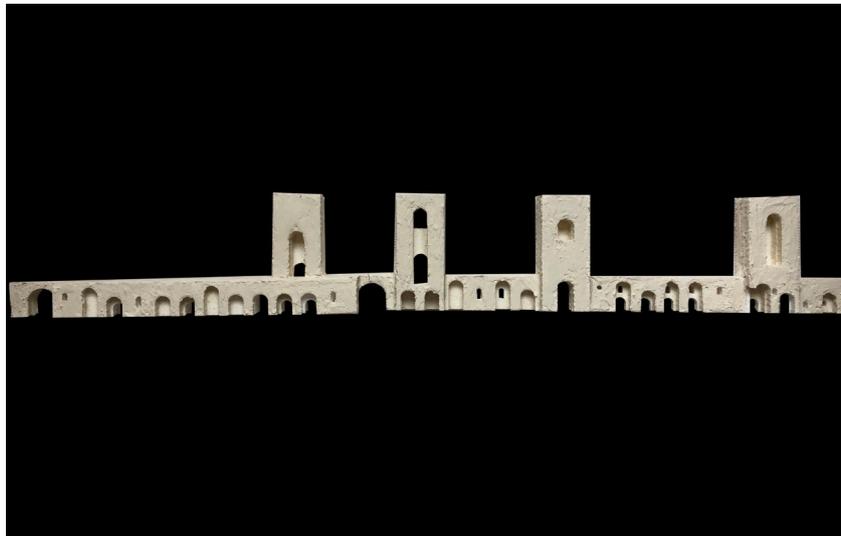
existente. a linha de caminho de ferro 1: 200

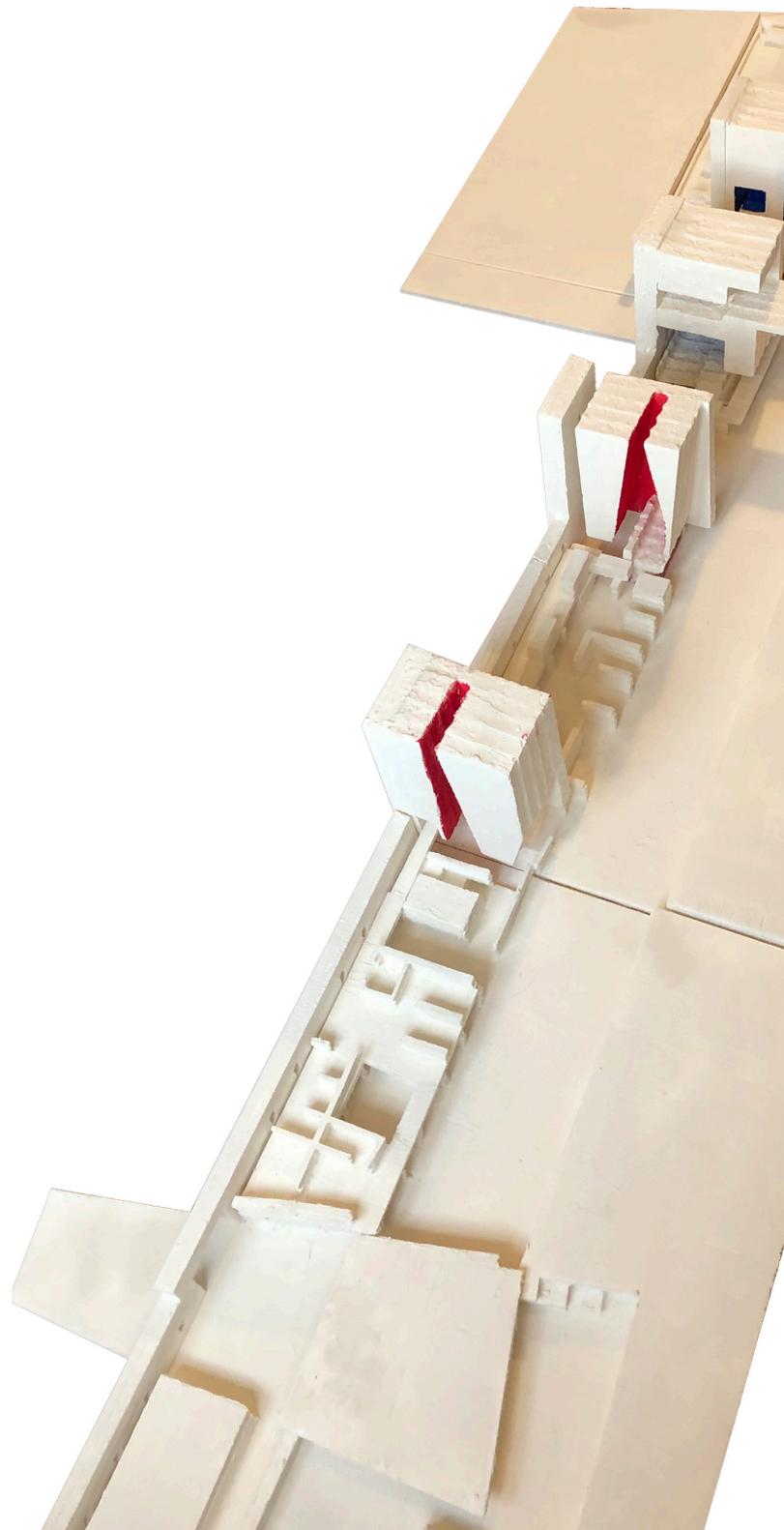


453

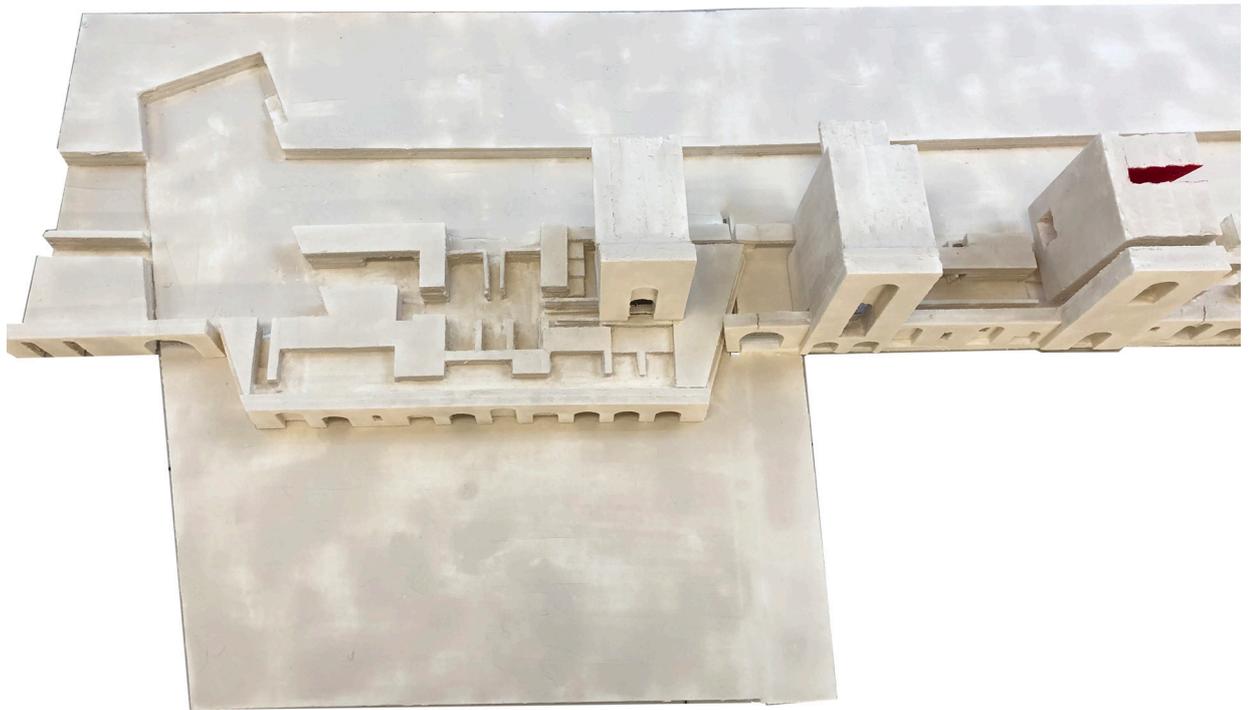




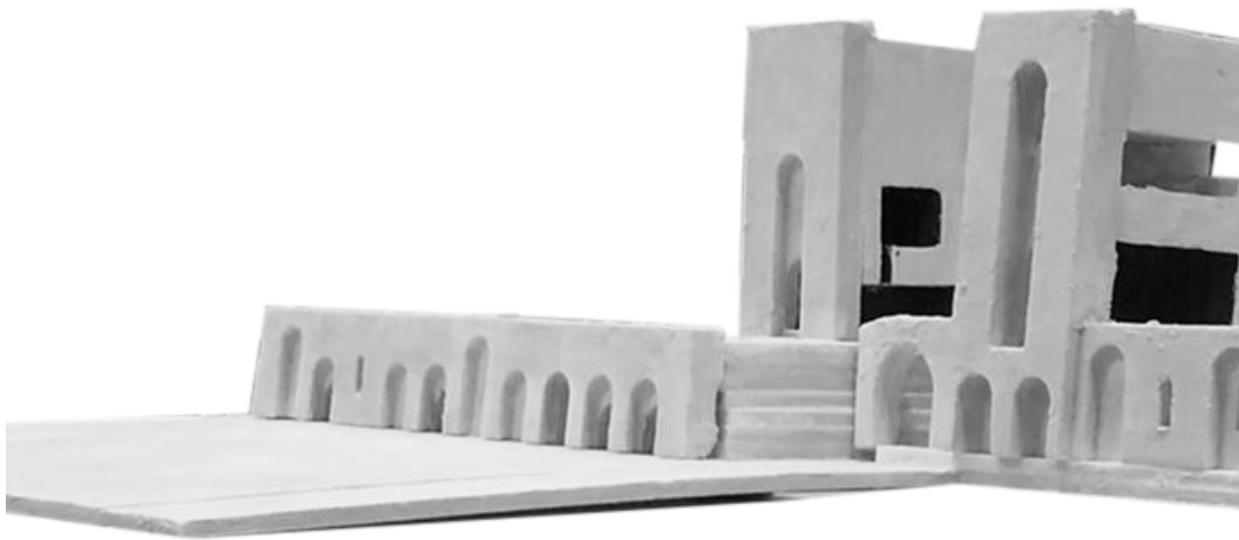


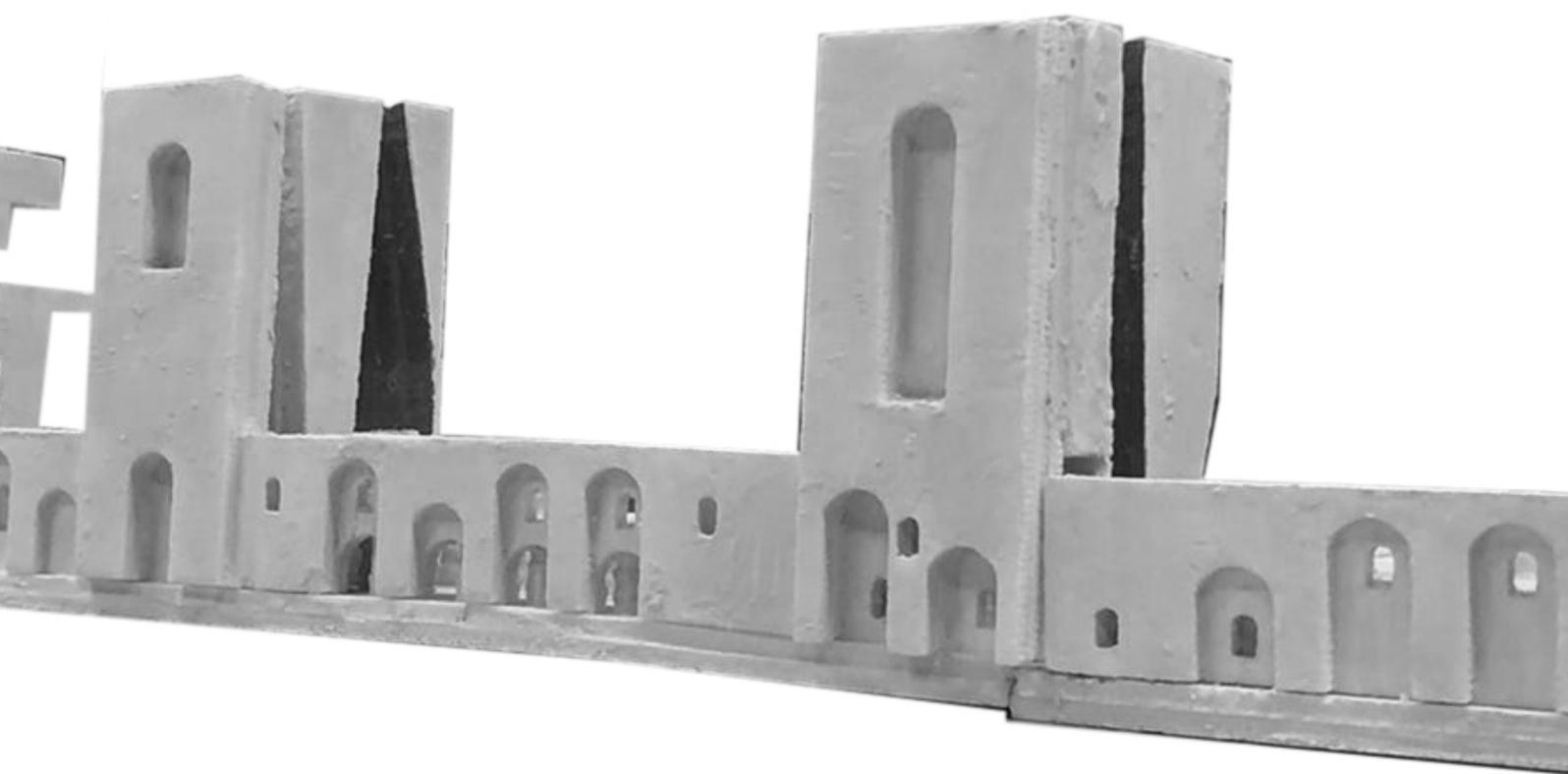


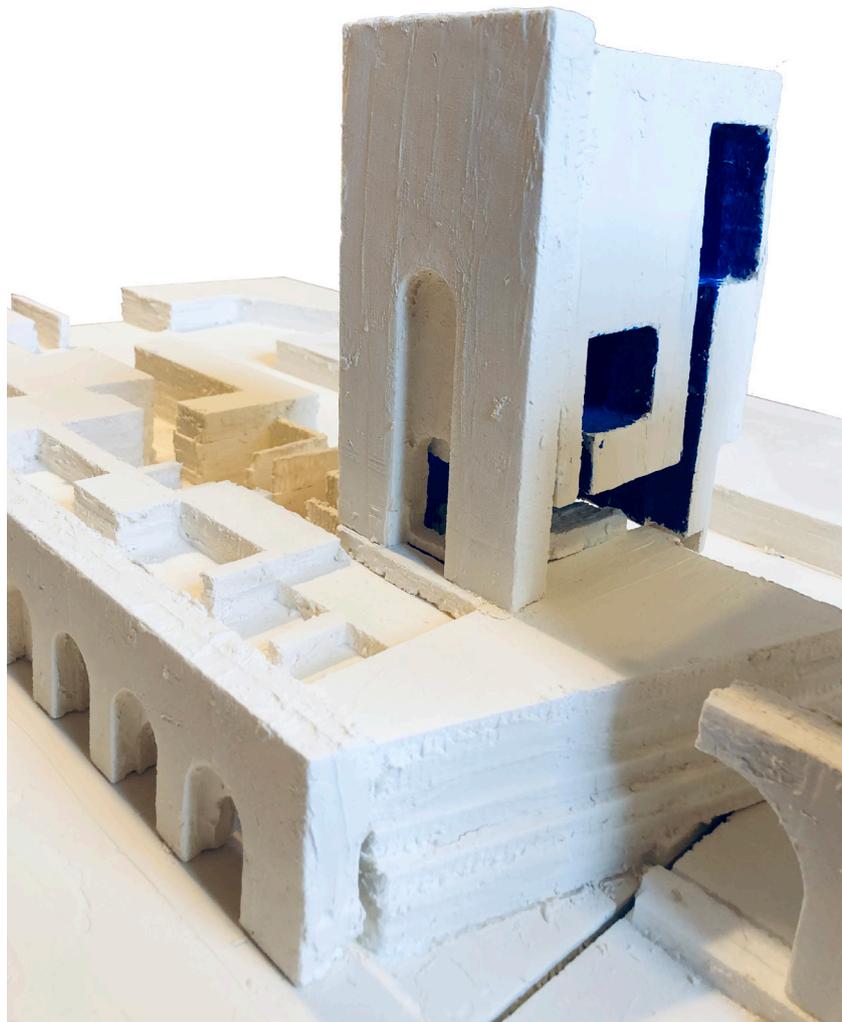








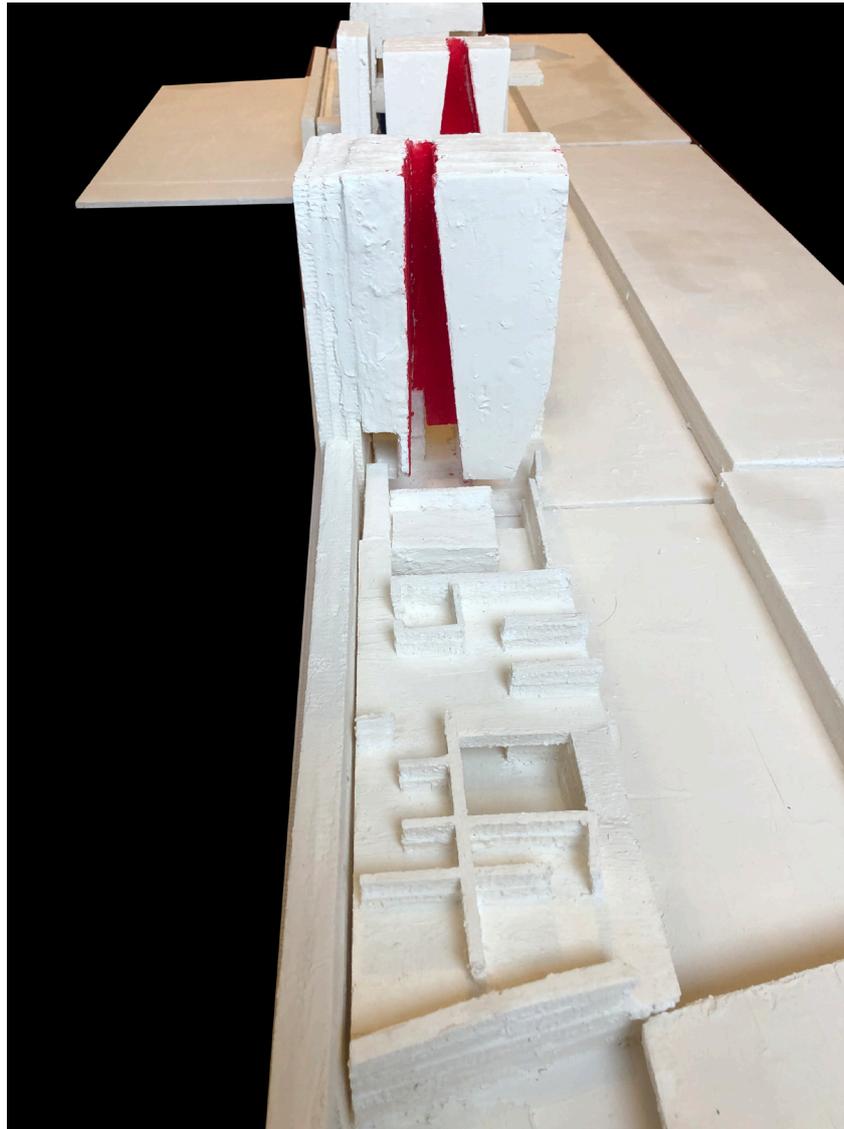


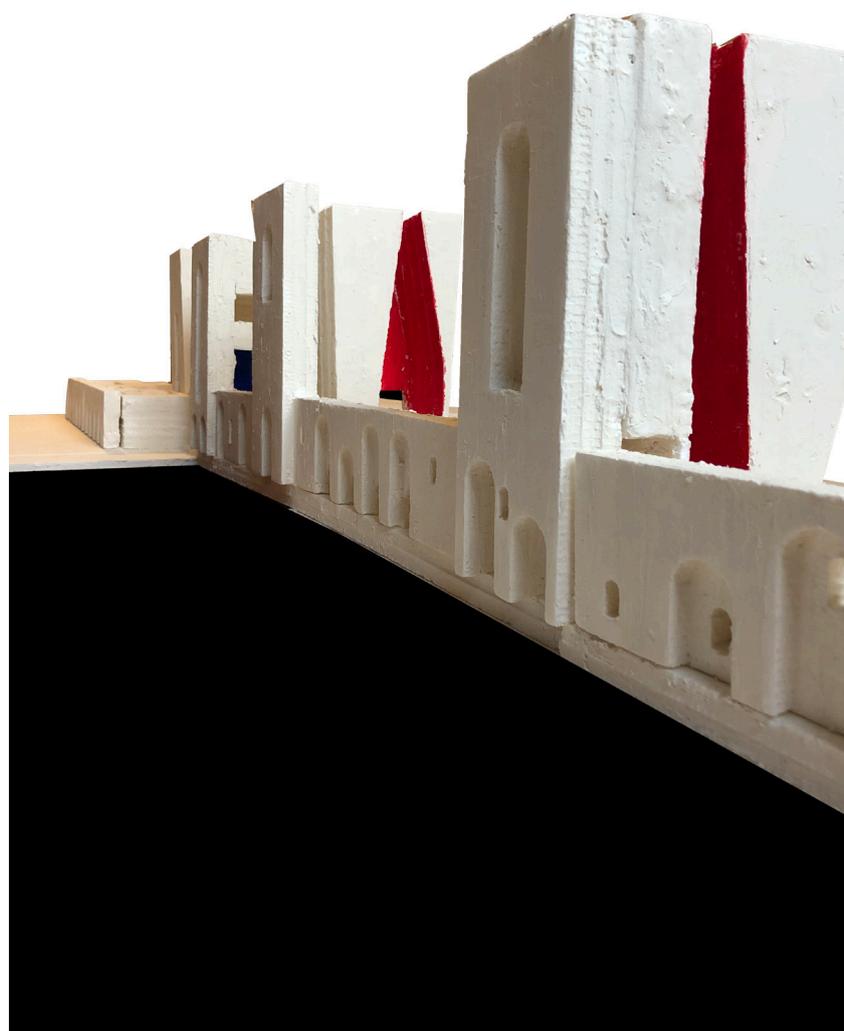


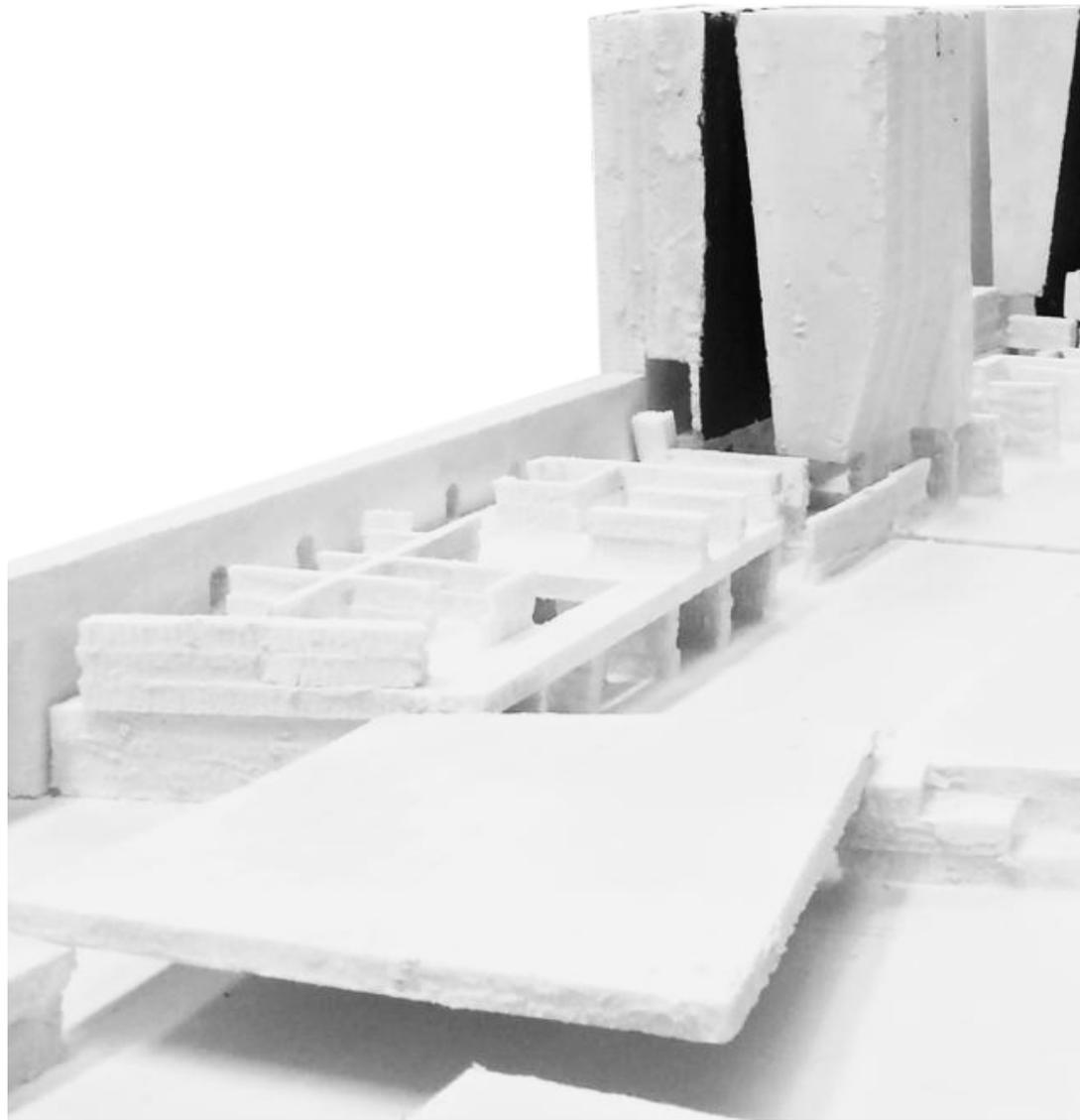




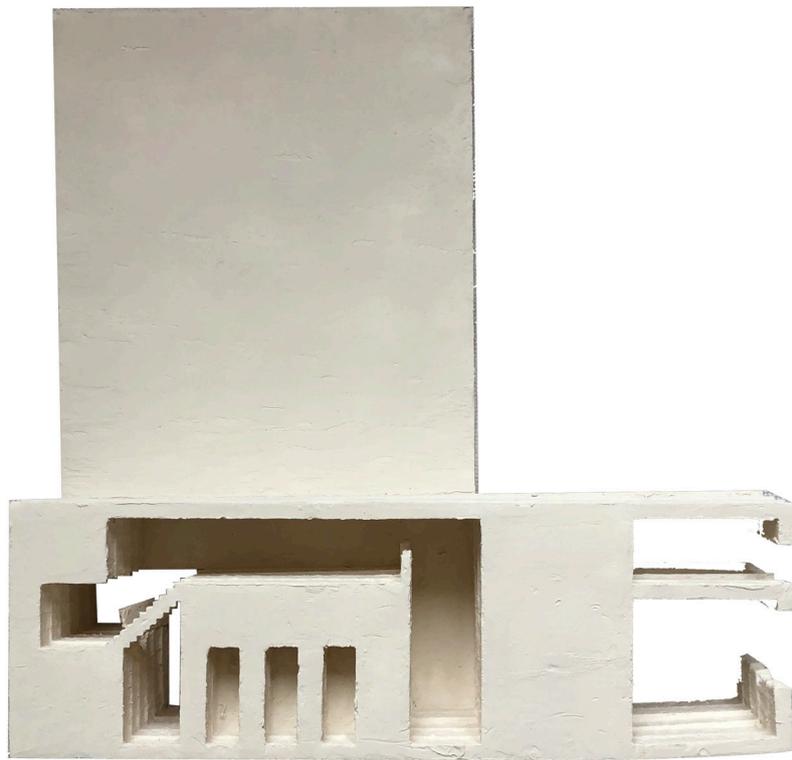


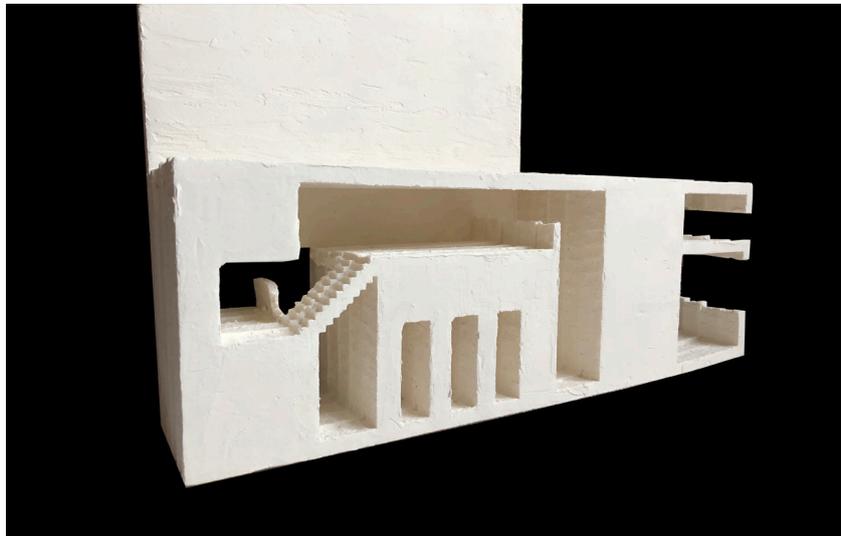


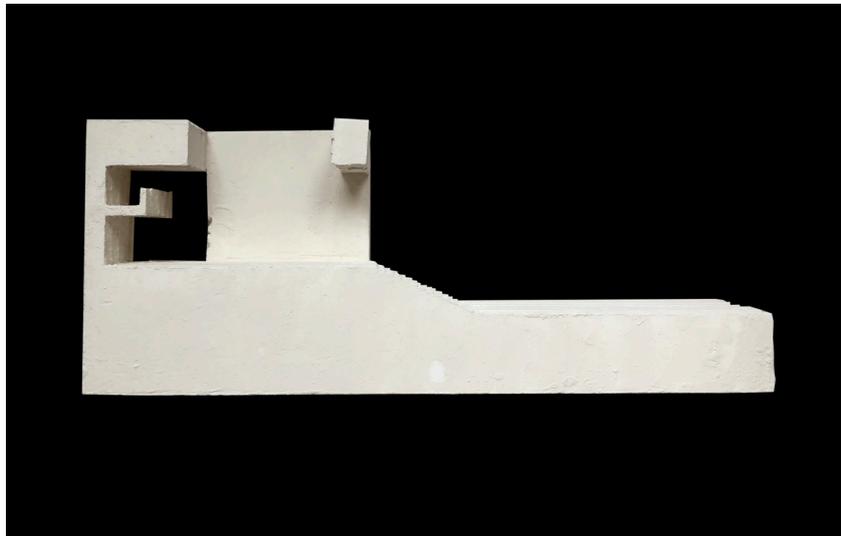












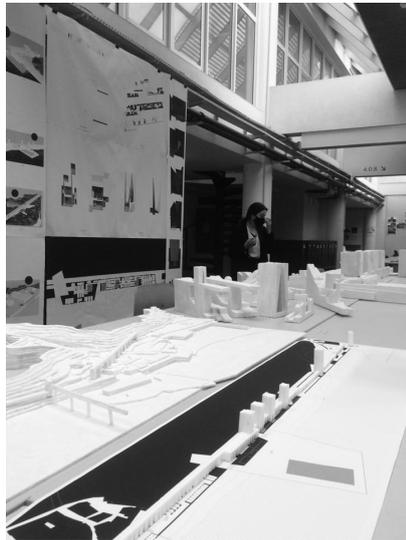


26.01.2021

475













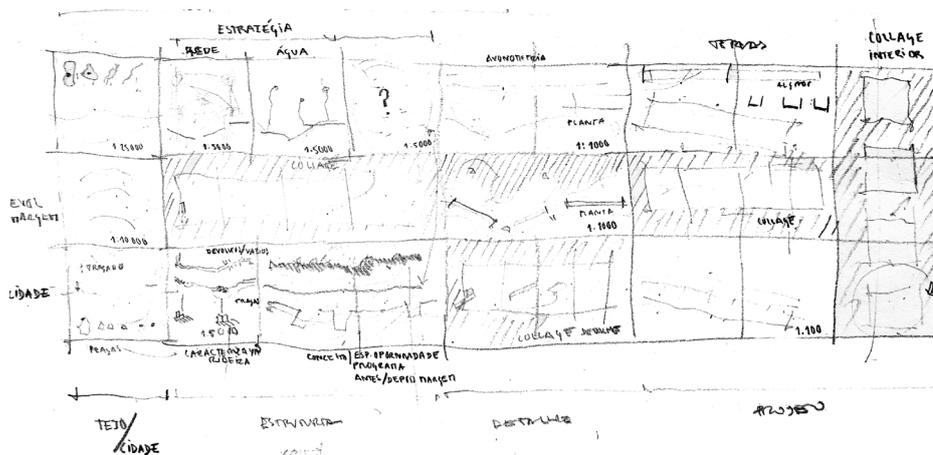


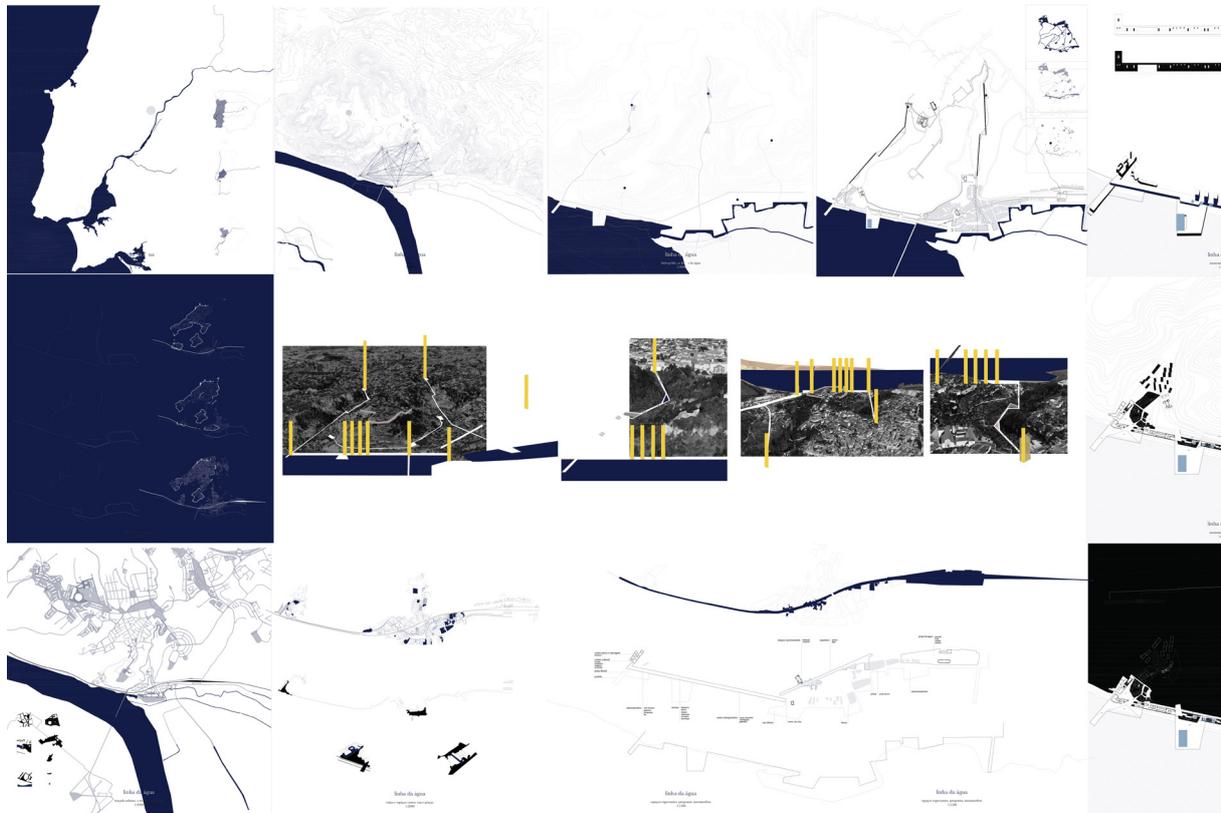


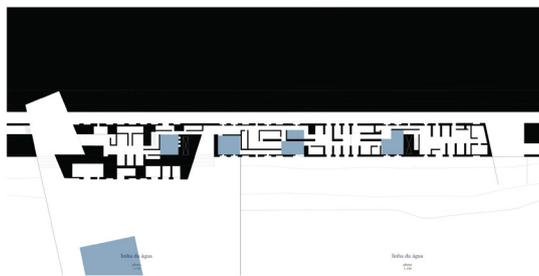
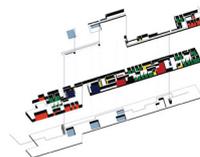
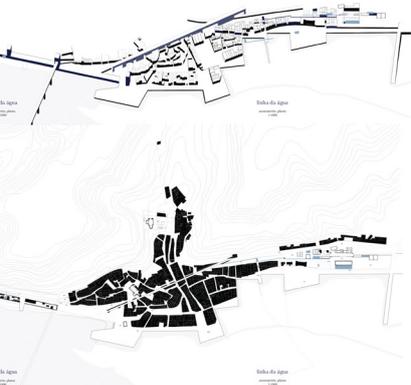
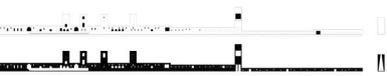




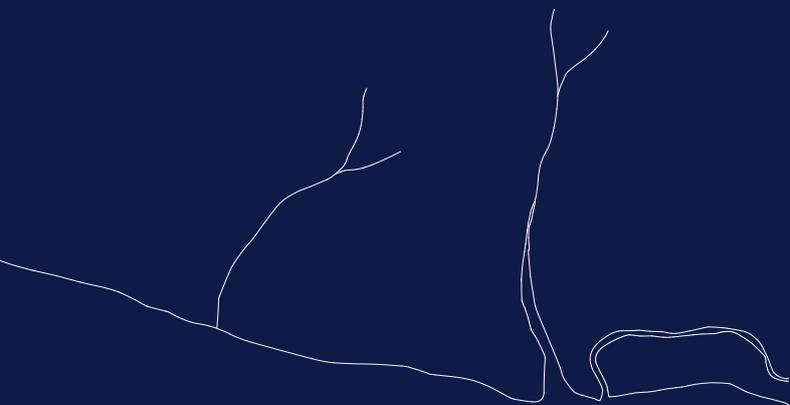
os painéis finais











716-1167



716-1167



século XVIII



século XVIII



2000



2000

linha da água

a evolução da margem . a evolução da cidade
1: 5 000 . 1: 7 000





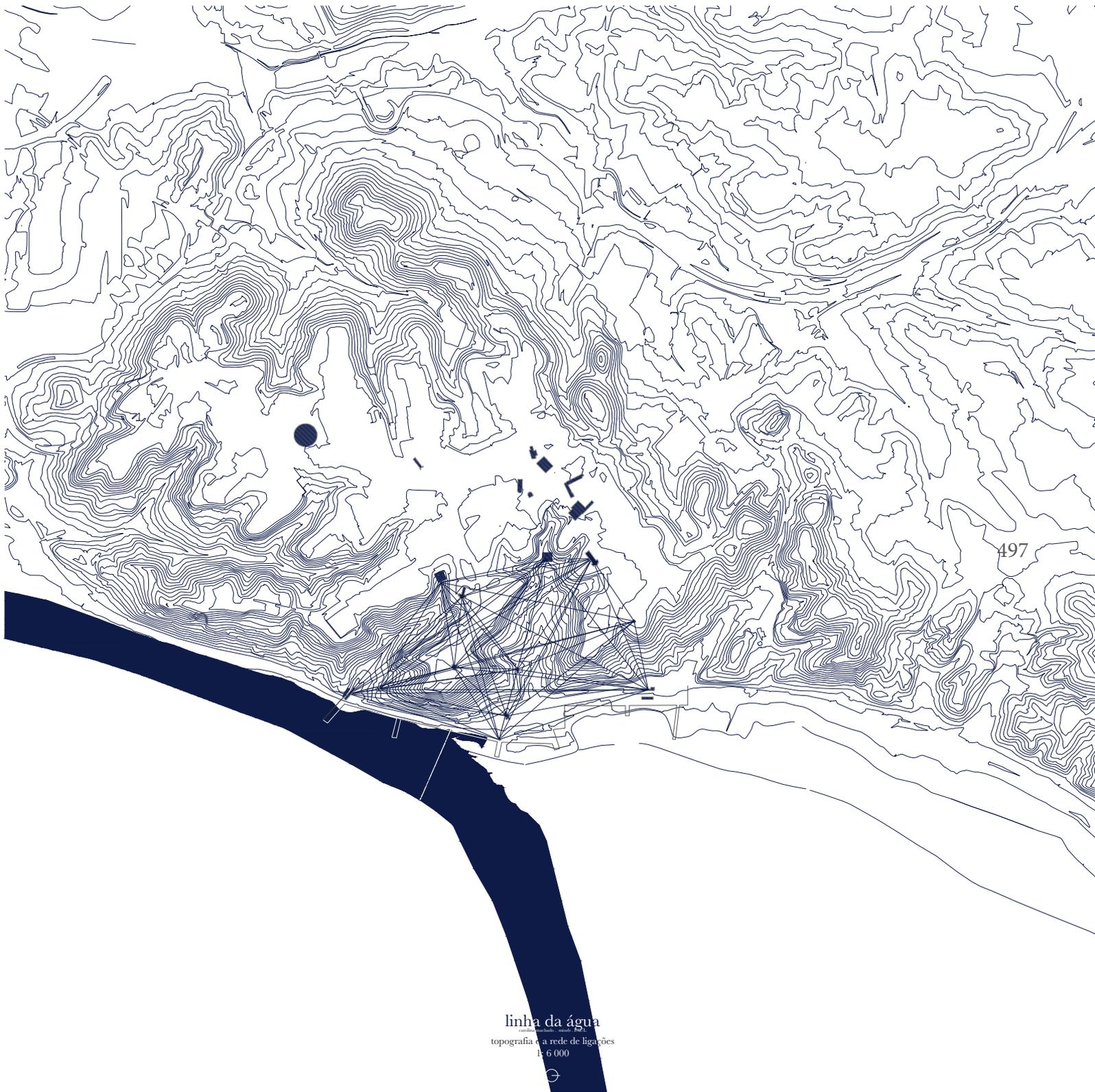
495

linha da água

traçado urbano, amostras de tecido, as praças na cidade

1: 4 500





a linha da água

500

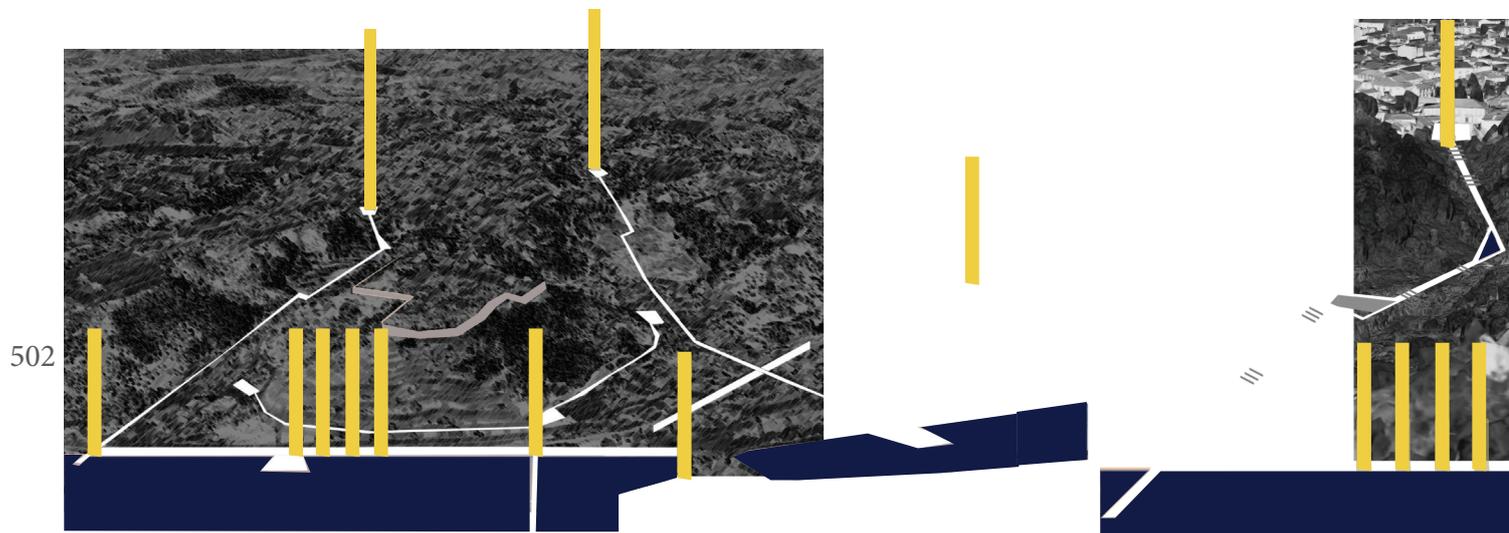


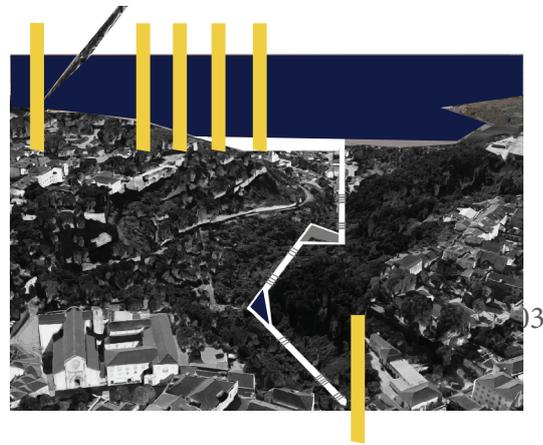
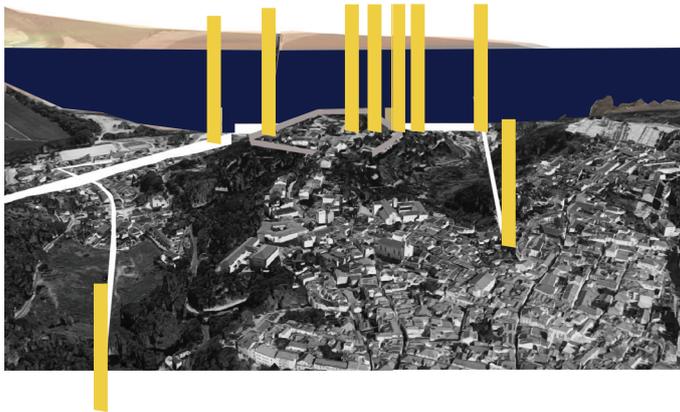
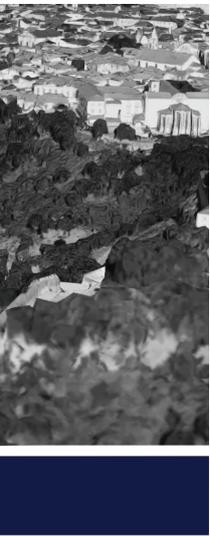
linha da água

carolina machado - muro - 2012

a chegada à cidade. sistemas
1: 2 000 - 1 15 000



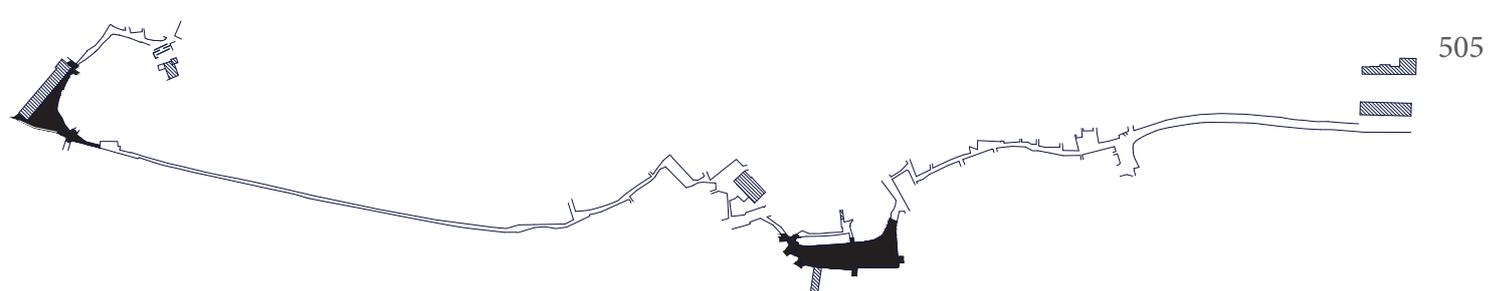




03

linha da água

plano de estrutura



alfange



ribeira

linha da água

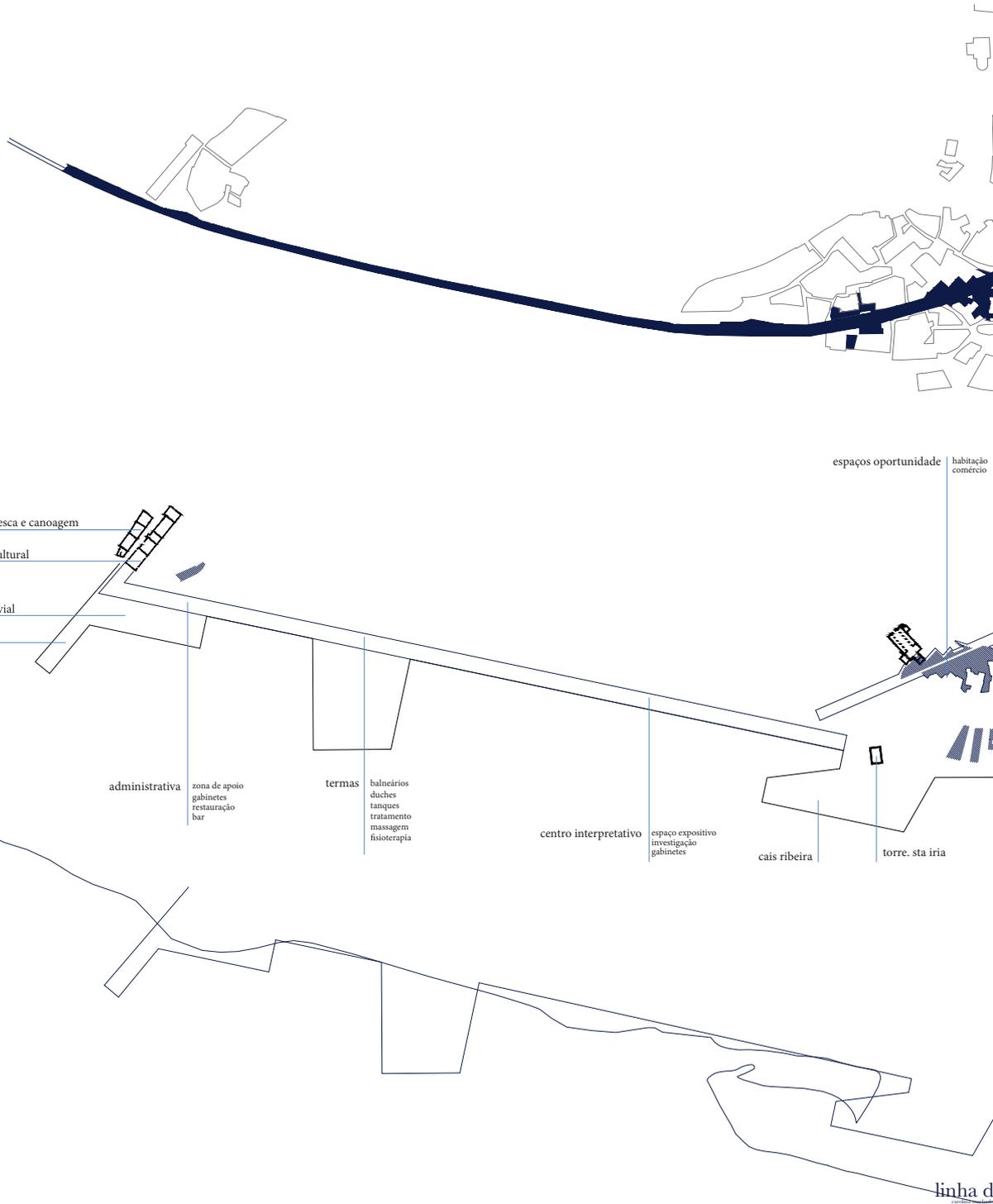
carolina machado - arquiteta - Paçô

ruína e espaços vazios, rua e praças

1:2 000

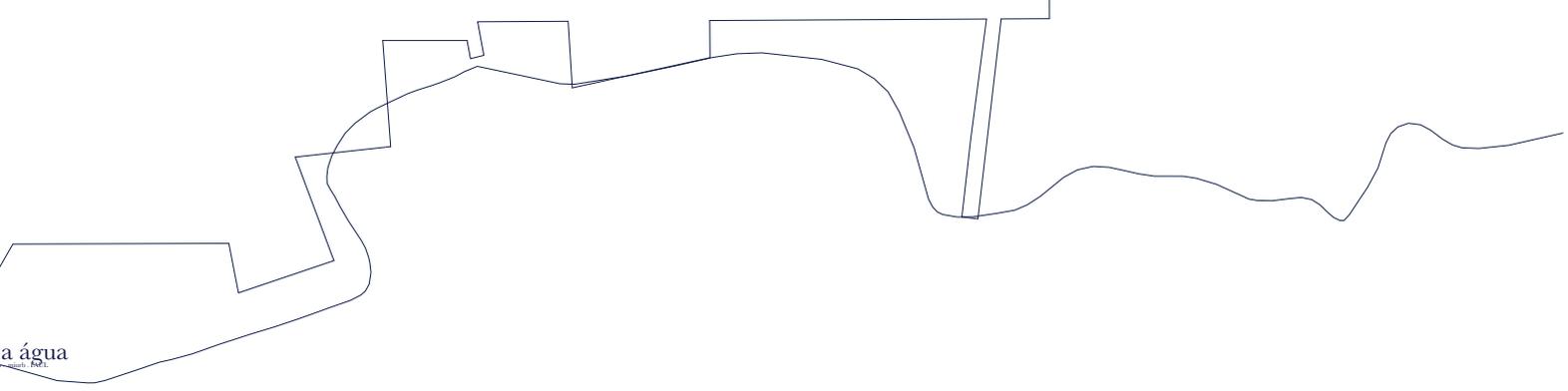
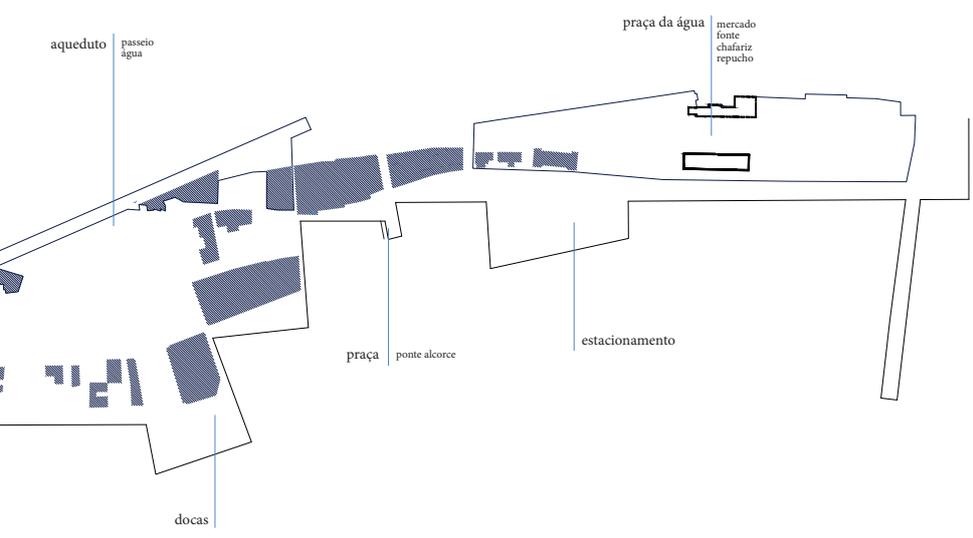
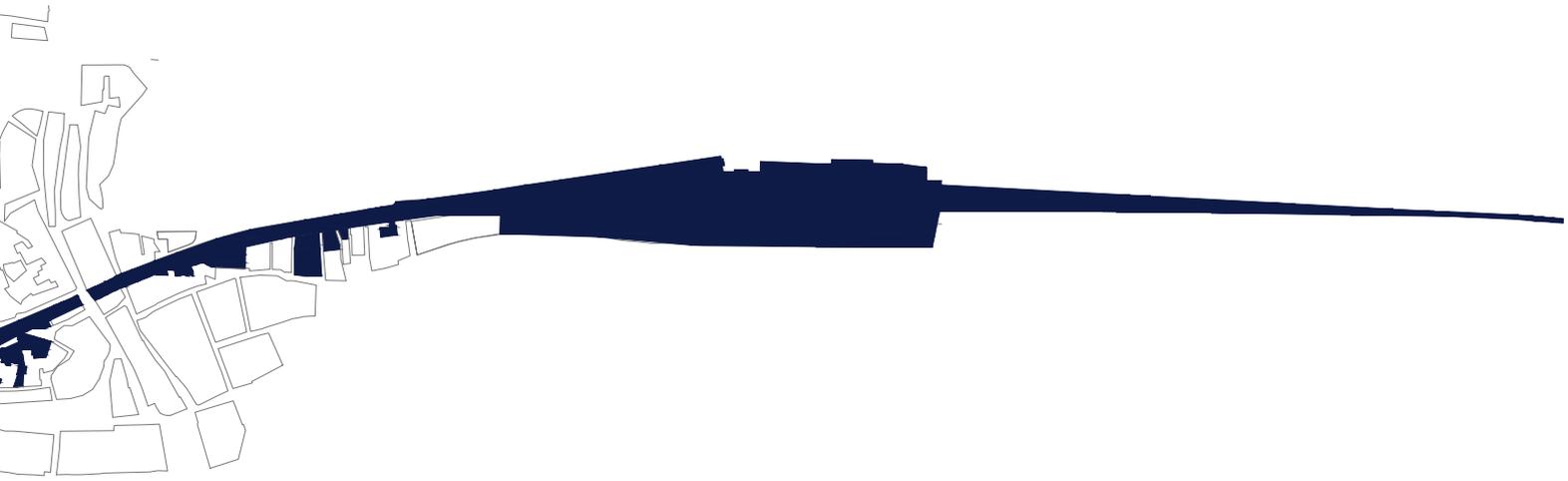


506

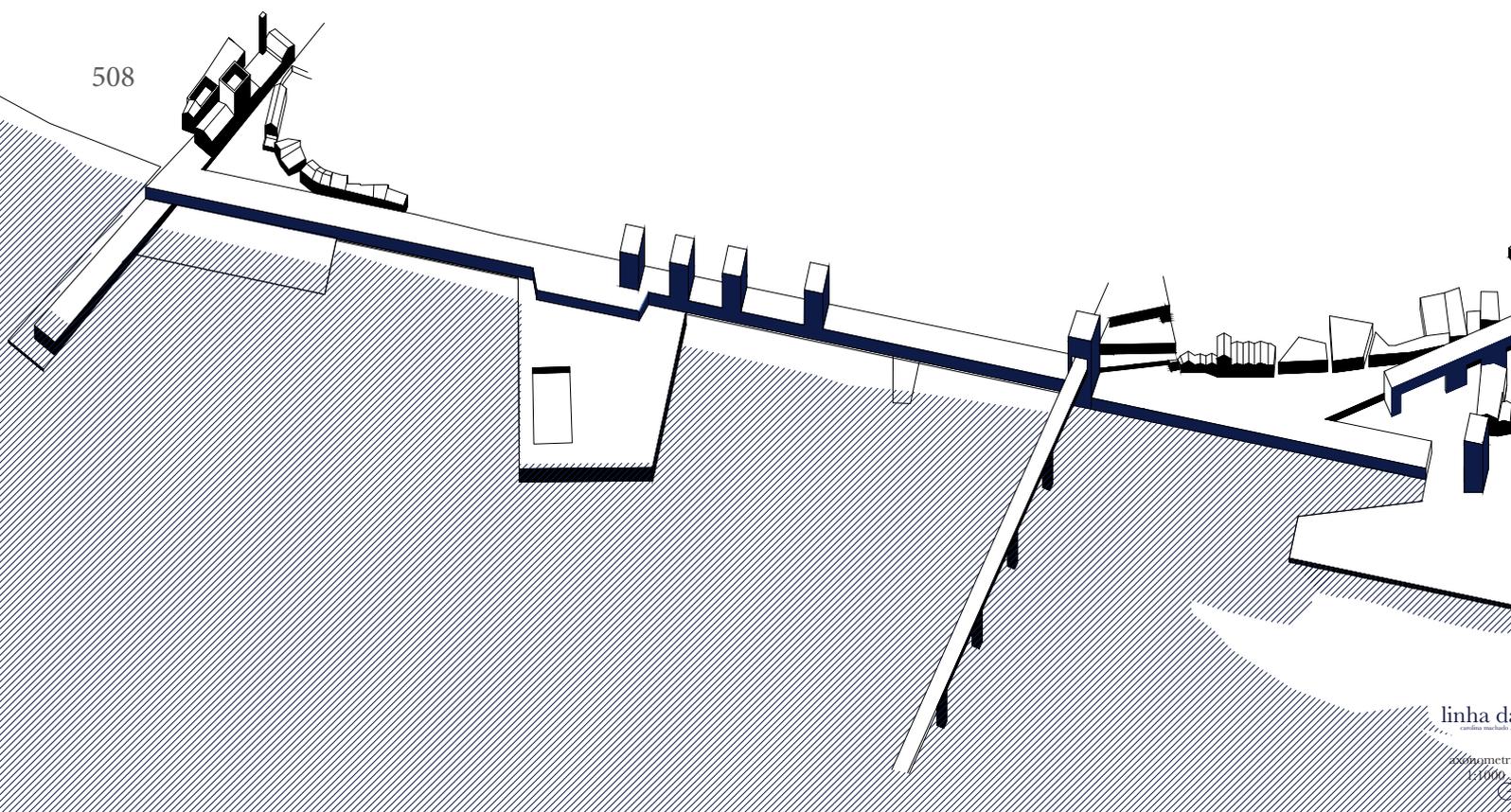
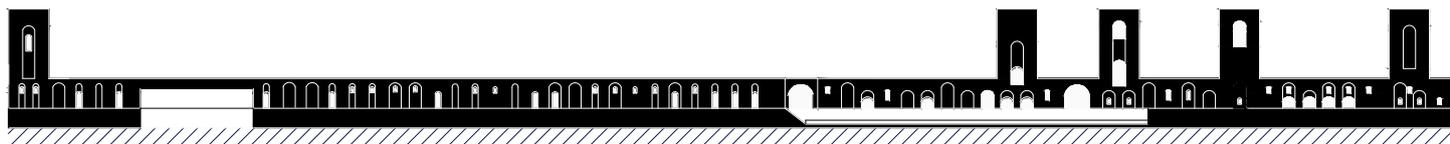
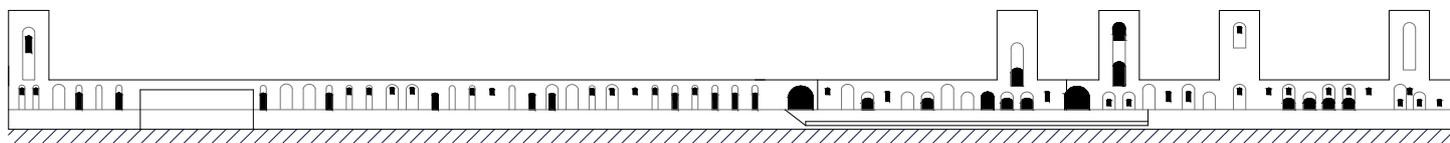


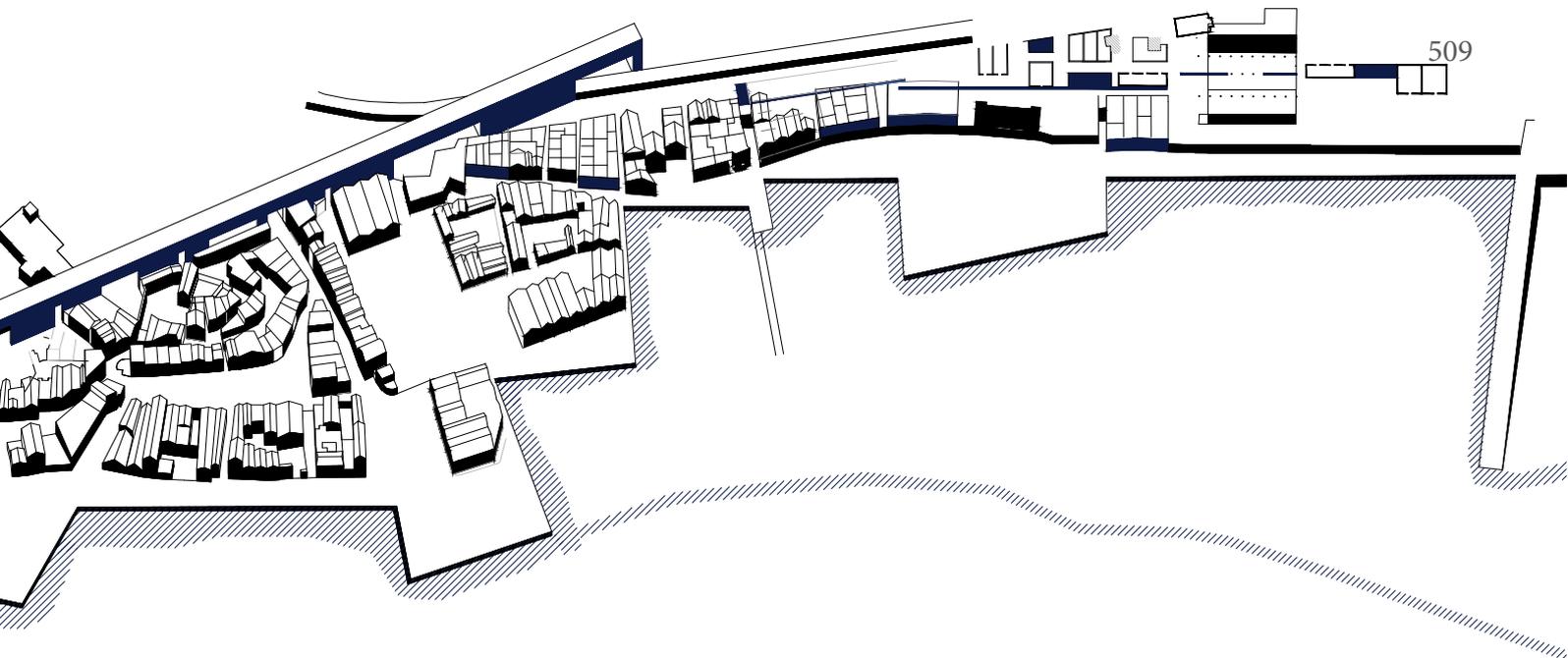
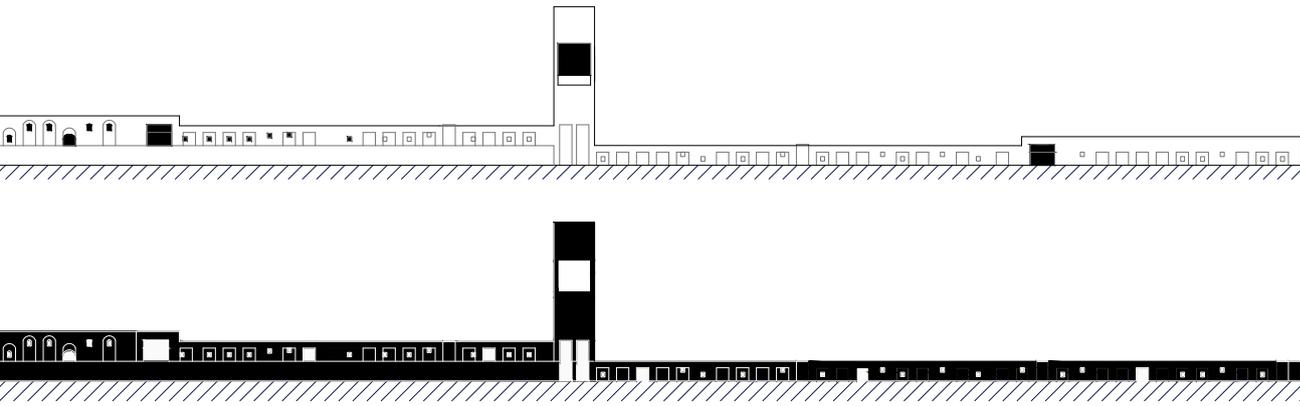
linha d

espaços expectantes. program
1:1



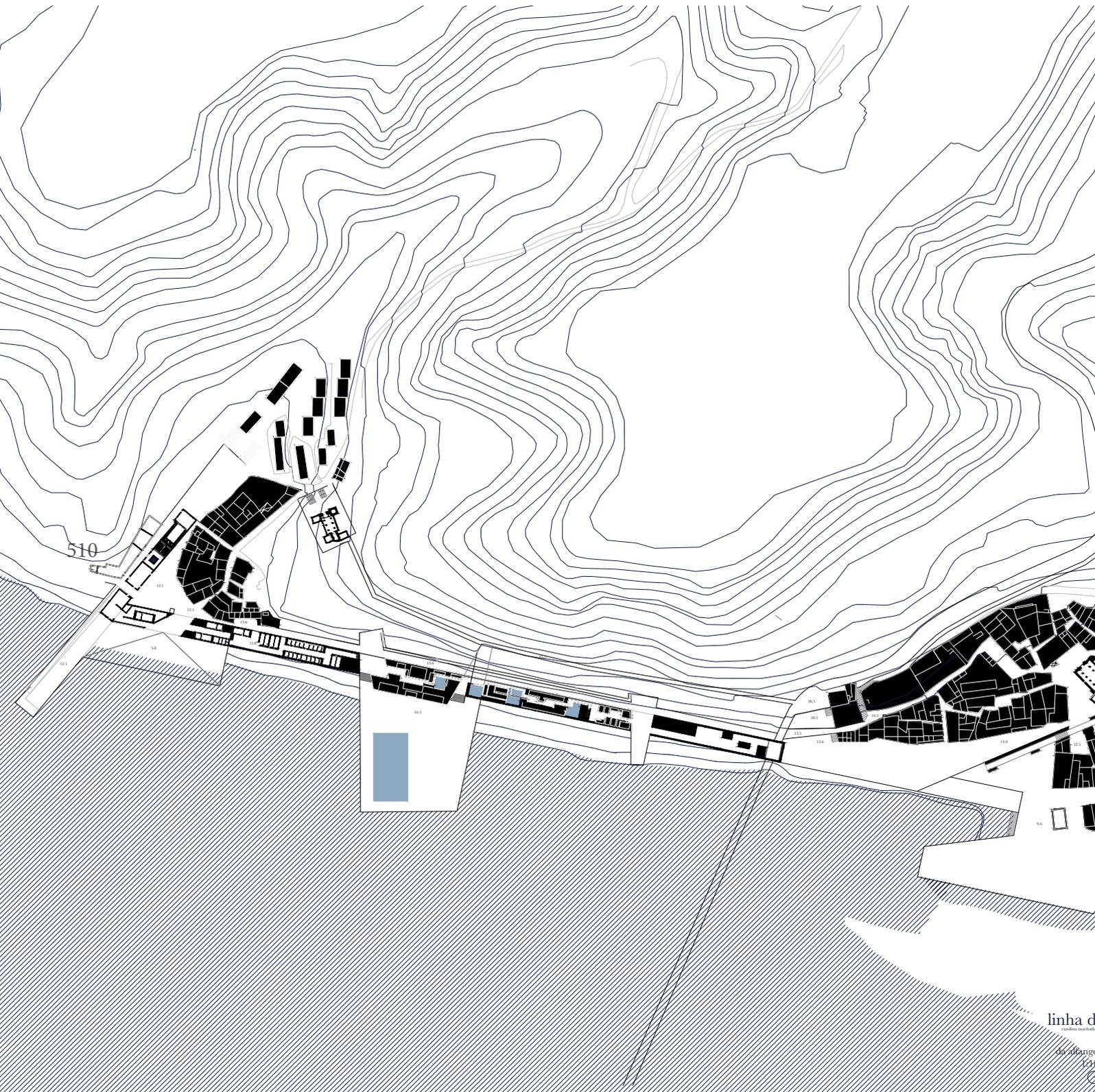
praça da água
metamorfose da margem
500
↻

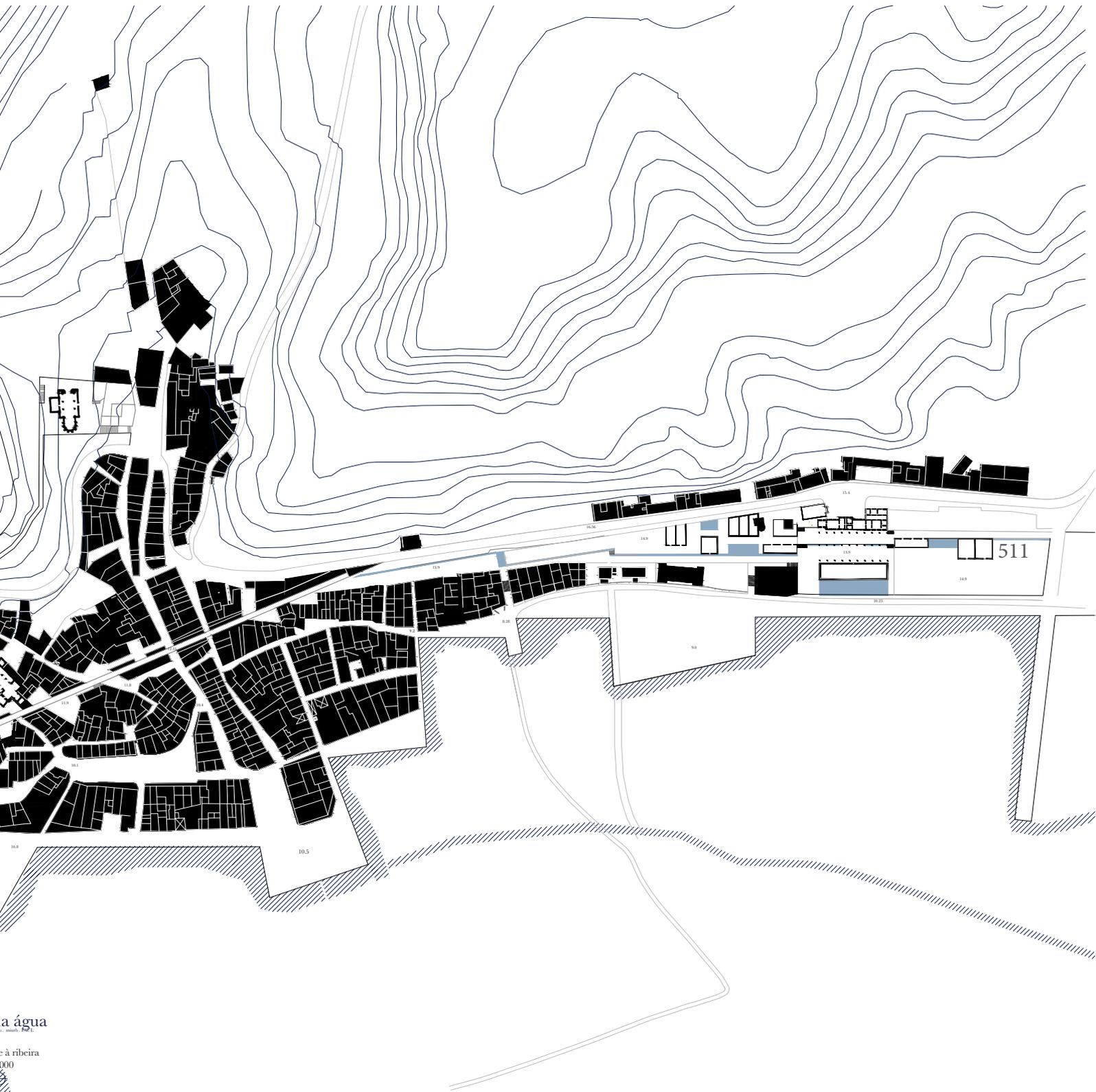




a água

ia, alçado
1:500





a água

à ribeira

000

8

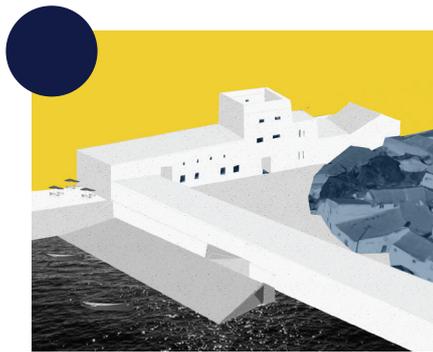
8



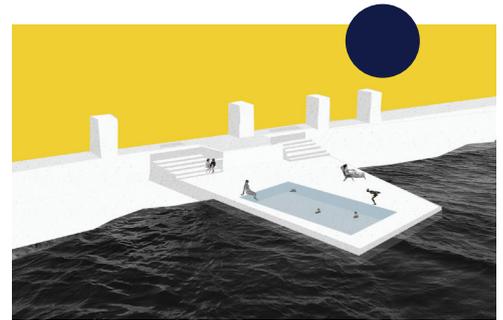
a água

0 . secções esquemáticas
1:500

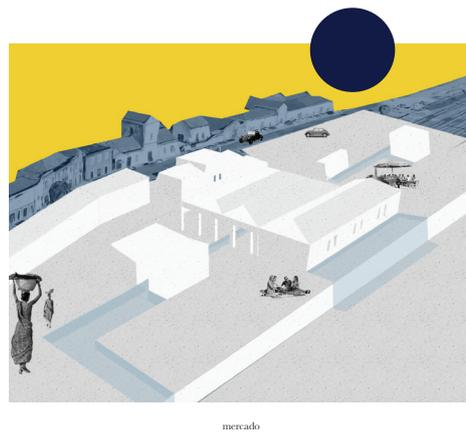


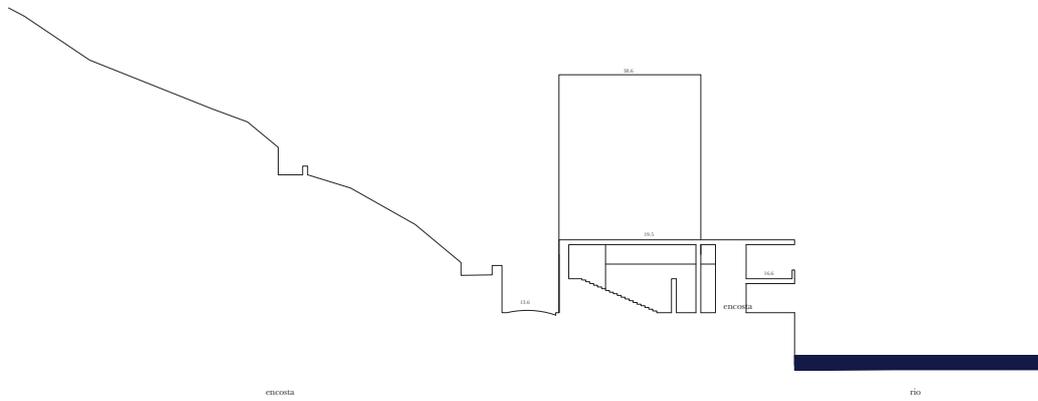
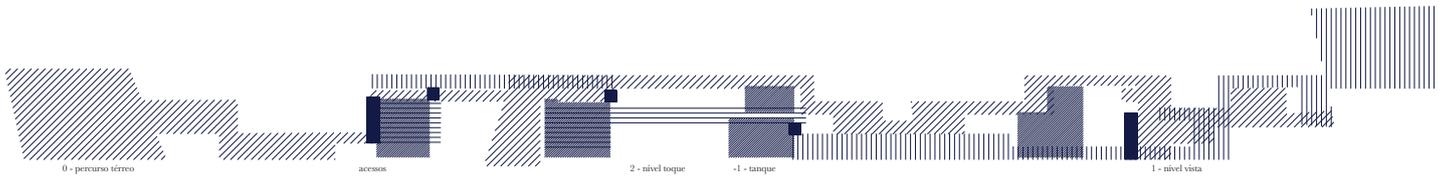


algarve

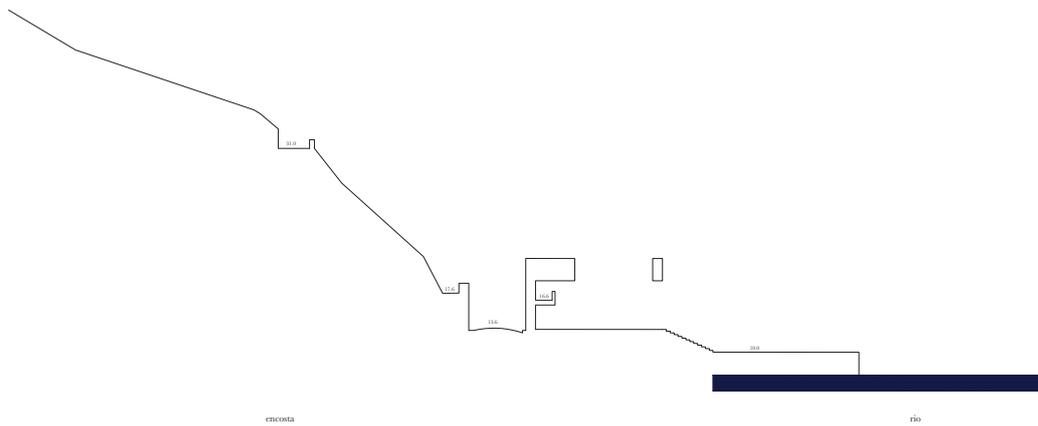


picina



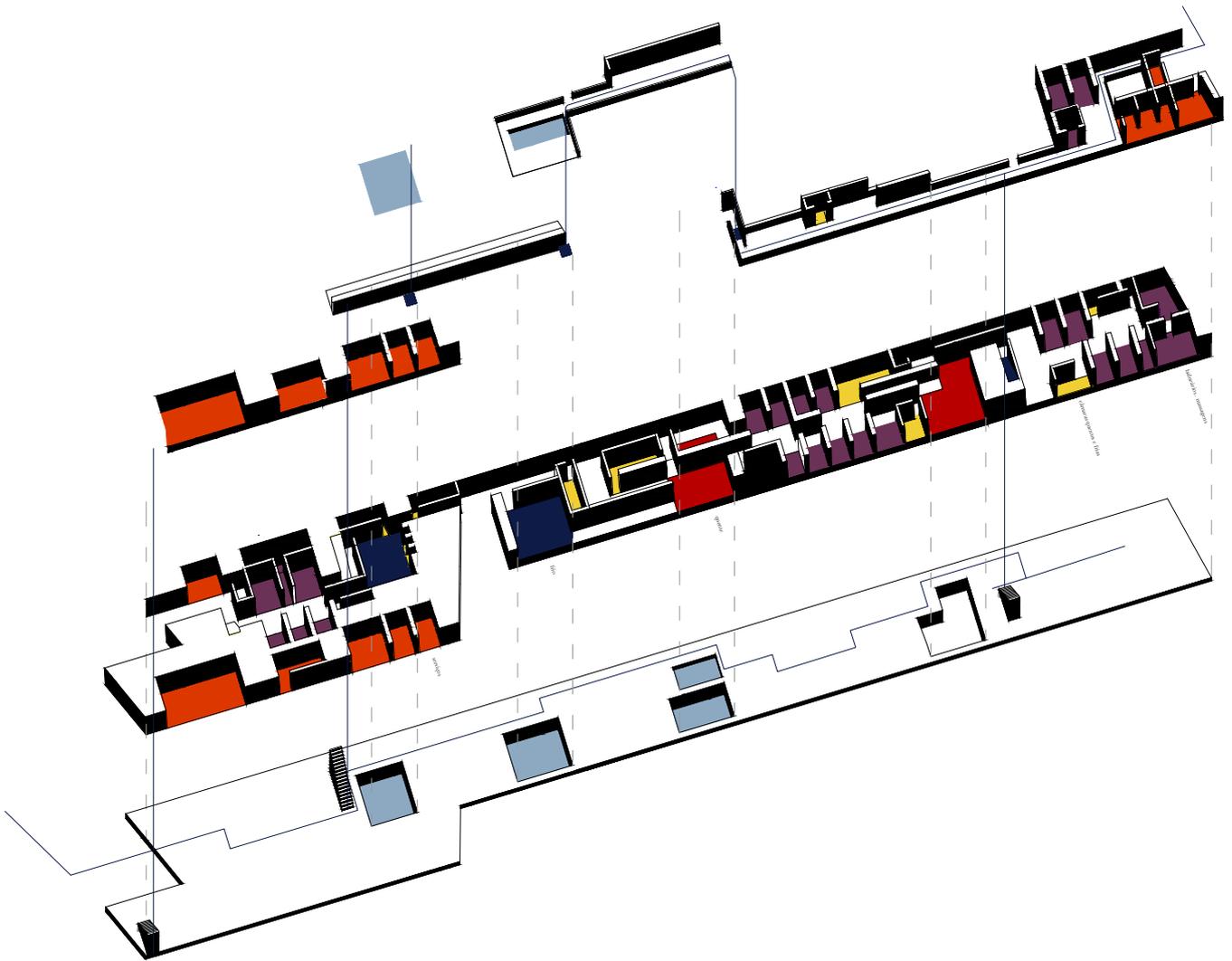


517



linha da água

diagrama funcional, as relações interior exterior
1: 300 . 1: 500



519

linha da água

carolina marques machado - arquiteta - RQ/11

os diferentes espaços
1:300

520



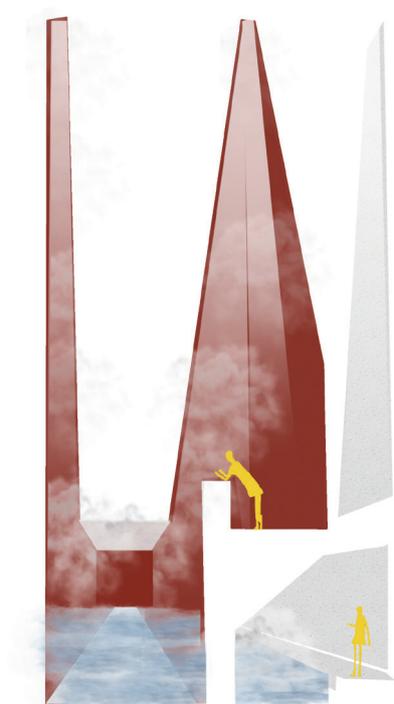
Fig. 10.1



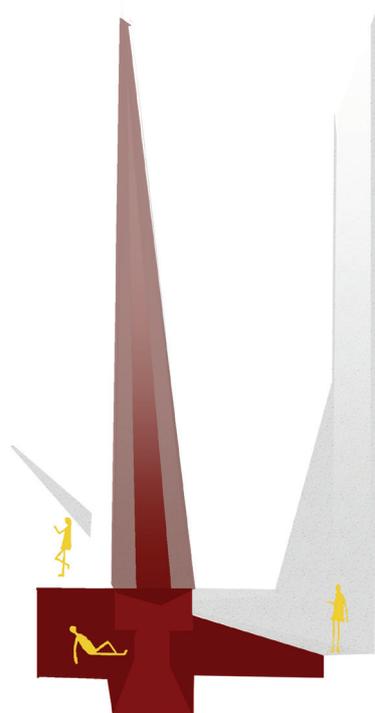
Fig. 10.2

linha da água

momentos água
1: 75



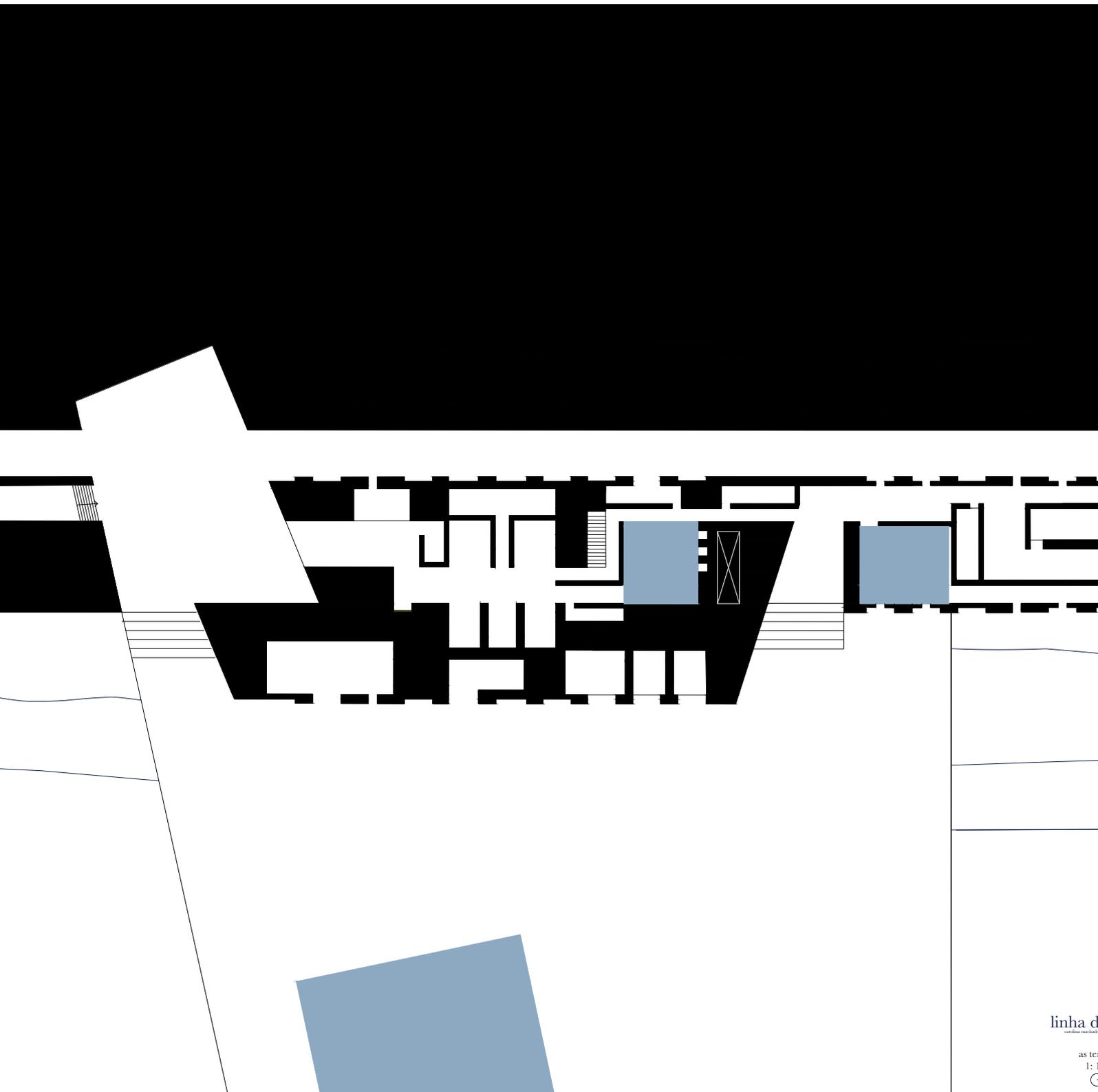
adrian

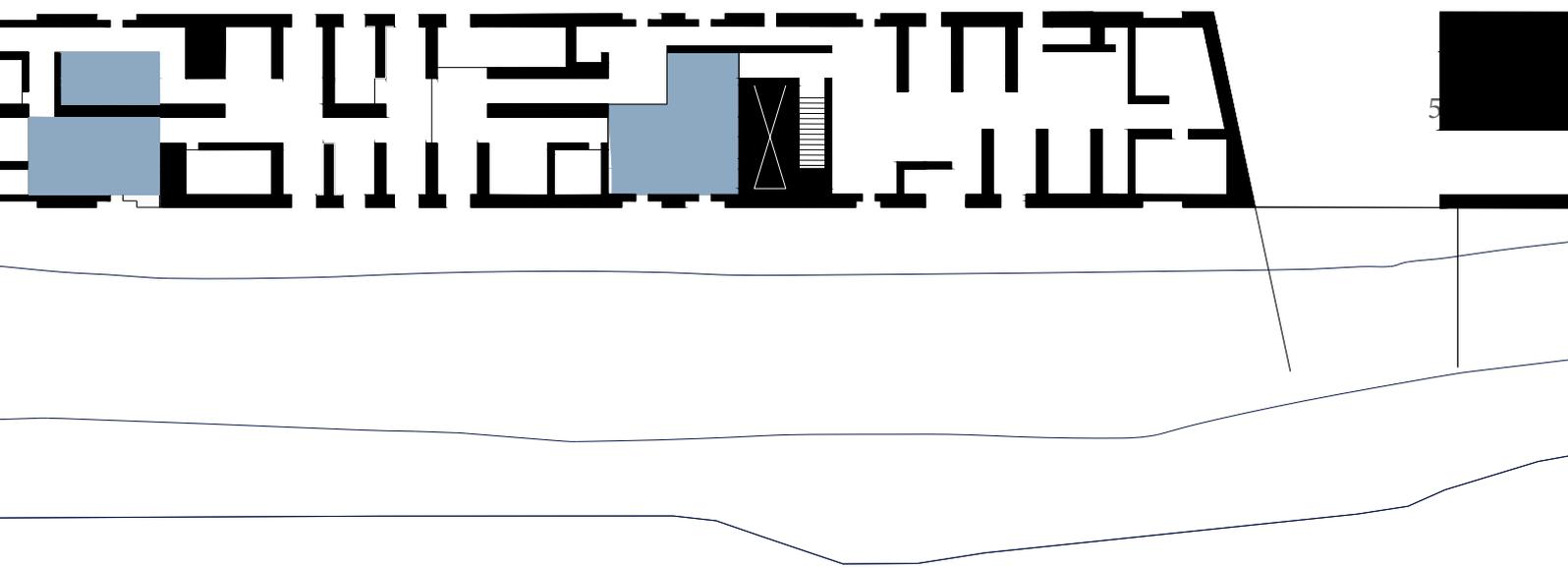
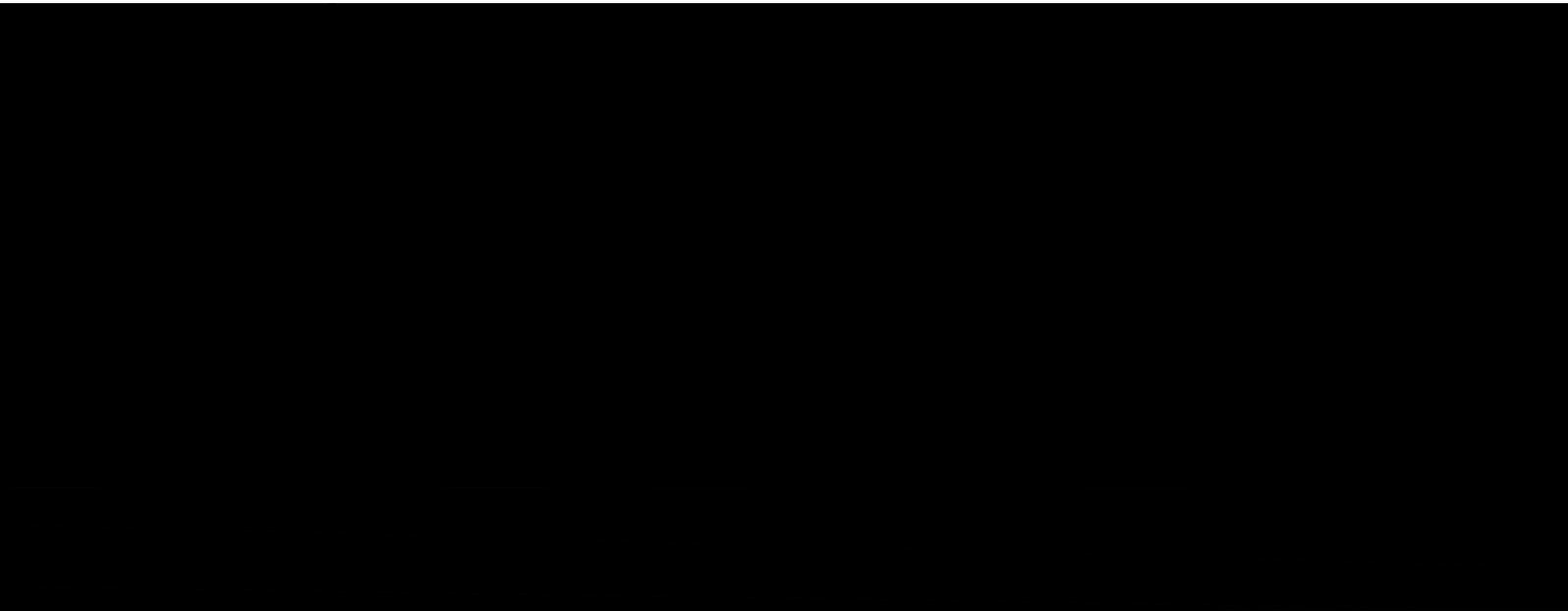


adrian

linha da água

momentos água
1: 75





a água

mas
150
⊙

